



UFRR

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

MARILENA BARBOSA DE FREITAS

**VOZES DA MEMÓRIA NA RÁDIO RORAIMA: DA FUNDAÇÃO AO PROCESSO
DE TRANSIÇÃO POLÍTICA DO ESTADO (1957-1991)**

BOA VISTA, RR

2023

MARILENA BARBOSA DE FREITAS

**VOZES DA MEMÓRIA NA RÁDIO RORAIMA: DA FUNDAÇÃO AO PROCESSO
DE TRANSIÇÃO POLÍTICA DO ESTADO (1957-1991)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM-UFRR), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob a orientação do professor doutor Rafael Sbeghen Hoff

Linha 1: Comunicação, Memória e Identidades

Boa Vista, RR

2023

MARILENA BARBOSA DE FREITAS

**VOZES DA MEMÓRIA NA RÁDIO RORAIMA
DA FUNDAÇÃO AO PROCESSO DE TRANSIÇÃO POLÍTICA DO ESTADO (1957-
1991)**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da
Universidade Federal de Roraima (PPGCOM-UFRR), como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestre em Comunicação.**

Prof. Dr. Rafael Sbeghen Hoff
Orientador

Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (UFRR),
professor convidado da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof. Dr. Maurício Elias Zouein
Membro interno

Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Profa . Dra . Nair Prata Moreira Martins
Membro Externo

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro
Preto (UFOP)

Boa Vista, RR

2023

Dedico a Deus, por ter me sustentado e trazido até aqui! Aos meus pais, por serem a minha maior e melhor inspiração de vida, de força, de amor e de cuidado, e por sempre estarem ao meu lado, ainda que espiritualmente. E aos meus filhos, meus irmãos, sobrinhos, sobrinhos-netos, amigas e colegas de trabalho, que de alguma forma contribuíram; e a todas às pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho. Até aos que não foram importantes. Por todos vocês, concluo o sonhado mestrado.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer imensamente,

A Deus, ao universo, meus ancestrais e todos os autores que li (*vivos e in memorian*) por me conduziram nesta jornada para contar essa história memorável.

Aos meus pais, João da Silva Freitas e Gertrudes Barbosa de Freitas (*in memorian*) que por falta da presença do Estado nunca ocuparam bancos de escolas, mas que pela força de vontade aprenderam a ler no ABC e fazer conta na tabuada, e com a fortaleza do homem do ribeirinho, a sabedoria de gente simples e honesta, me conduziram pelo melhor caminho.

Ao meu filho João Arthur Freitas de Souza, pela paciência nos meus momentos de angústia e por me inspirar a ir adiante. Aos filhos não nascidos, Christian Freitas do Carmo e Léo Freitas de Souza (*In memorian*) e demais antepassados e ancestrais, pelos momentos de clareza da alma.

Aos meus amados irmãos e irmãs, Waldemar e Antonio Barbosa Rego (*In memorian*), Sebastião, Gertrudes e Lídia Barbosa Borges, Maria Joana e Raimundo Barbosa de Freitas, sobrinhos e sobrinhas, pelo amor, dedicação e confiança.

Ao meu padrinho, Oswaldo Souto, que quando criança me salvou da morte e profetizou que eu teria muita história para contar. Acertou!

Ao meu orientador Rafael Sbeghen Hoff e aos professores que compuseram minha banca de defesa, Nair Prata e Maurício Zouein.

Aos servidores da Biblioteca Pública do Estado de Roraima, por me auxiliarem na busca dos documentos e aos servidores da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas, que abriram as portas da instituição durante a pandemia, para que eu fizesse minha pesquisa.

Aos servidores da Secretaria de Radiodifusão do Governo Federal, que cederam todos os documentos que busquei e que estavam disponíveis naquele setor.

Aos meus entrevistados, Galvão Soares, Benjamim Monteiro, José Maria Carneiro, Djavan Esbell, Zélio e Lúcia Mota, verdadeiros arquivos vivos, que me auxiliaram na contação de várias histórias sobre a Rádio Roraima.

Ao escritor roraimense Waldir Paixão, pelas longas horas de conversa, por me ceder fotografias e muitos textos sobre a história da comunicação em Roraima.

Ao professor Reginaldo Gomes, que me presentou livros que me ajudaram a compreender a região na década de 50.

Aos colegas do mestrado e pela promessa cumprida, em especial Paulo Thadeu, Rebeca Lopes e Camila Dall'agnol, de que ninguém largaria a mão ninguém, e todos chegariam ao final. Chegamos!

Às minhas amigas de trabalho, Sônia Lúcia, Adriana Cruz, Léo Dauberman, todas mestres, pelo incentivo e compreensão nos momentos mais difíceis. Em especial, a Adriana Cruz, que muito me incentivou a fazer o mestrado.

Ao professor mestre e amigo especial, Wanderley Gurgel, pelas longas conversas e ideias no embrião do projeto.

A Cyneida Correia, por me auxiliar na reta final, com a parte estética e as regras da ABNT.

A todos aos meus amigos e amigas,

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima,

Agradeço também aos meus entrevistados.

Por fim, obrigada àqueles que eventualmente eu tenha esquecido de agradecer e que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho, que foi desafiador.

Muito grata!

“O rádio é a escola dos que não tem escola, é o jornal dos que não sabem ler, é o mestre de quem não pode ir à escola, é o divertimento do pobre, é o animador de novas esperanças, o consolo dos enfermos e o guia dos sãos, desde que o realizem com o espírito altruísta e elevado.

Edgar Roquette-Pinto”

RESUMO

A dissertação “Vozes da memória: Da fundação ao processo de transição política do Estado (1957-1991)”, teve o intuito de conhecer a história da Rádio Roraima pela memória das pessoas, profissionais e ouvintes, e suas percepções sobre o papel da emissora na cultura e identidade do povo roraimense. O questionamento central da pesquisa foi descobrir o que a memória oral dos agentes envolvidos no funcionamento da Rádio Roraima revelava sobre os atravessamentos políticos nas práticas radiofônicas. O objetivo geral foi contar por meio das lembranças e memória desses agentes, as transformações políticas que fizeram parte da construção da história da Rádio Difusora de Roraima no período de 1957 a 1991. A história oral, frente aos documentos existentes permitiu ver quais eram os pontos de tensões, mas também o que havia de consonante entre história oral e documentada na trajetória da rádio, tendo como base também os documentos oficiais e os jornais que circularam no período. Se utilizou como método, as pesquisas exploratórias e descritivas, bibliográficas e documentais de caráter multimetodológico, bem como entrevistas semiestruturadas. Os objetivos específicos de registrar a história da Rádio Roraima e a memória dos profissionais/ex-diretores sobre o tema, identificando os relatos dos agentes envolvidos e contribuindo para a documentação da história e da memória da Rádio Roraima foram cumpridos. A partir das histórias documental e oral mostrou-se quais foram os atravessamentos políticos no período pesquisado, a contribuição da Rádio Roraima na vida política, social e econômica e na identidade da população roraimense.

Palavras Chave: Rádio Roraima; Oralidade; História e Memória.

ABSTRACT

The dissertation “Voices of memory: From the foundation to the process of political transition of the State (1957-1991)”, had the intention of knowing the history of Rádio Roraima through the memory of people, professionals and listeners, and their perceptions about the role of the station in the culture and identity of the Roraima people. The central question of the research was to discover what the oral memory of the agents involved in the operation of Rádio Roraima revealed about the political crossings in radio practices. The general objective was to tell, through the memories of these agents, the political transformations that were part of the construction of the history of Rádio Difusora de Roraima in the period from 1957 to 1991. of tensions, but also what was consonant between oral and documented history in the trajectory of the radio, also based on official documents and newspapers that circulated in the period. As a method, exploratory and descriptive, bibliographical and documental multimethodological research was used, as well as semi-structured interviews. The specific objectives of recording the history of Rádio Roraima and the memory of professionals/former directors on the subject, identifying the reports of the agents involved and contributing to the documentation of the history and memory of Rádio Roraima were fulfilled. From the documentary and oral histories, it was shown what were the political crossings during this researched period, the contribution of Rádio Roraima in the political, social and economic life and in the identity of the Roraima population.

Keywords: Rádio Roraima; Orality; History and Memory.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Jornal Folha de Boa Vista, com matéria sobre a devolução pela Radiobrás do Teatro Carlos Gomes	30
FIGURA 02 – Visão aérea do Território naquela época	34
FIGURA 03– Imagem da cidade após as primeiras transformações	35
FIGURA 04– Praça Capitão Clóvis, onde se concentrava a população para ouvir as notícias do Alto Falante	36
FIGURA 05- Recortes mostram o alcance da comunicação por radiotelegrafia no Território com a nomeação de servidores em vários municípios	38
FIGURA 06 - Localização dos municípios com a cobertura do serviço e as estações.	39
FIGURA 07 - Portarias 31 de 21.01.1956, pag.16, que mostra as alterações no Serviço de Alto-falante	40
FIGURA 08 - Portaria 30 de 11.01.1956, pag.16, que fala sobre o documento memorial pedindo alterações no horário do Serviço de Alto-falante	41
FIGURA 09 – Alto-falante no Território, que funcionava na Caixa da Água	45
FIGURA 10 – Radiotécnico Domingos Ayres Leitão	56
FIGURA 11 - Portaria nº 1.287 (8799371), de 2 de dezembro de 1977, publicada no Diário Oficial da União de 15/2/1978	57
FIGURA 12 - O Decreto nº 75.5129 de 25 de março de 1975 é o primeiro documento na frequência AM	58
FIGURA 13 - Decreto nº 36.724, de 3 de janeiro de 1955, publicado no Diário Oficial da União em 5 de janeiro de 1955, assinado pelo presidente Café Filho	59
FIGURA 14 - Primeira diretoria do Clube do Rádio	60
FIGURA 15 - Jornal do Comércio, Ed. 21.838, pág., 2 – Crônica de José Cidade indicando que a Rádio Roraima funcionava em 1953	62
FIGURA 16 - Portaria designando o chefe de Serviço de Radiocomunicações para avaliar os transmissores destinados ao Território	63
FIGURA 17 - Mapa de apuração das propostas para aquisição de uma estação de <i>broadcasting</i> , de rádio difusão do Território	64
FIGURA 18 – Manchete sobre a “Rádio Difusora “Roraima” no jornal Boa Vista em 1954	65
FIGURA 19 Jornal O Átomo, edição nº 00116, pag. 01 - de 11 de julho de 1953	69
FIGURA 20 – Portaria nº 49, designando o radiotécnico Adail Duarte Maduro	70
FIGURA 21 – Notícia sobre a agenda do Presidente Kubitschek	71
FIGURA 22 – Participação de Kubitschek na inauguração da Rádio em 6/1/1957	73
FIGURA 23 - Portaria nº 130 de 04 de abril de 1957, dispensando Edilberto França de Lima da função de controlista de som da Radiodifusora de Roraima	74
FIGURA 24 - Revista Realidade, publicada em 1970, mostrando o papel de utilidade pública da Rádio Difusora de Roraima	77
FIGURA 25 – Declaração de Não Concessão	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 RÁDIO NO BRASIL E NA AMAZÔNIA	20
1.1 O RÁDIO NO BRASIL E A CULTURA MIDIÁTICA NA CONSTRUÇÃO DO COTIDIANO	20
1.2 A RADIODIFUSÃO NA AMAZÔNIA	25
1.3 O RÁDIO NA AMAZÔNIA E A DOCTRINAÇÃO IDEOLÓGICA	31
2 O RÁDIO EM RORAIMA	33
2.1 CONTEXTO GEOGRÁFICO E SOCIAL DO TERRITÓRIO DO RIO BRANCO EM 1955	33
2.2 A SOCIEDADE E A POLÍTICA RORAIMENSE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	35
2.3 RADIODIFUSÃO SONORA NO TERRITÓRIO E OS ALTO-FALANTES	40
2.4 PRIMEIROS SINAIS RADIOFÔNICOS GENUINAMENTE RORAIMENSE	43
3 AS ESCOLHAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS	48
3.1 CARTOGRAFIA COMO PERSPECTIVA METODOLÓGICA: DESAFIOS E POTENCIALIDADES	49
3.2 LACUNAS, TÉCNICAS, SELEÇÃO DE FONTES, PERCURSO INVESTIGATIVO	53
4 A IMPLANTAÇÃO DA RÁDIO RORAIMA	56
4.1 PESQUISA DOCUMENTAL SOBRE A CHEGADA DA RÁDIO RORAIMA	56
4.2 AS ARTICULAÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS PARA CHEGADA DA RÁDIO RORAIMA	68
4.3 CARTOGRAFIA HISTÓRICA DA RÁDIO RORAIMA	75
5 A ORALIDADE DO RÁDIO RORAIMENSE	83
5.1 ENTREVISTAS: QUEM FORAM OS ENTREVISTADOS	86
5.2 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS: PONTOS CONSONANTES, DISSONÂNCIAS E LACUNAS	88

5.2.1 Não Preservação do Acervo	88
5.2.2 Oralidade e memória da Rádio Roraima	90
5.2.3 Criação da Rádio no Território	92
5.2.4 Laços com ouvintes da Rádio	94
5.2.5 Período da Ditadura Militar	96
5.2.6 Ingerência política na Rádio	98
5.2.7 Importância dos Profissionais	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
APÊNDICE	120
ANEXOS	141

APRESENTAÇÃO

O rádio está dentro de mim. Nasci em 1968 no meio da floresta, em uma casa de madeira, coberta com palha, em que parte do assoalho era de paxiúba, em meio às frondosas castanheiras, que de tão altas pareciam querer encostar nas nuvens de algodão, às margens do Igarapé do Porco Brabo com rio Castanho, município do Careiro-Castanho, a 124,2 quilômetros de Manaus (AM), capital e centro político-administrativo e social do Amazonas.

O tempo gasto entre a Vila do Castanho e o local do meu nascimento é de aproximadamente três horas no remo, isso se o caboclo remador for bom de braço. O transporte usado para chegar até a casa onde morava continua sendo fluvial, mas o progresso garantiu que essa distância reduzisse, e se a capacidade do motor for potente, como um de 250hp, leva-se em média 10 minutos para se deslocar do local onde nasci até a sede do Careiro-Castanho.

Engana-se quem pensa que o caboclo amazonense naquelas paragens, na década de 60, estava alheio ao que acontecia no Brasil e no mundo. Isto porque as estações radiofônicas, em ondas médias, levavam informações e entretenimentos. Claro, não se descarta que muitas informações eram preparadas para atender os interesses hegemônicos daqueles que estavam no Poder, pintando de satânico quem outrora pensava diferente.

No ano de 1967 foi quando o rádio de pilha chegou na casa de meus pais, pelas mãos de um admirador da minha irmã número 2, que conquistou os olhares do rapaz, e a presentou com um aparelho radiofônico, digamos assim, como um dote para obter a admiração dos meus pais.

O relacionamento ficou na admiração, mas o rádio levou aos de casa uma nova visão de mundo. Futebol, a famosa crônica do radialista Josué Cláudio de Souza, pontualmente ao meio-dia, A Voz do Brasil, os recados para o interior e o encerramento da noite com a tradicional seresta, eram programas imperdíveis naquele recanto da floresta. Da política nacional e internacional, todos os nove integrantes, até então moradores daquele cantinho que abrigava minha família, estavam informados.

Com base no que diz a ciência, suponho que no mês de julho daquele ano, iniciei meu primeiro contato com o rádio, pois dizem os especialistas no assunto que

o feto sente desde o início as sensações que ocorrem do lado de fora da barriga¹ É que no mês de julho de 1967 minha mãe engravidou do oitavo filho, ou melhor filha. Receosa de uma gravidez para idade avançada na época (41 anos), minha mãe ficou apreensiva, mas disse que “se fosse menina o nome seria Marilena, em homenagem a uma radialista”, que segundo ela “cantava e falava bonito na rádio”, “era desenrolada”.

Nas minhas pesquisas, em busca de saber quem foi a tal mulher encontrei duas mulheres com esse nome, que fizeram história a partir da década de 50, ‘Era de Ouro do Rádio’. São elas: Marilena Romero, cearense, cantora de rádio e de boates; e Marilena Alves, carioca, cantora, atriz-rádio da Rádio Globo e Rádio Clube — cujo nome verdadeiro é Walta Wanzeck Teixeira, e que provavelmente tenha sido a inspiração de minha mãe. Ressalto que cheguei a esse nome de batismo de Marilena Alves com ajuda do ilustre carioca Jorge Luiz Reis, após um comentário dele na rede social do Facebook, na página do radialista Osmar Frazão, lembrando a trajetória de Marilena Alves. Jorge Luiz conheceu o trabalho da atriz-rádio na extinta Rádio Mayrink Veiga, fechada 1964, após o golpe de 1964, pelo então presidente da República, Castelo Branco, através do Mandado de Segurança nº 16.132/65.

O nome Marilena era uma tendência naquela época, talvez por isso adotado pela atriz-rádio e também pela minha mãe, que sonhava com um futuro brilhante da filha amazônida. Nas pesquisas realizadas em jornais da década de 50 a 70, a partir do contato com o senhor Jorge Luiz, observou-se que Marilena Alves foi figura influente na cidade do Rio de Janeiro. Ocupou as primeiras páginas dos jornais aos 11 anos, quando fugiu de casa porque os pais não queriam que ela participasse de um espetáculo de teatro. Em 1948 participou de um concurso para atriz de rádio e engrenou nas atividades de comunicação, trabalhando posteriormente em TV e organização de eventos. Carnavalesca na alma e flamenguista de coração, ela se tornou uma socialite das noites cariocas, ocupando inclusive o cargo de secretária de Turismo. Foi dona de uma agência de publicidade, de um restaurante e de uma boate chamada Lunático, em Cabo Frio.

¹ O neuropediatra Mauro Muszkat, da Universidade Federal de São Paulo, garante por volta da 26ª semana de gravidez o sistema neurológico e de audição do feto está totalmente formado e pronto para atender aos estímulos do mundo fora da barriga. Disponível em: [cáhttps://www.santacasamarina.com.br/noticia/342/5-motivos-para-voce-manter-um-dialogo-com-seu-bebe-na-barriga](https://www.santacasamarina.com.br/noticia/342/5-motivos-para-voce-manter-um-dialogo-com-seu-bebe-na-barriga)

Nasci e cresci ouvindo as ondas sonoras de um rádio, e atenta à história contada pela minha mãe sobre a escolha do meu nome, diferente de todos os irmãos, que ganharam nome de santo. E para completar essa história, minha mãe dizia que logo que eu nasci, fez a tradicional simpatia para saber qual seria meu futuro profissional, se costureira e ou das letras, como ela pontuava. Colocou em uma das mãos uma caneta e na outra um tecido com a linha. Para surpresa dela, agarrei a caneta. Para ter certeza da escolha, trocou os objetos de mãos e novamente a caneta foi o brinquedo preferido. Mas como era de praxe aprender o ofício das mulheres da família, antes de me tornar jornalista, não escapei do manuseio da tesoura, do tecido, da linha, da agulha e da máquina de pedal.

Ainda na faculdade de Comunicação Social, a primeira experiência profissional foi na Rádio Difusora de Roraima, no programa Comunicação no Ar, aos sábados pela manhã, comandado pelo saudoso professor Alexandre Borges, que ministrava as disciplinas de Rádio Jornalismo I e II, e usava a Rádio Difusora de Roraima como laboratório para os alunos de jornalismo da Universidade Federal de Roraima. Em uma das férias dele, outorgou o comando do Programa a dois alunos: Eu e meu amigo Clésio Luiz, que com satisfação preparamos os quatro programas do mês de junho. Posteriormente, sem remuneração, mas com o intuito de aprender, acompanhei durante um tempo dois radialistas nas reportagens externas: Maurício Zouein e Lando Santos.

Como se observa, o caminho trilhado para a escolha desta dissertação começou há muito tempo, ainda que inconscientemente, o rádio estava lá fazendo parte da minha caminhada ainda em formação fetal. As memórias da Rádio Difusora de Roraima são uma parte importante do conjunto da história do Rádio na minha trajetória.

INTRODUÇÃO

A comunicação é um dos aspectos mais presentes no cotidiano da sociedade. Seja para informar ou entreter, os meios de comunicação compartilham as experiências diárias que envolvem a população. No entanto, os meios de comunicação, especialmente o rádio, desempenham um papel importante na construção da identidade regional e na história do povo.

Com a criação do Estado de Roraima em 1988 e a instalação em 1991, a Rádio Roraima, objeto desta pesquisa, foi um dos meios de comunicação social utilizado na transição do Território para Estado, sendo uma das rádios mais tradicionais e a primeira da região.

Existindo desde 1957, e a parte técnica da Rádio sofreu várias alterações no decorrer dos anos, como mudar de potência de transmissão algumas vezes, desde a frequência em amplitude modulada (AM-590KHZ), ondas tropicais em 4.875 khz, e alcançando todos os países pela rede mundial de computadores. Ela cobre todos municípios de Roraima e alguns do Amazonas e países vizinhos (Guayana, Venezuela).

Entretanto, sendo um meio de comunicação pertencente inicialmente ao governo federal e, posteriormente, ao governo do Estado, criado com o intuito de informar a população, servir e irradiar a política do governo central e local, indaga-se: como a memória oral dos agentes envolvidos no funcionamento da Rádio Roraima revelam os atravessamentos políticos nas práticas radiofônicas?

Com base nesse contexto, esta dissertação “Vozes da memória: Da sua fundação ao processo de transição política do Estado (1957-1991)”, tem como objetivo geral investigar a história da Rádio Roraima, desde a sua fundação em 1957 até a transição política do Estado em 1991, e compreender como a memória oral dos agentes envolvidos no funcionamento da Rádio revela os atravessamentos políticos nas práticas radiofônicas. A pesquisa realizada teve como foco o uso da cartografia para a partir da história oral desses agentes, compreender as transformações e os atravessamentos políticos que fizeram parte da história da Rádio Roraima.

Nessa primeira fase da pesquisa exploratória no que diz respeito à documentação diria que, se não está concluída, falta pouco para reescrever essa história. Os documentos que hoje disponho, a direção da Rádio Roraima não tem. E por que não tem? Essa é uma incógnita que será, se não decifrada por completo, pelo

menos, aprofundada na segunda fase da pesquisa, e faz parte da proposta metodológica que é explorar a oralidade dos agentes que fazem e fizeram parte da história radiofônica da Rádio Roraima.

Um ponto inicial interessante na pesquisa de campo deste trabalho, aponta que 10 jornais no Brasil publicaram que a inauguração da Rádio Difusora de Roraima aconteceu no dia 4 de janeiro de 1957, tendo sido feita pelo presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, popularmente conhecido como JK.

Embora seja essa a data adotada pela instituição para a comemoração de aniversário da emissora, não existe documentação da outorga para esta data. O cruzamento de informações abre uma lacuna e deixa dúvidas, detalhes que serão desdobrados no desenvolver da pesquisa.

A memória oralizada dos agentes entrevistados ajudará na compreensão dos acontecimentos. A história oral, frente aos documentos existentes permitirá ver quais são os pontos de tensões, mas também o que há de consonante entre história oral e documentada na trajetória da Rádio Roraima, tendo como base também os documentos oficiais e os jornais que circularam no período.

Para contextualizar a pesquisa realizada, foram utilizados suportes teóricos de autores como Ortriwano (1985), Ferraretto (2015), Calabre (2008), Castro (2012), Santos (2019), Benjamin (2012), bem como literaturas acadêmicas voltadas para o rádio no contexto amazônico como Nogueira (1999), Halbwachs (1990), Bosi (1995), Gondim (2007), Le Goff (2000) e Oliveira (2017), que mostram a formação da Amazônia e a relação direta entre as organizações midiáticas, os conteúdos difundidos e a identidade regional.

A finalidade desta busca bibliográfica foi obter informações inerentes à história da radiodifusão sonora na Amazônia, bem como conhecer as narrativas relacionadas especificamente a Roraima, para contextualizar o que foi pesquisado, mostrou-se a relação direta entre as organizações midiáticas, os conteúdos veiculados e os processos identitários regionais e amazônicos. Para isso selecionamos alguns trabalhos acadêmicos como artigos, dissertações e teses que serviram de aporte e subsidiaram na pesquisa. Nesses trabalhos acadêmicos sobre a radiodifusão na Amazônia poucas linhas são direcionadas à Rádio Roraima, o que demonstra a falta de literatura científica sobre a emissora.

Dessa forma, teremos elementos para produzir as considerações finais com base nos argumentos que se digladiam, confrontando com a análise documental,

afinal, o que se pretende não é identificar a superficialidade dessa história, mas, sobretudo, sair das aparências e mergulhar neste universo, pois somente assim teremos condições de compreender a essência da história da Rádio Roraima e entender o que está oculto debaixo da superfície das aparências (RICHARDSON, 2017).

Essa dissertação mostra este quebra-cabeça, e a linha do tempo da Rádio Difusora de Roraima quanto à organização dessa documentação, dos ex-diretores que fizeram parte da Rádio durante este período, mostrando a importância dela na formação política e identitária dos roraimenses, bem como os usos e conflitos políticos durante esse período (1957-1991)

Para possibilitar o entendimento dessa dissertação dividimos o trabalho por etapas, com exploração de campo, em busca de documentos inerentes à instituição, para posteriormente, se realizar a coleta de entrevistas, e assim responder aos objetivos específicos que são:

- * Registrar a história da Rádio Roraima e a memória dos profissionais/ex-diretores sobre o tema;
- * Identificar os relatos dos agentes envolvidos na história da Rádio;
- * E contribuir para a documentação da história e da memória da Rádio Roraima a partir dos depoimentos dos agentes ligados à organização.

No primeiro capítulo vamos abordar a relação que existe do rádio e a cultura midiática na construção do cotidiano, mostrando a força do rádio como veículo no âmbito da região Amazônica por conta das particularidades geográficas regionais. Neste contexto também está inserido os entrelaçamentos históricos do rádio com a política, bem como a memória e a identidade regional, tendo a mídia como parte importante deste cotidiano e da cultura do povo roraimense.

No segundo capítulo vamos iniciar a história bibliográfica do rádio em Roraima, contextualizando o cenário geográfico e social do território do Rio Branco em 1955, mostrando como era a sociedade e a política roraimense na segunda metade do século XX e como funcionava a radiodifusão sonora no território e os alto-falantes além de apresentar os primeiros sinais radiofônicos genuinamente roraimenses.

O terceiro capítulo focou nas escolhas teórico-metodológicas, apresentando a cartografia como perspectiva metodológica e mostrando seus desafios e potencialidades. Também se apresenta as lacunas, técnicas, seleção de fontes, percurso investigativo para se chegar ao resultado final desta dissertação.

O quarto capítulo focou na implantação da Rádio Roraima, mostrando o resultado da pesquisa documental feita sobre a chegada da Rádio no Território, além de escrever sobre as articulações políticas e sociais para instalação desse veículo de comunicação fazendo uma cartografia histórica desse processo. Nesse capítulo focamos na pesquisa sobre a memória midiática de Roraima, desafios e as potencialidades, utilizando os instrumentos necessários e ao alcance, a partir de pesquisa documental sobre a Rádio Difusora de Roraima.

O quinto capítulo focará nas considerações finais acerca do objeto da pesquisa. A partir da história oral intenta-se analisar quais foram os atravessamentos políticos no período pesquisado, a contribuição da Rádio Roraima na vida política, social e econômica e na identidade da população roraimense. Para isso as entrevistas contextualizaram essa história oral, dita por aqueles que fizeram e ainda fazem parte da emissora, e dos que acompanharam a trajetória da Rádio na condição de ouvinte.

A pesquisa ainda aponta para a necessidade de revisitar a história do rádio na Amazônia, especialmente em Roraima, para entender como a Rádio Roraima se tornou o meio de comunicação mais importante e rápido para levar informações a todos os roraimenses.

1 RÁDIO NO BRASIL E NA AMAZÔNIA

1.1 O RÁDIO NO BRASIL E A CULTURA MUDIÁTICA NA CONSTRUÇÃO DO COTIDIANO

Entre os avanços tecnológicos logo após a Revolução Industrial, o rádio se destacou pelo alcance e imediatismo da mensagem. No Brasil as primeiras transmissões ocorreram na primeira década do século XX, em 1919, em Recife (PE) (FERRARETTO, 2021).

As descobertas sobre o pioneirismo do rádio remonta de 1910. As pesquisas são recentes e só estão sendo possíveis graças à tecnologia que permitiu o acesso aos jornais daquela época, disponível no Arquivo Nacional Digital, o que possibilitou resgatar a história das primeiras transmissões radiofônicas ocorridas no dia 6 de abril de 1919 (VAZ FILHO, 2018, p.13). Os documentos jornalísticos aliado ao depoimento de Luiz Maranhão² mostram que o surgimento do rádio está amplamente ligado à necessidade da economia açucareira daquela época, pois havia o interesse dos que movimentavam o mercado em saber sobre o comércio em Liverpool, na Inglaterra. Esse interesse motivou, inclusive, o apoio financeiro de um dos usineiros na compra de dois transmissores.

Ferraretto traz uma reflexão acerca dessa ordem de prevalência, em que os louros da história imputa ao 7 de setembro de 1992 à primeira transmissão radiofônica, por ocasião da festa da Independência. Essa história, massificada pela imprensa, é contestada na Carta de Natal (ALCAR, 2019), na qual subescrevem o documento pesquisadores do Grupo Temático História da Mídia Sonora da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR) e os participantes da Mesa Temática “Os 100 anos da primeira transmissão radiofônica no Brasil”, doutores Adriano Lopes Gomes (UFRN), Luciano Víctor Barros Maluly (USP) e Ciro José Peixoto Pedroza (UFRN), sob a mediação do doutor Helcio Pacheco de Medeiros (UFRN). Na Carta,

² Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão Filho, é jornalista, radialista, advogado, escritor e dramaturgo. Atuou como professor universitário de 1972 a 2013, portanto até os oitenta anos de idade. É doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Possui trinta obras publicadas. Entre elas “Memórias do rádio”, “rádio em todas as ondas” e “Raízes do rádio”. Nasceu em Recife, Pernambuco no dia 01 de janeiro de 1933. Como professor lecionou a Universidade Federal de Pernambuco e na Uninassau, Faculdade Maurício de Nassau. É presidente do instituto histórico de Olinda e do Rotary Clube recifense. Filho de Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão, também radialista

essas autoridades na área radiofônica “referendam o dia 6 de abril de 1919 como a data inicial da radiodifusão no País”. Posteriormente, em 6 de setembro de 2021, a Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA) publicaram a Carta Aberta sobre o Pioneirismo no Rádio Brasileiro (2021)

Não se pode considerar a demonstração realizada na abertura da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, em 7 de setembro de 1922, como “a primeira transmissão oficial de rádio no Brasil” (SLAVIERO, 2012, p. A3), posição, de tempos em tempos, reiterada por entidades do setor e pela imprensa, caso do artigo comemorativo ao Dia do Rádio, assinado pelo então presidente da Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), Daniel Pimentel Slaviero, publicado em vários jornais e de onde se extraiu a assertiva. A palavra “oficial” remete à ideia de organização por parte das autoridades, algo que foi se construindo a partir da irradiação do discurso inaugural do presidente Epitácio Pessoa, dando início a uma série de demonstrações realizadas pelas estações SPC (FERRARETTO, 2021, p.3)

A partir do receptor de galena, como a melhor tecnologia da época, coube ao chefe da nação fazer uso da palavra e irradiar para todo o Estado do Rio de Janeiro, seguida a ópera O Guarani, de Carlos Gomes

O discurso do então presidente da República, Epitácio Pessoa, foi ouvido no Rio de Janeiro e também em Niterói, Petrópolis e São Paulo, graças à instalação de uma retransmissora e de aparelhos de recepção. Mas somente no dia 20 de abril de 1923 começou a funcionar realmente a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, considerada a emissora pioneira no Brasil. Segundo seus fundadores, Roquette Pinto e Henrique Morize, o objetivo da emissora era lutar pela cultura e educação do povo brasileiro. Alguns autores atestam, porém, que a Rádio Clube de Pernambuco, fundada por Oscar Moreira Pinto, em Recife, foi a primeira a realizar uma transmissão radiofônica no Brasil, no dia 6 de abril de 1919, com um transmissor importado da França (PRATA, 2008, p. 23)

Pela atração festiva principal do evento, a ópera O Guarani, já se percebe o quanto o rádio nasceu elitizado, fato que se modificou posteriormente com a advento da indústria cultural, que viu o rádio como um dos mecanismos para reforçar o aparelho ideológico do capital e assim se tirar mais proveito das relações consumeristas, afinal o rádio, com sua linguagem coloquial, atingiria todos os públicos e, conseqüentemente, favoreceria o mercado. As ondas radiofônicas foram e continuam sendo um filão para todos os tipos de indústria.

A modernização tecnológica, inicialmente levou a radiodifusão sonora a cambalear frente à magia das imagens oferecidas pela televisão. Mas o rádio se reinventou, conquistou espaço, apesar dos “visionários” terem apostado na sua extinção, como ressalta Prata (2008, p.3) ao ressaltar a principal discussão levantada

à época, se com o advento da televisão e da internet “o rádio vai morrer com as novas tecnologias?”. Erraram!

Ferrareto (2015, p.9) contribui para essa discussão ao citar a análise feita por Fidler (1998), com base na opinião de Saffo, de que “quando emergem novas formas de meios de comunicação, as antigas geralmente não deixam de existir, mas continuam evoluindo e se adaptando”.

Esse meio de comunicação de massa, com uma capacidade extraordinária de atingir vários tipos de públicos, por usar uma linguagem simples e direta, decodificada facilmente pelo ouvinte, cujas vozes mexem com o imaginário popular, hoje pode ser acompanhado por meio das plataformas digitais como o Facebook. Neste novo cenário, o ouvinte ouve e acompanha visualmente o trabalho do locutor, podendo interagir via ligações telefônicas e mensagens nas redes sociais. Como um dos serviços que faz parte da radiodifusão, a finalidade do rádio é promover o exercício da cidadania por meio da transmissão de informações, conforme artigo 3º do Decreto no 52.795/1963, princípios que devem ir ao encontro dos interesses nacionais e observância das leis, diretrizes que coadunam com o artigo 221 da Carta Magna.

No Brasil, a partir da Constituição Federal (CF) de 1988 ficou definido que a Radiodifusão teria três modelos de sistema: privado, público e estatal. Em 1998, abriu-se espaço para as rádios comunitárias, conforme Lei nº 9.612. Discute-se ainda, se o modelo público, voltado para pluralidade e a independência financeira, existe na prática. No Brasil, segundo Pedroza (2018) esse modelo não foi regulamentado e continua sendo um sonho, ter uma rádio pública semelhante à BBC, do Reino Unido.

O conceito deste modelo está muito além de ser administrado por instituições públicas atreladas aos governos. Está vinculado à democratização da informação ao acesso de todos, tendo como base o conceito da Unesco, conforme explicam os pesquisadores Carlos Eduardo Esch, Nelia Rodrigues Del Bianco, Sonia Virgínia Moreira

a) universalidade – ser acessível a todos os cidadãos, independentemente de sua posição social ou poder econômico; b) diversidade – refletir interesses públicos diversos (e divergentes), ao oferecer ampla variedade de programas no que se refere a gêneros, público e temas abordados; c) independência – operar como fórum no qual as ideias possam ser expressadas livremente, o que significa independência contra pressões financeiras, comerciais ou influência política; d) diferenciação – oferecer um serviço distinto das outras emissoras, não se limita a produzir programas para audiências negligenciadas por outra mídia ou a abordar assuntos ignorados pela mídia tradicional de informação; trata simplesmente de um modo de organizar e produzir diferente, sem exclusão de qualquer gênero (DEL BIANCO; ESCH; MOREIRA, 2012).

No Brasil são tratadas como de caráter público, as rádios educativas e estatal. As primeiras são as pioneiras nas transmissões radiofônicas, enquanto que a segunda foi criada na década de 40, com as Rádios Nacionais, e estão a serviço do Poder constituído. Ambas, de certa forma, priorizavam as ações governamentais, ainda que a segunda explicitasse mais essa relação com o Poder, sendo “porta-voz de governos, o que permaneceu inalterado em gestões ditatoriais e democráticas”, (DEL BIANCO; ESCH; MOREIRA, 2012, p 70).

E assim é atualmente, o discurso de servir ao público não tem valor semântico e foge do contexto a que se propõe, pois são “consideradas chapa branca”, como afirma Pedrozza (2018, p 60), cujos conteúdos não atendem ao interesse público. As rádios comerciais são mantidas com a publicidade advinda da iniciativa privada e da esfera pública. Mesmo assim, o detentor da concessão deve atender aos critérios do artigo 221 da CF, dando preferência as finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, promover a cultura nacional e regional, estimular a produção independente e, claro, respeitar valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Mas nem sempre é assim, e sob a justificativa de manutenção financeira da empresa, muitas vezes os interesses do capital privado e a agenda política se sobrepõem, deixando em segundo plano o compromisso com a informação, ainda que ela seja de interesse público. Mas o que é de interesse público? Esse é um ponto de tensão que merece uma consideração à parte. Ao fazer referência a Gilberto Dupas (2003, p. 23), Pedrozza (2018 p.62), “observa que o simples uso dos dois termos sempre vem acompanhado de “ambiguidades semânticas [...] revelando suas dimensões contraditórias, complexas e multidimensionais”, pois ainda que a demanda seja de um grupo específico, se o interesse é privado, perde o caráter de público.

A situação agrava-se quando a emissora é estatal, não do ponto de vista da democratização do uso do espaço por todos, mas por pertencer ao Estado, onde muitas das vezes o uso político sobrepõe-se em detrimento do interesse público.

Nas décadas de 30 e 40 do século XX esse meio teve papel fundamental em governos ditatoriais para massificar a ideologia partidária, onde “o rádio foi o principal porta-voz para quase todos os países e o meio pelo qual os ouvintes acompanharam cada batalha entre os Aliados e os países do Eixo Alemanha, Itália e Japão” (MUSTAFA, p.17). No Brasil não foi diferente. O presidente Getúlio Vargas utilizou o rádio para falar direto com as massas, criando assim vínculo, conforme Pedrozza (2019)

Getúlio Vargas, que iniciavam pela frase: “Tra – ba – lha – do - res – do – Bra – sil...”. Usando o rádio, Vargas se aproximou emocionalmente dos ouvintes, do povo, “unificando o país pelas ondas do ar”. Vargas sabia da importância desse meio de comunicação para o seu governo e tinha certeza de que ele o colocaria mais próximo do povo brasileiro. Era, sem dúvida, um meio poderoso para ser utilizado politicamente (PEDROZZA, 2019, p 61)

Ao longo desses anos, mudaram-se formatos, a evolução tecnológica contribuiu para a modernização do rádio, com equipamentos de maior potência e alcance e a convergência dos meios, mas o uso político deste veículo como braço dos governos continua sendo cíclico, independentemente de ser privado ou não, como mostra a história. Cita-se como exemplo a década de 1930, onde para atender aos apelos da indústria cultural se aumentaram as concessões de rádios e, na década de 1980, registrou-se o aumento das concessões políticas.

A concessão de novos canais, principalmente na década de 80, foi transformada em moeda política de larga circulação entre protegidos do poder e políticos. Foi amplamente usada como meio de cooptação política ou mesmo em negociatas envolvendo benefícios e privilégios durante os governos dos presidentes João Figueiredo e José Sarney (DEL BIANCO, 1999, P 10)

As empresas conhecem bem o potencial financeiro do rádio e não abrem mão de contratar com o Poder Público, mesmo que isso modifique a linha editorial do veículo. Outro fator de destaque neste contexto é que boa parte das emissoras pertencem a políticos, com ou sem mandato, apesar do artigo 54 da CF vedar a participação destes agentes públicos em empresa desta natureza.

Do surgimento do rádio e seu papel para a política de integração nacional na ditadura do Estado Novo, na era Vargas, passando pelas concessões de rádio e TVs usadas como moeda de troca na gestão de José Sarney como presidente, chegamos à expansão rápida e muito abrangente dos políticos proprietários de mídias em um contexto de enfraquecimento da democracia decorrente dos esquemas operados por esses atores.

Levantamento feito pelo coletivo Intervozes³, mostra que o número de políticos proprietários ou envolvidos com propriedades familiares de mídias cresce a cada eleição. Em 2022, 45 candidatos representam esse setor: são 18 candidatos a deputado federal, 13 a deputado estadual, 6 ao Senado e 1 a suplência do Senado, 5

3 <https://intervozes.org.br/levantamento-do-intervozes-revela-quem-sao-os-politicos-donos-da-midias-eleicoes-2022/> Acesso em 27 de janeiro de 2022

ao cargo de governador e 2 de vice-governador. Das candidaturas analisadas, mais da metade são homens (38), brancos (33) e milionários (33) (TERSO, 2022).

Essa é uma prática antiga como observa Del Bianco (1999, p.7) ao afirmar que “a ligação estreita entre políticos e o sistema de concessões de emissoras é fato público e notório”. Compreender essa dinâmica que envolve os processos de comunicação exige mais que um olhar, um esforço concentrado para desnudar a complexidade, que é inerente às relações sociais, e parecem ser cíclicas, pois como explica Morin (2005, p.182) “a inteligibilidade dos fenômenos globais ou gerais necessita de circuitos e de um vaivém entre os pontos individuais e o conjunto”

1.2 A RADIODIFUSÃO NA AMAZÔNIA

Quando se fala em Amazônia logo se imagina uma grande floresta, rios de águas escuras que parecem Coca-Cola e metem medo por sua imensidão e profundidade. Quem conhece apenas pelos livros e relatos de quem por lá passou, logo se encanta com os animais silvestres, selvagens e com os modos e costumes dos povos nativos, os indígenas, e também com a simplicidade do caboclo amazônida, aquele que tira o sustento dessa fauna e flora.

Ao mesmo tempo que o homem amazônico é romantizado, sofre o preconceito de quem não conhece a sua verdadeira realidade, a sua identidade, ao se alimentar das literaturas que levam a esse idealismo amazônida.

a magia da região permanece através dos autores europeus” um imaginário que está ligado à visão dos navegadores e exploradores ao se deparar com a Amazônia, que ainda veem nesta vasta região o exótico e o progresso, cuja intenção desse olhar “é remir os pecados cometidos por tão falsas apreensões de seus compatriotas”, que na busca de conquistas de novos territórios e riquezas fizeram jorrar sangue dos nativos (Gondim, 2007, p. 272.

Como defende Munaro (2017), essa visão sobre a Amazônia advém de um grupo seleto desde quando se descobriu a região. Esses letrados intelectuais faziam parte de um estrato social que tinha o poder de influenciar as narrativas europeias, que em determinados momentos assemelhavam a região ao Jardim do Éden e em outros ao inferno de Dante Alighieri (2005). As histórias são baseadas no conceito e na cultura desses narradores que, diga-se de passagem, são bem diferentes dos povos originários que tem convivência harmônica com a flora e a fauna. De certa forma essa visão edênica foi incorporada na literatura de outros escritores que vieram depois,

predominando em algumas ocasiões até os dias atuais. A manutenção dessa história como uma nova retórica dava notoriedade a esses intelectuais, como aponta Munaro ao citar La Condamine.

A tentativa de La Condamine ultrapassar Acuña e mesmo soterrar os diários do Padre Samuel Fritz e Jean Magnin se explica pelo próprio ambiente competitivo da Academia de Ciências e dos intelectuais que buscavam espaço, dinheiro de mecenas e celebridade. Quer dizer, mesmo tendo copiado relatos e descrições sobre povos indígenas de outros autores, La Condamine se apressou em mostrar que a sua relation é muito mais meritória que as anteriores. E, de fato, essa se tornou uma prática acadêmica comum: refundir elementos de obras anteriores sob uma aparência absolutamente original, ao mesmo tempo em que adornando-a de um verniz retórico empolgante. La Condamine não apenas criou as condições para a sua fama na Academia de Ciências, como também contribuiu para a popularização de uma visão da Amazônia que, pelo menos um século depois, começaria a ser incorporada pelos habitantes daquilo que hoje se conhece como Amazônia (MUNARO, 2017, p. 163)

Com essa visão de lendas e tradições, os desconectados com a verdadeira realidade, desconhecem que neste universo amazônico existe uma cultura rica, uma rede social, que semelhante a uma teia de aranha, luta pela sobrevivência diária. As ondas radiofônicas estão inseridas neste cotidiano, como um meio de comunicação que liga o campo à cidade, levando entretenimento, utilidade pública, assuntos econômicos e políticos, afinal, quem vive no interior da Amazônia também sente os reflexos das políticas públicas preparadas por quem vive na cidade. Foi neste universo que cresceu a pesquisadora.

As novas tecnologias disponibilizadas no mercado agregam mais força às ondas radiofônicas, com impacto significativo na realidade amazônica. Isso porque a internet possibilitou a democratização mais ainda deste meio de comunicação, permitindo que grupos se organizem e utilizem essa ferramenta tecnológica em favor da causa que defendem. A construção dessa Amazônia em rede, faz com que as demandas dos povos amazônicos, em contraponto à mídia hegemônica, tenham maior alcance e visibilidade, inclusive internacional.

Porto (2018) nos alerta para as inúmeras redes de ilegalidades que fervilham dentro do território Amazônico como a grilagem, garimpagem, extração de madeira, narcotráfico e a biopirataria, para citar alguns. Em oposição, resistência e com base numa educação voltada para a identidade e os valores amazônicos, ressalta que na área da comunicação tem sido preponderante o papel da Rádio Rural de Santarém que há cinco décadas é uma voz que ecoa para impedir a destruição do território

amazônida. Desde 2008 se tornou a cabeça da Rede de Notícias da Amazônia, ampliando mais o acesso aos povos amazônidas.

Na Amazônia, região de escalas estratosféricas, o primeiro veículo de comunicação de massa cumpre relevante papel social [...] A iniciativa tem buscado contrariar a produção da informação sobre a região com o protagonismo dos moradores e jornalistas da própria região, a partir de princípios freireanos, que valoriza o diálogo e a horizontalidade na relação da comunicação. (PORTO, 2018, p.910 e 922)

Se o rádio nos dias atuais se consolidou e ampliou sua cobertura se mantendo em lugar de destaque entre a população, pode-se imaginar como era a necessidade na década de 1950, principalmente nestes rincões da terra de Macunaíma. Boa Vista estava com menos de dez anos que deixava de ser município, portanto *quintal* do Estado do Amazonas, quando tinha que se adequar às normas daquela Unidade da Federação, independente das reais necessidades e do anseio da população local. O desmembramento das terras ocorreu em 1943, quando passou a ser Território Federal do Rio Branco.

Se nos grandes centros do País na década de 1950, o rádio já passava por um abalo com o advento da televisão, na Amazônia, o rádio era soberano e reinava em todos os locais em que havia um aparelho receptor nas frequências AM (Amplitude Modulada) e/ou OT (Ondas Tropicais). Mas não eram todos os Estados e territórios que contavam com o privilégio de ter uma rádio própria, para chamar de sua. Enquanto a radiodifusão sonora já experimentava o declínio por conta da chegada da televisão, a população roraimense ainda dependia das estações radiofônicas de outros Estados e países para ficar por dentro dos acontecimentos, conforme relata o jornalista Laucides Oliveira (2007),

Eu, todas as noites tentando, sem sucesso, sintonizar uma emissora de rádio do Sul – já que o Território não possuía sequer uma emissora – e ouvindo em condições precárias, a Difusora de Manaus, com seu programa de recados para o interior [...] Sem noticiários, jornais ou revistas sinto-me cada vez mais isolado no que está acontecendo no resto do Brasil (OLIVEIRA, 2007, p.32)

Segundo Caparelli (2005, p.83), enquanto no restante do país estavam sendo instaladas redes de televisão a partir do Sistema Nacional de Telecomunicações, o governo tentava implantar a comunicação no Norte do país com a radiodifusão como prioridade, visto que era um fator de integração regionalista, e colaborava com o desenvolvimento da Amazônia, pois alcançava principalmente aquelas pessoas que não tinham acesso à informação vinda de outros centros, ou não tinham acesso à

educação e portanto, não eram atingidas pelos anúncios dos jornais e revistas impressas.

Assim mesmo, nesse período, grande parte da população brasileira ainda vivia ilhada da comunicação, principalmente na região amazônica! Na chamada Amazônia legal, era mais fácil saber de informações pelas ondas da BBC, Central de Moscou, Deutsche Welle, Voz da América ou emissoras cubana do que pelas emissoras brasileiras que não atingiam essa região. As causas? O fato de que os poucos milhões de habitantes distribuídos em grandes extensões territoriais não tinham status de consumidores e portanto não eram alvo das grandes redes de comunicação (CAPARELLI, 2005, p.85)

A Amazônia legal tem 5.015.067,75 km², segundo o IBGE, o que corresponde a cerca de 58,9% do território brasileiro envolvendo os estados Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, parcela oeste Maranhão e Tocantins. Se atualmente ainda existem recantos isolados neste imenso espaço geográfico, apesar de a região ser composta por 772 municípios distribuídos entre oito Unidades da Federação, que dirá no século XX, e mais ainda na década 1920 quando surgiu o rádio, e a Amazônia contava apenas com uma emissora no Estado do Pará, uma no Amazonas e a terceira no Mato Grosso do Sul.

O interesse de ampliar o acesso da população ao rádio está ligado às questões políticas ideológicas, como aponta Santos (2019, p.80), ao afirmar que “era de interesse dos generais que tivessem emissoras alinhadas às suas ideologias nos rincões da Amazônia”. Essa preocupação aumentava com a penetração de outras nações na Amazônia por meio do rádio. Sem uma emissora regional, os habitantes do Território que dispunham de aparelho radiofônico, sintonizavam as estações de outros países como a BBC de Londres e Rádio Hawana, de Cuba.

Segundo Ferraretto (2015), a criação da Rádio Nacional na Amazônia, em 1971, tinha como finalidade conter a “audiência de emissoras estrangeiras na Amazônia”. Aliás a Lei que cria a Radiobrás deixa claro essa questão de segurança nacional quando afirma no parágrafo primeiro a necessidade de ampliar a cobertura e a qualidade para atender “sobretudo as regiões de baixa densidade demográfica” (FERRARETTO, 2015, p.163).

Por conta da existência e audiência radiofônica de emissoras de países como Cuba, considerados pelas autoridades brasileiras como comunistas, eles receavam o desencadeamento de uma possível “desordem” por parte do povo brasileiro ao conhecer o que de fato acontecia no Brasil governado pelos militares durante a Ditadura, a partir da programação radiofônica desses países comunistas que não

atendiam “à censura imposta pelos militares”, como explica a diretora do Serviço Brasileiro da emissora pública britânica, Marcia Poole

A BBC cobria o Brasil de uma forma que a imprensa brasileira não podia cobrir. Ela divulgava os relatórios sobre o desrespeito aos direitos humanos, notícias sobre torturas e desaparecimento de presos; em todo aquele período a BBC teve uma audiência muito alta no Brasil (FERRARETTO.2015, p.163)

Essa preocupação da administração pública com as questões políticas ideológicas sob a influência da radiodifusão sonora são confirmadas em documentos confidenciais da Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça que tratam sobre o desenvolvimento da Amazônia, disponíveis no Arquivo Nacional.

Outro aspecto negativo, ocorrendo nas fronteiras do Norte, é o das transmissões da radiodifusão da VENEZUELA e da COLÔMBIA que são ouvidas em toda a região até MANAUS/AM.[...] Não houve confirmação de transmissões das Estações Radiodifusoras, da Venezuela ou da Colômbia, influenciando a passagem de nativos brasileiros para esses países. Entretanto, a programação existe, com a propaganda da Venezuela e da Colômbia agora reduzidas com a inauguração (16/6/77) da nova Radio Roraima em ondas médias com uma potência de 10 Kw na antena. (ARQUIVO NACIONAL, S/A; p. 6 e 7)

Além disso, esse meio de comunicação na Amazônia integrava a Capital e interiores do Estado, encurtando distâncias com relação aos acontecimentos em geral, sejam relacionados aos familiares, à economia, ao meio ambiente e à política vigente.

Na edição 00277 do ‘Jornal Folha de Boa Vista’ de 1986, esse posicionamento é ratificado na fala da advogada da Radiobrás, Marlene da Conceição Moraes, por ocasião da assinatura de um contrato com o governo do Território de Roraima, em que a Radiobrás repassava todo o patrimônio da Rádio Nacional de Roraima para o governo do Território. No ato da assinatura, Marlene afirma que “o importante é a atuação na região pois o governo da época se preocupava com a influência de usos e costumes dos países vizinhos na população local”, (Jornal Folha de Boa Vista, 1986, p.2). Três décadas depois da outorga da primeira rádio, ainda se percebe que a preocupação das autoridades com as questões geopolíticas, tendo como ferramenta influenciável os meios de comunicação, ainda é latente. Confira na fig. 01(a seguir), trecho da reportagem com a fala de Marlene.

FIGURA 01 – Jornal Folha de Boa Vista, com matéria sobre a devolução pela Radiobrás do Teatro Carlos Gomes

Radiobrás devolve ao governo o prédio do Teatro Carlos Gomes

A empresa brasileira de Radiodifusão—Radiobrás e o Território Federal de Roraima assinaram o contrato de compra e venda do prédio da Rádio Nacional e das benfeitorias localizadas em rua João Pereira Melo. A negociação realizou-se graças ao esforço pessoal do governador Getúlio Cruz, empenhado no caso há mais de um ano. Hoje, o patrimônio da antiga Rádio Nacional pertence novamente ao Território. No local, está sendo reconstruído o Teatro Carlos Gomes. Os dois órgãos públicos não têm vantagem. A Radiobrás investirá todo o dinheiro na Rádio Nacional do Território e o governo poderá concluir o teatro.

O patrimônio da Rádio Nacional de Roraima, na realidade, sempre pertenceu ao governo do Território. Em 1976, no governo de Ramon Pereira, foi criada a Radiobrás. Pelo decreto do presidente da República, todas as atividades de radiodifusão e as respectivas patrimônios onde se localizassem passaram à Radiobrás. Sendo assim, toda a área, na extensão de 9.484,22 metros quadrados, onde funcionava a Rádio Roraima, ficou pertencendo à empresa, bem como a Escola Lobo D'Almeida e a Igreja São Sebastião, localizadas no mesmo terreno. Segundo Getúlio Cruz, o governador da época, Ramon Pereira, deveria ter contratado a passagem das instalações, locais para a empresa, e que apenas teriam sido emprestadas à rádio temporariamente.

Na segunda-feira última, o governo de Roraima e a Radiobrás assinaram o contrato, passando definitivamente as instalações ao Território. Compuseram, no Palácio 21 de março, para a assinatura do documento, o administrador da Empresa, Napoleão Ribeiro, e a advogada Marlene da Conceição Moraes. O valor da locação é de 4 milhões de cruzeiros. A importância será paga em duas parcelas, sendo 2 milhões de cruzeiros no ato da assinatura do contrato, e a outra parcela em novembro de 87.

Há um entendimento com a Radiobrás para a aplicação dos recursos na Rádio Nacional de Boa Vista. O dinheiro será investido na compra de material de transmissão, equipamentos e outras necessidades da rádio. "É importante é a atuação na região. A Radiobrás não tem se preocupado em buscar recursos aqui. Há regiões onde não existe retorno. Portanto a medida visa beneficiar a comunidade", disse o diretor Napoleão Ribeiro, justificando a presença da empresa na Amazônia. O governo, em o fechamento do contrato, pretende concluir as obras do Teatro Carlos Gomes, no final de fevereiro ou início de março.

A Rádio Nacional de Boa Vista foi criada, de acordo com a advogada Marlene Moraes, como forma de ocupação nacional, por que o Governo da época se preocupava com a influência dos costumes dos países vizinhos na população local. A empresa sempre deu preferência à Radiobrás. Em julho deste ano, depois da posse do novo governador, Jorge Luiz dos Santos Cavalcante, o falecimento da empresa aumentou consideravelmente e só é inferior à arrecadação da emissora de Manaus, em termos de Amazônia.

TEATRO CARLOS GOMES

O governador Getúlio Cruz concorda que os artistas de Roraima devam ser ouvidos na indicação do primeiro diretor do Teatro Carlos Gomes, cuja inauguração, a princípio, está prevista para o mês de março. Contudo, o governador preferiu não fixar data. Sobre a vigência das atividades — semana passada —, preferindo a indicação de diretor do teatro, Getúlio Cruz considerou com direito da classe, salientando porém, que a conduta de seu governo se obedece a critérios democráticos para a indicação do diretor, no serviço público. "Não será desta vez que agirmos diferente", finalizou.



Fonte: Jornal Folha de Boa Vista, Ed. 277, 1986, pag. 8 – Exemplar encontrado na Biblioteca Nacional Digital

É claro que esta pesquisa poderá deixar de fora parte da história da Rádio Roraima durante o período que nos propomos a investigar, mas, com certeza traremos fatos relevantes e que podem inspirar outros trabalhos acadêmicos. A professora Marialva Barbosa (2010, p. 11) faz uma observação aos veículos impressos no Brasil, as quais podem também servir de parâmetro para analisar a radiodifusão sonora em Roraima quando afirma que: “A história da imprensa que vamos contar não tem a

pretensão de trazer o passado, de maneira integral, para o presente. Não se trata também de achar que a interpretação que fazemos é única e definitiva. Ela é apenas uma das muitas possíveis”. Em outras palavras, uma investigação acerca de um objeto traz outras narrativas, as quais podem servir de objeto para outras pesquisas.

1.3 O RÁDIO NA AMAZÔNIA E A DOCTRINAÇÃO IDEOLÓGICA

O rádio nasceu como um projeto educativo e, posteriormente, percebeu-se que ele podia encurtar distâncias, ser base de apoio, integrar os arranjos governamentais e ser uma ferramenta política fundamental na manutenção do Poder. O plano de governo do presidente da República, Getúlio Dorneles Vargas, centralizou ações direcionadas à Radiodifusão sonora porque viu neste veículo a possibilidade de se aproximar das massas, mesmo estando distante delas. Ortriwano afirma que,

a utilização do rádio como instrumento de divulgação da ideologia do grupo que está no poder não é descoberta recente. Goebbels, durante o III Reich, utilizou-o intensamente, a ponto de se afirmar que Hitler seria inconcebível sem o rádio. Assim, como no Brasil, Getúlio Vargas aprendeu a usá-lo para disseminar sua política (ORTRIWANO, 1985, p. 59-60)

Tanta era a empatia de Vargas pela radiodifusão sonora, vislumbrando cenários favoráveis ao governo, que foi na administração de Vargas, ainda na condição de governo provisório, que nasceu a primeira legislação da radiodifusão sonora, definindo que o Rádio deve ser controlado pelo Estado.

Percebendo o efeito que o novo veículo provocava, as autoridades revolucionárias começaram a se preocupar com a sua regulação definindo, então, a radiodifusão como serviço de interesse nacional e de finalidade educativa. Um ano depois, através do Decreto no 21.111, de 1o de março de 1932, autorizou a veiculação de propaganda, limitada a 10% do tempo de transmissão (JAMBEIRO, 2004, p.50)

Ortriwano (1985, p.60) enfatiza que o rádio também é usado como instrumento de “doutrinação ideológica”. Farias e Soares (2018, p, 83) corroboram com essa tese ao afirmarem que o rádio, diferente da velha máxima de que é voltado apenas para o lazer, é sim um instrumento de “controle e doutrinação de massas”, usado por quem detém o poder. Tanto é que no governo de Vargas, além de A Hora do Brasil (atualmente A Voz do Brasil), programa criado em 1938, irradiado para todas as emissoras e veiculado em cadeia nacional, com o intuito de levar às pessoas informações sobre os atos governamentais, o rádio era também usado para levar à

população conteúdo educativo por meio de “palestras com temas escolhidos pelo governo” (FARIA e SOARES, 2018, p.84).

Esse conteúdo homogeneizado, que na visão do governo, era de cunho educativo, chegava aos quatro cantos do país, mesmo que os assuntos fossem díspares às realidades locais e não se levasse em conta a pluralidade cultural das regiões. Pior que isso, usava o rádio para intentar contra a democracia ao dizer que o Congresso Nacional era dispendioso aos cofres públicos. E essa herança Vargasista do uso político do rádio é latente nos dias atuais, como verbalizam Faria e Soares

O rádio transformou a política em uma espécie de show de sombras onde somente é passível de se enxergar os vultos funestos de um palco improvisado, e onde nunca são vistos os detalhes por detrás dos bastidores, artistas que realmente comandam e encenam e não aparecem para receber os aplausos ou vaias [...] A população passou a ser uma turba de votantes que se conduzia serenamente às urnas pelas ordens dadas pelo rádio (FARIAS e SOARES, 2018, p.85-86)

Na Amazônia, como sustenta Castro (2012), os meios de comunicação são veículos de reprodução social dentro da lógica do sistema político e monetário, com o intuito de manter a hegemonia da economia política da comunicação.

A atuação das empresas é sistêmica – ou seja, obedece a um padrão de atuação escalonada e hierarquizada. A matéria-prima dessa atuação é a distribuição da informação. A equação é simples: quanto maior o poder de difusão, de atuação em rede, maior o capital essencial do setor, que é o capital comunicacional (CASTRO, 2012, p. 439)

Como se observa, o rádio está presente no imaginário das pessoas, cujo imaginário pode ser também manipulado por aqueles que estão à frente de uma programação, os quais seguem as diretrizes editoriais da organização da empresa. Em geral, a linha editorial adotada pelos meios de comunicação tem, sim, um valor agregado à realidade comercial, que conseqüentemente está atrelada uma questão política. Após esse breve levantamento do surgimento do rádio na Amazônia, vamos mostrar um pouco da chegada do rádio em Roraima.

2 O RÁDIO EM RORAIMA

2.1 CONTEXTO GEOGRÁFICO E SOCIAL DO TERRITÓRIO DO RIO BRANCO EM 1955

O filósofo francês Blaise Pascal, citado por Morin (2005, p.181), dizia: "Só posso compreender um todo se conheço, especificamente, as partes, mas só posso compreender as partes se conhecer o todo". Morin (2005, p.182) traduziu esse círculo vicioso explicando que "a inteligibilidade dos fenômenos globais ou gerais necessita de circuitos e de um vaivém entre os pontos individuais e o conjunto".

Pois bem, com base nesta lógica, para entender os fenômenos sociais e políticos de Roraima vamos fazer uma retrospectiva desta região na segunda metade do século XX. Mas antes disso, para clarear ainda mais as ideias e saber em que terreno estamos pisando voltaremos ao século XVIII, quando, segundo Gomes (2020), deu início a formação sociocultural de Roraima, a qual está relacionada a duas vertentes regionais:

A Amazônia Caribenha e Circum-Roraima, que dialogam e se inter cruzam na formação histórica e sociocultural da região. É uma região de plurais relações socioculturais e narrativas híbridas entre as experiências de vida indígena e da sociedade nacional (OLIVEIRA, 2020, p.16)

Foi neste período que chegaram os primeiros imigrantes e se introduziu a pecuária na região. Posteriormente ocorreram novos fluxos migratórios, de todas as partes do país, mas sendo o maior contingente, o de nordestinos que aportaram na região fugindo da crise do ciclo da borracha no Amazonas e, mais adiante em busca do sonhado eldorado, eclodindo o garimpo nas terras de Macunaíma, apesar de que a atividade garimpeira já existia desde 1910 (SILVA, 2007).

Na década de 1950, ainda com o nome de Território do Rio Branco, esse pedaço de solo mais setentrional do Brasil contabilizava 17.623 habitantes, segundo dados do IBGE⁴. Se no restante do país essa década foi marcada por fortes acontecimentos políticos envolvendo governos populistas e conservadores, que resultou no suicídio de Vargas 1954, e na substituição de três presidentes, enquanto Juscelino Kubitschek não assumia o cargo, com o lema "50 anos e cinco anos", por

4 https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v9_territorio_rio_branco.pdf

essas paragens, respirava-se a continuidade do projeto de urbanização fecundado em 1944, pelo governador Capitão Êne Garcez dos Reis.

FIGURA 02 – Visão aérea do Território em 1950



Fonte: Acervo Instituto Aimberê

O pontapé inicial para o progresso da região foi iniciado pelo engenheiro Darcy Aleixo Derengusson, que veio do Rio de Janeiro para projetar a capital em formato radiocêntrico (SILVA, 2007), cuja modernização das estruturas governamentais e privadas tiveram impulso nas décadas de 50 e 60, como relembra Gomes,

Nesse empreendimento modernizador, surgiram escolas, hospital, aeroporto, ampliando-se o comércio e o surgimento de carros de aluguel [...] As equipes executavam o serviço topográfico, de saneamento, ou do traçado das novas e amplas avenidas [...] O comércio era desenvolvido por familiares, ou compadres, ou afilhados dos fazendeiros, que, historicamente, vinham exercendo o poder político e econômico da região do rio Branco desde a segunda metade do século XVIII. (OLIVEIRA, 2020, p.50)

FIGURA 03– Imagem da cidade após as primeiras transformações em 1950



Fonte: Acervo pessoal Waldir Paixão

2.2 A SOCIEDADE E A POLÍTICA RORAIMENSE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Até 1943, a região era província do Estado do Amazonas, portanto sob aquela jurisdição, o que fazia com que todos os atos administrativos e políticos fossem subordinados a quem governava o Estado (VERAS, 2009). A partir do Decreto-lei nº 5.812 de 13 de setembro de 1943, a região foi desmembrada do Amazonas e passou a ser Território Federal do Rio Branco; posteriormente, em 1962 mudou para Território Federal de Roraima; em 1988 se tornou unidade da Federação.

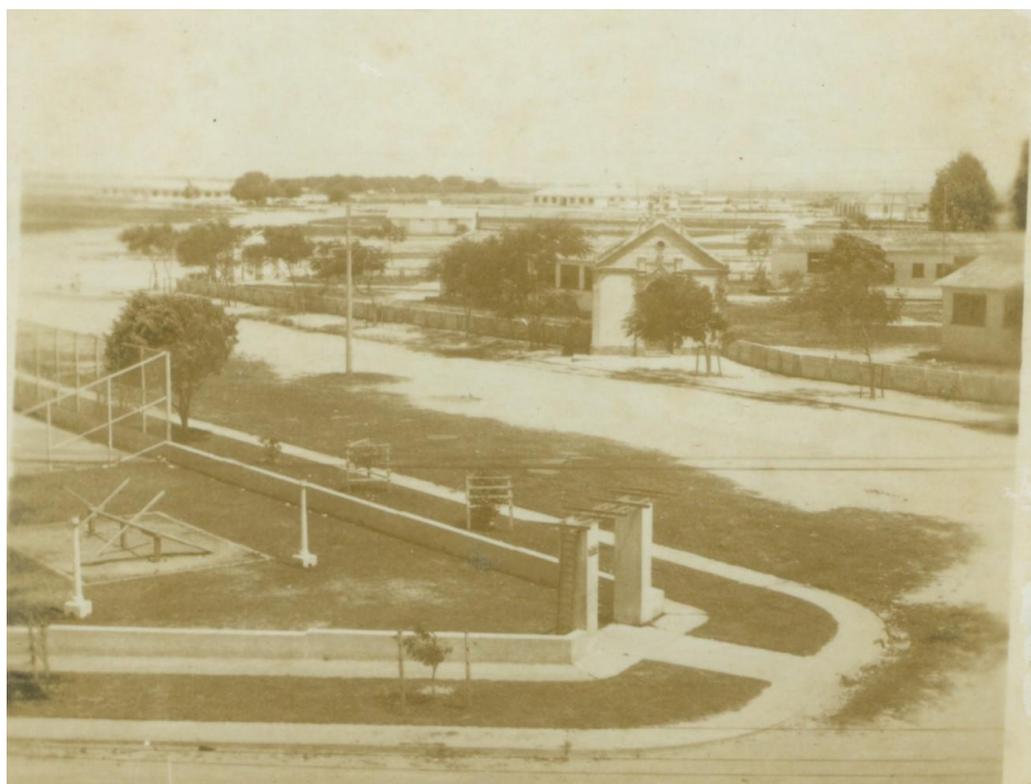
Até essa última data, todos os 27 governadores de Roraima foram nomeados pelo governo federal, que definia os governantes conforme os interesses políticos de quem estava no poder.

Dois deles, Ottomar de Souza Pinto e Romero Jucá, retornaram para a história política de Roraima após a emancipação do Estado, quando ocorreu a primeira eleição geral, em 1990, e os ânimos políticos se acirraram.

Ottomar foi eleito o primeiro governador do Estado, foi prefeito e novamente assumiu a cadeira de governador em 2004, após Flamarion Portela ser cassado pela Justiça, por uso da administração pública na eleição de 2002. Foi reeleito governador, deixando o cargo por falecimento em 2007; enquanto que Romero Jucá exerceu o mandato de senador de 1995-2019, ficando no poder 24 anos, e até o presente, apesar de não ser detentor de mandato eletivo, ainda não saiu da cena política.

Na pacata Boa Vista de 1950, a vida social, política, econômica e administrativa acontecia nos arredores da Praça Capitão Clóvis, localizada no centro da Cidade, que nos relatos de OLIVEIRA (2020) e do autor roraimense e historiador Waldir Paixão Rodrigues (2021), que explica em seu livro “Memória: fatos e histórias”, que o Território contava apenas com três a quatro ruas, sendo as principais, Floriano Peixoto, Bento Brasil e Sebastião Diniz.

FIGURA 04– Praça Capitão Clóvis em 1950, onde se concentrava a população para ouvir as notícias do Alto Falante



Fonte: Acervo pessoal Waldir Paixão

O lazer do roraimense era o futebol, o Cine Boa Vista e o Cine Olímpia, os encontros em torno das celebrações e arraiais na Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo. A respeito da Igreja Matriz, Silva (2022) destaca que,

O espaço em torno da Igreja não era somente usado para eventos religiosos, mas também como um lugar de encontros, festejos, comemorações, assim como servia para a recepção de políticos, entre outros eventos, ou seja, era um espaço que permitia ampla socialização da população local. (SILVA, 2022, p. 61 e 62)

Outra diversão eram as novidades, como miudezas em geral, os tecidos trazidos da ex-Guiana Britânica, e a animação dos estudantes da Escola São José e do Ginásio Euclides da Cunha (GEC). Oliveira (2020, p.71) lembra que o “rádio era bastante usado nas residências mais abastadas, e no Moura Bar, por exemplo, o rádio era uma das atrações para os ouvintes e clientes. A programação radiofônica era liderada pela BBC de Londres, ou Voz do Brasil, com notícias e músicas”.

Nesta década de 50, o roraimense também tinha como fonte de informação o jornal impresso chamado de *O Átomo*, que circulou de 1953 a 1956 e que tinha como finalidade ser oposição ao governo do Território (CORREIA, 2021).

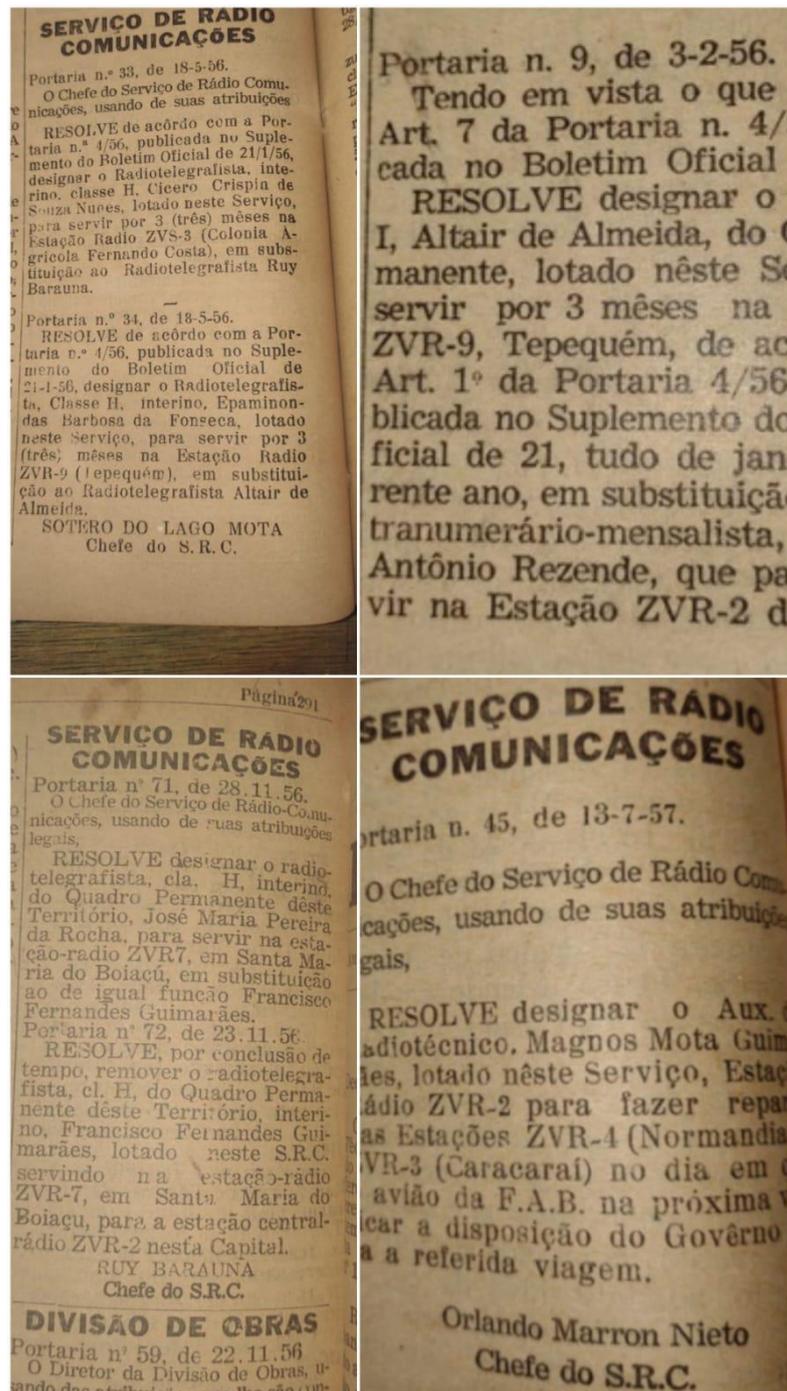
Mas quando falamos do Brasil de 1950, em que o rádio já havia se popularizado e estava na fase de experimentar um breve declínio com o advento da televisão, é preciso ficar claro que nessa época não são todos os cantos do país, nem tão pouco todos os brasis que tinham acesso à radiodifusão. Em Roraima, poucos possuíam aparelhos radiofônicos e tinham acesso às estações de outros Estados e países. Na época do Território Federal do Rio Branco era explorado o Serviço de Radiotelegrafia, desde 1945 e de alto-falantes, como mostram escritores de Roraima e os boletins oficiais do território do Rio Branco (PAIXÃO, 2021).

Engana-se quem acha que o Serviço de Radiotelegrafia se limitava à capital, que era atendida pela estação ZVR-2, deixando sem acesso os longínquos rincões. Nas pesquisas exploratórias feitas nos jornais e diários oficiais do território, identifica-se que o serviço abrangia os pontos estratégicos da região, locais bem situados do ponto de vista demográfico, como Caracaraí, Normandia, Vila Pereira, hoje município de Pacaraima, Colônia Agrícola Fernando Costa, atualmente município de Mucajaí, Mutum, em Uiramutã, Surumu, que faz parte de Pacaraima.

As imagens selecionadas na Figura 5 têm o intuito de mostrar que se dispunha de um serviço de comunicação que estava disponível nos quatro pontos cardeais da

região. Nelas estão descritas a designação e o deslocamento dos radioamadores para prestarem serviço nas localidades, inclusive nas de difícil acesso, como Santa Maria do Boiaçu, no município de Rorainópolis, sul do Estado, a 296 quilômetros da capital. Neste local ficava a estação de rádio ZVR-7.

FIGURA 05- Recortes mostram o alcance da comunicação por radiotelegrafia no território com a nomeação de servidores em vários municípios



Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Roraima – Boletim Oficial do Território

Havia estação de Radiotelegrafia ZVR-3, no município de Caracaraí, a 190 quilômetros de Boa Vista; e ZVR-4 em Normandia, na época apenas uma localidade a 180 quilômetros da capital; ZVR-5 em Vila Pereira, hoje município de Pacaraima, a 205 quilômetros de Boa Vista; ZVS-3 na Colônia Agrícola Fernando Costa, atualmente município de Mucajaí, a 33 quilômetros da capital; ZVR-4 no Mutum, em Uiramutã, ao Norte do Estado, a 319 quilômetros da capital; ZVR-5, em Surumu, que faz parte da circunscrição de Pacaraima, como mostram as portarias nº 09 de 3 de fevereiro de 1956; nº 33 de 18 de maio 1956; nº 45 de 13 de julho de 1957; e a nº 71 de 28 de novembro de 1956, todas publicadas no Boletim Oficial do ano XII, nº 07, 22, 38 e 72, respectivamente.

FIGURA 06 - Localização dos municípios com a cobertura do serviço e as estações.

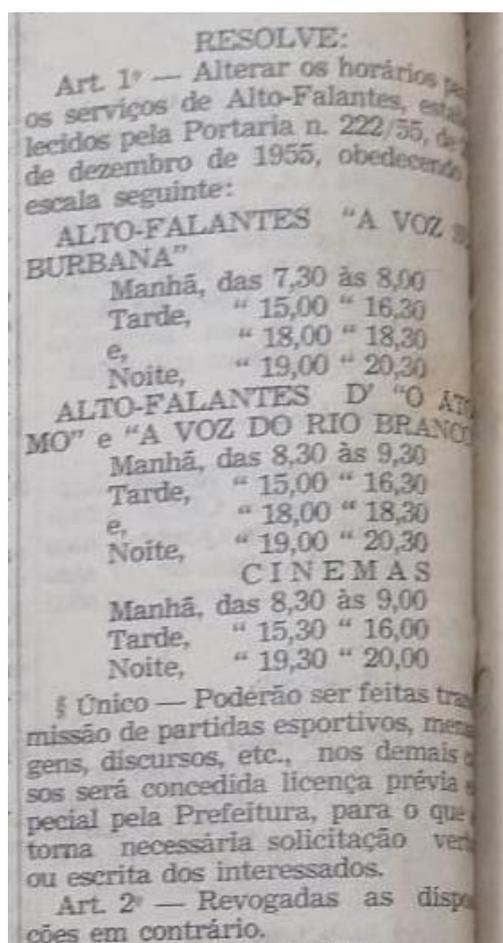


Fonte: Própria

2.3 RADIODIFUSÃO SONORA NO TERRITÓRIO E OS ALTO-FALANTES

Os serviços de alto-falantes também eram comuns na cidade de Boa Vista. Três deles tinham grande repercussão no território e eram regulamentados pela administração territorial, apesar de serem de propriedade particular, ofertados à população, eles recebiam o respaldo, mas sobretudo, o controle e a fiscalização da administração pública. Na Portaria nº 31, com data de expedição de 13 de janeiro de 1956 publicada no Boletim Oficial do Ano XII, nº 03, do dia 21 de janeiro de 1956, na página 16, foram alterados os horários dos funcionamentos dos alto-falantes denominados de A Voz Suburbana, A Voz do Rio Branco e de O Átomo, conforme mostra a imagem abaixo.

FIGURA 07 - Portaria 31 de 21.01.1956, pag.16, que mostra as alterações no horário de funcionamento do Serviço de Alto-falante



Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Roraima – Boletim Oficial do território

A administração pública alterou o horário de funcionamento desses serviços com base nas justificativas dos próprios empresários do setor. De um lado está a alegação dos proprietários falando da necessidade de um estudo para realização dos serviços. Do outro, está a ‘mão’ governamental acatando, em parte, o documento memorial entregue à Prefeitura de Boa Vista, e determinando os novos horários, ressaltando como justificativa a não perturbação em “função das aulas ministradas no Grupo Escolar “Professor Diomedes””, bem como “acautelando-se o sossego público”.

FIGURA 08 - Portaria 30 de 11.01.1956, pag.16, que fala sobre o documento memorial pedindo alterações no horário do Serviço de Alto-falante



Há registros também do serviço de alto-falantes do Governo que funcionava na caixa d'água e divulgava as ações governamentais, além de fazer o serviço de utilidade pública e levar entretenimento para a população. O nome “Caixa d'água” foi dado pela população porque o alto-falante funcionava, de fato, em cima de uma caixa d'água que ficava localizada na Avenida Getúlio Vargas, onde atualmente funciona uma agência da Caixa Econômica Federal (CEF).

FIGURA 09 – Alto-falante do Governo do Território, que funcionava em cima da Caixa da Água



Fonte: Acervo pessoal Waldir Paixão

Há muitas histórias sobre esse alto-falante institucional, que nos finais de tarde reunia a população nas proximidades para ouvir as notícias. Uma dessas histórias que ficou registrada na memória dos roraimenses que vivenciaram esse período, e que sempre que há oportunidade relembram do episódio arrancando risadas dos ouvem a história, é sobre o anúncio das nomeações e exonerações que ocorriam na administração pública. É que todas as vezes que uma pessoa era exonerada, os ouvintes, em tom de gracejo, diziam, “fulano ‘caiu’ da caixa d'água” (CÂNDIDO, 2020).

2.4 PRIMEIROS SINAIS RADIOFÔNICOS GENUINAMENTE RORAIMENSE

A programação radiofônica mencionada pelo historiador e outros autores, como o radioamador Waldir Paixão (2021) e o jornalista Laucides Oliveira (2007), era de emissoras do Estado do Amazonas e até de outros países, como a BBC de Londres, como já anteriormente citado. O relato ocorrido entre os anos de 1950-1951 exemplifica essa relação com o Estado vizinho:

Meu filho, quando você voltar da aula, por favor, não esqueça de ligar o rádio na Rádio Difusora do Amazonas [...] E para surpresa e tristeza nossa, o primeiro recado do Mensageiro do Interior foi dirigido justamente à nossa família [...] Para Nely Paixão, em Boa Vista do Rio Branco... sua família avisa que seu pai, João Manuel da Paixão, faleceu hoje em Manaus e seu corpo foi sepultado no Cemitério São João Batista. (PAIXÃO, 2021, p.92)

O autor também lembra como eram os meios de comunicação na época do Território do Rio Branco na primeira metade da década de 50 do século XX, e como funcionava a vida festiva na cidade de Boa Vista:

Diariamente, com um programa no melhor padrão radiofônico da época, levávamos ao ar o “Música de Tio Sam” – eu próprio o produzia e apresentava – rodando meus discos. Novos e recentes sucessos que eu trouxera comigo do Rio de Janeiro. E inseria comentários sobre músicas e notícias do cinema [...] imagine-se a sua audiência junto a uma população sem rádio, sem jornais e também quase sem discos (OLIVEIRA, 2007, p.91)

Mas a história da primeira rádio genuinamente roraimense, a Rádio Difusora de Roraima, desde a fundação até a 1991, quando ocorreu a efetiva implantação do Estado de Roraima, com a criação dos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário, é o que move essa dissertação. E como as literaturas relacionadas à Rádio Difusora de Roraima são recortes, compilar essa história é uma forma de preservar não somente a memória deste meio de comunicação, mas a própria história da comunicação no Estado e valorizar aqueles que fizeram parte desta caminhada.

Nas idas e vindas da pesquisa exploratória descobriu-se que a primeira outorga da Rádio Difusora de Roraima data de 3 de janeiro de 1955. O fato de a emissora ter recebido a concessão de outorga em 1955, não significa dizer que começou a operar antes ou logo depois desta data. Mas a data fez pairar as seguintes dúvidas: Será que antes do dia da inauguração oficial da Rádio Difusora de Roraima, a emissora

funcionou em caráter experimental? Por quanto tempo? Qual era a programação? E a frequência no início, era AM ou OT?

Em pesquisa preliminar feita junto aos periódicos, consultados durante o período de 1950 a 1957, apurou-se que antes da chegada da Rádio Difusora de Roraima já existia outra rádio, também chamada de Rádio Roraima, que funcionava no antigo Teatro Carlos Gomes, bem antes de Juscelino Kubitschek visitar pela primeira vez o território, em campanha política.

Segundo a jornalista Lana Francis (2010)⁵, numa pesquisa feita para a disciplina Metodologia da Pesquisa em Comunicação, ministrada pelo professor Maurício Zouein para curso de Comunicação da UFRR, o radiotécnico Domingos Leitão foi o idealizador da primeira rádio. A pesquisa foi publicada em um blog e traz as seguintes informações:

Domingos Leitão é um paraense que fez história em Roraima, quando chegou em Boa Vista a cidade pacata não contava com a tecnologia radiofônica, Domingos aplicou seus conhecimentos adquiridos em um curso de Radiotécnico em experiências que chamaram a atenção de toda a população. Um transmissor criado por ele foi instalado no Hotel Boa Vista, atual Aipana Plaza, onde mais tarde seria a base da primeira rádio roraimense, batizada pelo próprio de Rádio Roraima.(FRANCIS, 2010)

O curso dava direito, além do certificado, a um transmissor, que ele montou e pôs em funcionamento. Essa mesma história também é contada pelo escritor Waldir Paixão e pelo radialista e historiador Francisco Cândido. Este último, descreveu na coluna Minha Rua Fala, publicada no jornal *Folha de Boa Vista*⁶

O radiotécnico Domingos Ayres Leitão foi um dos pioneiros na área das telecomunicações em Roraima. Em 1956 criou a primeira estação de Rádio em Boa Vista, a Rádio Roraima, num experimento realizado inicialmente em um dos apartamentos do Hotel Boa Vista (hoje o Aipana Plaza Hotel), e depois participou, com os radiotécnicos Adail Maduro e Magnos Mota Guimarães, da montagem oficial da emissora. (CÂNDIDO, 2019)

Essas lacunas, contadas em recortes, que envolvem a história da radiodifusão em Roraima e que serão cruzadas com os relatos a partir das entrevistas, são importantes para entender a trajetória da radiodifusão no Estado e fazer jus ao pioneirismo do eletrotécnico Domingos Leitão.

5 <http://mpescom1.blogspot.com/2010/11/radio-roraima-e-sua-historia.html>
6 <https://folhabv.com.br/coluna/8/minha-rua-fala>

FIGURA 10 – Fotografia do Radiotécnico Domingos Ayres Leitão, registrada em 1956



Fonte: Acervo pessoal Waldir Paixão

A história de Domingos Leitão muito lembra a polêmica envolvendo o precursor das telecomunicações sobre a invenção do rádio, que é atribuída ao italiano Guglielmo Marconi, registrada oficialmente em 1896, mesmo tendo sido o padre gaúcho Roberto Landel de Moura, que percebeu em 1891, que ondas curtas têm alta frequência e que, portanto, são mais adequadas para transmissões em longas distâncias, fato corroborado depois de 30 anos, na década de 1920 (AGÊNCIA BRASIL, 2014).

Então se questiona: A história de Domingos Leitão, onde está situada neste contexto radiofônico roraimense? Em uma das literaturas de escritores roraimenses, consta que Juscelino Kubitschek esteve pela primeira vez em solo boa-vistense no dia 17 de janeiro de 1955, durante campanha política. Segundo os relatos de Oliveira (2007), a instalação da Rádio Difusora de Roraima teria sido fruto de uma promessa eleitoral do ex-presidente da República Juscelino Kubitschek, quando esteve em solo macuxi durante campanha política em 1955.

Papai entusiasmado conta-me da visita de campanha a Boa Vista de seu primo Juscelino Kubitschek, candidato à presidência da República [...] JK conquistou todo o Território [...] Perguntou – a um e a outro – sobre as

necessidades do Território, e prometeu, logo para os primeiros meses de seu governo - pois seria eleito, não tinha dúvida – uma emissora de rádio e uma usina elétrica para Boa Vista (OLIVEIRA, 2007, p. 100/101)

Mas registros jornalísticos do jornal *O Átomo*, publicados em 1955, afirmam que Kubitschek, durante as duas visitas ao território, nos dias 17 de janeiro e 05 de abril de 1955, sendo a primeira visita na pré-campanha e a segunda durante a campanha quando o nome dele já havia sido aprovado em convenção, limitara-se a prometer apoio à agropecuária e a abertura de estradas para escoamento da produção, caso ganhasse as eleições, o que parece para esta autora, coerente com o lema do seu governo, que investia em infraestrutura.

Acredita-se que politicamente o desejo de trazer uma emissora para o Estado tenha passado pelo olhar de quem estava no poder em 1954, Getúlio Dornelles Vargas, que ampliou o acesso do rádio a partir de 1931 quando regulamentou a publicidade, popularizando o acesso à radiodifusão, estimulando o consumo promovido pela indústria cultural (MUSTAFÁ, 2014). O mesmo Getúlio, que enxergou na radiodifusão um instrumento político para atingir as massas, como mostra Chauí.

O uso político do rádio esteve voltado para a reprodução de discursos, mensagens e notícias oficiais. Em 1931, foi criado o programa “Hora do Brasil”, reestruturado em 1939, após a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). O programa tinha três finalidades: informativa, cultural e cívica. Divulgava discursos oficiais e atos do governo, procurava estimular o gosto pelas artes populares e exaltava o patriotismo, rememorando os feitos gloriosos do passado (CHAUI, 2000. p.37).

Se teve ou não o *dedo* de Getúlio Vargas, é certo que interesses políticos mediaram as primeiras tratativas para a chegada da emissora radiofônica no Estado.

Na época de Vargas, o rádio foi utilizado como um *braço direito* e a voz das políticas do Governo Federal do País e, principalmente, da Amazônia. E nos locais onde não existia uma estação radiofônica, o governo de Vargas determinava que fossem instalados alto-falantes, conforme deixou claro em mensagem enviada ao Congresso Nacional em 1º de maio de 1937, para que a política governamental chegasse em todos os rincões

O governo da União procurará entender a propósito, com os Estados e municípios, de modo que, mesmo nas pequenas aglomerações, sejam instalados rádios receptores, providos de alto-falantes, em condições de facilitar a todos os brasileiros, sem distinção de sexo e nem de idade, momentos de educação política e social, informes úteis aos seus negócios e toda a sorte de notícias tendentes a entrelaçar os interesses diversos da nação. A iniciativa mais se recomenda quando consideramos o fato de não

existir no Brasil imprensa de divulgação nacional. São diversas e distantes [z]ondas do interior e a maioria delas dispões de imprensa própria, veiculando apenas as notícias de caráter regional. À radiotelefonia está reservado o papel de interessar todos por tudo quanto se passa no Brasil (CARMONA, LEITE, 1981, p. 128).

É claro que o rádio tem, desde quando foi criado, a missão de informar, entreter e educar. Porém, deve-se destacar ser também usado para reforço e manutenção do poder vigente. A partir desse referencial sobre a implantação do Rádio na Amazônia e a chegada da radiofonia em Roraima, passa-se as escolhas para a metodologia deste trabalho.

3 AS ESCOLHAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A metodologia escolhida foi a cartografia, a partir do objetivo geral de contar por meio das lembranças e memória desses agentes, as transformações e os atravessamentos políticos que fizeram parte da construção da história da Rádio Difusora de Roraima no período de 1957 a 1991.

A cartografia apareceu em minha vida em uma disciplina compartilhada entre programas de pós-graduação de todas as regiões do país, em uma palestra sobre Cartografias e epistemologias das territorialidades na comunicação, onde foram abordados temas como o de pensar a metodologia da pesquisa por vertentes diferentes, ou seja, o repensar maneiras tradicionais de fazer pesquisa; e não menos importante, a utilização da cartografia como perspectiva metodológica, colocando em prática um conhecimento que não seja apenas o ensinado na academia, mas o que valoriza a experiência e as produções da subjetividade do indivíduo (AGUIAR 2021).

Definida a cartografia para o desenvolvimento do trabalho, as demais etapas envolvem a pesquisa bibliográfica, análise documental, a entrevista na perspectiva do manejo cartográfico e a posterior análise do material coletado a partir da cartografia, procurando identificar por meio da oralidade como funcionava o rádio naquele período (GUATTARI, ROLNIK, 2011).

Na pesquisa bibliográfica foram selecionadas obras já publicadas para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa, na intenção de identificar trabalhos científicos já publicados sobre o objeto da pesquisa. Entre os instrumentos utilizados estão: livros, teses, dissertações, artigos científicos, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados. Fonseca (2002, p. 32) explica que a pesquisa bibliográfica é realizada “[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”.

Parecida com a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental recorreu a fontes mais diversificadas e dispersas, mas sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

Seguindo o caminho da pesquisa, chegou a vez da entrevista que foi associada à metodologia principal desse trabalho, que é a cartografia. É importante registrar que a coleta de dados sobre o surgimento da Rádio Roraima no período do território em

Roraima vinha ocorrendo mesmo antes do ingresso no mestrado. Nossa proposta foi entrevistar os profissionais que passaram pela Rádio nesse período, na intenção de construir esse fazer jornalístico por meio da oralidade.

Silvia Tedesco, Cristian Sade e Luciana Caliman, no segundo volume do livro *Pistas do método da cartografia*, afirmaram que a cartografia tem interesse em pesquisar a experiência, as dinâmicas dos encontros e atravessamentos, bem como os processos, e para capturar a essência desses acontecimentos, a entrevista seria um dos instrumentos mais adequados.

Ao assumir um aspecto qualitativo, em forma de conversa com um roteiro de perguntas que podem ser alteradas e adaptadas a cada situação, a entrevista de manejo cartográfico valoriza a experiência dos entrevistados. A aplicação da entrevista não se restringiu a perguntas e respostas, mas extrapolou o campo da percepção e da apreensão de todas as forças coletivas envolvidas (CALIMAN; 2014).

Ainda segundo Tedesco, Sade e Caliman (2014), o manejo cartográfico não tem a intenção de representar a informação proveniente da fala das entrevistas, mas sim descrever a experiência compartilhada de entrevistador e entrevistado somado as forças coletivas atuantes. Na entrevista, há dois tipos de experiência, a “experiência vivida” (no qual o entrevistado expressa suas emoções contando suas histórias de vida) e a experiência “pré-refletida” ou “ontológica” (que postula o que já é conhecido, referente a processualidade e ao coletivo de forças representacionais).

Ao associar a entrevista com a perspectiva do manejo cartográfico, a intenção foi que ela aconteça em forma de diálogo e não inquisição, ou de maneira fria, pois como afirma Austin (1990), a entrevista na cartografia não quer tão somente a informação, ou seja, o conteúdo dito pelo entrevistado, mas sim o acesso à experiência nas dimensões de forma e de forças, de modo que a fala fosse acompanhada como emergência na experiência e não como representação. No último percurso da metodologia, foi feita a análise das entrevistas a partir da cartografia.

3.1 CARTOGRAFIA COMO PERSPECTIVA METODOLÓGICA: DESAFIOS E POTENCIALIDADES

A proposta de cartografia como perspectiva metodológica envolve pensar a metodologia da pesquisa por vertentes diferentes, ou seja, o repensar as maneiras tradicionais de fazer pesquisa; e não menos importante, a utilização da cartografia

como perspectiva metodológica, colocando em prática um conhecimento que não seja apenas o ensinado na academia, mas valorizando a experiência do indivíduo. Como destaca Pozzana e Kastrup (2009), cartografar é acompanhar processos.

Deleuze e Guattari (1995) apontam que a cartografia faz com que a pesquisa possa ser ligada em qualquer ponto, sem uma hierarquia (com início, meio e fim). O pesquisador sintoniza as conexões encontradas de acordo com a sua bagagem e o modo como organiza sua investigação. A meta é construir conhecimento a partir de um panorama comunicacional que considera movimentos e territórios peculiares, fazendo um trajeto de pesquisa com quatro “etapas do gesto atencional do cartógrafo”, conforme propostas de Virgínia Kastrup (2009): o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento.

Rolnik (2011) explica que diferente de um mapa, o ato de cartografar é compreender as paisagens nos seus acidentes, nas mutações, pois ela acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da terra – aqui, movimentos do desejo —, que vão transfigurando, imperceptivelmente, a paisagem vigente. Espera-se que ele esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e atento às linguagens que encontra no caminho, devorando elementos que lhe parecem possíveis para compor as cartografias que se fazem necessárias.

Rolnik considera a cartografia um método com duas funções: a primeira, de “detectar a paisagem, seus acidentes, suas mutações”; e a segunda, “ao mesmo tempo, criar vias de paisagens através deles”. (ROLNIK, 1987, p. 6). Já Virgínia Kastrup, a partir do encontro com Rolnik, que foi sua orientadora durante o doutoramento nos meados dos anos 1990, começa a trabalhar com a cartografia buscando pistas sobre esse método, “que vem sendo utilizado em pesquisas de campo voltadas para o estudo da subjetividade” e que visa acompanhar processo e não representar objeto (KASTRUP, 2009).

Como o pesquisador sintoniza as conexões encontradas de acordo com a sua bagagem e o modo como organiza sua investigação, faremos um trajeto de pesquisa utilizando as quatro “variedades do funcionamento atencional que fazem parte do trabalho do cartógrafo”, propostas por Virgínia Kastrup (2009, p. 40): o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento.

Na primeira fase nesse gesto atencional do cartógrafo, a do rastreio, ocorre uma varredura de campo, com o olhar mais panorâmico, sem conhecer de fato o que se procurava, mas com a intenção de localizar pistas. Para Kastrup (2009, p. 40).

“rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo”, e assim o alvo surgirá de modo imprevisível, sem que saibamos de onde.

Após o rastreio, vem o toque, no qual acontece a seleção do que nos interessa, do que nos fisga dentro do cenário investigado. É quando algo acontece e exige atenção, pois o “toque é percebido como uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção” e o “que se destaca não é propriamente uma figura, mas uma rugosidade, um elemento heterogêneo” (KASTRUP, 2009, p. 42).

Como essa rugosidade é de origem externa, uma vez que o que nos causa inquietação provém do ambiente, Rolnik (2006) afirma que a subjetividade do cartógrafo é afetada pelo mundo em sua dimensão de matéria força e não na dimensão de matéria-forma. Isso representa que a nossa atenção é acionada no nível das sensações e não no nível das percepções ou representações de objetos. Primeiro eu sinto e depois eu percebo.

Agora, o cartógrafo estará pronto para fazer o pouso, focando sua atenção sobre um ponto, que foi estimulado pela sua percepção, seja ela “visual, auditiva ou outra, realizando uma parada e o campo se fecha numa espécie de zoom” (KASTRUP, 2009, p.43).

Na quarta etapa, a do reconhecimento atento, é quando o campo de observação se reconfigura e o território começa a tomar forma, pois é nessa variedade atencional que o cartógrafo destaca os contornos singulares do objeto, ou seja, será o movimento de análise dos dados encontrados, de forma a fornecer resposta ao problema proposto.

Kastrup (2009) faz a diferença entre reconhecimento automático e reconhecimento atento. Ela afirma que o reconhecimento atento tem como traço marcante, nos reconduzir ao objeto para destacar seus contornos singulares. Nossa percepção nos leva às imagens do passado conservadas na memória, ao contrário do reconhecimento automático, em que ela é lançada para a ação futura, tendo como base e como alvo a ação. De maneira geral o reconhecimento é entendido como uma espécie de ponto de interseção entre a percepção e a memória. O presente vira passado, o conhecimento, reconhecimento.

Como exemplo do reconhecimento atento, Kastrup (2009) fala sobre o caminhar por um local conhecido, e que por isso, é natural o deslocamento rápido e sem dar atenção ao caminho percorrido.

Na primeira fase, a do rastreio, sem conhecer de fato o que se procurava, mas com a intenção de encontrar pistas, varrer o campo de opções para responder à pergunta de pesquisa, ocorreu a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, a pesquisa da pesquisa e a identificação dos jornais circulantes. Tudo isso ajudou a identificar o alvo que queríamos atingir.

Após o rastreio, veio a segunda etapa, a do toque, aquilo que nos chamou atenção no cenário investigado. O toque ocorreu em dois momentos: primeiro, o encontro de informações detalhadas sobre a rádio e algumas inéditas, compondo nosso corpus da pesquisa. E no segundo, com o mapeamento dos expedientes, notas, matérias publicadas e materiais encontrados na busca bibliográfica e pesquisa documental.

Na terceira etapa do gesto atencional construído, o pouso, depois de identificarmos parte do cenário e seus atores envolvidos, focamos nossa atenção na oralidade do processo. Para isso, foi aplicada a entrevista com manejo cartográfico em busca das nossas respostas.

Quando o campo de observação se reconfigura e o território começa a tomar forma, acontece a quarta e última variedade do gesto atencional, a do reconhecimento atento. Nessa variedade atencional do movimento de análise dos dados encontrados, de forma a fornecer resposta ao problema proposto,

Como a memória será o elemento fundamental para dar vida à história oral, um instrumento que serve para valorizar e registrar fatos históricos que não estão em documentos escritos, optou-se usar como teórico Meyhy (2022) que afirma que a história oral é uma “documentação viva”, que traz por meio da memória e da vivência “à experiência social de pessoas e de grupos”. Para contracenar com esse cenário no que tange as memórias, adotamos teóricos como Halbwachs (1990) Bosi (1995) e Le Goff (2000).

Selecionou-se fontes, levando-se em consideração, o envolvimento dos personagens com a rádio, a memória, a identidade e a subjetividade que estará presente nestes relatos que auxiliarão na produção do conhecimento. Entrevistou-se gestores, operadores de áudio, radialistas e ouvintes. Foram as fontes documentais e as entrevistas em profundidade que permitiram as análises dos fatos ou mitos relacionados à história da rádio, bem como mostraram fatos subjacentes na trajetória da emissora.

A contação de história exigiu paciência, estratégia, criatividade para envolver o entrevistado e conhecimento para juntar as pontas dos fios relativos ao assunto ao que se pretende escrever, a fim de que se tenha início, meio e fim e, de preferência, que prenda o leitor. Mais do que isso, o rigor do trabalho acadêmico exige que essa história seja pautada nos pressupostos teóricos que envolvem o assunto.

Por se tratar um de estudo que envolve política nacional e partidária, que usa os meios de comunicação como suporte para manutenção do poder, foi inevitável abordar a geopolítica da comunicação na Amazônia. Como afirma Castro (2012), tendo como base nos estudos de Bolaño (2008) a Economia Política da Comunicação na Amazônia funciona como jogos de poder para reproduzir a informação de forma sistêmica para garantir a hierarquização de quem está e dita as regras que devem ser postas em prática, para que a matéria-prima, que é a informação, tenha como foco a reprodução e manutenção do sistema social vigente.

3.2 LACUNAS, TÉCNICAS, SELEÇÃO DE FONTES, PERCURSO INVESTIGATIVO

O percurso do caminho cartográfico não foi e nem poderia ser linear, afinal, como afirma Rosário (2016), a relação do método com a metodologia é carregada de tensões que obriga o pesquisador a dar uma parada, voltar alguns passos, comparar documentos oficiais com aquele registro de dados feito no caderno da pesquisa de campo e com os relatos das fontes entrevistadas, e assim, fazer análises acerca das novas descobertas sobre o objeto de pesquisa, para poder seguir em frente. Esse movimento permite fugir da pesquisa cartesiana, ressignificando o método. Como reforça Rosário (2016, p.192), “o modo de ser da cartografia exige do investigador uma postura de explorador, de descobridor, de sujeito que, mesmo sem se desvincular do rigor científico, deixa evidente os caminhos desordenados do processo de pesquisa”.

Pois bem, nestas idas e vindas motivadas pelas lacunas da pesquisa, quase todos os caminhos necessitaram um volver, os quais merecem serem contados a fim de se entender o percurso feito pelo pesquisador. Após inúmeras buscas relativas à pesquisa de campo documental em Roraima, com resultados poucos satisfatórios, parti para instâncias superiores.

As primeiras buscas feitas junto ao Governo Federal trouxeram um alento, e ao mesmo tempo deixaram várias dúvidas, as quais me deram a certeza de que o

aprofundamento da pesquisa traria fatos que estão subjacentes na história da rádio. Assim se fez, e o resultado na primeira fase mostrou quão importante é juntar os pedaços para montar a história da Rádio Difusora de Roraima, que hoje é chamada Radioraima.

Na segunda fase se optou por entrevistar um grupo de pessoas que pudessem reavivar, a partir da memória individual e coletiva os acontecimentos relacionados à Rádio Roraima. Durante as entrevistas se focou nas experiências individuais vivenciadas pelos colaboradores, e nas memórias das vivências coletivas testemunhadas direta ou indiretamente, que tenham ligação direta com o objeto de estudo. Deu-se preferência para a exploração de fatos históricos que enaltecem a trajetória da rádio, bem como a ressignificação dessas memórias.

Inicialmente buscou-se entender a relação individual, e posteriormente, coletiva, de cada colaborador com a Rádio, o peso desse relacionamento, as contribuições na história da Rádio, bem com a representatividade da Rádio no espaço e no tempo não somente para eles, mas sobretudo numa leitura com resultados para sociedade roraimense.

As reminiscências da Rádio foram trabalhadas a partir dos episódios que os colaboradores julgaram importantes e que marcaram significativamente a história da Rádio, ainda que eles não tenham participado diretamente. Neste contexto é que a ressignificação dos fatos lembrados possibilita um olhar apurado dessa história vista pelo retrovisor, a partir das memórias, para que se faça uma releitura sob a ótica atual do espaço e do tempo.

Todos os relatos foram de fundamental importância e ao associá-los aos documentos encontrados no decorrer da pesquisa, possibilitaram a reconstituição da memória radiofônica da Rádio Difusora de Roraima.

Por ser parte da condição humana, impossível não haver, em determinados testemunhos, a evidente força da subjetividade, ou simplesmente uma pitada de fantasia, até pela emoção de recordar fatos que se tornaram inusitados na vida dessas pessoas.

Outra parte importante do processo foi que durante a análise dos dados, o material transcrito passou por um processo de textualização, recomendado por Gattaz (1996), no qual o texto deve se tornar claro e compreensível. As entonações enfáticas ou emocionadas, risos e gestos foram destacados mas sempre se buscando transmitir

e traduzir a atmosfera da entrevista, onde a emoção da linguagem falada não tem o mesmo valor da linguagem escrita.

Neste processo de textualização, alguns elementos foram trabalhados como a supressão de palavras repetidas e de cacofonias de linguagem, expressões usadas incorretamente, próprias da conversa informal. Em alguns casos, as repetições foram mantidas, principalmente quando usadas para enfatizar uma ideia. Pequenos acréscimos também foram realizados, de modo a tornar o texto mais claro ao leitor.

De acordo com Gattaz (1996), a textualização deve ser uma narrativa clara, onde são suprimidas as perguntas do entrevistador; e o texto deve ser “limpo”, “ enxuto” e “coerente” (o que não quer dizer que as ideias apresentadas pelo entrevistado sejam coerentes); sua leitura deve ser fácil, ou compreensível, o que não ocorre com a transcrição literal, apresentada por alguns historiadores como “fiel” ao depoimento, porém difícil de ser analisada como documento histórico.

As entrevistas trabalharam com a memória, práticas nas quais os entrevistados reconstruíram o passado sob a ótica do presente, registrando os acontecimentos em função da sua perspectiva atual. Na maioria das vezes, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Para Bosi (1995, p 55), “memória não é sonho, é trabalho e por isso é preciso duvidar da sobrevivência do passado ‘tal como foi’.

Portanto, a escolha do uso da história oral na cartografia foi para o emprego para assuntos ocorridos neste passado recente, em que a memória dos entrevistados fosse capaz de alcançar, estudando acontecimentos que tenham ocorrido em torno de 50 a 70 anos, entrevistando pessoas que deles participaram, como atores ou como testemunhas (ALBERTI, 1990).

4 A IMPLANTAÇÃO DA RÁDIO RORAIMA

4.1 PESQUISA DOCUMENTAL SOBRE A CHEGADA DA RÁDIO RORAIMA

A pesquisa de campo motiva vários questionamentos sobre a instalação da primeira rádio, tendo sido encontrado um emaranhado de fios que soltos não geram tensões, mas que ao conectá-los às relações políticas praticadas no território, não somente tensionam como revelam fatos que estão obscurecidos pelo tempo.

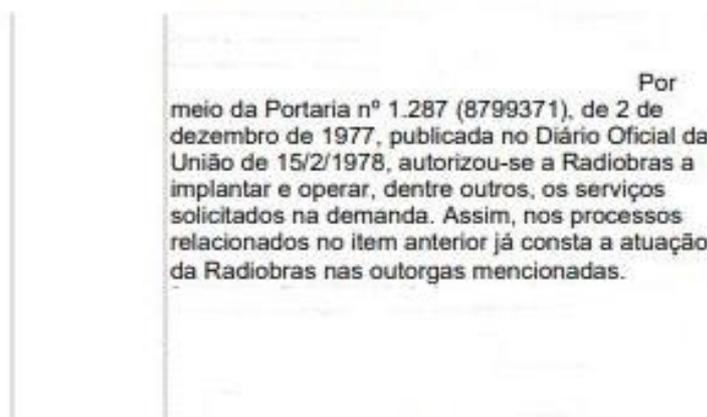
Nas primeiras buscas sobre o início das atividades da radiodifusão em Roraima, feitas junto ao Serviço de Informação ao Cidadão da Plataforma Integrada do Governo Federal, registrada sob protocolo nº 53125.001735/2021-43, de dezembro de 2021, a Secretaria de Radiodifusão do Ministério das Comunicações informou que existem dois processos que tramitam naquele órgão referente à emissora.

O primeiro processo (nº 29111.012030/1974-94 (8799321)) é referente ao serviço de radiodifusão sonora em OM; e o segundo (nº 29111.002964/1975-71 (8799337)), refere-se ao serviço em OT⁷, ambos dos anos de 1974 e 1975. A Secretaria de Radiodifusão explicou que a emissora foi repassada à Radiobrás (Empresa Brasileira de Comunicação S/A), sob o CNPJ nº 00.464.073/0001-34), por meio da Portaria nº 1.287 (8799371), de 2 de dezembro de 1977, publicada no Diário Oficial da União de 15/2/1978, conforme informou a Secretaria de Radiodifusão do Ministério das Comunicações na figura 11 a seguir.

⁷ OM-Ondas Médias e OT-Ondas Tropicais <https://radiodifusaoenegocios.com.br/radiodifusao/om-ondas-medias/8>

FIGURA 11 – Resposta do MCOM - Ministério das Comunicações sobre a Portaria nº 1.287 publicada no Diário Oficial da União de 15/2/1978

Plataforma Integrada de Ouvidoria e Acesso à Informação Detalhes da Manifestação



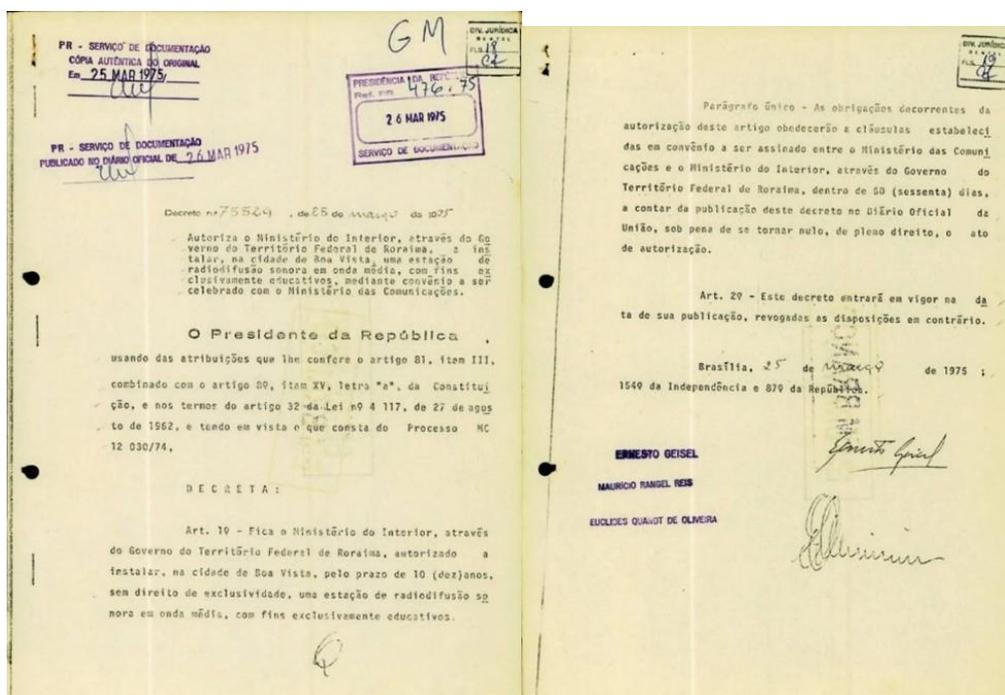
Fonte: Secretaria de Radiodifusão do Ministério das Comunicações

Com essa transferência, as outorgas ficaram sob a responsabilidade da Radiobrás até 30/3/1989, quando alienou os ativos da emissora referentes a esses serviços para o Governo do Estado de Roraima. No entanto, os serviços ainda permanecem em nome da antiga Radiobrás, que atualmente é a Empresa Brasil de Comunicação S.A. (EBC)

Atualmente, aguarda-se finalização dos processos de transferência direta para que as outorgas sejam regularizadas e os serviços passem a constar no nome do Governo do Estado de Roraima (por meio da Empresa Rádio e Televisão Difusora de Roraima – Rádioraima). (Pedido nº 53125.001735/2021-43 - Secretaria de Radiodifusão do Ministério das Comunicações, 27.12.2021)

Essa primeira informação suscitou mais dúvidas, porque se o Decreto de outorga era de 1975, levava-se a crer que a emissora havia funcionado 18 anos na clandestinidade, à margem da institucionalidade, haja vista que a data da inauguração propagada é 04 de janeiro de 1957. Diante da documentação, acatou-se que oficialmente a rádio passou a existir a partir de 1975, conforme o Decreto nº 75.5129 de 25 de março de 1975. Esse documento, disponível na figura 12 (a seguir), foi extraído da pesquisa de campo realizada junto à Secretaria de Radiodifusão do Ministério das Comunicações do governo federal no dia 21 de março de 2022.

FIGURA 12 - O Decreto nº 75.5129 de 25 de março de 1975 é o primeiro documento na frequência AM



Fonte: Secretaria de Radiodifusão do Ministério das Comunicações

Não satisfeita com a resposta, se recorreu pela segunda vez ao Serviço de Informação ao Cidadão na expectativa de exaurir, se não todas, pelo menos as principais dúvidas, e assim, deixar a consciência leve e livre para prosseguir na pesquisa sem mais tarde dizer “e se tivesse buscado mais...”.

Dessa vez se tentou saber qual a data do ato constitutivo originário da emissora, o número de matrícula que vincula às frequências Am-590 e OT-4875, bem como a partir de que data essas frequências AM-590 e OT-4.875 passaram a operar, se haviam operado em caráter experimental, por quanto tempo, em qual período. Solicitou-se também os documentos comprobatórios relativos a essas indagações. Novamente a resposta do Ministério das Comunicações não precisou a data do início das atividades, conforme detalhou no documento abaixo transcrito, que pode ser visualizado nas páginas anexas.

Na pesquisa direcionada à Telebras, se buscou documentos que comprovassem as datas em que a emissora começou a operar e, conseqüentemente, que foi inaugurada. Para isso foram elaboradas perguntas que pudessem subsidiar e clarear as histórias sobre a Rádio. Indagou-se, por exemplo, a data do ato constitutivo

originário da Rádio Difusora de Roraima. A resposta foi que: “em consulta aos processos relativos à entidade, não foi possível obter essa informação”. Perguntou-se também qual era o número de matrícula da Rádio Difusora de Roraima que vincula às frequências AM 590 Khz e OT 4.875, e obtivemos como resposta que o número do Fistel para esse serviço é 12008005674 e de 12008005593, respectivamente. Indagou-se, ainda, a partir de que data a frequência AM 590 KHz passou a operar, e a resposta foi que

A emissora havia sido outorgada por meio do Decreto nº 75.529, de 25 de março de 1975, e o convênio foi firmado em 13 de maio do mesmo ano, anexos. Após o envio da documentação técnica, o Poder Concedente emitiu a Portaria nº 661, de 27 de abril de 1976, que aprovou o local de instalação da emissora, anexo. De acordo com o Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963, com redação vigente àquela época, “Art. 36. A partir da data de publicação da Portaria que aprova as plantas, orçamentos e todas as demais especificações técnicas dos equipamentos, a concessionária ou permissionária deverá iniciar a execução dos serviços no prazo máximo de 2 (dois) anos”. No entanto, não é possível precisar a data em que a emissora iniciou o funcionamento (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DO MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO, 2022).

Quanto à data oficial em que a frequência OT 4.875 KHz passou a operar, a Secretaria de Radiodifusão do Ministério das Comunicações apenas informou que “a outorga foi concedida pelo Decreto nº 36.724, de 3 de janeiro de 1955, publicada no Diário Oficial da União de 6/1/1955”, mas que não era possível precisar a data do início das atividades.

Apesar de ter citado esse novo decreto, não enviou nos anexos da manifestação. Sem documentos comprobatórios e com o intuito de se obter informações relativas à operacionalidade da emissora, apelou-se para a terceira consulta junto ao Serviço de Informação ao Cidadão, e dessa vez, conforme mostra a figura 13 (a seguir) foi enviado o primeiro decreto de outorga, o qual descreve no artigo primeiro que,

Fica outorgada a concessão ao Governo do Território Federal do Rio Branco [...] para estabelecer, a título precário, na cidade de Boa Vista, do referido Território, sem direito de exclusividade, uma estação radiodifusora de frequência tropical (ondas intermediárias) destinada a executar o serviço de radiodifusão, que irradiará sob a denominação de “Radiodifusora de Roraima” (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DO MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO, 2022).

FIGURA 13 - Decreto nº 36.724, de 3 de janeiro de 1955, publicado no Diário Oficial da União do dia 5 de janeiro de 1955, assinado pelo presidente Café Filho



Fonte: Secretaria de Radiodifusão do Ministério das Comunicações

O documento de outorga datado de 1955 abriu um leque para se buscar outras histórias sobre a instalação da primeira emissora no extremo Norte do país, porém, via documentação, não foi possível descobrir mais detalhes acerca da operacionalidade da frequência em Ondas Tropicais. A expectativa é que mais informações fossem descobertas a partir das entrevistas com os informantes.

Outro detalhe que chama a atenção é que em janeiro de 1955 é fundado em Boa Vista *O Clube do Rádio*, conforme noticia o jornal impresso *O Átomo*, na página 3, da edição 000192. Essa data coincide com a data da outorga da frequência OT 4.875 Khz.

O Clube do Rádio foi fundado 12 dias após a publicação do Decreto, conforme mostra a figura 14 (a seguir). Essa imagem mostra que a diretoria era formada por sete pessoas: Dr. Jessy Nazareno de Brito - presidente de honra; Armindo Cardoso de Freitas - vice-presidente; Mario Abdala - 1º Secretário; Aquilino Duarte Filho - 2º Secretário; Sebastião dos Santos - Diretor de Publicidade; Elias Fraxe - Tesoureiro; e Maildes dos Santos - Tesoureiro adjunto e orador oficial

FIGURA 14 - Primeira diretoria do Clube do Rádio

Fundado o «Clube do Rádio», nesta capital

Recebemos a seguinte comunicação:
 — «Tenho a honra de comunicar a V. Excia. que em data de quatro (4) de Janeiro corrente, foi organizada pelos que exercem suas atividades nos Serviços de Radio Difusão nesta Cidade «O Clube do Rádio» o qual tem como membros de sua Diretoria Provisória:

Presidente de Honra: Ten. José Estevam Guimarães Junior

	DIRETORIA:
Presidente	Dr. Jessey Nazareno de Brito Nunes
Vice-Presidente	Sr. Armino Cardoso de Freitas
1º Secretario	Sr. Mario Abdala
2º Secretario	Sr. Aquilino Duarte Filho
Dir. Publicidade	Sr. Sebastião dos Santos
Tesoureiro	Sr. Elias Fraxe
Tesoureiro Adj.	Sr. Maildes dos Santos
Orador Oficial —	

Na expectativa de que a mesma contará com a valiosa acolhida de V. Excia. subscrevo-me atenciosamente».

Pela Diretoria — Mario Abdala
1º Secretário»

Fonte: Biblioteca Nacional – Jornal O Átomo, edição 192, pag. 16

Segundo Ortriwano (1985, p.14), a denominação de “clube” ou “sociedade” foi um termo comum usado na década de 20, que designava o nascimento dos “clubes e associações formadas pelos idealistas que acreditavam na potencialidade do novo meio”. Como se sabe, ainda na década de 20, após as primeiras transmissões radiofônicas nas comemorações do Centenário da Independência, no dia 7 de Setembro de 1922, o rádio se disseminou pelo país.

Inicialmente eram chamadas Rádio Clubes ou Sociedades, inclusive os ouvintes pagavam mensalidade, haja vista que o rádio não era um veículo popular, mas elitizado e, portanto, só tinha acesso quem tivesse poder aquisitivo para pagar pelo serviço ofertado (ORTRIWANO, 1985).

Além disso, para ouvir o rádio era necessário possuir um aparelho receptor, que implicava mais recursos para adquiri-lo, ratificando que esse meio de comunicação era para poucos afortunados. Intrigada com a história dessa outorga de 1955, cujo Decreto foi assinado pelo presidente da República Café Filho, um nome que ficou perdido na história da emissora, até então nunca mencionado pelos amantes do rádio em Roraima, mas que denota de uma grande importância para a história da

radiodifusão sonora, buscou-se novas pesquisas juntos aos jornais do Arquivo Nacional.

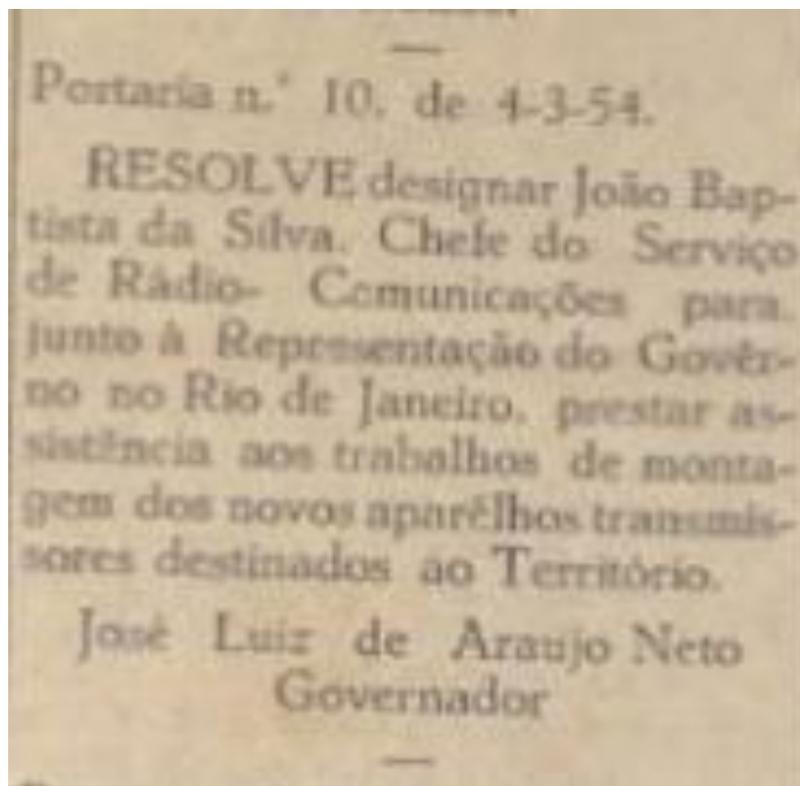
O Diário de Notícias do Rio de Janeiro, edição 09868, pag. 4, do dia 5 de janeiro de 1955, publicou os atos Governo Federal com o título “Decretos assinados, ontem, pelo chefe do Govêrno”, conforme figura 15 (a seguir), confirmando a outorga da rádio ao Território. Neste vai e vem da pesquisa, deparo-me ainda com uma crônica publicada em 1975, no *Jornal do Comércio*, em que traz um detalhe importante sobre o início das atividades da Rádio Roraima. Nela, o cronista José Cidade de Oliveira fala que a Rádio Roraima era subordinada à Imprensa Oficial, onde ele afirma ter sido diretor em 1953, quando o governador era Araújo Neto.

FIGURA 15 - Jornal do Comércio, Ed. 21.838, pag, 2 – Crônica de José Cidade indicando que a Rádio Roraima funcionava em 1953



Outro fato que também chamou bastante a atenção foram duas publicações no Boletim Oficial do Território do Rio Branco, em 1954. O primeiro registro é a Portaria 10 de 4 de março, mas publicada no dia 13 de março do referido ano, em que o governador da época, José Luiz de Araújo Neto, designa o chefe do Serviço de Radiocomunicações, João Baptista da Silva, para “junto à Representação do Govêrno no Rio de Janeiro, prestar assistência aos trabalhos de montagem dos novos aparêlhos transmissores destinados ao Território”.

FIGURA 16 - Portaria designando o chefe de Serviço de Radiocomunicações para avaliar os transmissores destinados ao Território



Fonte: Boletim Oficial do Território Ano XI (1954), Nº 10, pag. 53 –

A outra publicação, do dia 12 de junho do mesmo ano, traz o “Mapa de apuração das propostas para aquisição de uma estação de *broadcasting*⁸, de rádio difusão do Território” junto às empresas Provetone Rádio Ltda; A.M. Henriques & Cia; e J.D. Brandão.

⁸ *broadcasting* (do inglês *to broadcast*, "transmitir") é um método de transferência de mensagem para todos os receptores simultaneamente.

FIGURA 17 - Mapa de apuração das propostas para aquisição de uma estação de broadcasting, de rádio difusão do Território

TERRITÓRIO FEDERAL DO RIO BRANCO
SERVIÇO DE RÁDIO - COMUNICAÇÕES

MAPA de apuração das propostas para aquisição de uma estação de broadcasting, de rádio difusão do Território.

N.º de ordem	ESPECIFICAÇÃO DOS ARTIGOS	Unidade	Quantidade	PROPOSTAS			OBS.
				Provetone-Rádio Ltda.	A. M. Henriques & Cia.	J. D. Brandão	
1	Transmissor de broadcasting de 1KW *Provetone tipo BD-1000 W para frequência de 2 a 5,1 megaciclos, completo com equipamentos de estúdio e antena DELTA.	Um.	1	468.832,00	—	—	1.—Entregue no Rio no espaço de 70 dias
2	Transmissor de rádio-difusão de 1KW *Philips tipo 21-47B para frequência de 550 a 1.600 Quilociclos, completo com equipamentos de estúdios.	—	1	—	545.000,00	—	2.—Entregue em Manaus no espaço de 4 meses
3	Transmissor de rádio-difusão de 1KW *Philips tipo 2147-CI para onda intermediária, completo com equipamento de estúdio.	—	1	—	—	533.600,00	3.—Entregue no Rio ou S. Paulo no espaço de 60 dias

Boa Vista, em 20 de maio de 1954.

(aa) Ten. Sotero do Lago Mota,
Chefe do SRC—em exercício.

Confere com o original.
Em 9 de junho de 1954.

Nilda Gomes de Farias,
Escriturário.

Visto:
João Batista Afonso de Oliveira,
Oficial de Gabinete.

Fonte: Boletim Oficial do Território Ano XI, (1954) Nº 23, pag. 108

A proposta específica a aquisição de um transmissor de broadcasting de 1kW, da marca Provetone, tipo BD-1000 W, megaciclo, completo, com equipamentos de estúdio e antena Delta, um transmissor de radiodifusão de 1KW, da marca Philips, tipo 21-47B para frequência de 550-a 1.600 quilociclos, completo com equipamentos de estúdios. O terceiro item é um transmissor de radiodifusão de 1KW, de marca Philips, tipo 2147-CI para onda intermediária, completo com equipamento de estúdio.

A proposta da Provetone Rádio Ltda era a mais baixa, no valor de Cr\$ 468.832,00; A da empresa A.M. Henriques & Cia ficou em segundo lugar com o valor de Cr\$ 545.000,00; e a J.D. Brandão com o valor de Cr\$ 533.600,00.

Essa informação do Boletim Oficial também foi registrada pelo jornal *Boa Vista*, na edição 257 do dia 13 de junho de 1954, cuja manchete da página 4 dizia *Rádio Difusora Roraima*. O lead e o sublead da matéria dizem: “Encontram-se adiantados os estudos para a compra e instalação de uma estação emissora, pelo Govêrno deste Território, em Boa Vista. A futura difusora denominar-se-á «Roraima», título do atual Serviço de Alto-falantes e terá a potência de mil watts”. As informações podem ser conferidas na figura 18 (a seguir).

FIGURA 18 – Manchete sobre a “Rádio Difusora “Roraima”” no jornal Boa Vista em 1954



Fonte: Arquivo Digital da Biblioteca Nacional

Como se percebe existe um emaranhado de fios, que alguns momentos se entrelaçam e em outros se distanciam. Um resgate também importante feito neste contexto foi o mapeamento de quem dirigiu e gerenciou rádio neste período analisado na dissertação. Para melhor esclarecimento foi feito um quadro sobre esses diretores ano a ano.

QUADRO 1 - Quadro de diretores que passaram pela Rádio Roraima até os dias atuais

1953	11 de julho, Jornal Átomo, ed. 116 - Estava em experiência uma estação de rádio, montada pelo competente técnico Armino Freitas e negociada pelo professor Vidal Ferreira e capitão José Maria Barbosa
1953	Artigo do jornalista José Cidade de Oliveira no Jornal do Comércio, onde ele conta que foi diretor da Imprensa Oficial da Rádio Difusora de Roraima, na época em governador era Araújo Neto)

1954	Em junho de 1954, edição nº 164, do jornal Átomo, traz a notícia de que Celestino da Luz auxiliado pelo dep. Félix Valois, intentava trazer uma difusora de 100 watts para fazer oposição ao governo local. Felix Valois era oposição ao presidente da República, Getúlio Vargas.
1955	* Primeira outorga da rádio concedida pelo presidente Café Filho, em 6 de janeiro de 1955
1955	* 11 de dezembro de 1955 (Átomo, Ed. 0222.p.05.) - A prova cabal de que a emissora é fruto do governo de Getúlio Vargas é revelada na passagem de comando do governador interino, Engenheiro Armilo Rodrigues de Monteiro, para o governador José Maria Barbosa. Durante o discurso na entrega do mandato ele afirma: "Há uma difusora adquirida em Govêrno anterior e em estoque na Secretaria do Material que até o momento não pode ser montada a falta de recursos", (http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=719525&PagFis=488) ⁹
1956	Sem registros oficiais
1957	04 de janeiro – Inauguração oficial da Rádio Difusora de Roraima por Juscelino Kubistchek Diretor: Professor Vidal da Penha Ferreira (História Oral – Não há documentos que comprovem) Controlista de som, Edilberto França de Lima (Portaria nº 71, 21 de janeiro de 1977) – Primeira e única nomeação deste ano)
1958	Não foram encontrados registros
1959	Diretor Djalma Dutra - De agosto a fevereiro (Fonte: Jornal do Comércio)
1960	Não foram encontrados registros
1961	Diretor Miranda Braga (Fonte: Jornal do Comércio, ed. 17.544, p.6) Diretor Waldemiro Barbosa de Araújo (Portaria nº 198, 16 de setembro de 1961) Diretor Antonino da Costa Gomes (Portaria nº 282, 7 de novembro de 1961) Diretor Áureo Odilon de Souza Cruz (Portaria nº 283, 7 de novembro de 1961)
1962	Diretor da Áureo Odilon de Souza Cruz
1963 ¹⁰	Diretor Áureo Odilon Cruz
1964	Primeiro diretor artístico e comercial: Tarcilo Ayres, diretor artístico e comercial; e primeiro diretor técnico, Esdras Avelino Leitão (Decreto nº 4464 de 18 de março de 1964, sob a supervisão direta da Divisão de Educação) Diretor artístico e comercial Laucides Inácio de Oliveira (Portaria nº 170, de 19.08.1964)
1965	Diretor Carlos Alberto Ribeiro de Araújo em substituição à Laucides de Oliveira (Portaria nº 135/1965) Diretor Áureo Odilon de Souza Cruz (Portaria nº. 281/65)
1966	Diretor João Alves de Moura para responder pela Diretoria da Radiodifusora de Roraima.(Port. Nº 184/66)
1967	Diretor Laucides Inácio de Oliveira para diretor da Radiodifusora de Roraima ((Portaria nº 193/67)
1968	Diretor Laucides Oliveira (Portaria nº 205 de 21/08/1968)
1969	Diretor Laucides Oliveira (Não aparece nomeação o que indica que continuou sendo ele)
1970	Diretor Áureo Cruz (Decreto s/n de 7/8/1970 – Além deste Decreto, existem mais três decretos, no mês de agosto deste mesmo ano, afirmando ser ele o diretor)
1971	Diretor Odilon de Souza Cruz (Não tem decreto, portanto se entende que continuo sendo ele)
1972	Diretor Jaber Moisés Xaud (Dec. 03/05/1972) - No Boletim Oficial deste ano observou o extravio das páginas entre 26/04/1972 a 5 de maio de 1972. Portanto inexistente comprovação deste Decreto. Sabe-se que é essa data por conta de dois documentos: BO 7/08/1972, que determina uma comissão formada por vários diretores para organizar a Semana da Pátria, entre eles o de Jaber Xaude; e o Decreto de 5/10/1972, que cessa os efeitos do Decreto de

9 O titular, 10º General Aelmar Soares da Rocha, tinha como governador interino Armilo Rodrigues de Monteiro. Eles ficaram quatro meses à frente do governo do Território do Rio Branco, no final de 1955, sendo o sucessor José Maria Barbosa, disponível em: <file:///C:/Users/MARILENAFREITAS/Downloads/1686-Texto%20do%20artigo-2861-1-10-20190226.pdf>, acessado no dia 20 de janeiro de 2023.

10 Neste ano aparece muito o nome da Rádio Roraima como parceira do governo na divulgação dos editais de ocupação das terras que eram publicados no Boletim Oficial.

	03/05/1972, que o nomeou diretor da Radiodifusora de Roraima Diretor Laucides Inácio de Oliveira diretor da Radiodifusora de Roraima (Decreto de 12/10/1972)
1973	Diretor Laucides – (Decreto de 09/09/1973–P, BO 24/07/1973, e Decreto de 5/12/1973)
1974	Diretor Laucides Oliveira (Portaria nº 5 de 1/7/1974 e Decreto de 29.10.1974)
1975	Diretor Galvão Soares – Ele foi requisitado pelo governador Ramos Pereira ao Banco do Brasil para assumir a direção da rádio por indicação dos colegas
1976	Diretor Enoque Alencar (História Oral)
1977	Gerente da Rádio Nacional de Boa Vista, Galvão Soares (Regime CLT – Contrato Radiobrás)
1978	Gerente da Rádio Nacional de Boa Vista, Galvão Soares (Regime CLT – Contrato Radiobrás)
1979	Gerente da Rádio Nacional de Boa Vista, Galvão Soares (Regime CLT – Contrato Radiobrás)
1980	Gerente da Rádio Nacional de Boa Vista, Galvão Soares (Regime CLT – Contrato Radiobrás)
1981	Gerente da Rádio Nacional de Boa Vista, Galvão Soares - (Regime CLT – Contrato Radiobrás) (*Galvão ficou à frente, ininterruptamente, de 14.09.1977 a 5/10/1981) Gerente da Rádio Nacional de Boa Vista, José Faid (Fonte: Galvão Soares e Benjamim Monteiro)
1982	Gerente da Rádio Nacional de Boa Vista, João Waldecy Muniz de Souza (Fonte: Galvão Soares e Benjamim Monteiro)
1983	Não foram encontrados registros
1984	Gerente da Rádio Nacional de Boa Vista, Sérgio Getúlio da Rosa Camargo ((Fonte: Jornal Folha de Boa Vista, edição nº 00094 de 9 de agosto de 1986)
1985	Gerente da Rádio Nacional de Boa Vista, Sérgio Camargo (Rádio Nacional de Boa Vista FM e AM) Gerente da Rádio Nacional de Boa Vista, Francisco Cândido ((Fonte: Jornal Folha de Boa Vista, ed. 00116, de 10 de novembro de 1985, p.04)
1986	Diretor da Rádio Roraima, Jorge Luiz (Fonte: Jornal Folha de Boa Vista, ed. Nº 214, p. 6)
1987	Diretor Humberto Campos (Fonte: Folha de Boa Vista, Ed nº 573, p.3)
1988	Diretor geral Sebastião Valentim (Fonte: Sebastião Valentim e Galvão Soares)
1989	Diretor-presidente: Rubens de Camargo Penteado; Vice-presidente: Marcelo Coutelo Chagas ((Fonte: DOE de 8 de agosto de 1989. Dec. Nº 1096) Membros do Conselho Deliberativo da Rádio Difusora de Roraima: Rubens de Camargo Penteado; Marcelo Coutelo Chagas; Plínio Vicente da Silva; Iradilson Sampaio de Souza; Humberto Santos de Campos e Sebastião Valentin dos Santos (Fonte: DOE de 8 de agosto de 1989. Dec. Nº 1095) *Rubens Penteado era assessor especial do gabinete do governador *Marcelo Coutelo respondia como governador em exercício na ausência de Romero Jucá
1990	Presidente da Fundação Rádio Difusora de Roraima, Ailton da Costa Ferreira (Jornal Folha de Boa Vista, edição 589, página 4)
1991	Diretor-presidente: Francisco Geraldo França; Vice-presidente: José Pereira da Silva (Decreto nº 041(P), de 10 janeiro de 1991)
1992	Diretor presidente, Wisner Barbosa dos Santos (Fonte: Jornal Folha de Boa Vista, ed. Nº 00864, de 8 de maio de 1992)
1993	Diretor administrativo, Ângelo Fernandes Santana Diretor Ruy Figueredo
1994	Diretor Ruy Figueredo
1995	Não foram encontrados registros
1996	Não foram encontrados registros
1997	Diretora: Márcia Seixas (Fonte Galvão Soares e Benjamim Monteiro) Diretor Galvão Soares
1998	Diretor Galvão Soares
1999	Diretor Galvão Soares
2000	Diretor Galvão Soares
2001	Diretor Galvão Soares
2002	Diretor Galvão Soares

2003	Diretor Galvão Soares
2004	Diretor Galvão Soares *Galvão Soares foi nomeado 05.11.1997 e permaneceu à frente até 23.11.2004
2005	Diretor Francisco Geraldo França
2006	Diretor Francisco Geraldo França
2007	Diretor Francisco José da Silva (Barbosa Junior) -Dec. nº 371-P 1º/MAI/2007 – DOE 2/5/2007
2008	Diretor Francisco José da Silva (Barbosa Junior) – Dec. nº 038-P de 17/JAN/2008 – DOE 21/1/2008
2009	Diretores José Pereira da Silva (Barbosa Junior) e José Ferreira da Silva
2010	Diretores José Pereira da Silva (Barbosa Junior) e José Ferreira da Silva
2011	Diretores José Pereira da Silva (Barbosa Junior) e José Ferreira da Silva
2012	Diretor José Pereira da Silva
2013	Diretor José Pereira da Silva
2014	Jadir Corrêa da Costa
2015	Diretor-presidente, Jadir Corrêa da Costa - Decreto nº 516-P, de 27 de março de 2015
2016	José Raimundo Rodrigues Silva (Jota R)
2017	José Raimundo Rodrigues Silva (Jota R)
2018	Marcos Eraldo Arnoud Marques (interino)
2019	Marcos Eraldo Arnoud Marques (interino)
2020	Marcos Eraldo Arnoud Marques (interino)
2021	Diretor Damião Marques
2022	Diretor Damião Marques
2023	Diretor Damião Marques

Fonte: Autoria Própria

4.2 AS ARTICULAÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS PARA CHEGADA DA RÁDIO RORAIMA

Para ofertar o serviço, além da articulação política e social para mobilização de assinaturas, era preciso ter ligações com o centro comercial do país ou fora dele, onde eram comercializados os discos e demais equipamentos para o funcionamento da emissora. Pesquisa feita nos jornais da época e em trabalhos acadêmicos (CASTRO, 2014; SOUZA, 2003; CÂNDIDO, 1996) do repositório da Universidade Federal de Roraima (UFRR) apontam que o processo de instalação da emissora começou em meados de 1953 e por meio da Igreja Católica.

Segundo Castro (2014), a Diocese de Roraima intentava trazer uma emissora de rádio para facilitar a comunicação da igreja com os fiéis, porém faltavam recursos para a instalação. As tratativas estavam avançadas, mas a Diocese abriu mão do intento para o governo do território do Rio Branco em nome do bem comum, com a garantia de que,

A Prelazia teria sempre um espaço gratuito na emissora para difundir informações cotidianas da igreja e de interesse dos seus fiéis levando ao ar missas dominicais e outras celebrações religiosas visitas dos missionários ao interior do território, avisos religiosos e de interesse para a vida das malocas. (MONGIANO, 2011, p 23).

A notícia publicada pelo jornal *O Átomo* sobre *uma difusora em Boa Vista*, corrobora e vai ao encontro da pesquisa feita por Castro (2014), a respeito dessas tratativas, conforme fig. 19 (a seguir).

FIGURA 19 - Jornal O Átomo, edição nº 00116, pag. 01 - de 11 de julho de 1953



Fonte: Biblioteca Nacional Digital

De 1953, quando são encontrados os primeiros vestígios para a instalação de uma rádio no território, somente em agosto de 1954, quando o governador era Araújo Neto, a Portaria nº 49 do Serviço de Rádio Comunicações, designa o radiotécnico Adail Duarte Maduro para instalar a Rádio Difusora de Roraima, conforme mostra figura 20 (a seguir).

FIGURA 20 – Portaria nº 49, designando o radiotécnico Adail Duarte Maduro



Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Roraima

Essa é uma das histórias mais conhecidas pelo público ligado à radiodifusão sonora de Roraima, inclusive consta na sede da Rádio Roraima essa portaria em uma moldura. Os demais documentos, inexistem na administração da Rádio Roraima.

Durante a pesquisa de campo, teve outro fato que chamou a atenção sobre a data da inauguração da Rádio Roraima, que oficialmente é festejada no dia 4 de janeiro. Apesar de dez jornais terem noticiado que Juscelino Kubitschek de Oliveira esteve presencialmente no território do Rio Branco, e de existirem fotos da inauguração, inclusive nas coleções digitais do Arquivo Nacional, em que aparece o presidente ladeado por diversas personalidades públicas da sociedade rio-branquense, o periódico *O Jornal*, do Estado do Amazonas, suscita uma dúvida nas entrelinhas, de que JK não teria seguido a agenda anunciada antecipadamente tanto em periódicos quanto nas correspondências enviadas aos governos, de que após as diversas inaugurações de obras no Amazonas, viria a Roraima cumprir a promessa feita durante a campanha para presidente da República.

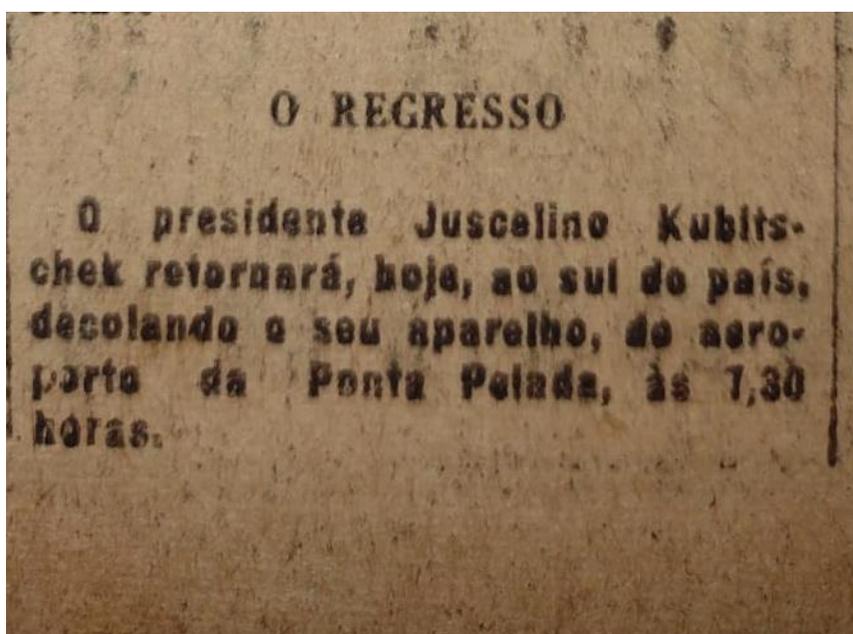
A agenda do presidente na região Norte, conforme o noticiário, contemplava Manaus (AM) e o Território do Rio Branco. No Amazonas ele inaugurou algumas obras, enquanto que em Boa Vista veio para inaugurar uma usina elétrica e a Rádio Roraima.

A resposta da manifestação nº 08198.007755/2022-09 é de que essa informação poderia estar no Arquivo Nacional. Em dezembro de 2022 novamente foi solicitado junto ao Governo Federal, a agenda do presidente neste período, e os releases enviados aos meios de comunicação sobre a vinda do presidente.

Com relação ao release, a Gerência de Acervo da Diretoria-geral do Serviço de Informação ao Cidadão (SIC/EBC) respondeu que “não dispõe do arquivo” e sugeriu que se buscasse junto Arquivo Nacional. Buscou-se, mas foi em vão. Quanto ao novo pedido da agenda do presidente JK não enviaram resposta.

Segundo o periódico denominado *O jornal*, Kubitschek teria tomado outro destino após a visita ao Amazonas, não vindo até o Território, conforme noticiado. Um trecho do material, publicado em quatro páginas, datado de sexta-feira, 4 de janeiro de 1957, afirma que após a inauguração das obras na capital amazonense, o que se subtende que seria no dia 3 de janeiro, como assim noticiaram os demais periódicos, o presidente teria retornado para o Sul do País, conforme mostra abaixo a foto 21 (a seguir) com a matéria do jornal. É a única notícia que destoa dos demais jornais que noticiaram a cobertura da vinda do presidente.

FIGURA 21 - O Jornal-AM, 04.01.1957, p. 4 - RETORNO DE JK ao Sul do País



Arquivo: Biblioteca Pública do Estado do Amazonas

Intentou-se, novamente, confirmar a veracidade ou não desta informação junto ao Governo Federal por meio da Lei de Acesso à Informação. Para isso, buscou-se

saber o plano de voo de JK, naquele período, junto ao Controle de Tráfego Aéreo da Força Área Brasileira, uma vez que a aeronave que transportou o Presidente da República teria pousado no Aeroporto da Ponta Pelada, em Manaus. O Gabinete de Segurança Institucional informou que não disponha desses dados. No total, foram realizados seis pedidos a diferentes órgãos do Governo Federal, usando a Lei de Acesso à Informação.

Todos esses fatos destoantes descobertos durante a pesquisa de campo deixaram margem de dúvida acerca da verdadeira data de inauguração da Rádio Roraima, e da presença do presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira na inauguração. Na condição de pesquisadora, chegou-se a se questionar: Será que essa é uma daquelas histórias contadas com a finalidade política de ser registrada nos anais da história, apenas para enaltecer um político? Esse estado de incerteza se intensificou quando da análise das matérias publicadas nos ditos jornais, uma vez que textos idênticos que remetiam a ideia de um release enviado pelo governo para subsidiar a imprensa sobre a agenda do presidente.

Intrigada com todas essas datas da chegada oficial da radiodifusão sonora, genuinamente roraimense, novas buscas foram feitas junto ao Sistema de Arquivo Nacional (SIAN), quando foram encontradas seis fotografias da ocasião do evento, as quais estão identificadas pela data do ocorrido, 6 de janeiro de 1957, dois dias após da data da comemoração oficial (4 de janeiro).

Note-se que todos os jornais que notificaram a inauguração da Rádio, não publicaram fotos do evento específico no Território. As seis fotografias encontradas no SIAN, disponíveis na pasta de coleções digitalizadas, a seguir na figura 22, mostram detalhes da inauguração como o momento do corte da fita feita por Juscelino Kubitschek, o governador José Maria Barbosa, o bispo prelado Dom José Nepote e outras pessoas da comunidade.

FIGURA 22 – Participação de Kubitschek na inauguração da Rádio em 6/1/1957



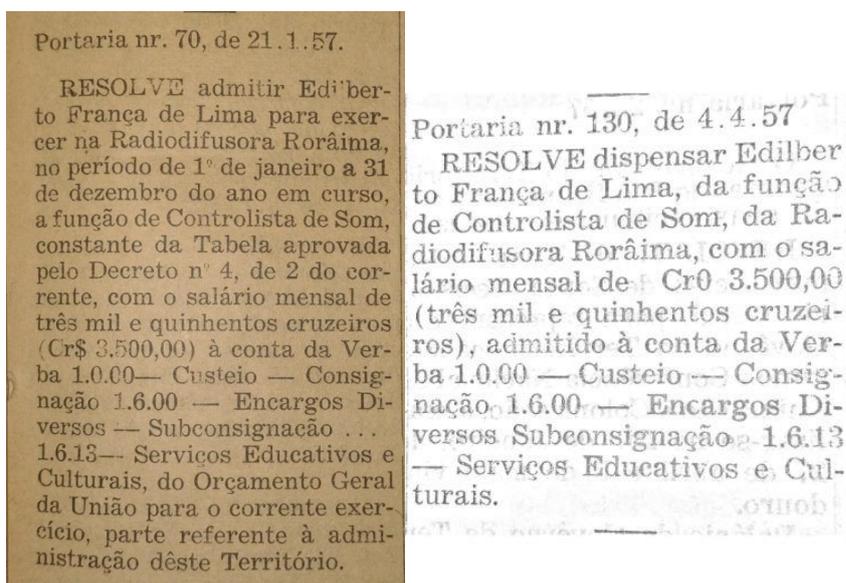
Oliveira (2007) descreve que o local da inauguração foi na Secretaria de Educação, que também abrigava as instalações do Palácio do Governo. A Rádio Roraima estava instalada em três salas no final do corredor.

É ali que transcorre a solenidade inaugural. O diretor, também diretor da Educação, Professor Vidal da Penha Ferreira, fala rapidamente sobre a importância do momento. Um improvisado conjunto formado por Aór Magalhães, Simpatia e Waldir Abdala – três monstros sagrados da terra – faz um número musical para o presidente. A Radiodifusora Roraima já está no ar e leva a todo o Território – onde haja um receptor ligado, os breves discursos do governador José Maria Barbosa e do Presidente Juscelino Kubitschek. (OLIVEIRA, 2007, pag. 115)

Entre os relatos dos escritores, a notícia é que o primeiro diretor da Rádio Roraima foi o professor Vidal da Penha Ferreira, mas nas pesquisas realizadas não foram encontrados documentos relativos à nomeação de Vidal Ferreira para esta função, apesar do Boletim Oficial do Território ter publicado no dia 2 de janeiro de 1957, a tabela numérica com os cargos existentes nos serviços educativos e culturais, onde consta as funções de locutor, discotecário e controlista do som, que são relacionados as atividades da radiodifusão sonora.

A única nomeação encontrada no ano de 1957, logo após a inauguração da Rádio Roraima, é de Edilberto França de Lima, na função de controlista de som, tendo sido exonerado três meses depois, como mostra a figura 23 (a seguir).

FIGURA 23 - Portarias admitindo e dispensando Edilberto França de Lima da função de controlista de som da Radiodifusora de Roraima



4.3 CARTOGRAFIA HISTÓRICA DA RÁDIO RORAIMA

Antes da inauguração oficial, o primeiro local de instalação da Rádio Roraima **em 1956**, segundo o jornalista Francisco Cândido, foi numa sala do Grupo Escolar Lobo D'Almada, localizado no centro da cidade. A rádio ficava ladeada pelo Teatro Carlos Gomes, Praça Capitão Clóvis e o Alto-falante da Caixa d'Água, pertencente ao Governo do Território do Rio Branco. Ele conta que a antena foi “feita com mastros de tubos galvanizados”, instalados próximo ao campo de futebol da escola, enquanto que o “microfone e o locutor ficavam no Teatro Carlos Gomes”, pois ao lado havia uma “cabine de som” de responsabilidade do governo do Território para o Serviço de Alto-falante.

Em julho deste mesmo ano, a sede da Rádio Roraima passou para uma sala da Divisão da Educação, que funcionava no Centro Cívico. Neste local teria ocorrido a **inauguração oficial, em 1957**, e permanecido lá até 1958, quando já funcionava com três quilowatts de potência ¹¹. Laucides Oliveira, um dos pioneiros na comunicação na região, era desenhista neste período, mas por conta das habilidades na área jornalística ingressou na Rádio Roraima e fez o segundo programa, *Rádio Revista Roraima*. Com uma pegada mais musical e humorística, o programa era semanal, noturno, com dez páginas e envolvia oito pessoas, com direito a um sonoplasta.

...a nossa capa da semana apresenta a cantora Socorro Rocha! De apenas 14 anos de idade, mas dona de linda voz e de belo cantar, ela brinda o nosso público rádio ouvinte [...] Na página dois algumas notícias e destaques de rodapé, sempre trazendo uma anedota. Destaque para o jovem Douglas Damaso, emérito imitador, criando impagáveis tipos de vozes e figuras sonoras (OLIVEIRA, 2007, p.117)

Nas narrativas de Oliveira (2017) a nova era do rádio no Território modificou hábitos dos rio-branquenses, tanto na Capital quanto no interior, apesar de a programação ser quase 99% local, porque a transmissão da Voz do Brasil era muito precária. Conforme detalha, a chegada da rádio motivou a socialização entre os moradores, que acabavam ficando sabendo da vida de todo mundo por meio do primeiro programa, o “Mensageiro do Interior”, que ele destaca como sendo extraordinário.

¹¹ Um fato curioso é que o racionamento de energia impossibilitava uma programação contínua, e segundo Rego e Andrade (2011, p.96), era “interrompida no período das 9h até às 11h e retornava das 11h até às 14h [...] permanecia até às 19h”, quando iniciava o programa O Mensageiro do Ar, encerrando a programação às 23h.

O programa de recados que alterou o próprio modo de vida das pessoas do Território. Especialmente para os moradores do interior. O Território do Rio Branco, inteiro – Boa Vista inclusive – liga-se “pé do rádio”, às sete horas da noite, quando a característica musical anuncia o início do programa, moradores das fazendas, das pequenas vilas, dos garimpos, acompanham atentos as várias dezenas de recados [...] Uma formidável cadeia de notícias da vida alheia. (OLIVEIRA, 2007, p. 117)

Em 1958, uma nota do Jornal do Comércio, edição 16751, do ano 1958, destaca que um ano depois da inauguração oficial, estavam sendo feitas as obras para aumento da potência da Rádio Roraima, de 2 para 5 quilowatts. Se isso aconteceu, de fato, não há registro documental. Este mesmo jornal publica em 4 de fevereiro de **1959**, na edição 16887, que o locutor e comentarista, Djalma Passos, foi diretor da Rádio Roraima durante seis meses. Pela data, teria iniciado no mês de agosto de 1958.

O jornal também notícia que os festejos da Independência e o discurso do governador da época, Hélio Araújo, foram transmitidos pela Rádio Roraima. Percebe-se nesse início de atividades, pós inauguração oficial, a relevância e o alcance da Rádio, chegando a transmitir de Manaus para todo o Território um campeonato de futebol, como noticia o Jornal do Comércio, na edição 17110A. A Rádio Roraima estava presente em todos acontecimentos, fossem festivos, como a Feira Agropecuária, fossem de utilidade pública, como a campanha de vacinação contra a Febre Amarela Silvestre.

Em 1959, as instalações da Rádio Roraima foram transferidas para uma das salas da CER (Centrais Elétricas de Roraima), localizada na avenida Terêncio Lima, no bairro São Francisco. Cândido (2017, p. 2) assegura que naquele ano, um incêndio danificou o transmissor, provocando uma perda de 2 quilowatts da potência, mas o “Técnico dos Transmissores, o senhor Raimundo Costa Andrade (Costinha), conseguiu que a emissora ficasse no Ar”. Ainda em 1959, esteve na direção da Rádio Roraima, o jornalista Miranda Braga (Jornal do Comércio, ed. 17544. p.8).

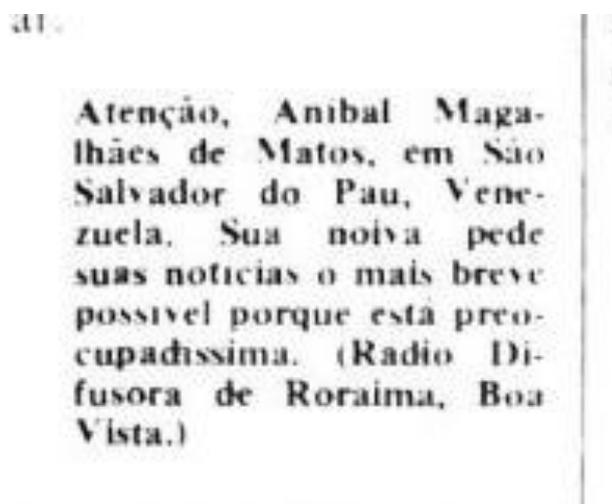
Posteriormente, **em 1960**, a rádio retorna para as instalações da Divisão de Educação, e em **1962** se instala no Teatro Carlos Gomes. O próximo diretor foi o radialista Valdemiro Barbosa de Araújo.,

Em seguida assumiu a direção, neste mesmo ano Áureo Cruz, que alterou o nome do primeiro programa para “Mensageiro do ar”, sendo ele um dos locutores junto com Valdenir Cavalcante. Cândido (2017) conta que neste novo local a nova estrutura

contava “com ampliação da área administrativa, além da construção de um estúdio e um auditório com capacidade para 250 pessoas sentadas”.

A Rádio Roraima entrou no ar com uma missão grandiosa, estreitando laços entre a capital, o interior e outras unidades da Federação, haja vista que nesta época, a principal atividade econômica da região era o garimpo. Havia muitos fatos acontecendo nesta década que influenciaram na vida social, política e econômica do desenvolvimento da região. Um deles foi a Lei nº 4.182, de 13 de dezembro de **1962** que mudou o nome do Território Federal do Rio Branco para Território Federal de Roraima. A Revista Realidade, publicada **em 1970**, mostra o papel de utilidade pública da Rádio Difusora de Roraima, bem como o alcance nos países fronteiriços, como a Venezuela. Uma reportagem sobre a Amazônia, datada de julho de 1970, da Editora Abril, página 92, traz um recado, mostrando a importância e o alcance da Rádio Roraima.

FIGURA 24 - Revista Realidade, publicada em 1970, mostrando o papel de utilidade pública da Rádio Difusora de Roraima,



Fonte: Biblioteca Nacional

A Rádio Roraima se destacava ainda nas transmissões esportivas não apenas no Território Federal do Rio Branco, mas também na época do Território Federal de Roraima e no Estado de Roraima. **Em 1972**, a equipe esportiva A-1, deu um dos maiores “furos” jornalísticos para o mundo do futebol, entrevistando Edson Arantes do Nascimento, o Rei Pelé. E como se percebe na notícia, aquela já era segunda vez que a Rádio Roraima entrevistava o Rei do futebol.

A delegação Santista, tendo como sempre como atração máxima, o Rei Pelé, passou por Boa Vista, rumo a Trinidad [...] A equipe esportiva do A-1 da Rádio Roraima, mais uma vez num furo sensacional, entrevistou o Rei no interior da aeronave, repetindo proeza de 1970 quando da estada da seleção brasileira em Manaus (Jornal do Comércio, Ed. 21057, p.7)

No convênio assinado entre a Radiobrás e o governo Territorial, **em 1977**, ficou acordado que todo o pessoal lotado na emissora, no ato da assinatura do convênio, continuaria funcionário do Território durante três meses, prazo suficiente para a Radiobrás selecionar os que viessem a servir e recontratá-los. Após esse prazo, os que não se enquadravam dentro dos critérios da Radiobrás foram dispensados, e o ônus dos encargos trabalhistas ficaram sob a responsabilidade da própria Radiobrás. A partir da absolvição por parte da Radiobrás ela passa a se chamar Rádio Roraima, conforme convênio assinado que declara a “extinção da “Radiodifusora Roraima” (B.O. do Território XXXIV, p.378), e posteriormente Rádio Nacional de Boa Vista, tendo como primeiro diretor, o radialista Francisco Galvão Soares, que ficou à frente do veículo até 05/10/1981. A mudança foi publicada em dois jornais nacionais de grande circulação, cujo entrevistado foi o radialista Galvão Soares, anunciando a mudança do nome.

A incorporação da Rádio à Empresa Brasileira de Radiodifusão (Radiobrás) no dia 16 de junho daquele ano, foi publicada no Boletim Oficial da administração do governador Fernando Ramos Pereira, Ano XXXIV, nº 47, página 378, do dia 20 de junho de 1977. A repercussão foi publicada também no Jornal do Comércio, edição nº 22473. Destaca-se que a Rádio Roraima foi oficialmente a primeira emissora inaugurada na Amazônia sob a direção da Radiobrás.

Com a incorporação, o presidente da República, Ernesto Geisel, revogou no ano seguinte, em 24 de maio de **1978**, o Decreto nº 36,724, do dia 3 de janeiro de 1955, assinado pelo presidente Café Filho, que concedeu e autorizou ao Território Federal do Rio Branco uma estação de radiodifusão sonora em Ondas Tropicais.

Em 1986, quando o Território de Roraima era governado por Getúlio Alberto de Sousa Cruz, a Radiobrás vendeu para a administração pública do Território o terreno medindo 9.484,22 metros quadrados e o prédio onde funcionava a Rádio Nacional de Boa Vista. Nesta área, localizada na rua João Pereira Melo, centro da cidade, estava instalada a emissora, o Teatro Carlos Gomes, a Escola Estadual Lobo D’Almada e a Igreja de São Sebastião.

Apesar dessa gleba pertencer ao Território na época em que Radiobrás absorveu a emissora, acabou por incorporar também tudo que a ela pertencia. A negociação tinha como finalidade aplicar os recursos provenientes da venda na própria emissora para expandir a atuação tanto na região quanto na Amazônia. Se houve esse investimento, não se sabe. A emissora ficou até **1989** sob a responsabilidade da Radiobrás quando foi novamente repassada para o Território de Roraima, processo que aguarda até os dias atuais a efetiva transferência, assunto que será abordado posteriormente.

No dia **2 de agosto de 1989**, por meio do Decreto nº 1090-L, a emissora foi adquirida pelo Governo de Roraima e transformada em **Fundação Rádio Difusora de Roraima**, com devido estatuto social, conforme Diário Oficial do Território de Roraima. Nesta época, quem estava à frente da administração era o governador Romero Jucá. Há muitas histórias que envolvem esse período, porém poucas documentações. Será na fase das entrevistas junto aos personagens que fizeram parte da história que muitas dúvidas serão esclarecidas, dando subsídios para contextualizar essa parte da história da rádio.

Na gestão do Presidente Collor de Melo, 1991, a concessão de 1955 assinada pelo Presidente Café Filho volta a ter validade, pois o Decreto de 15 de fevereiro de 1991, publicado no Diário Oficial da União de 18 de fevereiro de 1991, página nº 3056, revogou o decreto de Ernesto Geisel.

A emissora ficou na condição de Fundação até 4 de janeiro de **1993**, quando o primeiro governador eleito pelo voto direto, Ottomar de Sousa Pinto, extingue a fundação pelo Decreto nº 448, de 4 de janeiro de 1993. A partir deste momento, passa a ser de responsabilidade do Governo do Estado, as atribuições e responsabilidades subordinadas à Governadoria do Estado.

Em 2006, quando Ottomar Pinto retorna ao governo do Estado, uma nova norma, a Lei nº 567/2006, autoriza o Estado a transformar a emissora em Empresa Rádio e Televisão Difusora de Roraima (Radioraima), passando a ser uma empresa pública, podendo explorar som e imagens, sendo que o capital (edificações, móveis, imóveis, equipamentos), que até então pertencia à Radiobrás, passa a pertencer ao Governo do Estado, com exceção do terreno, que ainda está no nome da União. A emissora ficou subordinada à Casa Civil e a Secom (Secretaria de Comunicação).

QUADRO 2 - BREVE HISTÓRICO DA RÁDIO RORAIMA

1955	Criação	Decreto de concessão: 3 de janeiro de 1955 (Café Filho) e 05.01.1957 inauguração (Juscelino Kubistchek) - Propriedade do Território Federal: Essa fase durou até 1977.
1977	Fase Radiobrás	Em 16 de junho de 1977 a Rádio Difusora de Roraima foi absolvida pela Empresa Brasileira de Radiodifusão — Radiobrás, passando a se chamar Rádio Nacional de Boa Vista.
1989	Fundação	Em 2 de Agosto de 1989, a emissora foi adquirida pelo Governo do Estado, passando a pertencer a Fundação Rádio Difusora de Roraima
1992	Propriedade do Governo	A Fundação Rádio Difusora de Roraima foi extinta pelo Governador Ottomar Pinto, passando a ser responsabilidade da Casa Civil e a Secretaria de Comunicação Social.
2006	Empresa	Em 01 de dezembro de 2006, a Rádio Roraima AM590, deixou de pertencer ao Gabinete Civil do Governo do Estado com a criação de uma empresa pública, através da Lei Estadual 567/2006, que absolveu as atividades relacionadas à emissora.
2009	Implantação parcial	Apesar de sua criação legal ter ocorrido em 2006, a emissora continuava pertencendo a estrutura administrativa do Governo Estado, mas em 2009, foram dados os primeiros passos na sua implantação como empresa, um deles a aprovação de Decretos instituindo o Estatuto Social.
2012	Transição:	Apesar de ter sido criada legalmente como empresa em 2006, a emissora Rádio Roraima AM590, continuou sendo administrada integralmente pela Secretaria de Comunicação do Estado. Isso só mudaria através do Decreto 13.673-E, de 6 de fevereiro de 2012, que regulamentou as mudanças previstas na Lei 721/2009.
2012	Fim da subordinação direta ao Governo	Através do Decreto 13.673-E, a Rádio Roraima AM590 deixou, oficialmente e na prática, de pertencer diretamente ao Governo do Estado/Secretaria de Comunicação Social, iniciando a atual fase.
2011	Autonomia administrativa e financeira	Outro fato que marca em definitivo o começo do funcionamento da empresa só ocorreu a partir de 01 de janeiro de 2011, quando a Empresa passou a ter a sua autonomia administrativa e financeira plena, com a sua dotação orçamentária e filiação ao FIPLAN — (Sistema Integrado de Planejamento, Contabilidade e Finanças) como Unidade Orçamentária — UO autônoma.
2013	Mudanças nunca foram efetuadas	Apesar de todos esses passos, nenhuma atitude concreta por parte das direções anteriores foi finalizada no sentido de regularizar a situação patrimonial da Empresa, tão pouco em relação à questão da outorga, que permanece décadas depois sendo de propriedade do órgão sucessor da Radiobrás. Não obstante terem sido raras as iniciativas neste sentido.
2022	Situação atual	Atualmente é essa a situação da Empresa Rádio e Televisão Difusora de Roraima — ERC, no tocante as questões patrimoniais e de outorgas: A Empresa Rádio e Televisão Difusora de Roraima — ERC existe legalmente desde 2006 e de fato a partir de Janeiro de 2011. Não foram cumpridos os dispositivos previstos na Lei 567/2006, que preveem a transferência do patrimônio da União e do Estado para a empresa. Nenhuma iniciativa foi concretizada neste sentido.

Fonte: Marilena Freitas

A estrutura administrativa determinou a composição de um Conselho de Administração e de um Conselho Fiscal, todos indicados pelo governador. Por ser uma empresa pública, os recursos são tanto oriundos de dotações do orçamento geral

do Estado, quanto auferidos por meio da iniciativa privada, com a venda de espaço publicitário.

A Lei ainda determinou a realização de concurso público e a aprovação do Plano de Cargo Carreira e Remuneração (PCCR), sendo que este último teria um prazo de 90 dias para a regulamentação. Mas enquanto não acontecia, a estrutura continuaria provida com servidores integrantes do quadro de pessoal do Poder Executivo estadual, além de servidores celetistas e servidores do quadro da União, à disposição e cedidos pelo governo de Roraima.

Apesar de ter sido criada, a empresa de Rádio e Televisão Difusora de Roraima não possuía autorização para executar serviço de radiodifusão e foi somente em 26 de janeiro de 2009, após três anos de criação, que a Radioraima efetivamente passou a funcionar por meio do Decreto nº 9.709-E. Na ocasião também foi criado o Estatuto Social Rádio e Televisão Difusora de Roraima, na gestão do governador José de Anchieta Junior.

Mas todas essas leis aprovadas pela Assembleia Legislativa de Roraima (ALE-RR) não surtiram o efeito jurídico que se pretendia. Isto porque a situação patrimonial da Empresa não está regularizada, bem como a questão da outorga, que permanece há décadas à Radiobrás, atualmente a EBC.

Encontrou-se registro de duas efetivas tentativas de regularização da Rádio Roraima, sendo a primeira 1997, época do governo Neudo Campos, e a outra em 2015, quando a governadora era Suely Campos. Ao enviar os documentos para o Governo Federal, a direção da Rádio informa que não possui autorização para executar os serviços de radiodifusão. Essa é a situação atual da Rádio Difusora de Roraima, que funciona, de forma precária. Para resolver a situação, é necessário a regularização junto ao Governo Federal.

FIGURA 25 – Declaração de Não Concessão



ESTADO DE RORAIMA
EMPRESA RÁDIO E TELEVISÃO DIFUSORA DE RORAIMA
DM590KHz - OT.4875- KHz - 66 ANOS NO AR
www.radiororaima.com.br
"A VOZ DA SOCIEDADE RORAIMENSE!"



DECLARAÇÃO

Declaramos que a EMPRESA RÁDIO E TELEVISÃO DIFUSORA DE RORAIMA, empresa pública criada em conformidade com a Lei Estadual 567/06, de 01 de dezembro de 2006, **NÃO POSSUI** autorização para executar serviço de radiodifusão, seja através de **CONCESSÃO** ou **PERMISSÃO** no Estado de Roraima. **DECLARAMOS** ainda que caso - no futuro - a empresa venha a ser contemplada com outras outorgas não poderá exceder os limites fixados no art. 12 do Decreto-Lei 236, de 28 de fevereiro de 1967.

Por ser a expressão da verdade,

Boa Vista - RR., 15 de Março de 2016



JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES SILVA
Diretor Presidente

Av. Capitão Ezequiel, nº 988 - São Francisco - CEP: 69306-136 - Boa Vista - RR.
Fone/Fax: (065) 3224-1851 CNPJ: 11.421.743/0001-51

5 A ORALIDADE DO RÁDIO RORAIMENSE

Localizado no extremo Norte, Roraima é um dos Estados mais jovens da Amazônia Legal. Criado em 5 de outubro de 1988, por ocasião da última Constituição Federal, se torna Unidade Federativa em meio à eclosão de uma nova regra constitucional, em que o Estado Democrático assegura diversos direitos que vão ao encontro do princípio da dignidade humana.

Embora seja jovem na condição de Unidade Federativa do Brasil, a região com 224.298.980 km², há muitos anos já é palco de conflitos internacionais, interétnicos e das disputas político-partidárias. Estes conflitos internos se caracterizam, num primeiro momento, pela oposição entre grupos estabelecidos e descendentes dos primeiros fazendeiros, até a formação de elites burocráticas compostas por profissionais vindos de fora do Estado.

Como demonstrado na dissertação de Correia (2021, p.125), as elites disputavam o poder político e por conta disso tomavam posse de meios de comunicação, que eram utilizados para atingir adversários, estabilizar as suas bases políticas e fixar clientelas em seus chamados 'currais eleitorais'. Nesse contexto, o rádio tinha uma importância extrema por chegar facilmente aos lugares mais afastados onde a maioria da população não era alfabetizada e por isso o rádio era indispensável como meio de comunicação, para quem não sabia ler ou não tinha acesso à televisão.

Ortriwano (1985), traz um rol de características da estrutura radiofônica, um meio de comunicação de baixo custo para quem quer adquirir um rádio, e portanto popular para a população de baixa renda. Outra característica é que ouvir rádio, independe do grau de instrução de quem ouve, pois este veículo de comunicação usa linguagem popular, de fácil compreensão. Ortriwano contextualiza este cenário dizendo, afirmando que

[...] o rádio fala e, para receber a mensagem, é apenas necessário ouvir. Portanto, o rádio leva vantagem sobre os veículos impressos, pois, para receber as informações, não é preciso que o ouvinte seja alfabetizado. [...] entre o público do rádio, pode estar incluída a faixa da população analfabeta, que no caso do impresso é eliminada a priori. (ORTRIWANO, 1985, p. 78)

Walter Benjamin (2012, p.07) afirma que “o passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu

reconhecimento”. Essa ideia é utilizada pela autora ao dissertar sobre a Rádio Difusora de Roraima, e reconhecer seu importante papel no contexto da história radiofônica do Estado.

Nesse processo de reconhecimento foi empregada a História Oral onde a partir dos relatos dos agentes que fazem e fizeram parte da história da Rádio Roraima, se aprofundou sobre o assunto. Optou-se pelas entrevistas e pela História Oral, pois como assinala Thompson (1998), a rádio tem uma importância social e política para aqueles que ajudaram a construir essa história.

Mesmo com a seleção prévia das fontes utilizadas, a História Oral possibilita constituir no conjunto da obra uma pitada de democracia, pois são memórias de agentes que viveram em tempos diferentes e que pela natureza humana divergem em alguns pontos.

Eles não têm apenas que aprender a própria história; podem escrevê-la. A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas (THOMPSON, 1998, p.337)

Calabre (2008) traz uma luz quando enfatiza que é possível resgatar as histórias que estão perdidas no tempo. Afirma que é possível escrever a história destes meios de comunicação apoiando-se nos relatos daqueles que fizeram parte desta história como radialistas, operadores de som, gestores, bem como os ouvintes.

Essa falta de registros formais, entretanto, não inviabiliza a reconstituição da história social do rádio. As informações sobre o ambiente radiofônico, sua relação com os ouvintes, as práticas profissionais do setor, podem ser resgatadas através dos inúmeros relatos de profissionais e de ouvintes que viveram a Era do Rádio (CALABRE, 2008, p.1).

Apesar da subjetividade presente nas narrativas dessas fontes de pesquisa, os depoimentos desses agentes são robustos e reforçam as análises documentais. Como endossa Bossi (1979, p. 29 e 33), “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória [...] sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância”.

Esse trabalho foi apoiado em memórias, porque a História Oral requer que sejam puxadas as lembranças daqueles que viveram, seja como agente ativo ou passivo. E apesar das críticas advindas da academia, de que a memória é “bicho não confiável” por conta dos diversos fatores que envolvem o indivíduo, aqui os

personagens são motivados a lembrar dos fatos por meio das perguntas feitas pela pesquisadora.

Essa decisão é apoiada na tese do professor doutor Francisco Alcides do Nascimento (2006) que faz ácida crítica a essa forma de pensar, esclarecendo que não é apenas as instituições e os historiadores renomados por serem profissionais preparados, com suficientes conhecimentos, que podem se apropriar da História e disseminá-la.

A História Oral se pauta na memória dos que experimentaram algo, e como assinala Halbwachs (1990), a memória coletiva envolve grupos que experimentaram, no mesmo espaço e tempo sociais, embora situações distintas, porém conexas entre si, podendo completar ou reconstruir um quadro. As circunstâncias vivenciadas pelo grupo podem avivar a memória dos que dele fazem parte de um determinado fato que estava estacionado na fronteira entre a lembrança e esquecimento.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (HALBWACHS, 1990, p.26)

Ao conectar esse pensamento de Halbwachs à realidade da radiodifusão sonora, percebe-se que se encaixa perfeitamente, porque o radialista ainda que esteja sozinho dentro de um estúdio, ou apenas na companhia do operador de som, tem sua voz irradiada, levando sua mensagem a um público muito maior.

A magia da voz está tanto no assunto que é tratado, que remete a outros assuntos, quanto na música que se ouve, que também – dependendo de como se encontra o lado emocional de quem ouve – pode desencadear emoções que levam a um estado de alegria ou de tristeza.

Como assegura Halbwachs (1990, p. 47), as nossas lembranças estão também nas lembranças do outro, “estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros [...] nós não percebemos que não somos senão um eco”.

5.1 ENTREVISTAS: CONTADORES DE HISTÓRIAS SELECIONADOS

A História Oral se valendo da memória individual, coteja com outras memórias individuais e fontes documentais, produzindo ou não uma memória coletiva sobre a história da Rádio Roraima. Sobre a utilização da fonte oral, Nabão (2000) aponta que uma das dúvidas mais recorrentes diz respeito à “confiabilidade da evidência oral” no que se refere à sua subjetividade, porque fontes orais “dizem respeito à memória individual que às vezes pode ser falível ou fantasiosa”. A autora afirma ainda que “nenhuma fonte está livre da subjetividade seja ela escrita, oral ou visual” (NABÃO, 2000, P. 127).

Trabalhar com fontes orais significa estudar as diferentes versões explorando suas riquezas. Nesse processo, a veracidade dos dados não é a questão primordial. O ponto central é o “todo social, as relações entre os indivíduos, grupos e coletividades” (LANG, 1996, P. 44).

Na escolha dos depoentes foram levados em consideração alguns critérios como a proximidade com a Rádio Roraima durante o período pesquisado, sendo considerados como fontes primárias e secundárias, atendendo aos seguintes critérios: locutor/radialista, operador de áudio, gestor da instituição, repórter e ouvinte.

Outro critério adotado é que tenha trabalhado entre os anos de 1957 e 1991, ou que ainda trabalhem na emissora. No caso específico do ouvinte, que tenha sido ouvinte assíduo, acompanhado de perto o percurso da emissora ou simpatizante que tenha conhecimento sobre a mídia radiofônica. No geral todos tiveram e ainda têm uma relação próxima com a história da Rádio Roraima.

Um dos entrevistados foi o **radialista Galvão Soares** que ingressou na Rádio Roraima no ano de 1962 na condição de locutor e que em 1975 assumiu a direção da Rádio. Dois anos depois, quando a Radiobrás absorveu a instituição que passou a se chamar Rádio Nacional de Boa Vista, em 1977, ele foi nomeado gerente da Rádio Nacional de Boa Vista permanecendo até 1981. Em 1997, ele retorna como diretor da Rádio Roraima e permanece até 2004, totalizando 13 anos, 5 meses e 7 dias junto à direção da empresa. Ele foi o gestor com mais tempo à frente da direção da Rádio.

Galvão Soares, muito ligado ao ex-governador Neudo Campos, também foi secretário de Comunicação do Estado (na época a Coordenadoria tinha status de Secretaria) no período de outubro de 2000 a abril de 2002, e nesta época continuou na direção da Rádio Roraima.

Para balancear os relatos, entrevistamos **o radialista Francisco Geraldo de França**, que também foi gestor da Rádio Roraima no período de 1991 e tinha relações estreitas com Ottomar Pinto. Ele é natural de Barbalho (BA), mas foi em Juazeiro do Norte, em 1967, que iniciou a trajetória como radialista, no serviço de Alto-falante Centro Regional de Publicidade, que chama de Escolinha do Rádio Carariense. Entrou na Rádio Roraima em 1991, quando foi convidado pelo ex-governador Ottomar Pinto, a ser diretor.

A nossa terceira fonte oral é **o radialista Benjamim Monteiro**, 80 anos, roraimense que começou na Rádio em 1964. Na época a Rádio funcionava no prédio da Secretaria de Educação, na bola do Centro Cívico, com um 1 quilowatts de potência, sendo ouvida em todo o Território do Rio Branco. Ele apresentou um dos programas que passou mais tempo no ar e que tinha alcance em todo o Território, 'O Mensageiro do Ar'. Foram mais de três décadas sendo apresentador em um programa que de tanto alcance passou de 30 minutos para três horas.

O quarto entrevistado é jornalista, radialista e ex-político, **José Maria Carneiro**. Em 1983 foi vereador e em 1987 assumiu a presidência da Câmara Municipal de Boa Vista, se tornando prefeito de Boa Vista em 1988 e deputado estadual constituinte nos anos 1991-1994. Foi secretário de Estado e tem envolvimento com trabalhos sociais. Entrou na Rádio Roraima, em 1977, quando estava sob o comando da Radiobrás, onde atuou como locutor apresentador, repórter e produtor. Desempenhou a profissão em outras emissoras como a Rádio Folha, onde foi diretor, produtor e apresentador, além de ter trabalhado também em vários canais de TVs de Boa Vista. Atualmente é produtor e apresentador do programa "Nossa Tarde é Show", na Rádio Monte Roraima, FM 107,9.

O quinto entrevistado é **o operador de som Djavan Esbell**, que tem 41 anos como profissional da radiodifusão sonora. Ele começou em 1981 na Rádio Equatorial e em 1986 iniciou na Rádio Roraima, época em que estava sob o comando da Radiobrás, operando tanto nos programas da FM Nacional e Local. Com a venda da concessão da FM Nacional para o Grupo Tropical de Comunicação foi remanejado para A Rádio Nacional AM. Hoje atua como produtor musical, edição e produção de vinhetas de abertura de programas.

E para completar o quadro de depoentes vamos contar com um ouvinte. O **aposentado Zélio da Silva Mota, 81 anos**. Natural de Roraima, Zélio Mota nasceu na Fazenda Água Fria, no município do Uiramutã, região indígena. Quando jovem foi

fazendeiro e comprador de diamante. Casado com a primeira professora da região Caraparu, no Uiramutã, Maria Lucia dos Santos Mota, Zélio junto com a mulher eram assíduos ouvintes da Hora do Brasil e do programa de recados, que iniciava pontualmente às 19 horas, uma comunicação essencial entre os que estavam no interior e na cidade. A dona Lucia Mota é até hoje ouvinte da Rádio Difusora de Roraima.

5.2 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS: PONTOS CONSONANTES, DISSONÂNCIAS E LACUNAS

5.2.1 Não Preservação do Acervo

O objeto de estudo foi a história da Rádio Roraima focando principalmente no período entre 1957 e 1991. A aproximação com esse tema se deu através de relatos de seis entrevistados, os radialistas Francisco Galvão Soares, Francisco Geraldo de França, José Maria Carneiro, Benjamim Monteiro, o operador de som Djavan Esbell e o ouvinte Zélio da Silva Mota.

Por meio das lembranças e do registro de suas experiências foi possível recriar de forma inédita a história da Rádio no Estado, apesar da falta de preservação da memória e da notada ausência de documentos que tratem sobre a história deste meio de comunicação. Este fato é uma realidade no Brasil quando o assunto é radiodifusão e essa ausência de informação reside em alguns elementos que são tão óbvios como a claridade da luz do sol, como argumenta Luiz Eugênio Nogueira:

A parca bibliografia disponível, a escassez das fontes documentais confiáveis ou que ainda não foram saqueadas por colecionadores do passado, a precariedade dos centros de documentação como institutos históricos e geográficos, museus e bibliotecas públicas mal estruturadas [...] além do isolamento imposto pelas condições geográficas do país. (NOGUEIRA, 1999, p.24)

A não obrigação da empresa de comunicação em preservar o que nela é produzido, somado à falta de políticas públicas eficazes, fez com que os poucos registros e documentos se perdessem.

As informações existentes é que essa memória foi levada para as casas de profissionais da rádio e de seus familiares e até em empresas, que quando necessitam de espaço, não hesitam em doar ou descartar, já que não há nenhum tipo de definição sobre a guarda e manutenção de tais materiais.

Calabre (2008) também destaca que essa ausência documental está relacionada à cultura do rádio nas décadas de 1940 até 1980, uma vez que neste período, os programas eram, na maioria das vezes, feitos ao vivo, portanto inexistia essa preocupação nos gestores e da própria classe empresarial em preservar acervos que contassem a história das emissoras radiofônicas. Isso é muito perceptível quando questionei o fato de não encontrar memórias na Rádio, documentação, fitas, os entrevistados relataram um processo de destruição e falta de cuidado com a memória.

Faltou zelo. As pessoas que entravam lá não tinham compromisso nenhum porque era do Governo do Estado. Quando sai de lá tinha tudo, inclusive ajeitei uma sala, perto do link, pintei e coloquei todos os artefatos antigos da Rádio, a mesa de áudio que era antiga, fitas cassete de rolo, microfones antigos e a primeira mesa da Rádio Roraima. Coloquei tudo lá, como um museu, mas deram fim (FRANÇA, 2022)

Falta de interesse total de praticamente, de todos os diretores que passaram por lá. A Rádio Roraima não tem memória, não existe uma memória, inclusive, com o pessoal do RH, porque o RH eles teriam que guardar esse material. Tentei guardar por muito tempo. Guardei muitos rolos grandes AKAI, rolos de material de censura, que tinha toda programação da Rádio, guardado como memória. Eu guardei, mas passou um certo diretor lá e quando um dia cheguei na Rádio, esses rolos haviam sido jogados no container e o lixeiro levou. Essa é uma parte da memória que foi embora, acabou, morreu, não existe mais.

Você não consegue mais ouvir o locutor lá de trás como, por exemplo, finado Áureo Cruz, que foi um cara que é um bastante conhecido. Jaber Xaud, talvez se veja um vídeo o outro, mas na Rádio ele não aparece. O próprio Laucides, como radialista, professor Altair Souza, Galvão Soares e tantas outras pessoas que passaram por ali. Acho muito difícil você encontrar uma gravação deles comandando um programa na Rádio. Como eles faziam naquela época? Não existe mais. Hoje, com o reenquadramento dos funcionários, eles vão na Rádio constantemente e voltam quase que de mãos vazias, porque lá não se encontra frequência, contracheque que é o que é preciso para que prove que ele trabalhou na época. Nessa época de desemprego total, é a maneira de encontrar um emprego fixo, federal. Salva um ou outro que consegue, mas a maioria não consegue. Então a Rádio não tem memória por culpa exclusiva da direção, dos diretores que passaram por lá. Eu às vezes me pego pensando que também sou um pouco culpado. Mas eu tentei guardar o material que era responsável. Eu tentei mas quando cheguei a sala estava arrombada, a porta aberta e todos os rolos de censura de programas antigos que eu havia guardado, para exatamente quando alguém buscasse dá para ouvir.... Mas aí o vigilante disse "olha, o fulano jogou tudo no container e o caminhão do lixo levou. Foi um impacto e naquele momento deu vontade de desistir... Há três anos era para estar aposentado, mas ainda tô lá.(DJAVAN, 2022)

Foi muita coisa com o passar dos anos, na própria Rádio, que foram jogando fora, infelizmente a cabeça das pessoas nunca pensou na história, na história da Radiodifusão, né? Então, entrava uma administração dizia "ah, quem passou por aqui foi... ah então joga tudo que tem aí fora", e tudo foi se perdendo. Eu tenho um monte dessas coisas porque sempre tive o cuidado de ir guardando as coisas, não que eu tivesse projetado que um dia eu iria ser diretor da Rádio, ou que eu iria participar dessa história por tanto tempo, mas porque sempre fui organizado, gostava de guardar as coisas, né? Por

isso que eu tenho alguma coisa é para oferecer quando os alunos de comunicação vem aqui, fora isso, assim na Rádio, mesmo você não encontra. Você não encontra material recente (SOARES, 2022)

Vai ficar pior se eles não conseguirem recuperar e apagar definitivamente da memória do povo roraimense a Rádio Roraima. Conheço centenas de pessoas que quer ouvir a Rádio, e que chora, sabe porquê?, porque quer acordar às quatro horas da manhã e escutar aquele sertanejo, depois ouvir o forrozinho. Lá no interior eles acordam essa hora e a primeira coisa que ele faz é ligar o rádio, mas ele liga agora e só sai chiadeira. O café dele não sai tão gostoso.

Digo isso porque presenciei na fazenda do seu Galego, a esposa dele acordar às 4h, ligar o Rádio, acender o fogão à lenha, pôr a chaleira, uma costela, um cuscoz, a panela com macaxeira. Tudo isso ouvindo o Rádio. Esse povo todo não consegue mais isso, e isso é uma dívida impagável.

Essa dívida é impagável com eles, especialmente, porque não conseguem mais contar para os seus netos o quanto era bom ter uma Rádio bem pertinho deles, porque o Rádio fala com as pessoas; a Rádio emociona as pessoas; a Rádio chora com as pessoas, entendeu? Na minha linguagem de Rádio, quando digo olha pra cá, o cara olha mesmo. Tenho uma ouvinte que me disse que deixou o café derramar porque eu estava falando um negócio e ela não concordou. Ela parou de fazer o café e ficou discutindo com o Rádio. Com a televisão não dá para fazer isso, mas com o Rádio ela fala com o Zé Maria, é como se tivesse me vendo. É essa a magia do Rádio. (CARNEIRO, 2022)

5.2.2 Oralidade e memória da Rádio Roraima

De acordo com Bosi (1994, p 1), os fatos relatados nos livros de história representam “um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista”. Para essa autora, “erros e lapsos” dos narradores “são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial”. Então, o importante nos relatos reside “no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 1994, p. 37).

Alberti (1990) relata bem o uso da oralidade em relação a memória daquele tempo explicando que o fato do depoente “‘distorcer’ a realidade, ter ‘falhas’ de memória ou ‘errar’ em seu relato”, não é mais visto como um fator negativo, pois o importante “é incluir tais ocorrências em uma reflexão mais ampla, perguntando-se por que razão o entrevistado concebe o passado de uma forma e não de outra e por que razão e em que medida sua concepção difere (ou não) das de outros depoentes” (ALBERTI, 1990, p. 3).

Isso fica muito claro no depoimento dos entrevistados quando eles enaltecem e falam sobre o trabalho que realizaram como extremamente importante para a história da Rádio, e exemplificam com situações que hoje nem são recordadas pela geração mais jovem de comunicadores.

Tinha uma patota que não gostava de mim, tinha raiva de mim, inveja demais, porque eu deixava aquela Rádio bonita demais, funcionado para todo o Estado de Roraima, todo o Brasil e o mundo, durante 24 horas. Na minha frente eles são bacanas demais, Geraldo pra cá, Geraldo pra lá, mas por trás eles metiam o cacete, desse jeito. Quando eu entrava naquela Rádio era uma alegria total, a Rádio funcionava a todo custo. A gente pegava todo final de semana um ônibus da Amatur, colocava palhaço, cantores e a equipe da Rádio e ia para os municípios. O prefeito recebia a gente com uma multidão. A gente levava o nome da Rádio para todos os cantos. A Rádio era muito querida.

A Rádio Roraima representa tudo, é uma Rádio que precisa ser olhada com carinho por esses governos porque ela é histórica. Aquela Rádio tem um trabalho prestado ao povo de Roraima muito grande, ela era o único elo de ligação entre a Capital e no interior. O garimpeiro que estava lá no meio das matas queria saber notícias dos seus familiares e a gente passava, porque eles ouviam.

Na Rádio, tive o prazer de colocar um amigo na política, mas ele realmente não soube aproveitar, o Jalser. Fui eu quem deu o primeiro emprego para ele na Rádio, levei para o Brigadeiro colocar ele no PTB para se candidatar. Mas vi depois que o PTB só tinha cobra e ele não iria ganhar. Mas tinha o Dias, a terceira via. Disse ao Brigadeiro que tiraria ele do PTB porque não ganharia. O Dias mandou eu levar o garoto. O programa dele era o Show do Povo, ele era um menino muito inteligente, ele conquistava todo mundo, interagiu bem com os ouvintes, ele foi um espetáculo.

Naquela época o povo dava crédito para a Rádio, que estava no auge. A Rádio Roraima era forte demais. Era uma Rádio temida, tinha muita moral. Sinto saudade demais. Nossos amigos veteranos todos velhinhos. São pessoas que dou valor e gosto deles (FRANÇA, 2022).

Lembro que as meninas do interior me desenhavam e diziam “você é mais ou menos assim”, ou mandavam cartas cheias de coraçãozinhos e beijinhos apaixonados (rsrs). Cara, emocionante, a relação muito colada, sabe, muito vivenciada, eles acordavam ligando a Rádio, sabiam o nome de todo mundo, sabiam o horário de todo mundo. Era uma verdadeira paixão, então isso era empolgante.

E quando a gente chegava no interior, por exemplo, às vezes as pessoas esqueciam as autoridades e a atenção era para nós, da Rádio. Se você viajasse com o governador, a senadora Marluce, muitas vezes eles ficavam mais com a galera mais idosa, e a juventude toda cercava a gente, parecia que éramos políticos. A gente era o artista. Outro encantamento do “Amigo do Povo” é que nas primeiras semanas me dava uma tremedeira porque tudo era no palco e ao vivo naquele Teatro Carlos Gomes, um local que realmente é uma pena da forma que hoje se encontra. A gente fazia aquele programa ao vivo e levava os cantores e cantoras daqui, dando oportunidade para que cantassem ao vivo.

Quando fui chefe do gabinete da Casa Civil convidei Galvão Soares para ser meu secretário de Comunicação. Galvão ama o rádio e a Rádio Roraima, conhece tudo de Rádio. Pedi para ele fazer levantamento porque estava preocupado com a situação da Rádio.

A Rádio já vinha se arrastando, com um som que ninguém entendia nada, a rádio era só um balcão de emprego. Ele me trouxe um relato muito triste e fui com o governador Neudo Campos e ele me perguntou o que se faria, disse que “comprar um transmissor novo”.

Compramos o transmissor novo, colocamos e começamos a ajustar, o som da Rádio ficou maravilhoso, recuperamos boa parte do que a Rádio tinha perdido. O transmissor novo foi roubado e botaram um velho. A Rádio Roraima está aos pedaços, o que é uma pena. É uma pena ter se perdido a oportunidade (CARNEIRO, 2022).

Eu entrevistei na época da Radiobrás, aqui de Boa Vista, Anthony Garotinho, governador do Rio, e Lula, quando ele foi presidente da República. Nós entrevistamos através do telefone. Parecia que estava bem aqui, devido à qualidade, o padrão de som, que nós recebíamos e enviávamos para os nossos ouvintes. Entrevistei essas duas personalidades, por incrível que pareça, pouca a gente sabe disso (MONTEIRO, 2022).

A produção de documentos históricos é outra especificidade. De acordo com Alberti, “ao invés de organizarmos um arquivo de documentos já existentes, conferindo-lhes, após criteriosa avaliação, o caráter de fontes em potencial para futuras pesquisas, na história oral produzimos deliberadamente, através de várias etapas, o documento que se torna fonte”. O ineditismo e o preenchimento de lacunas de documentos escritos não são as principais características da História Oral, mas principalmente a “recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu” (ALBERTI, 1990, p. 5). Isso é muito colocado pelos entrevistados quando falam na participação da Rádio nos momentos históricos de Roraima, desde a criação do território até hoje.

5.2.3 Criação da Rádio no Território

Durante a pesquisa, fui me aproximando do objeto de estudo através das lembranças dos entrevistados. Ao todo foram seis versões, diferentes leituras que me forneceram um “todo social”, uma representação qualitativa de um determinado momento histórico e a maioria delas fala sobre a falta de memória da Rádio e a falta de interesse em preservar essa memória que foi relatada por alguns dos entrevistados.

A rádio participou do processo de criação da Constituição de Roraima. Todos os dias tinha um repórter nas nossas comissões colhendo dados. Se foi um momento importante do Parlamento Estadual foi exatamente quando os constituintes se reuniram para elaborar a primeira Carta do Estado. Foi um processo tão democrático pois fomos nós que criamos os outros municípios. A Rádio Roraima sempre esteve presente, ouvindo a população, os relatores e os deputados constituintes, sabendo da opinião, assim como esteve na promulgação da Carta Magna do Estado. Então ela participou de maneira ativa da construção de Boa Vista, da construção do Território, do primeiro prefeito eleito de Boa Vista, transmitindo a votação, em que a gente passava de semanas naquele Ginásio Senador Hélio Campos, porque o voto era manual. O voto que muita gente quer que volte, só não sei porquê. Para finalizar uma eleição, montávamos plantão no Hélio Campos para transmitir. A Rádio Roraima também reivindicava a modernidade, melhores ruas, melhorias nos hospitais. Sempre teve esse apoio e foi atendida porque sempre respeitou as instituições. Quando se ouvia alguma coisa na Rádio Roraima era para o bem da população, e as autoridades reconheciam isso. Até o Sílvio Leite (ex-prefeito) que brigava com todo mundo, nunca teve maiores problemas com o Rádio Roraima. Ele brigou com aquele jornalista

João Alencar. Brigou com o Sidney que era o dono do jornal, mandou as máquinas ir lá tremer as paredes do jornal. Mas com a Rádio Roraima não, porque a Rádio Roraima sempre foi uma instituição que respeitava outras instituições (CARNEIRO, 2022).

Teve um diretor que inaugurou a Rádio quando o Presidente Juscelino Kubitschek esteve aqui, não me lembro, menina, o nome dele, não... eu não me lembro o nome desse... professor Vidal. Tem lá um trecho do discurso do Juscelino Kubitschek “do Alto dessas montanhas verdejantes, onde o sol esparréia seus raios do sol com mais furor”, que coisa bonita, menina, que ele era médico. Ele fez esse discurso lá, onde era a Secretaria de Educação próximo ao Palácio. Lá na Rádio, foi lá no estúdio, ele inaugurou lá. Antes disso não tinha Rádio. Ele criou quando veio em campanha, o Kubitschek. Boa Vista parecia mais um interior do que cidade, era bem pequeninha. Ele prometeu que se fosse eleito ele voltaria e daria uma Rádio para Roraima, e ele foi eleito e veio e trouxe a Rádio Roraima. Chico Leitão foi técnico durante muito tempo da Rádio Roraima, primeiro técnico. Ele era técnico dos serviços de Rádio do governo, daí ficou fácil para ele fazer, trabalhava nos dois lugares. Ele quem fez os primeiros experimentos de uma Rádio, foi ele quem colocou a Rádio para funcionar, inclusive, eu não fui na inauguração, vi através de reportagens e fotos, muitas fotos, inclusive, até hoje o Francisco Cândido tem um trabalho espetacular sobre Rádio Roraima e sobre algumas pessoas de lá. (MONTEIRO, 2022)

A Rádio Roraima funcionava em caráter experimental com o senhor Domingo Leitão, que arrumou um transmissor, mas aí era uma coisa muito pequena. Mas essa coisa pequena influenciou para que eles fossem ao governador da época e ele ficou animado.

Quando o Juscelino veio fazer campanha aqui para se eleger em 1955, ele se comprometeu, e perguntou ao governador: O que é que o povo quer?, O governador disse: o povo quer uma rádio e o povo quer uma usina de luz. Antigamente a luz apagava aqui dez horas da noite, nove e meia dava o sinal e apagava. Quando foi em janeiro de 1957 mandou providenciar tudo, o governo daqui comprou o transmissor, arrumou onde colocar e ele deu a concessão e veio inaugurar. Porque a família do Laucides Oliveira, seu Levindo Oliveira, mineiro, era muito amigo e conhecido do Juscelino quando vivia em Minas, e mandou ele vir aqui que o pessoal ia votar nele.

Não lembro exatamente quando começou a funcionar em caráter experimental porque acho que foi muito pouco tempo. Hoje infelizmente não se tem o documento de outorga, somente o Decreto de criação do governo, mas da outorga do Governo Federal não. Naquele tempo era muito pequeninha, a Rádio se restringia ao estúdio, uma área que às vezes a gente levava alguns cantores locais para participar de um programa, além da sala da direção (SOARES, 2022)

Resolvi guardar os discos, rolos de censura que tinha programa com esses caras apresentando. Eles diziam “quero mandar um alô para o fulano no bairro tal”... Mudaram os nomes desses bairros. Mas aí eu perdi tudo para esses dois, duas pessoas que eu acho que irresponsavelmente destruíram isso aí, mandando jogar tudo na lixeira, tudo que fazia parte da minha responsabilidade. Essas pessoas estão vivas, mas eu me reservo a não citar o nome das pessoas porque o vigia que estava na Rádio disse que não sabia o nome das pessoas. Um deles não está mais na Rádio, enquanto que o outro ainda milita. Quando soube que eles tinham ido lá e tirado tudo, fiquei muito triste e desanimado, tanto que na mesma hora peguei meu carro e fui na lixeira pública, mas não encontrei nada. Isso tudo aconteceu em um final de semana. As portas estavam abertas e todas as prateleiras identificadas dizendo quantos discos tinham, como se alguém ali tivesse levando esse material, no caso eu que era o responsável. Mas eu era o cara mais preocupado com as pessoas que levavam os discos. No dia me senti mal,

como se fosse um ladrão, sendo eu o cara que manteve e mantém até hoje tudo organizado. Se alguém for na minha casa não encontra discos, para que eu quero? Não me interessa. O que interessa para mim é a memória da Rádio (ESBELL, 2022)

5.2.4 Laços com ouvintes da Rádio

O que se busca na História Oral é a possibilidade de recuperar, a partir da memória individual ou grupal, uma série de laços sociais que reconhece no anonimato cotidiano uma atitude histórica. [...] A história oral não se contrapõe ao uso do documento escrito, mas se complementa. [...] A história oral busca basicamente aquilo que não se encontra nas fontes existentes, busca o que somente a partir do relato das pessoas e através da entrevista se pode encontrar (BARELA, MIGUEL E CONDE, 2000, P. 7).

Um exemplo desses “laços sociais”, recuperados através da memória dos entrevistados, foi a participação efetiva dos ouvintes do interior na Rádio Roraima, por exemplo. Eles relatam casos de programas que ajudavam as pessoas a encontrarem familiares perdidos, presentes que ganhavam de ouvintes e outros relatos históricos que demonstram a importância da Rádio Roraima para o Estado. Pais, irmãos e avós acompanhavam na Rádio os recados e programas, proporcionando a formação de círculos de amizades, que se estendiam às atividades externas. É esse “anonimato cotidiano”, relatado pelos entrevistados, que permite desvelar dados, relações e acontecimentos. São elementos que não se encontram em outras fontes, e que podem vir a complementar os documentos existentes. As lembranças dos entrevistados transmitem essa sensação de memória vivida, daquilo que se perdeu e é preciso preservar, se manter.

O maior acontecimento que envolveu a população, foi em 1961, quando eu ainda não era da Rádio Roraima, os cantores de Ébanos¹² eram famosos, aquele conjunto composto por negros que cantavam no Brasil inteiro. Eles vieram a Roraima fazer shows e foram muito bem-sucedidos aqui. Tinha no show um empresário da Guiana Inglesa, que resolveu levá-los para Georgetown, mas quando chegaram lá, como não cantavam em inglês, não fizeram sucesso e o camarada abandonou eles num hotel. Eles ficaram retidos na Guiana Inglesa por falta de pagamento de hotel. E o que a Rádio Roraima fez naquela época? A Rádio Roraima fez uma grande campanha, “Vamos trazer os Cantores de Ébano de volta”, comandada pelo Carlos Alberto de Araújo, que foi locutor, depois diretor, e faleceu em Brasília há

12 Nilo Amaro e Seus Cantores de Ébano foi um grupo brasileiro de MPB formado por Nilo Amaro (Moisés Cardoso Neves) e um coro de vozes negras femininas e masculinas (um soprano, um mezzo soprano, um contralto, dois baixos, um tenor e três barítonos), com destaque para o baixo Noriel Vilela.)

algum tempo. A campanha movimentou toda cidade, fazendeiros, comerciantes da época, todo mundo dando dinheiro. Ele foi a Georgetown, pagou todas as contas e trouxe eles. O aeroporto ficou cheio quando os Cantores de Ébano chegaram em Boa Vista. Então foi para mim o maior acontecimento. Aquilo mexeu com a minha cabeça. Ali percebi que a principal função de uma emissora de Rádio é o Social, é integrar a comunidade, fazer campanhas para beneficiar as pessoas. Por isso é que tínhamos Campanha do Livro, Campanha documento perdido, Campanha Natal dos indigentes. Essa durou, aproximadamente, 12 anos. Foi uma ideia do colega Júlio Torreias, e foi um sucesso absoluto. Notei que, independentemente de entreter e informar, a principal função do veículo de comunicação é o social. Sem isso, nós podemos fazer o que fizermos, tudo bonitinho, transmitir esporte, mas realmente, quando você faz uma campanha social que atinge objetivos, aquilo é superimportante para o radialista, porque satisfaz a gente como radialista e cresce o nome da emissora no conceito das pessoas (SOARES,2022).

Nós fazíamos uma campanha que se chamava Natal Feliz, Natal das pessoas carentes. Menina, esses fazendeiros, pessoal de sítio, mandavam farinha, arroz, macaxeira, galinha, frutas, e o pessoal da cidade mandava mais coisas, e a gente saía entregando nas instituições, como a que era comandada por Dona Noêmia Bastos, do Centro Espírita. E tinha outras associações beneficentes. Tinha uns que mandavam um caminhão de laranja lá pra Rádio (rsrs). A gente subia em cima daquele caminhão e ia distribuindo nas instituições e nas casas, nos bairros, e até transmitia de lá, que estávamos distribuindo na rua, nisso chegava um monte de gente para receber a laranja, a banana. O povo do interior é sempre um povo muito hospitaleiro, solidário, sabe. Se você convoca ele para alguma coisa, ele tá dentro. E quando chegava esses caminhões de laranja, de banana e tal, a gente ia fazer isso em vários pontos da cidade, e era muito, mas muito maravilhoso aquele contato com as pessoas que recebiam pela satisfação. Nisso envolvia brinquedos também. Esse lado da Rádio me deixa muito feliz. Outra coisa muito marcante eram as cartas, cartas apaixonadas, cartas de alô, pilhas e pilhas de cartinhas. Hoje tudo é pelo WhatsApp (CARNEIRO, 2022).

Vou lhe contar um fato curioso. Um cidadão daqui de Boa Vista, não lembro o nome dele, passou recado para o vaqueiro dele no Taiano, mais ou menos assim: “Atenção fulano de tal da Fazenda tal, fulano pede que prenda a égua da sua mãe que amanhã ele vai buscar”. Ha,ha,ha, ha. Era o cavalo que era para prender que no dia seguinte o dono da fazenda iria trazer para Boa Vista. E é claro, com um recado desse, a gente ria, né... Outro fato é a localização de um cidadão que veio na época do garimpo, para Boa Vista, veio do Paraná. O pai veio de lá do Paraná à procura do filho, fazia tempo que não mantinham contato. Menina, e nós chamamos demais, colocamos muitos avisos para quem soubesse o paradeiro desse rapaz, informar que o pai estava preocupado e estava aqui em Boa Vista e coisa e tal. Ele foi localizado, por incrível que pareça na Venezuela. Trouxeram ele, o encontro foi lá na Rádio, foi uma emoção muito grande, o pai chorou, o filho chorou, aí os dois voltaram para o Paraná, pra você vê a importância da Rádio... o elo de ligação entre Capital e o interior, era uma audiência fabulosa (MONTEIRO, 2022).

Zé Maria Carneiro, que é um parceiro da gente, me lembrou muito bem dele, tinha uns programas bons. Tinha o Jaber Xaud, que tinha um programa muito famoso. Tinha muitos deles, mas tá fugindo da memória agorinha, muitos... Laucides Oliveira é outro também. Tinha uns que fazia programa direto para o interior e falava no nosso nome, na nossa região, todos os dias. A Rádio anunciava tudo. Às vezes o cara estava em Manaus, a gente escutava aviso. Em Santa Maria do Boiaçu sempre falavam “tão levando encomenda”. Muita gente sabia o nome da gente sem a gente conhecer a pessoa só porque falavam o nosso nome todo dia. Conheciam nossas

propriedades porque saia na Rádio todo dia esses nomes, Santo Antonio do Pão, São Jorge, Vista geral, Puxa Faca, Uriunduque, Mutum, Água Fria, Caju, Luis de Oliveira lá no Suapi, e assim sucessivamente, o Estado todo. Todos os dias falavam no nome do meu pai. Aconteceu muito das pessoas, ao me conhecer, já saber meu nome, assim como também conheci outros pela Rádio, porque eu fazia questão de ouvir os recados da Rádio Roraima, onde quer que eu estivesse (MOTA, 2022)

5.2.5 Período da Ditadura Militar

Nessa pesquisa, os relatos orais fornecidos pelos seis entrevistados resgatam lembranças de um passado recente, viabilizando reflexões sobre determinado momento histórico-social, o período em que a ditadura militar comandava o país. Eles relatam esses tempos e explicam como funcionava o relacionamento dos militares com a Rádio Roraima, incluindo o que era censurado ou não.

A censura também era exercida informalmente, por meio de telefonemas para os veículos de comunicação e comunicados por escrito ("bilhetinhos") proibindo a publicação de determinados assuntos (OLIVIERI, 2008).

Lembro de muita coisa. Na minha gestão teve várias polêmicas com a Polícia Federal devido aos garimpeiros, né. A Rádio era o “elo de ligação” da Capital com o interior através do Mensageiro do ar, que mandava recado para as fazendas, sítios e garimpeiros. Então veio a ordem para acabar com os garimpos. Mas os garimpeiros mandavam recados e a gente colocava no ar, daí a Polícia Federal chegou me intimou para que tirasse do ar tudo que falasse sobre garimpeiro. Houve um dia que um garimpeiro colocou um anúncio dizendo “os porcos estão chegando aí”. Eles entenderam que era mandando recado para avisar que Polícia Federal estava chegando. Aí rapaz, foi uma briga danada, pediram as fitas. Aí eu mandei as fitas para eles (PF) mostrando que realmente nós não estávamos sabendo de nada. Eu tenho ainda os jornais, do Rio e de São Paulo. Na época do Governo Militar, sempre tivemos cuidado para não entrar em polêmica com o governo. A Rádio sempre foi chapa branca, então falava muito bem dos governos para não ter nenhuma advertência. Era o que mais o governador pedia “olha, não falem mal do Governo Federal”.(FRANÇA, 2022)

Na época do regime militar, quem trabalhava na Rádio tinha uma credencial. Primeiro você ia na Polícia Federal, mesmo a Rádio sendo do Governo, se não tivesse essa carteira não poderia trabalhar no veículo. A sua vida pregressa era investigada, se você valesse alguma coisa você recebia essa carteirinha, se não, você tava fora.

Você tinha que um mês antes, fazer uma relação das músicas que seriam tocadas no mês seguinte. Essa relação, junto com aqueles discos, eram enviados para o Departamento de Censura da Polícia Federal, mesmo sendo a Rádio do governo federal, a Radiobrás.

No caso de show, por exemplo, quando eu trouxe Nelson Gonçalves aqui, tive que mandar para a Polícia Federal o contrato, tudo direitinho, e a relação de músicas que o cantor teria que apresentar no show. Ele não podia sair daquilo.

Então, quando a gente mandava, no caso, os roteiros, que eles analisavam 50 discos, eles observavam aquela música tal que não gostavam e riscavam no LP. Aquela música já vinha riscada. Não era só na relação, não. Eles

riscavam o disco para não ter perigo de rodar, mesmo sendo uma Rádio oficial do governo federal.

Então a gente tinha que andar dentro do limite, a gente tinha que ter muito cuidado com o que comentava. Mesmo no esporte tinha que ter limitações do que estava comentando, porque naquela época muitos militares jogavam nos clubes locais. Sargentos, cabos, soldados, eram entrosados socialmente no esporte.

Nos anos 60 os melhores partidos para as moças casarem eram os funcionários do Banco do Brasil, sargentos do Exército e funcionários da Petrobras em Manaus. Se a moça quisesse casar melhor um pouquinho ia para Manaus, porque lá tinha funcionários da Petrobras que ganhavam bem. Se não, ficava por aqui e casava com o pessoal que tinha uma faixa salarial melhor. Então eles eram muito entrosados com a sociedade, e às vezes, a gente podia fazer um comentário, mesmo que estivesse falando de esporte, que o cara tinha sido grosseiro naquele instante, bateu aí...você tinha que ter cuidado para evitar que lhe chamassem lá

Qualquer deslize a gente era fiscalizado. Quanto à música, todos os apresentadores de programas sabiam o que devia tocar. Lá para a discoteca ia aquela relação que vinha da Polícia Federal, e o camarada que iria fazer o programa já sabia que aquele disco riscado, que estava naquela relação do quadro, não podia tocar. Fora isso não teve outro episódio que pudesse chamar a atenção.

Naquela época tinham os jovens lá da Bahia, Caetano, Gil, tinha aquela moçada, Gal. Tinham algumas músicas deles que passavam, mas tinham outras que não. Aquela música “quem sabe faz hora, de Geraldo Vandré”, aquele foi um dos discos que fizeram “X” no disco todinho (rsrs), porque eles entendiam que os caras estavam fazendo ali uma menção política(SOARES, 2022)

Sobre ser radialista na época do regime militar, separo muito bem porque as minhas ideias nunca ferem ninguém. Nunca tive um problema, nenhuma reclamação a respeito das minhas palavras. Eu tenho um tom ameno, um tom de conciliação e de respeito para com as pessoas e instituições.

Recebi muitos convites para fazer programas polêmicos, eu não faço porque geralmente se tem que seguir uma linha editorial do dono Rádio. Eu realmente me nego a fazer. Ou eu falo o que minha consciência determina ou eu saio do pedaço, sabe. Mas também não procuro brigar, ferir a imagem de ninguém. Ouço várias emissoras de Rádio que tem esse tom, o que considero uma falta de respeito para com as pessoas. Acho que jornalista tem o papel fundamental de informar e educar, agora chegar até a família do outro e ofender o dia a dia da pessoa, me parece que esse não é algo importante para a construção da democracia e o bom convívio, e eu sempre fui de bom convívio, tanto é que até hoje eu sou respeitado exatamente por isso. Falo com A, B e C, de várias facções políticas, e sou respeitado até hoje e vou morrer respeitando eles. O respeito sempre é bom e cabe em qualquer lugar (CARNEIRO, 2022).

Na época do Regime Militar me dava demais com o... O pessoal, achava muito ruim o coronel Ramos Pereira, já falecido. Ele era uma pessoa fora de sério, muito brincalhão, agora, é claro, (risos), quem ele não gostava tratava de uma outra maneira. Trabalhei no regime militar, foi bacana, bacana, sem interferência nenhuma deles na Rádio Roraima. Por incrível que pareça, a gente vai chegar lá na Radiobrás, a única música brasileira conhecida na Guiana Inglesa era a Aquarela do Brasil. A única, não conheciam outra de jeito nenhum. Era só essa aí (MONTEIRO, 2022).

Eu trabalhava na parte de produção e edição, nós recebíamos periodicamente da Polícia Federal tudo que podia e que não podia trocar. Então a gente tinha esse conhecimento e esse cuidado para não cair e, de repente acontecer, de a gente ter que fechar a Rádio e ser culpado por isso. Não sei se o regime fez bem ou não, mas falo no sentido de família, daquilo

que se iria executar, se poderia fazer bem ou não para criança e até mesmo para adultos no seio da família. Ainda naquela época as coisas eram um pouco fechadas, as famílias eram mais rígidas. Hoje parece que tá mais liberal, mas de certa forma a gente obedecia direitinho aquilo ali. Acho que hoje, com um pouco mais de liberdade, está melhor. Está melhor!

Éramos proibido de tocar músicas que tinham duplo sentido e conexão política. Vou citar uma música que acho que é a síntese, “Pra não dizer que não falei das flores, de Geraldo Vandré”. Essa música é um hino, não vou dizer que é o hino da Liberdade ou não, mas... é por aí que a banda toca.

Tinha outros cantores, principalmente o pessoal da Tropicália daquela época, Gilberto Gil, Caetano Veloso e Gal. Alguns deles foram exilados, dentre outros, mas esses foram os mais conhecidos. Até hoje tem algumas músicas que nunca foram liberadas. Acho que a Rádio nunca tocou, mas não me recordo bem agora. Eram cantores de uma música só, que gravavam e paravam. Eram músicas que batiam mesmo no regime militar.

Episódios... houve alguns com a Polícia Federal na época do garimpo, quando foi proibido. Os caras da Polícia Federal monitoravam a Rádio, vez ou outra eles estavam lá. A Rádio pagou caro por causa disso.

Por exemplo, o Mensageiro do Ar, o programa mais popular, que era o “elo de ligação entre a capital e interior”. Começou a abrir o garimpo e era proibido, proibição mesmo, aí os caras começaram a inventar nomes de fazenda, e fazendas que não existiam no mapa. “Atenção Pedrão na Fazenda Galeão, fulano avisa para você não colocar os ovos na estrada porque o camelão está próximo da estrada”. Camaleão era a Polícia Federal. Eles usavam metáforas, códigos. “Atenção fulana da Fazenda tal, fulano avisa que o algodão molhado segue logo mais às 9 horas, mas cuidado porque as capivaras estão próximas, estão rondando a área”. Algodão molhado era cachaça e eles vendiam muita cachaça no garimpo. Usavam muitos códigos: capivaras, a onça pode beber água aí com vocês.

Houve muito incômodo da Polícia Federal com essa situação e a Rádio em algumas vezes foi fechada pela Polícia Federal, até que se explicasse o porquê dessa situação. Às vezes o Benjamim faltava, que era o titular do programa, e eu ficava incumbido de fazer o programa. Eu fazia. Foi um orgulho muito grande porque substituir o Benjamim não é fácil, não. Até hoje está na ativa e é cara dele. Esse foi o maior incidente com a Polícia Federal. Semanalmente a gente recebia a visita deles lá, porque eles sabiam que aquilo ali nada mais era do que uma maneira do garimpeiro burlar, tentar enganá-los. Então eles ficavam procurando “Quem foi que passou essa informação de que nós estaríamos em determinado ponto?”. Elas achavam que era nós que sabíamos, mas, na verdade, eram os garimpeiros que tinham essa informação (ESBELL, 2022).

5.2.6 Ingerência política na Rádio

O processo de recordação varia muito de pessoa para pessoa, modificando-se conforme a importância que se dá ao acontecimento, no momento em que ocorre, no momento em que é recordado e o nível de interesse da pessoa no fato. Para Alberti, nem tudo o que é importante é recordado “muitas vezes esquecemos, deliberadamente ou inconscientemente, eventos e impressões de extrema relevância” (ALBERTI, 1990, p. 5).

Nessa pesquisa, muitas vezes os entrevistados sentiam a necessidade da intervenção minha no sentido de reconduzi-los ao tema em questão. E para conseguir

respeitar o discurso e a condução das ideias dos entrevistados, seguia alguns procedimentos, tais como não tomar o roteiro das entrevistas como “uma camisa de força”, não ficar preso à ordem cronológica, mas respeitar os “avanços e retrocessos característicos do esforço de recordação”, permitir o “desenvolvimento de assuntos não previstos”, enfim, possibilitar ao entrevistado “seguir o ritmo de seus pensamentos”. (ALBERTI,1990).

Durante a coleta de dados, me deparei com vários temas inesperados, como, por exemplo a questão do direcionamento político e da intervenção na rádio, e o fato da Rádio Roraima ser usada politicamente, um dos temas mais interessantes e repassados nas entrevistas. Foi unanime por parte dos entrevistados a fala sobre o assunto.

Como avaliou Costa (2007, p.3) em seus estudos sobre história política do meio, “desde a sua invenção e início de operação, o rádio tornou-se um importante instrumento de dominação política e ideológica”. Mesmo antes de começarem as primeiras transmissões radiofônicas, ao entender que suas vozes poderiam chegar à lugares cada vez mais distantes e de forma simultânea, a classe política não demorou a desenhar estratégias nas quais seus discursos pudessem ser ouvidos por aqueles que, por diversos motivos não teriam acesso ao conteúdo dos jornais ou a seus discursos. Em diversas partes do mundo, o rádio tornou-se rapidamente um instrumento político, assim “grandes líderes da época descobriram a potencialidade deste novo meio de comunicação, como Hitler, Stalin, Roosevelt e Vargas” (COSTA, 2007, p3)

De modo geral, as emissoras de rádio acabaram virando aliadas na política dos governantes, que segundo Costa (2007, p.4), “em sua maioria, sempre serviram como instrumento de manutenção e reprodução do Estado”. Assim “exigiam novos tipos de políticos, que soubessem como utilizá-los. Cada um à sua maneira, Franklin Roosevelt, nos Estados Unidos, e Hitler, na Alemanha, se tornaram símbolos da política da Era do Rádio” (MIGUEL, 2002, p.155). Em Roraima isso se aplica aos diversos políticos que passaram pelo Território e que usavam a Rádio seja por meio de indicação política da diretoria, seja por meio do uso dela para divulgação de seus feitos para a sociedade, conforme é especificado pelos entrevistados na história oral.

A Rádio foi e até hoje é usada muito politicamente. Os políticos chegavam de Brasília e vinham dar entrevista e exigiam que os repórteres da Rádio acompanhassem eles no interior do Estado para mostrar que eles estavam

fazendo tudo. Então ela foi usada neste sentido de querer fazer a cabeça do pessoal do interior, de que aquele candidato era o bom.

Existia muito de o deputado mandar colocar fulano de tal (empregar). Eu briguei muito. O Brigadeiro Ottomar e a senadora Marluce tinham muita consideração comigo. Na eleição, o Ottomar ganhou do Jucá, e como eu já tinha feito amizade com o Brigadeiro Ottomar de Souza Pinto, ele me colocou como presidente da Fundação Rádio Difusora de Roraima, e o Barbosa Júnior, como meu vice, tudo isso 1991. Depois que o Ottomar saiu, entrou o governador Neudo Campos, e por indicação da senadora Marluce Pinto ainda fiquei sendo diretor da Rádio lá até 2005. Fui diretor da Rádio três vezes. De 1991-1992 quando fui candidato a vereança; depois voltei e fiquei de 1995 a 1997.... estou esquecido, acho que foi 1998 a 1999.

A polêmica era somente Ottomar e Jucá, era briga. O Jucá mandou fechar a Rádio em 1992. Chegou o documento assinei e comuniquei o Brigadeiro, que havia recebido uma intimação lá de Brasília. O Brigadeiro mandou os advogados entrarem lá em Brasília, mexeram e daí tranquilo, voltamos.

Eu, muitas vezes discuti com o Brigadeiro porque ele mandava o Isaias Maia, Márcio Junqueira e o repórter que morreu, o Duru, e tinha mais outro, o Paulo Giovane, que tinha um programa que esculhambava o Jucá. O Jucá me telefonava e dizia “Ei, França, vou lhe processar”. Eu dizia “não sou eu, não tenho culpa”. Mas ele dizia “Você é gestor”.

Eu ia no Brigadeiro e dizia que a briga estava feia demais. O Brigadeiro dizia que “eu era muito mole. Deixa os meninos esculhambarem”.

Eles tinham autorização do brigadeiro para fazerem isso. Aí uma vez eu exonerei Isaias Maia e Paulo Giovane. Disse para o Brigadeiro “Tirei Paulo Giovane e Isaias Maia porque não querem obedecer”. O Brigadeiro começou a brigar mas a senadora entrou no meio e disse “o França tem razão, não adianta você querer gritar, espernear porque o França tem razão, esses rapazes, tenho recebido muitas reclamações das pessoas da cidade e do interior, de que eles são horríveis”.

Agora nenhum governo, nem o Ottomar, investiu um tostão naquela Rádio, ela vivia dos comerciantes que arranjávamos. Eu e o Francisco éramos quem arranjava as propagandas para a sobrevivência da Rádio. Nem Ottomar colocou dinheiro na Rádio(FRANÇA, 2022)

A Rádio sempre foi assim, a cada grupo político que ganhava as eleições, tanto no Território quanto no Estado, mudava a direção. A direção mudava os funcionários porque a maioria tinha que ser do lado do novo governo que entrava. Então ela sempre foi um ciclo vicioso. Poucos foram os profissionais que ficaram lá. Vou dar exemplo: Adailton Galvão, Benjamim Monteiro, pessoas mais antigas que continuaram a sobreviver, mas a maioria dos funcionários era trocada a cada entrada de nova direção por indicação do governo, que era dono da emissora, e também por indicação de deputados. Isso quebrava a programação que estava em andamento, as condições com que a emissora estava trabalhando. De repente entrava uma outra administração que não seguia aquilo, quebrava aquelas rotinas que tinham sido aprendidas. Tinha que ensinar tudo de novo para os novos funcionários. Nunca houve um profissionalismo sequenciado. Tinha que ler na cartilha do governo. Se não lesse, estava fora. Sempre foi assim. Colocar a programação que o governo quer. Tinha que ter peito para dar uma enfrentada, não aceitar determinadas atitudes, ainda se conseguia, mas é muito difícil. Todos nós, profissionalmente, temos o limite. A vida está muito difícil, hoje em dia, ao invés de melhorar está cada vez mais piorando, embora esteja melhorando qualitativamente os profissionais de imprensa, mas o mercado fica tão difícil que a gente se submete a tudo. Mas nem todos devem agir assim, as pessoas que têm um pouquinho de boa índole devem ter o seu limite. Ou vai em busca de emprego ou ganha oportunidade com o administrador se ele é sincero, expõe as dificuldades. Tem gente que diz amém a tudo.

A Rádio deu visibilidade a pessoas que tiveram mandatos eletivos como o Jalser Renier começou como operador, depois virou locutor e apresentou por

muitos anos o programa o “Show da Tarde”. Ele virou político através do programa, assim como Zé Maria Carneiro, que conduzia o programa “Amigo do Povo”. Essas pessoas foram eleitas em função do trabalho deles pela Rádio. Renan Beckel também foi outro que através do programa de Rádio conseguiu se eleger. A emissora, de certa maneira, contribuiu para que essas pessoas tivessem vida pública. (SOARES, 2022)

Entrei numa época bem tranquila, inclusive foi o governador Ottomar que me convidou. Ele dizia “você tem jeito de político, Zé Maria”; “Já vejo você como prefeito, vereador” (imitando o Ottomar). Foi ele quem começou a me incentivar nisso. Eles iam muito na Rádio, entrevistei muito o Ottomar e Marluce, mas eles não interferiam. Se não fosse a Rádio Roraima eu nunca teria sido político. A Rádio me dava essa visibilidade que nem eu mesmo imaginava, eu realmente não imaginava. Mas foi a Rádio Roraima que me deu essa visibilidade. O governador Ottomar quando chegava na Rádio dizia: “Você vai ser político, rapaz, você tem um vozeirão” (imitando Ottomar). E foi ele quem me incentivou para eu entrar na política. Quando eu fui vereador eu não queria ser candidato. O Ottomar até falou com a minha mãe para eu ser candidato. Eu dizia “não, acho que eu não quero não, acho que quero ficar no programa e tal”. O Ottomar chegava lá em casa com uma Coca-Cola e dizia: “Dona Cristina, o Zé Maria tem que ser vereador, tem um futuro brilhante”. Mamãe só dizia “se ele quiser, ele pode”. Até que um dia eu disse “tudo certo”. Já havia tido uma experiência no Gonçalves Dias, sendo presidente o Centro Cívico. Gostava de movimentar, a gente construiu lá o primeiro exemplar do Jornal do Gonçalves Dias, em 1980. Eu me lembro de uma campanha que foi fantástica, e eu não era candidato. Aí chegou outra equipe e disse “Zé Maria você é o melhor nome, a gente fez uma pesquisa e o seu é o melhor nome, porque você trabalha na rádio e tal, aquela turma de lá tá querendo um candidato que a gente não tá gostando não. Eu disse “rapaz, eu quero montar um jornal, vocês me ajudam?”, então eles disseram “a gente te ajuda, mas se você for candidato, que a gente elege você e ainda monta teu jornal”. Daí disse “tá fechado”. Aí a gente fez as duas coisas. Tinha um colega meu que o pai dele tinha um helicóptero e um dia, teve a campanha de todos os candidatos na escola, que podia distribuir panfletos. Me veio na cabeça “e teu pai, não pode passar aqui em cima e jogar nossos panfletos?” (Rindo). Fomos lá com o pai dele que disse “a gente faz”. Não deu outra, quando jogou o pessoal aplaudia e dizia “é meu candidato”. Emplacou. Mas toda essa visibilidade e o prestígio veio através dos microfones da maravilhosa Rádio Roraima. Inesquecível Rádio Roraima. Eterna Rádio Roraima(CARNEIRO, 2022).

Quando havia eleição que mudava o governador ele mudava a direção da Rádio e alguns poucos funcionários eram trocados também, só isso, mas ele não interferia assim direto, “olha, tem a fazer assim, assim, não”, a gente montava a programação e desenvolvia. Nunca mexeram comigo, graças a Deus. Olha, você sabe por que? Porque eu sempre votei do lado do governo, sempre acompanhei o governo, porque o governo é que manda, quer queiramos ou não, que manda e desmanda aqui na cidade, né? Então pessoa que é contra tá perdendo um tempo danado (MONTEIRO, 2022).

O respeito com o entrevistado foi essencial na minha pesquisa. O gravar, o perpetuar uma fala, o deixar a recordação aflorar. Galvão Soares falou bastante, estava muito empolgado, contando, com detalhes, várias passagens de sua trajetória profissional. Percebi que ele tinha uma memória fantástica e que tinha muitas coisas para contar. Não quis interrompê-lo, queria deixá-lo à vontade, o que fez a entrevista

demorar mais de 3 horas com 20 páginas de transcrição. O ideal, numa situação de entrevista, de acordo com Alberti, “é que se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre entrevistado e entrevistadores, à medida que ambos se engajam na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado” (ALBERTI, 1990, p. 69).

Entende-se que os depoimentos ouvidos estejam contaminados pelo esquecimento. Memórias relembradas em comum, construindo um lugar de fala que apresenta, no presente, uma unidade e uma singularidade: são todos participantes de um mesmo movimento de construção de um instante singular da história, tendo participado desse momento que, assim, é elevado à condição de fundador. Marialva Barbosa destaca os embates que caracterizam esse “jogo memorável” de memória.

Há que também se considerar, ao pensar a memória, as estratégias que evocam lutas, disputas, construção de lugares de visibilidade, considerando-se enfim, que os depoimentos não trazem o passado nele mesmo, mas um olhar que do presente lançamos ao tempo que qualificamos como tendo passado (BARBOSA in MUSSE; RODRIGUES, 2012, p. 8).

Isso fica bem claro na entrevista do radialista Galvão Soares quando ele conta que era funcionário do Banco do Brasil, quando foi indicado pelos colegas pra assumir a Rádio Roraima.

Fui para a Rádio Roraima em 1961, o diretor era Valdemiro Barbosa de Araújo, e o governador era o Hélio Magalhães de Araújo. Quando foi em 1963 para 1964 me inscrevi no concurso do Banco do Brasil, passei, deixei a Rádio Roraima e fui para o Banco do Brasil. Trabalhei no Banco do Brasil até 1965, mas paralelo eu trabalhava de graça na Rádio, apresentava programas esportivos, noticiários. Para você ter uma ideia, eu saía do Banco uma hora da tarde e ia de bicicleta para perto da igreja, que era ali a Rádio, apresentava a Vanguarda Esportiva, depois eu vinha pela Cerejo Cruz, tomava um banho e almoçava porque as duas horas eu tinha que estar no Banco. Era muito sacrificado, mas quando a gente é jovem, enfrenta essas batalhas rindo e tira de letra.

Em 75, o governo militar de Fernando Ramos Pereira achava que a Rádio Roraima não estava funcionando bem, e como ele era um homem de comunicação e gostava, queria saber o que precisava fazer. Aí, do pessoal da Rádio, ninguém quis ser o diretor e me indicaram, explicando que eu era radialista e que trabalhei inclusive de graça na Rádio fora do expediente do Banco.

Daí ele ligou para o Banco do Brasil e disse “peça aí para o seu funcionário vir para cá que ele vai assumir a direção da Rádio Roraima. Vou requisitá-lo ao Banco do Brasil, à presidência do Banco Brasil, e gostaria que você mandasse ele vir aqui, e daqui ele não vai mais voltar para o Banco, vai sair daqui para a Rádio, como diretor”.

Eu estava no caixa e chegou o subgerente e disse, Galvão encerre seu caixa e se apresente na gerência. Tomei um choque! Fiquei com medo porque ser caixa do Banco do Brasil e de repente chega o subgerente, que era quem lidava com o pessoal, e dizer assim “encerre seu caixa e se apresente ao gerente” alguma coisa muito ruim deveria ter acontecido comigo. Fiquei nervoso, encerrei o caixa, e cheguei até pálido lá com o gerente.

Como ele gostava muito de mim, o Ladeira disse “que isso, rapaz, tá pálido, senta aí, tá nervoso por quê?”, daí eu contei né. O subgerente mandou eu encerrar, eu fiquei preocupado. Ele disse, não, é que o governador, o nosso vizinho do lado, disse pra você ir agora lá que você vai assumir a direção da Rádio Roraima. Disse mas como, sou funcionário do banco? Ele vai te requisitar para a presidência do Banco e tu pode pegar tuas coisas e ir direto pra lá. Não sei mais te explicar nada. O homem mandou a gente tem que obedecer, vai pra lá.

Peguei minha bicicleta e minhas coisinhas e fui. Cheguei lá no Palácio fui recebido pelo chefe de gabinete que disse..., eu, como tinha intimidade com o Magno perguntei, o que que houve, Magno? Rapaz, os funcionários da Rádio estão aí e o governador fez uma reunião com eles para saber o que poderia melhorar na Rádio, e apontaram teu nome para ser o diretor.

Aí me levou lá, com o governador... bom dia o senhor que é o Galvão, o senhor vai ser o diretor da Rádio, seus colegas aqui lhe escolheram, é que quero que essa Rádio melhore, pois quero fazer dessa Rádio uma emissora que realmente... ele era de telecomunicações. Resultado, fiquei dirigindo a Rádio do Território até 1977 (SOARES, 2022).

O depoimento de Galvão é corroborado pelo operador de som Djavan Esbell que relata um pouco dessas relações políticas entre os integrantes da Rádio e os políticos do Território.

A Rádio Roraima representa muitas coisas, principalmente a estabilidade que ela me deu. Eu já tinha a Rádio Roraima como modelo, onde os grandes profissionais estavam ali. Então eu pensei “vou pra lá me juntar a esses caras, vou aprender muito muito”. Aprendi muito, muita gente interessante que passou por ali, Laucides, o próprio Galvão que depois 1986 assumiu a Rádio novamente, Carvílio Pires, Consuelo de Oliveira, muita gente, Não gosto de lembrar porque vou me perder aqui, mas estou citando alguns que foram importantes pra gente, que deram exemplo. Conversava muito com o Laucides “Bell, faz assim que vai dar certo. Pena que não te conheci há mais tempo para te levar na Fazenda do meu pai, Levindo Oliveira” (imitando a voz de Laucides).

Sinto saudade do profissionalismo que havia antigamente. Não que hoje não haja, mas antigamente a Rádio era mais estável com seus funcionários. Hoje não, vai mudando, há muita indicação política, às vezes pessoas que não merecem, mas tem que ceder lugar para alguém que veio indicado, com um bilhete no bolso. Eu não vou me alongar muito nisso, mas acho que para bom entendedor meia palavra basta. Eu sinto falta daquela época as pessoas tinham segurança de poder chegar no final do mês e saber que iriam receber. Hoje está complicado isso aí, politizou demais, entendeu, né. (ESBELL, 2022)

5.2.7 Importância dos Profissionais

Para os velhos jornalistas e radialistas que participaram dos primeiros anos da Rádio Roraima não paira dúvida sobre a representatividade daquilo que fizeram, apesar de a cidade ter quase nada preservado sobre aqueles tempos considerados por muitos quase que heroicos.

Quando questionados de como percebiam a Rádio Roraima atual em relação à Rádio Roraima comparada ao passado no período em que lá estavam, a maioria respondeu que antes era muito melhor.

A Rádio Roraima foi a primeira. Hoje ninguém fala mais na Rádio Roraima porque temos FM que entra no interior tranquilamente. Com esses transmissores velhos, de OM e OT, chia muito e nunca vai a dez quilos. Na minha gestão chegava a dez quilos e na do Galvão também. Pode ir lá. Na minha opinião, hoje a Rádio sumiu. Ninguém fala mais em Rádio Roraima. Primeiramente esqueceram de colocar a Rádio no contexto de rádio FM. Já era tempo, mas não colocaram. Parece-me que o Damião (Damião Marques, atual presidente) está fazendo agora um documento para colocar (FRANÇA, 2022)

Acho que a tecnologia vem para nos ajudar. Quando surgiu a rádio disseram que iria acabar o jornal, não acabou. Discutimos muito isso quando éramos estudantes de comunicação. Depois veio a televisão disseram que iria acabar com o Rádio e não acabou. Depois veio a internet e disseram, agora acaba com Rádio. Pelo contrário, é uma ferramenta extraordinária. Talvez isso tenha tirado essa facilidade, que é tirar o interesse do radialista de ir buscar, de produzir. Você viu os roteiros que nós tínhamos? Tudo era escrito, apesar de poucas fontes de informação, muitas dificuldades, mas eles montavam programas especiais para cada data, 21 de Abril, 7 de Setembro, Dia das Mães, Dia dos Mortos, Sexta-feira Santa. Tudo isso o radialista ia trabalhar, buscar informações, entrevistava pastores, padres, autoridades de cada setor para montar programas. Hoje, talvez com a facilidade da internet, o camarada abre aí e lê a notícia direto da internet, isso tem escapado um pouco. Acho que isso cai um pouco, se não houver um interesse de se aprimorar, usar essa ferramenta para lhe ajudar e não para ela ser o principal fator do seu trabalho, porque se você se baseia nisso.... Eu ouço alguns programas que eu leio a notícia hoje, principalmente programas policiaescos e amanhã, o camarada lê no rádio e nem diz que foi ontem, quer dizer, não atualiza a notícia, apenas lê. Então a internet facilitou por um lado, mas complicou um pouco porque se a pessoa não tiver interesse de pegar aquela notícia, melhorar a notícia, pegar mais informações. Por exemplo, aconteceu um incêndio hoje, os bombeiros foram lá. No outro dia manda uma equipe, um repórter, para saber o que que houve, para falar do incêndio de ontem, mas já dá o resultado de hoje. Mas não, vai dar o mesmo incêndio que houve ontem, sem explicar hoje o que aconteceu, salvou alguma coisa, de quem era a empresa? Então eu acho que essa facilidade acomodou o radialista e o jornalista e fez com que ele caísse um pouco.

Acho que caiu muito, tecnicamente a emissora, a gente tá ouvindo, e de repente, ela sai do ar porque hoje ela tá trabalhando com a internet, que nós sabemos que não é boa no Brasil inteiro, imagina aqui. Então acho que essa é uma dificuldade muito grande que eles estão tendo, para manter uma programação de nível de qualidade. Eu gosto muito da Rádio Roraima, mas tem hora que eu mudo para outras porque fica difícil tá trabalhando aqui e ter que tá corrigindo o rádio: voltou, sumiu. Então você muda para outra emissora. Isso é perda de audiência. É perda de faturamento. A Rádio perde com isso (SOARES, 2022)

Lamentável, a Rádio piorou. A Rádio Roraima não existe e é um crime que estão fazendo. A Rádio não existe. Em primeiro lugar deixaram roubar quase tudo da Rádio, depois montaram alguma coisa de esqueleto lá, depois perderam oportunidade de transformar a Rádio em FM, por pura falta de compromisso dos dirigentes. Até o cobre da Rádio roubaram, as instalações da Rádio são deploráveis. Não querem valorizar um patrimônio que contribuiu tanto para o desenvolvimento de Boa Vista, do Território Federal de Roraima e para o Estado. Lamentavelmente, a cada dia que passa está ficando pior. Ninguém escuta mais a Rádio porque não tem alcance. A Rádio da cidade não se escuta porque ninguém vai deixar de escutar o som de FM para escutar uma chiadeira da Rádio. No interior não chega quase em canto nenhum. A potência de 10 Kg não atinge quase nada, eu choro, choro como

cidadão, pois a história da Rádio em si é fantástica. A história de uma década para cá é lamentável. Torço todos os dias e ainda sonho. A Rádio tem várias dívidas. Vamos começar pela primeira. A Rádio Roraima tem uma dívida enorme para com o seu povo. Essa dívida é impagável. Mas tem uma dívida que é pagável, que depende de querer, de fazer política, instrumentos políticos resolvem essa situação imediatamente. Temos três senadores e oito deputados estaduais, vamos resolver em nível Federal. Precisa-se transformar a Rádio em FM, a Rádio não tem frequência. Qualquer dia perde essa frequência, e acabou a Rádio Roraima (CARNEIRO, 2022)

Olha, com toda a tecnologia que nós temos, a internet, digo que é até uma covardia, qualquer assunto que você busca lá, você encontra, qualquer assunto, acabou com aquele negócio de você tá engrossando a voz, como dizem impostando, você fala com a voz que Deus te deu, sai normalmente, o operador de áudio, o DJ, vai e melhora, dá uma melhorada legal e vai pra longe, hoje é o mundo todo e qualquer emissora de rádio, está ligada aí na internet, e isso é bacana. Por isso eu estava lhe falando aqui que o mínimo de escolaridade deveria ser exigido. Hoje a Rádio Roraima tem muitos que não cursaram nem o Mobral, menina, quanto mais segundo grau.

Em questão de infraestrutura a Rádio Roraima antes era muito melhor administrada, Galvão Soares tem noção de administração. O Faider, que foi um dos diretores no tempo da Radiobrás, tinha noção de administração. Carlos Alberto Ribeiro Araújo, e eu dei sorte quando cheguei na Rádio, encontrei três feras, vozes porretas, fabulosas: Carlos Alberto Ribeiro de Araújo, Reis Brandão, amazonense, Djalma Dutra, paraense, caboquinho, baixinho, padrão de voz invejável. Eu comecei no Mensageiro do Ar, como eu falei, e pedi para fazer o noticiário com ele, de meio-dia. Eles aceitaram, era uma bancada de quatro pessoas, oh... Até nisso eu dei sorte quando eu cheguei lá, fantástico! (MONTEIRO, 2022)

Eu posso tá aqui cometendo injustiça, mas eu acho que em épocas passadas a Rádio tinha um apoio maior, entendeu, principalmente na época da Radiobrás, a Rádio funcionava de uma forma espetacular. O som da Rádio era quase como o som de uma FM. Então os equipamentos foram se deteriorando. Naquela época era mais fácil conseguir resolver as coisas hoje, hoje está muito burocrático, tudo tem que passar por licitação e eleva-se e a licitação não sai, transmissores e equipamentos antigos. Às vezes a gente vê o empenho de diretores tentando buscar recursos, seja na Assembleia, em forma de emendas, ou nas secretarias, buscando equipamentos que para eles já não servem, como computador, cadeira, mesa.(SBELL, 2022)

Durante a realização das entrevistas, a reconstrução de experiências do passado mostrou-se, muitas vezes, um exercício difícil. De acordo com Bosi (1995), as lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência.

Nos relatos de nossas fontes orais, o passado sempre vem no sentido de reforçar o saudosismo, as fidelidades ao lugar, as ações daqueles que lhes cercaram e os movimentos e fatos políticos, culturais, sociais, que entrecruzaram suas vidas

privadas e públicas. Afinal, nesse percurso entre temporalidades distintas, a memória de nossos entrevistados enfrenta as tensões anacrônicas. Além disso, vale registrar que os testemunhos recordam de um passado que está próximo demais e, por isso, ainda desempenha uma função política intensa nos dias atuais (SARLO, 2007).

Conforme o autor, somos aquilo que recordamos, da mesma forma que somos e vivemos através de narrativas. Só fazemos aquilo que está em nossa memória, do contrário, não conseguiríamos sequer nos comunicar. Através da lembrança, também selecionamos aquilo que queremos “esquecer”. Uma vez que não é possível, realmente, esquecer, nosso cérebro se esforça para tornar difícil o acesso a essas “más lembranças” (SARLO, 2007).

A Rádio contribui com o desenvolvimento do Território e do Estado, porque ela, realmente, fazia com que os políticos vissem as condições do antigo Território. Botava na cabeça dos agricultores o que realmente estava acontecendo. Se ela pendesse para um lado, aquele lado era mais forte politicamente. Se ela pendesse, para um outro partido, ela realmente fortalecia aquele partido (FRANÇA, 2022).

A Rádio mudou a história da cidade porque até 1975 não tinha outra emissora e não tinha televisão. Então a Rádio concentrava as pessoas que começaram a aprender a ouvir rádio participando através de cartas, e depois, quando foi implantada aqui a Companhia Telefônica Roraimense, algumas casas passaram a ter telefones e as pessoas começaram a ligar, mas não entravam no ar. Só ligavam e pediam a música, ainda não era permitido entrar no ar. Somente depois que passou a ter a participação do ouvinte. Então eu acho que as pessoas foram se habituando a participar da vida da Rádio. A Rádio Roraima é uma das mais antigas, e ainda é uma das emissoras, apesar dos momentos difíceis que ela está atravessando por motivos técnicos, ainda é uma das emissoras preferidas. Eu fico, às vezes, quando estou limpando quintal aqui em casa, ficou ouvindo, que a participação das pessoas é muito grande tanto do interior quanto da Capital. Havia os programas enlatados, como você disse, mas tinha muita programação local totalmente adaptada à identidade do roraimense. “O amigo do povo” era uma programa que trazia as pessoas; o “Show da tarde”, com o Benjamim Monteiro, que era um programa bastante ouvido. O Benjamim sempre foi um campeão de audiência. Tínhamos aos domingos o programa “Campeão de Audiência”, que a Rádio Folha faz hoje, aquele tipo de entrevista à Rádio Roraima fazia e ainda tinha o Campeão de Audiência, além das pessoas opinarem sobre determinado assunto, o público ficava votando para escolher dez músicas que compunham a parada do povo. Ao final do programa, tinha a Parada do Povo que era apresentado pelo Benjamim. Tudo era com identidade nossa. Os programas de auditório iniciaram, talvez até antes, quando ainda não tinha Rádio, no Teatro Carlos Gomes, com o locutor Magnos Mota Guimarães, que apresentava o “Vespéral de Brotos”, um programa de auditório local. Tinha o alto-falante lá e ele fazia aquilo. Quando a Rádio Roraima entrou no ar, ele passou o nome do programa para Brasil Cantando, posteriormente ele entregou esse programa para Jaber Xaud, e tornou-se o programa Jaber Xaud, que durou por muitos anos. Ele passou para o Jaber no início dos anos 60 (SOARES, 2022)

A Rádio Roraima tem uma participação ímpar na identidade e na construção de Boa Vista, do novo Estado, transformado em 88, primeiro governador

eleito em 90. Incrível, quando não existia nada já existia a Rádio. Ela foi inaugurada em 1957 pelo Presidente Juscelino Kubitschek, quando veio inaugurar a usina para a geração de energia elétrica, a termelétrica daqui. A Rádio Roraima acompanha o passo a passo do desenvolvimento. Imagina que o bairro de São Pedro em 57 e 58 eram caminhos para chegar lá na Avenida Major Williams. Tudo era bem longe do centro. A Rádio Roraima foi inaugurada e a partir daí ela registrou todos os acontecimentos de Boa Vista. Tô falando de acontecimentos como o aeroporto de Boa Vista, que ela transmitiu ao vivo a inauguração, das principais escolas que a Rádio esteve presente, dos principais prédios que ela esteve presente, em termos de Boa Vista. A Rádio Roraima é o melhor instrumento de conhecimento, pois tudo que aprendi de comunicação foi na Rádio Roraima. Aprendi a falar, a passar pelos vários departamentos de uma emissora, apresentação, produção, jornalismo, tudo isso foi um aprendizado muito bom na Rádio Nacional e na Rádio Roraima, as parceiras (CARNEIRO, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história é construída a partir de pequenas narrativas. A dissertação intitulada "Vozes da Memória: Da Fundação ao Processo de Transição Política do Estado (1957-1991)" buscou compreender a história da Rádio Roraima e sua contribuição na formação da identidade do povo de Roraima, de acordo com a percepção dos envolvidos, direta ou indiretamente, na trajetória da emissora.

Entende-se que a Rádio Roraima foi o principal meio de influência na sociedade durante o período analisado, por meio da produção de programas diversificados, que englobavam tanto entretenimento quanto jornalismo, especialmente aqueles que alcançavam o interior do estado por meio do rádio.

A programação da Rádio se dedicava a serviços de utilidade pública, avisos comunitários e notícias da região, e, dessa forma, a emissora se tornou um importante meio de comunicação entre os primeiros municípios roraimenses. Ao longo dos anos em que o Território crescia, a audiência se consolidava e o vínculo entre a comunidade e a emissora se fortalecia, já que os ouvintes se identificavam com a proposta da Rádio de fornecer informações precisas e relevantes.

Outro ponto fundamental a se destacar é que a Rádio Roraima funcionou durante a ditadura militar, apoiando o regime implantado por ser ligada ao governo do Território e temendo represálias. No entanto, houve casos de censura descritos pelos servidores, que tiveram sua liberdade de expressão limitada. A censura era usada para manter a população de Roraima alienada dos problemas que ocorriam no país. Muitas vezes, a censura não estava escrita em manuais ou documentos, mas sim era informada diretamente pelos censores para as redações.

Os depoimentos daqueles que viveram esse período são importantes formas de lembrar o que aconteceu e de reconhecer a ferida que nunca sarou. A censura contribuiu para tornar a equipe mais separada e individualizada, preocupada em tomar cuidado com o que dizia, com a música que tocava e com quem podia reclamar.

No entanto, apesar disso, a Rádio Roraima, com sua diversidade de programação, instaurou a 'Era de Ouro do Rádio' no Território, que crescia demograficamente e na infraestrutura, dinamizando a comunicação e oferecendo ao público programas de qualidade.

Durante a pesquisa, percebeu-se a importância das narrativas orais na reconstrução da memória radiofônica. Os sujeitos entrevistados demonstraram que a

história pode ser reconstituída a partir de documentos escritos, mas sem desconsiderar as práticas sociais de oralidade, que são fundamentais na recuperação de informações sobre a memória coletiva.

Através das histórias de vida e experiências dos entrevistados, foi possível conhecer de perto essa realidade e compreender o vínculo afetivo que eles tinham com a Rádio, evocando lembranças e rememorando seus programas favoritos. Além disso, a Rádio Roraima foi uma escola profissional para muitos nomes importantes da comunicação e da política, como Galvão Soares, Jalser Renier e José Maria Carneiro.

De acordo com Barela, Miguel e Conde (2000), a prática da memória é essencial para o desenvolvimento dos povos, pois preservar a memória coletiva significa preservar a identidade da sociedade. Para Lang (1996), as fontes orais são baseadas na memória, que é sempre uma reconstrução do passado a partir da perspectiva do presente e marcada pelo contexto social. Assim, a memória individual e coletiva são igualmente importantes nessa construção histórica.

Neste trabalho em particular, que reflete sobre a criação da Rádio Roraima, a memória foi o recurso metodológico que permitiu a recuperação de informações sobre a importância do programa para os participantes. Através de fontes orais, foi possível traçar a história da criação da Rádio, revelando sua origem, locais onde funcionou e aspectos relacionados à sua criação pelo Estado.

Os depoimentos permitiram esquematizar a criação e história da rádio, revelando a equipe de trabalho, os programas e a formação de ouvintes. As falas também revelaram aspectos relacionados à audiência em Roraima e na Amazônia, mostrando dados sobre a repercussão em revistas e jornais da época.

Por meio desses documentos orais, foi possível analisar como os personagens ingressaram na Rádio e um pouco de suas histórias de vida. Ao trabalhar com a memória de velhos jornalistas, Ribeiro (2008) constatou que eles tendem a se representar como “lutadores idealistas” e apresentam sua devoção como desinteressada, sem proporcionar nenhum benefício material.

Ao ouvir as histórias dos radialistas pioneiros da Rádio Roraima, foi possível perceber o orgulho que todos guardam pela participação nos primórdios do veículo no Estado, um período de muito experimentalismo, mas de grandes coberturas, marcado pelo imprevisto e pela curiosidade. Através das falas dos entrevistados, foi possível expor programas que marcaram época e ainda permanecem no imaginário daqueles

que viveram, como O Mensageiro do Ar, e assinalar como eram produzidos e as pessoas que fizeram parte desses programas.

O trabalho ainda conseguiu ilustrar, por meio de fotografias, registros imagéticos da época, a história de criação da Rádio e como ela funcionou até o final deste período. Além disso, a história da Rádio Roraima entrelaça-se com a história do território de Roraima, com as mudanças e costumes de uma época, já que por meio desses espaços as pessoas se reuniam para se informar e se divertir com as atrações musicais, sorteios e promoções que ocorriam na emissora, além de destacar como era o trabalho e a transmissão no período da Ditadura.

Uma das fortes características do Rádio é a proximidade com o ouvinte. O uso do material documental relacionado à Rádio Roraima - documentos, fotografias, matérias de jornal - não pretendeu expressar toda a verdade, ou representar o real de todos os acontecimentos transcritos, e sim dar pistas para um registro histórico que sofre pela ausência documental do processo de criação da Rádio e sobre o relacionamento político no período. Não se preocupou apenas em fornecer ao leitor informações importantes ou imprimir uma narrativa em ordem cronológica dos acontecimentos, mas sim a preocupação principal foi contar uma história antes nunca contada.

Os dados coletados durante esta dissertação nortearam todo o processo de fundamentação teórica e embasaram a análise do tema, ajudando a entender o contexto histórico de fundação da Rádio, atingindo assim seu objetivo principal de contar por meio das lembranças e memória desses agentes, as transformações políticas que fizeram parte da construção da história da Rádio Difusora de Roraima no período de 1957 a 1991, realizando uma verdadeira costura entre os relatos dos entrevistados e formulando a história da Rádio Roraima dentro da história da radiofonia de Roraima.

Também se conseguiu responder ao questionamento central da pesquisa mostrando por meio da memória oral dos agentes envolvidos como era o funcionamento da Rádio Roraima e as ligações políticas que existiam nas práticas radiofônicas.

Os relatos aqui constatados, são parte de uma história que marcou gerações e influencia até hoje na maneira de fazer jornalismo em Roraima.

A história oral e os documentos encontrados mostraram quais foram os pontos de tensões, deixando esse registro da história da Rádio Roraima e a memória dos

profissionais/ex-diretores sobre o tema, comprovando com a documentação da história e da memória a contribuição da Rádio Roraima na vida política, social e econômica e na identidade da população roraimense.

Entre os tensionamentos mais importantes encontrados, na implantação da Rádio no território de Roraima, a questão da representatividade política, controle da informação, censura, conflitos de interesses e dificuldades operacionais, que afetaram a distribuição da licença e a cobertura da rádio na região.

A criação da emissora, por exemplo, envolveu debates e disputas políticas em torno da definição do modelo de gestão, do orçamento disponível, da equipe de profissionais que atuaria na rádio, entre outras questões.

Além disso, a programação da Rádio Roraima foi alvo de discussões políticas, principalmente por se tratar de uma rádio pública, onde a programação que deveria atender ao interesse público e ser imparcial, gerou divergências em relação aos temas e abordagens tratados na programação, visto que muitos políticos queriam utilizar a rádio como veículo para chegar mais facilmente aos eleitores.

Outro ponto de tensão foi a alocação de recursos para a Rádio Roraima, como verbas para equipamentos, manutenção e investimentos em infraestrutura. Dependendo das prioridades políticas em vigor, ocorreram disputas que impactaram a qualidade da programação e a capacidade da rádio em atender às demandas da sociedade.

Por fim, a própria gestão da Rádio Roraima foi alvo de tensões políticas, já que a emissora era uma instituição pública e, portanto, sujeita a mudanças de gestão e orientações políticas a cada novo governo ou gestão. Isso afetou a autonomia editorial da emissora e gerou pressões para a adoção de determinadas linhas editoriais ou abordagens temáticas.

Uma leitura da história da Rádio demonstra que ela evoluiu de uma forma resiliente conseguindo sempre adaptar-se às mudanças, quer elas tenham sido de nível tecnológico ou social. Este trabalho justificou-se pela importância social de auxiliar a reconhecer a história que não tinha sido contada, que extrapola o discurso convencional, oferecendo oportunidade aos entrevistados de elegerem os seus critérios para destacar o que para si é relevante na história pessoal em relação a um cenário, neste caso: a Rádio Roraima.

Neste sentido, foi possível constatar que, apesar do engajamento de muitos envolvidos através dos contatos, pesquisa em textos publicados, artigos, livros,

trabalhos de conclusão de curso e arquivo histórico, percebeu-se que a quantidade de materiais sobre o assunto é escassa e encontra-se desorganizada.

Em relação a manutenção do acervo histórico uma sugestão é que como existe uma legislação relacionada a censura que diz que os roteiros e as gravações dos programas deve permanecer na emissora por 60 dias, esse tempo deveria ser maior, ou deveria existir uma legislação amparando que amparasse a preservação dessa história. As empresas privadas e/ou estatais poderiam ser obrigadas, por Lei, a preservar a própria memória, o que dificultaria a perda do acervo

Entende-se que teria que haver muita vontade política para modificar a história da Rádio Roraima, e torna-la efetivamente propriedade e talvez, patrimônio histórico e material do Estado de Roraima. No papel, ela é uma rádio e tv, dois instrumentos de comunicação, que poderiam contribuir melhor com a história do Estado do que somente a rádio vinha fazendo. Mas politicamente, os governantes não conseguiram entender a missão da rádio Roraima e ainda não compreendem até hoje que tem nas mãos um excelente instrumento político de barganha.

Sabemos que o tema não está esgotado e pode render muito mais pesquisas e por isso, acreditamos, que com a realização desta pesquisa, ter contribuído com o estudo da comunicação local, principalmente no que se refere ao meio Rádio, o que poderá suscitar o interesse de outros pesquisadores nessa linha de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1990

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Brasília, Thesaurus, 2005.

AMADO, João. **Manual de investigação qualitativa em educação**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2ª edição, 2014

ARQUIVO NACIONAL. BR RJANRIO.TT.0.QUF.PRO.137. Coordenação de Documentos Escritos do Executivo e do Legislativo . 2a ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, S/A. 47p.

BARELA, Liliana; MIGUEL, Mercedes; CONDE, Luis García. **Algunos apuntes sobre história oral**. 2. ed. Buenos Aires: Instituto Histórico de la Ciudad de Buenos Aires, 2000.

BARBOSA, Marialva. **Senhores da Memória**. In: Intercom – Ver. Bras. De Com., S. Paulo, Vol. XVIII, n. 2, p. 84-101, jul./dez. 2010

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa**. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

CALABRE, Lia. **A história oral como ferramenta fundamental na reconstrução da história do rádio**, 2008, disponível em> <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1> acessado em janeiro de 2023

CALIMAN, Luciana Vieira. **Pista da Entrevista**. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Org.) **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. 310 p. v. 2. p. 66-91. Porto Alegre: Sulina, 2014

CAMPOS, Maria Luiza Vieira. **Encontro com o passado**. Porto Alegre. Editora Alternativa, 2016.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008

CÂNDIDO, Francisco. **Rádio Roraima (1957 - 2017) 60 anos do ar**. Coluna Minha Rua Fala. Jornal Folha de Boa Vista, 2017. Acessado em 07.11.2021, disponível em <https://folhabv.com.br/coluna/Minha-rua-fala-04-01-2017/3471>

_____. **Rádio Roraima - 2ª Parte**. Coluna Minha Rua Fala. Jornal Folha de Boa Vista, 2017. 21.11.2021, disponível em <https://folhabv.com.br/coluna/Minha-Rua-Fala-11-01-2017/3503>

_____. **3ª Parte. Histórico da Rádio Difusora de Roraima 60 anos no ar (1957 - 2017)**. Coluna Minha Rua Fala. Jornal Folha de Boa Vista, 2017. Acessado em 21.11.2021, disponível em <https://folhabv.com.br/coluna/Minha-rua-fala-18-01-2017/3535>

_____. **4ª Parte. Rádio Roraima - Rádio Nacional de Boa Vista – AM e FM. 60 anos no ar (1957 – 2017)**. Coluna Minha Rua Fala. Jornal Folha de Boa Vista, 2017. Acessado em 21.11.2021, disponível em <https://folhabv.com.br/coluna/Minha-rua-fala-25-01-2017/3570>

CAPPARELLI, Sérgio. **Coronelismo, radiodifusão e voto**: a nova face de um velho conceito. In: BRITTOS, Valério; BOLAÑO, César (Orgs.). **Rede Globo**: 40 anos de poder e hegemonia. São Paulo: Paulus, 2005. p. 77-101

CARMONA, Elysabeth; LEITE, Geraldo. **Rádio, povo e poder**: subserviência e paternalismo. In: MELO, José Marques. Populismo e comunicação. Cortez, 1981

CASTRO, Fábio Fonseca de. **Geopolítica da comunicação na Amazônia**. Comunicação & Sociedade, 2012. v. 33, n. 57, p. 151-171. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/2826/2942> Acessado em dezembro de 2022.

_____. **Macrodinâmicas da comunicação midiática na Amazônia**. UFPA – 2014. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222013000200013&script=sci_abstract&tlng=pt acessado em dezembro de 2022

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – Artes de Fazer**. 3ª edição, editora Vozes, 1998.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. Ática, São Paulo, 2000.

CORREIA, Cyneida Menezes. **Jornalismo e memória a construção da política nos jornais de Roraima (1907-1988)**. Boa Vista, 2021. 129 f. : il.

COSTA, Osmani Ferreira da Costa, **Rádio e Política**, Eduel, Londrina, 2007

DEL BIANCO, N. R.; ESCH, C. E.; MOREIRA, S. V. **Radiodifusão pública**: um desafio conceitual na América Latina. Revista Estudos em Comunicação – LabCom: Laboratório de comunicação e conteúdo online - Estudos em Comunicação, n.12, p.155-181, dez. 2012

DEL BIANCO, Nélia Rodrigues. **FM no Brasil 1970-79**: crescimento incentivado pelo regime militar. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, São Pau, v. XII, n.20, p. 135-147, 1999

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs** (vol. I). 2ª Ed. Rio de Janeiro: 1995.

FARIA Itamar Teodoro de; SOARES, Guilherme dos Reis. **Tramas, intrigas e interesses**: o rádio e a política no início do século XX. Revista Ciência et Praxis v. 11, n. 22, (2018)

FARIAS, Ignez Cordeiro de. **Os militares e a política**: depoimento do coronel Paulo Pinto Guedes. In: MEIHY, José Carlos S. Bom (Org.). (Re)Introduzindo a História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996. p. 135-140

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2015

_____, Luiz Artur. **Inquietudes e tensionamentos: pistas para a compreensão do rádio comercial**. Intexto, UFRGS, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/58408>

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis**: comprender los nuevos medios. Buenos Aires: Granica, 1998

FRANCIS, Lana. **A Rádio Roraima e sua história**. 2010. disponível em <http://mpescom1.blogspot.com/2010/11/radio-roraima-e-sua-historia.html> acessado em setembro de 2022

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GATTAZ, André Castanheira. **Lapidando a fala bruta**: a textualização em história oral. In: MEIHY, José Carlos S. Bom (Org.). (Re)Introduzindo a História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã, p. 135-140, 1996.

GONDIM, Neide,. **A invenção da Amazônia**, 2ª edição, Manaus: Editora Valer, 340 p., 2007. (Série: Memórias da Amazônia)

GOMES, Adriano Lopes RODRIGUES, Edivânia Duarte. **Rádio e Memória**: as narrativas orais na reconstituição da história da Rádio Poti. Editora da UFRN – 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/20538> acessado em janeiro de 2023

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus, Editora Valer – 2007

GUATTARI, F. **Transversalidade**. In: ROLNIK, S. (Org.). Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 2011

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Verpice, 1990.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio brasileiro**: uma história de cultura, política e integração. Texto publicado em Barbosa Filho, Piovesan e Beneton (orgs.) Rádio –

sintonia do futuro. São Paulo, Paulinas, 2004, p:51-62 Disponível em; http://projetos.eusoufamecos.net/radiofam/wp-content/uploads/2010/11/radio_brasileiro.pdf acessado em setembro de 2022

JAMBEIRO, Othon. **Tempos de Vargas** : o rádio e o controle da informação / Othon Jambeyro ...[et al.] ; preparação de originais e revisão : Tania de Aragão Bezerra, Magel Castilho de Carvalho. - Salvador : EDUFBA, 2004. 191 p.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. Psicol. Soc. vol.19 no.1 Porto Alegre Jan./Apr. 2009

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **História Oral**: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos S. Bom (Org.). (Re)Introduzindo a História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996. p. 33-47.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 4.Ed. São Paulo: Unicamp, 2000.

LEVINO, Semar. **O curso de Comunicação Social da UFRR**: Uma fisionomia que se revela lentamente. Universidade Federal de Roraima. 2002

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. (Parte IV - Características da história oral) – 2022. pp. 107-147

MIGUEL, Luis Felipe. **Mídia e eleições: a campanha de 1998 na Rede Globo**. Dados, vol. 42, nº 2. Rio de Janeiro, 2002, pp. 253-76

MORIN, Edgar. 1921. **Ciência com consciência** / Edgar Morin; Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória - Ed. revista e modificada pelo autor - 82 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

MONGIANO, Aldo. **Roraima entre profecia e martírio**: testemunha de uma igreja entre índios nas lembranças de Dom Aldo Mongiano, missionário da Consolata: Bispo de Roraima desde 1975 até 1996. Tradução de Padre Bruno Schizzerotto. Boa Vista (RR), 2011.

MUSTAFÁ, Izani. **O uso político do rádio pelos ditadores** Getúlio Vargas (Brasil) e António De Oliveira Salazar (Portugal) no Período de 1930 – 1945. Programa De Pós-Graduação Em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/71113> acessado em agosto de 2022

MUNARO, Luís Francisco. **Notas sobre a incorporação do conceito Amazônia pela cultura letrada regional**. Atena Editora, 2022, <https://sistema.atenaeditora.com.br/catalogo/post/notas-sobre-a-incorporacao-do-conceito-amazonia-pela-cultura-letrada-regional> , acessado em dezembro de 2022.

NOGUEIRA, Luiz Eugênio. **O Rádio no País das Amazonas**. Manaus - 1999

NABÃO, Maria Teresa. **Algumas questões acerca da utilização de fontes orais no âmbito da pesquisa histórica.** Pós-História Revista de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual Paulista, Assis, v. 8, p. 121-143, 2000.

OLIVIERI, Antonio. Censura: **O regime militar e a liberdade de expressão.** 2008. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/censura-o-regime-militar-e-a-liberdade-de-expressao.htm> acesso em: 13 de nov. de 2022

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes. **Amazônia Caribenha: Memória e história, o trajeto e o desdobramento em outras narrativas históricas de uma família nordestina para Roraima.** UFRR, 2020.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima.** São Paulo: 2003, USP.

OLIVEIRA, Laucides. **Boa Vista 1953...Ah, dias da minha juventude.** Boa Vista. Gráfica Real, 2007.

OLIVEIRA, Edilene Maфра Mendes de. **Vozes Moduladas da Floresta: A complexidade da migração das rádios amazonenses de AM para FM e suas adaptações ao ambiente da convergência tecnológica.** Tese de doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia, apresentada à Universidade Federal do Amazonas (UFAM). 2017

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

O ÁTOMO, Jornal. **Edições de 1951 a 1956.** Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=892971>

PAIXÃO, Cláudio Chaves. **Radionovelas: O cotidiano da população amazônica nas produções da Rádio Nacional da Amazônia (1977 A 2019).** Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal de Tocantins (UFT), apresentada em Palmas, 2019.

PAIXÃO RODRIGUES, Waldir. **Memória Fatos e histórias.** BV, 2ª Edição, 2021

PEDROZA, Ciro José Peixoto. **Que rádio é essa?** Radiodifusão universitária em Natal-RN. Tese (Doutor em Estudos da Linguagem). 2018. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/27539/1/Quer%C3%A1dio%C3%A9essa%3F_Pedroza_2019.pdf Acessado em 12 de outubro de 2021.

PORTO, Pâmela Araujo. **Os diferentes elos entre mídia e política no mercado regional brasileiro: vínculos de conglomerados nacionais e grupos do Norte e do Sul, Cosmopolítica 7 – Porto Alegre – 2018,** Disponível em: https://www.academia.edu/40621395/Elos_entre_M%C3%ADdia_e_Pol%C3%ADtica_no_mercado_regional_brasileiro_v%C3%ADnculos_de_conglomerados_nacionais_e_grupos_do_Norte_e_do_Sul Acesso em junho de 2021.

POZZANA, L.; KASTRUP, V. **Cartografar é acompanhar processos**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31

PRATA, Nair. Webradio: **Novos Gêneros, Novas Formas De Interação**. Tese. Belo horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008

RADDATZ, Vera Lucia Spacil; GRUMICKER, Cristiane. **Memória do Rádio em Ijuí**. Salão do Conhecimento, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/MARILENAFREITAS/Downloads/2082-Texto%20do%20artigo-8429-1-10-20130812.pdf> acessado em janeiro de 2023

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Velhos jornalistas**: memória, velhice e identidade profissional. In: FREIRE FILHO, João; VAZ, Paulo (orgs.). *Construções do tempo e do outro - representações e discursos midiáticos sobre a alteridade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 181-206.

REGO, Andréa; ANDRADE, Hênuia Patrícia Lima. **Panorama do rádio em Boa Vista**. In: PRATA, Nair. *Panorama do Rádio no Brasil*. 1ª edição. Florianópolis: Insular. 2011. Páginas 91-100.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2017

ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Cartografia na Comunicação: Questões de Método e Desafios Metodológicos**. In: Lopes, Maria Immacolata Vassallo de; MOURA, Cláudia Peixoto de. *Comunicação - Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2016. Páginas 175-194, Capítulo II.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental** - Transformações contemporâneas do desejo. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011. 247p

RODRIGUES, Cristiano José. **Memórias possíveis**: personagens da televisão em Juiz de Fora. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora: Funalfa. 2012.

SANTOS, Abinoan Santiago dos S237 **A formação da imprensa da Amazônia: o primeiro século do jornalismo do Amapá (1890-1990)** / Abinoan Santiago dos Santos. Ponta Grossa, 2019.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. **Reencontrando a primitiva cidade de Boa Vista**. Revista Acta Geográfica, Ano I, nº2, jul./dez. de 2007. p.57-68.

SILVA, Osmani F. **Quem me elegeu foi o rádio** – como o rádio elege o seu representante, Editora Olho d Água, São Paulo, 2022.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado** – cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia.das Letras; Belo Horizonte: UFMG. 2007

SOUZA, Carla Monteiro de. **Os ecos da modernidade no Norte do Brasil: Boa Vista/RR na década de 1950.** X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: História e Política, Ano 2010.

SOUZA, Janaína Nádia. **A Rádio Difusora de Roraima e o Movimento Roraimeira: Reflexos Na Sociedade.** UFRR - 2003

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer.** Fractal, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 299-322, maio/ago. 2014

VERAS, Antonio Tourino de Rezende. **A produção do espaço urbano em Boa Vista-Roraima.** São Paulo, 2009

VIEIRA, Edimara Bianca Correa. **Cidade e Cultura: A Belém de 1950 nas Ondas do Rádio.** Campinas -2017. Disponível: <https://1library.org/document/zkk55x8z-cidade-cultura-belem-de-nas-ondas-do-radio.html> , acessado em fevereiro de 2022

WANDERLEY, Patricia Teixeira Azevedo. **Alô, Alô Amazônia: o rádio que o ouvinte também faz.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA), apresentada em 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Marilena Freitas e Galvão Soares, registro durante e após a entrevista

APÊNDICE 2 - Marilena Freitas e Benjamin Monteiro durante e após a entrevista

APÊNDICE 3 - Marilena Freitas e Zé Maria Carneiro durante e após a entrevista

APÊNDICE 4 - Marilena Freitas e Geraldo França durante e após a entrevista

APÊNDICE 5 - Marilena Freitas , Zélio e Lúcia Mota durante e após a entrevista

APÊNDICE 6 – ENTREVISTA COM RADIALISTA BENJAMIM MONTEIRO

APÊNDICE 7 – ENTREVISTA COM RADIALISTA GERALDO FRANÇA

APÊNDICE 8 – ENTREVISTA COM RADIALISTA JOSÉ MARIA CARNEIRO

APÊNDICE 9 – ENTREVISTA COM OPERADOR DE SOM DJAVAN ESBELL

APÊNDICE 10 – ENTREVISTA COM OUVINTE ZÉLIO MOTA

APÊNDICE 11 – ENTREVISTA COM RADIALISTA FRANCISCO GALVÃO SOARES

APÊNDICE 1 - Marilena Freitas e Galvão Soares, registro durante e após a entrevista



APÊNDICE 2 - Marilena Freitas e Benjamin Monteiro durante e após a entrevista



APÊNDICE 3 - Marilena Freitas e Zé Maria Carneiro durante e após a entrevista



APÊNDICE 4 - Marilena Freitas e Geraldo França durante e após a entrevista



APÊNDICE 5 - Marilena Freitas , Zélio e Lúcia Mota durante e após a entrevista



APÊNDICE 6 – ENTREVISTA COM RADIALISTA BENJAMIM MONTEIRO

O radialista Benjamim Monteiro, 80 anos, é roraimense e começou na Rádio em 1964, quando o governador era Assis Peixoto, e o diretor era Carlos Alberto Ribeiro de Araújo. Antes da Rádio, trabalhava no governo e atuou em diversas áreas, como no Cine Boa Vista, onde anunciava os filmes que estavam em cartaz.

Quem descobriu o seu talento como radialista?

O Carlos Alberto, Padre Eugênio, doutor Gerson e Brito Nunes, muita gente bacana, iam para uma pequena galeria que existia lá em cima no Cine Boa Vista. Antes do cinema eles ficavam observando, a gente rodava música e anunciava os filmes. Numa dessas o Carlos Alberto me viu e perguntou se eu gostaria de trabalhar na Rádio Roraima, e eu disse que gostaria sim, porque nessa época o Cine Boa Vista estava quase fechando. Aí fui lá. Eu fiz o teste naquela revista O Cruzeiro, ela nem existe mais, teste de leitura. Naquela época eu também cursava o Ginásio Euclides da Cunha que era dirigido pelos padres, e eles eram muito exigentes, principalmente o padre Eugênio, professor de Português e Latim, ele exigia muito da leitura. Aí foi fácil, fácil no teste da leitura. Aí fui educar a voz, é diferente o microfone para rádio e televisão. Passei uma semana treinando no estúdio e o meu primeiro programa na Rádio Roraima foi o Mensageiro do Ar, até hoje o programa de maior audiência da Rádio. Era regra naquela época alto-falante, rádio e televisão.

O senhor foi o primeiro locutor do Mensageiro do Ar?

Não, não, havia o Valdemir Cavalcante e continuou durante muito tempo. Depois...eu acredito que, O Mensageiro do Ar, fiz durante 30 a 35 anos. Era meia hora de recado das 19 às 19h30. Quando descobriram o garimpo, passou a ser três horas e meia, de 7 horas da noite às 10h30, era muito recado. Intercalávamos com música, claro, para descansar a garganta porque era muita coisa. Mas eu tinha que ler antes porque a redação oh... horrível. Aí tinha que ler para corrigir alguma coisa para não ficar gaguejando na hora de ler o recado, porque o pessoal disse “olhe, quando vocês ficam gaguejando atrapalha, a gente perde o assunto do recado”, então se fazia isso também lá.

Um fato que nunca saiu da memória no Messenger do Ar?

Ha,ha,ha... (risos) Vou lhe contar um fato curioso. Um cidadão daqui de Boa Vista, não lembro o nome dele, passou recado para o vaqueiro dele no Taiano, mais ou menos assim: “Atenção fulano de tal da Fazenda. fulano pede que prenda a égua da sua mãe que amanhã ele vai buscar”. Ha,ha,ha. Era o cavalo que era para prender que amanhã o dono da fazenda ia trazer para cá para Boa Vista. Esse é um dos pitorescos dos recados, e é claro, como um dessa daí a gente ria, né...

Outro fato é a localização de um cidadão que veio na época do garimpo, veio pra cá para Boa Vista, veio do Paraná. O pai veio de lá do Paraná à procura do filho, fazia tempo que não mantinham contato. Menina e nós chamamos demais, colocamos muito aviso para quem soubesse o paradeiro desse rapaz aí, informar que o pai estava preocupado e estava aqui em Boa Vista e coisa e tal. Ele foi localizado, por incrível que pareça na Venezuela.

Trouxeram ele, o encontro foi lá na Rádio, foi uma emoção muito grande, o pai chorou, o filho chorou, aí os dois voltaram para o Paraná, pra você e a importância... Quando era 7 horas da noite parava tudo, tudo, tudo para ouvir, ouvir o recado, o Mensageiro do Ar, o elo de... é bem verdade que aí há uma redundância, porque todo elo é de ligação. O elo de ligação entre a Capital e o interior, era uma audiência fabulosa.

A questão política, havia muita interferência dentro da emissora?

Claro, quando havia eleição que mudava o governador ele mudava a direção da Rádio e alguns poucos funcionários eram trocados também, só isso, mas ele não interferia assim direto, “olha, tem a fazer assim, assim, não”, a gente montava a programação e desenvolvia.

O senhor é um dos poucos que ninguém nunca mexeu?

Nunca mexeram comigo, graças a Deus. Olha, você sabe por que? Porque eu sempre votei do lado do governo, sempre acompanhei o governo, porque o governo é que manda, quer queiramos ou não, que manda e desmanda aqui na cidade, né? Então a pessoa que é contra tá perdendo danado.

E na época do Regime Militar?

Nada disso... me dava demais... Pessoal, achava muito ruim Coronel Ramos Pereira, já falecido, uma pessoa fora de sério muito brincalhão, agora, é claro, (risos), quem ele não gostava tratava de uma outra maneira. Trabalhei no regime militar, bacana, bacana, sem interferência nenhuma deles na Rádio Roraima. Por incrível que pareça, a gente vai chegar lá na Radiobrás, a única música brasileira

conhecida na Guiana Inglesa era a Aquarela do Brasil. A única, não conheciam outra de jeito nenhum. Era só essa aí.

E na época da Radiobrás, quais foram as mudanças?

Ah, a Radiobrás mudou tudo, tudo tudo tudo, que você possa imaginar. Mudou programação, locutores, tudo, tudo, tudo. Primeiro eles tiraram um bocado de gente, inclusive, inclusive locutores lá da Rádio. Trouxeram fonoaudiólogos de Brasília, Rio, São Paulo, nos passaram, nos ensinaram a usar a voz, a dicção, interpretação, a distância do microfone que você deveria usar, essa série de coisas. Trouxeram um transmissor americano, coisa espetacular, e no dia da inauguração, isso em 1977, lá no Ginásio Hélio Campo trouxeram Jorge Benjor, coisa espetacular. Gente do Paraná ligou disse que ouviu o show de inauguração do Paraná.

Nós cobríamos grande parte da Europa, brasileiros que tem pelo mundo afora, procurando rádio sintonizavam... inclusive uma de Madrid e da Itália. Vieram três, disque conhecer a Amazônia, mas a Amazônia é gigantesca, isso é a força de expressão, né, a gente não conhece. Elas vieram também aqui em Boa Vista, e uma delas disse que na Itália ela ouvia a Rádio Roraima, e que pensou que fosse um prédio muito grande, muito bonito, e quando chegou lá que viu aquela caixinha de fósforo ali na Ene Garcez, ela ficou meio assim... Aí levamos elas lá dentro para mostrar, tá... Elas tiraram foto e levaram, só para você ter uma ideia e a Radiobrás era muito exigente, você tinha que ter, no mínimo, o segundo grau. Hoje a nossa Rádio Roraima, fracasso, e nós transmitíamos em espanhol, "Y hablo un poquito" de portonhol não espanhol (risos), em francês "Je parle vu français, monsieur" (risos), aprendi no ginásio, e quando eu falei sobre a Aquarela do Brasil, foi na época que a Radiobrás proibiu rodar músicas internacionais na programação, só música brasileira, exatamente por causa disso. Aqui na Guiana Inglesa só se conhecia a Aquarela do Brasil, então, a partir de agora não se roda mais música internacional. Vamos divulgar nossas músicas, e dizendo o nome dos compositores. Por exemplo, se anunciava Roberto Carlos, dele e de Erasmo Carlos a música tal, "Estou apaixonado demais", por exemplo. A gente era obrigado a dizer o nome do compositor para divulgar também os responsáveis pela poesia da música. Foi Fantástico, foi, foi espetacular. Galvão Soares foi o diretor da Radiobrás, foi o melhor momento, foi bacana, dava gosto, dava prazer e satisfação você trabalhar. Com o saudoso Laucides Oliveira, nós gravávamos 6 horas da tarde o noticiário que era passado, a gente era daqui, na Voz do Brasil, no Jornal da Nacional de Brasília e do Rio de Janeiro. Isso aí, todo dia. Falei pela Rádio Nacional da Amazônia, Nacional de Porto Velho, do Acre, de Brasília, Rio de Janeiro, Rádio Gaúcha, Rádio...é qual é a outra rádio lá, meu Deus, Rádio Gaúcha, eu não me lembro mais da outra Rádio, inclusive tenho até uma... Rádio Guaíba, dei uma entrevista muito... não você vai ficar junto... não tenho que voltar. Minha senhora ainda era viva, tenho que voltar na segunda-feira para Boa Vista, coisa e tal.. lá viemos embora. Mas era bacana, dava prazer, satisfação.

Um fato marcante na época da Radiobrás?

Eu entrevistei na época da Radiobrás, aqui de Boa Vista, Anthony Garotinho, governador do Rio e Lula, quando ele foi presidente da República. Nós entrevistamos através do telefone. Parecia que tava bem aqui, devido a qualidade, o padrão de som, que nós recebíamos e enviávamos para os nossos... Entrevistei essas duas personalidades, por incrível que pareça, pouca gente sabe disso.

O senhor lembra dos diretores desde quando entrou?

Quando entrei lá era Carlos Alberto Ribeiro de Araújo, aí... (risos), não me lembro, foi mudando, mudando, mudando. Foram Waldomiro Cavalcante, professor Dirson Costa, que era maestro, da banda que tinha aí. Quem era o outro, meu Deus.. O Miranda, seu Miranda... também não lembro o nome do Miranda. Tinha o outro também que inaugurou a Rádio quando o Presidente Juscelino Kubitschek teve aqui, não me lembro, menina, o nome dele, não... eu não me lembro o nome desse... professor Vidal, exatamente.

Tem lá um trecho do discurso do Juscelino Kubitschek "do Alto dessas montanhas verdejantes, onde o sol esparreia seus raios do sol com mais furur", que coisa bonita, menina, que ele era médico.

Onde ele fez esse discurso?

Lá, onde era a Secretaria de Educação próximo ao Palácio, é ali. A Rádio foi lá no estúdio, ele inaugurou lá.

Antes disso já tinha Rádio?

Aqui, não, não, foi quando ele veio em campanha Kubitschek, Boa Vista parecia mais o interior do que a cidade, que era bem pequeninha, ele prometeu que se ele ganhasse, porque o recado, a Rádio Difusora que se ouvia era a Rádio Difusora do Amazonas. Então aí pediram a Rádio e ele disse que "se fosse eleito ele voltaria e daria uma Rádio para Roraima", e ele foi eleito e veio e trouxe a Rádio Roraima.

E a história do senhor Domingos Ayres Leitão?

Domingos Leitão foi técnico durante muito tempo da Rádio Roraima, primeiro técnico, era técnico dos Serviços de Rádio do governo, aí ficou fácil para ele fazer, trabalhava nos dois lugares.

Mas foi ele que fez os primeiros experimentos de uma Rádio?

Foi ele, foi ele quem fez os primeiros experimentos de uma Rádio, foi ele que colocou a Rádio para funcionar, inclusive, o governador da época, José Maria Barbosa, major José Maria Barbosa.

O senhor na época tinha 14 anos, o senhor foi lá no dia da inauguração?

Não, eu não fui, não fui de maneira nenhuma, vi através de reportagens e fotos, muitas fotos, inclusive até hoje o Francisco Cândido tem um trabalho espetacular sobre Rádio Roraima e algumas pessoas de lá.

O senhor acha que a Rádio Roraima contribuiu para o desenvolvimento do Estado?

Contribuiu, contribuiu e muito, demais. Até hoje, apesar das outras emissoras, você vê que a concorrência é grande. Mas até hoje ela, ela contribui.

De que forma?

Olha, divulgando o trabalho do governo, principalmente divulgando a gente daqui para lá pra fora, mostrando que Roraima não é, o que até hoje, em pleno século 21, muita gente de São Paulo e Rio Grande do Sul fala de Roraima e coisa e tal. A gente, aos pouquinhos, vai apagando esse pensamento negativo a respeito das pessoas que moram lá pra fora.

E hoje, qual a sua avaliação da Rádio Roraima em relação àquela época?

Olha, com toda a tecnologia que nós temos, a internet, digo que é até uma covardia, qualquer assunto que você busca lá, você encontra, qualquer assunto. Acabou com aquele negócio de você tá engrossando a voz, como dizem, impostando, você fala com a voz que Deus te deu, sai normalmente, o operador de áudio, o DJ, vai e melhora, dá uma melhorada legal e vai pra longe. Hoje é o mundo todo e qualquer emissora de rádio está ligada aí na internet, e isso é bacana. Por isso eu estava lhe falando aqui que o mínimo de escolaridade deveria ser exigido o segundo grau, mas provado ali com o diploma. Hoje a Rádio Roraima tem muitos que não cursaram nem o Mobral, menina, quanto mais segundo grau. Em questão de infraestrutura, como era a Rádio Roraima em relação agora?

Era muito melhor administrada, Galvão Soares tem noção de administração. O Faider, que foi um dos diretores no tempo da Radiobrás, tinha noção de administração. Carlos Alberto Ribeiro Araújo. E eu dei sorte quando cheguei na Rádio, encontrei três feras, vozes porretas, fabulosas: Carlos Alberto Ribeiro de Araújo, Reis Brandão, amazonense, Djalma Dutra, paraense, caboquinho, baixinho, padrão de voz invejável. Eu comecei no Mensageiro do Ar, como eu falei, e pedi para fazer o noticiário com ele, de meio-dia. Eles aceitaram, era uma bancada de quatro pessoas, oh... Até nisso eu dei sorte quando eu cheguei lá, fantástico!

O que representa para o senhor a Rádio Roraima?

Praticamente tudo, não foi o meu primeiro emprego, como já falei, comecei a trabalhar no governo, governo do Território Federal de Rio Branco, de lá da Secretaria de Administração que eu fui para a Rádio, mas é tudo pra mim. Eu estava lá em Parintins, aí recebi uma proposta lá, eu preferi voltar pra cá, porque senão eu seria o trairão danado do Damião, diretor da Rádio, que foi muito bacana comigo. Aí eu optei voltar e estou aqui, graças a Deus, tipo aquela música, não sei você se lembra "O Portão, de Roberto Carlos". Eu Voltei, que aqui é o meu lugar... (cantando), lembra?

Quais outros programas o senhor fez?

Todos os outros programas que você possa imaginar eu fiz na Rádio, só não fiz narrar futebol porque nunca me deram chance e nunca me deram importância. Olha, eu fiz com Rafael Fernandes Lado a Lado, Show da tarde, Você faz o programa. Músicas que o tempo não apaga, Jovem também sente saudade, alguns dos programas. Participei da grande parada Tupi, duas ou três vezes, comandada pela Rádio Tupi do Rio de Janeiro. Eram 15 Estados, e cada Rádio indicava três músicas, do terceiro ao primeiro lugar. Por exemplo, "Benjamim Monteiro de Boa Vista Roraima, Rádio Roraima, terceiro lugar, segundo lugar, primeiro lugar Benjamim Monteiro! Composição do fulano de tal, canta fulano de Tal". Grande parada Brasil, audiência fantástica. Só eu participei desse programa da Rádio Roraima.

O senhor se sente feliz em fazer parte desta história?

É aquela história do dever quase cumprido. Eu me sinto feliz. Falta pouquinho para chegar... 'bem pessoal, basta! Vamos dar uma paradinha". São 57 anos de Rádio, acho que você não era bem nascida.

APÊNDICE 7 – ENTREVISTA COM RADIALISTA GERALDO FRANÇA

O radialista Geraldo França foi gestor duas vezes na Rádio Difusora de Roraima. Ele é natural do Estado do Ceará e chegou em Roraima em 1977 para vender livros, e em 1980, após fazer um teste na Rádio Nacional de Boa Vista, passou, e foi contratado. Era aliado do governador Brigadeiro Ottomar de Souza Pinto. Mas a história dele com a Rádio começou quando tinha 13 anos, ainda no Ceará.

Como foi para o senhor entrar na Rádio Roraima?

Vim de Manaus para Roraima, de Fusca, para vender livros, com o intuito de passar uma semana e estou aqui até hoje. Continuei vendendo livro e quanto foi em 1980 teve um concurso da Rádio Nacional de Brasília, eu fiz. Tinha muita gente participando, aí pensei que não iria passar. Era mais ou menos uma quatro horas da tarde, quando eu ia passando em frente ao Teatro Carlos Gomes, onde funcionava a Rádio, quando o Flamarion Vasconcelos (já falecido) me disse “Geraldo tu tá sabendo da nova?, rapaz tu passastes e estão pedindo que você compareça com sua casa profissional para mandarem para Brasília para assinar. Aí fui lá. Na época, era Benjamim Monteiro, Laucides Oliveira, Carlos Alberto Alves que me analisaram. Logo que entrei na Rádio fiz o programa Comando do Interior, que era voltado ao homem do campo, e todos os sábados trazia uma pessoa diferente para falar aos agricultores. Depois fiz o programa Madrugando com as Estrelas, de meia-noite a quatro horas da manhã, voltado para os vigias, as pessoas que trabalhavam de noite.

O Ottomar era indicado, e depois veio o Jucá, que assumiu o governo do Estado e transformou a Rádio numa Fundação. Na eleição o Ottomar ganhou do Jucá, e como eu já tinha feito amizade com o Brigadeiro Ottomar de Souza Pinto, ele me colocou como presidente da Fundação Rádio Difusora de Roraima, e o Barbosa Júnior, como meu vice, tudo isso 1991 [Nessa época o Estado já havia sido instituído com a constituição dos três poderes]. Depois que o Ottomar saiu entrou o governador Neudo Campos, e por indicação da senadora Marluce Pinto ainda fiquei sendo diretor da Rádio lá até 2005. Fui diretor da Rádio três vezes. De 1991-1992 quando fui candidato a vereança; depois voltei e fiquei de 1995 a 1997.... estou esquecido, acho que foi 1998 a 1999.

O que o senhor mais lembra da Rádio?

Lembro de muita coisa. Na minha gestão teve várias polêmicas com a Polícia Federal devido aos garimpeiros, né. A Rádio era o “elo de ligação” da Capital com o interior através do Mensageiro do ar, que mandava recado para as fazendas, sítios e garimpeiros.

Então veio a ordem para acabar com os garimpos. Mas os garimpeiros mandavam recados e a gente colocava no ar, daí a Polícia Federal chegou, me intimou para que tirasse do ar tudo que falasse sobre garimpeiro.

Houve um dia que um garimpeiro colocou um anúncio dizendo que os porcos estão chegando aí, e eles entenderam que era mandando recado para avisar que Polícia Federal estava chegando. Aí rapaz, foi uma briga danada, pediram as fitas. Aí eu mandei as fitas para eles [PF], mostrando que realmente nós não estávamos.... Eu tenho ainda os jornais, do Rio e São Paulo. A segunda polêmica foi o fechamento da Rádio. O Jucá mandou fechar, 1992. Chegou o documento, assinei e comuniquei o Brigadeiro, que havia recebido uma intimação lá de Brasília. O Brigadeiro mandou os advogados entrarem lá em Brasília, mexeram e daí tranquilo, voltamos.

Na época do Governo Militar, como era o tratamento, havia cuidado com o material que ia ao ar?

Sempre tivemos cuidado, o cuidado de não entrar em polêmica com o governo. A Rádio sempre foi chapa branca, então falava muito bem dos governos para não ter nenhuma advertência. Era o que mais o governador pedia “olha, não falem mal do Governo Federal”. A polêmica era somente Ottomar e Jucá, era briga. Eu, muitas vezes discuti com o Brigadeiro porque ele mandava o Isaias Maia, Márcio Junqueira e o repórter que morreu, o Duru, e tinha mais outro, o Paulo Giovane, que tinha um programa que esculhambava o Jucá. O Jucá me telefonava e dizia “Ei, França, vou lhe processar”. Eu dizia “não sou eu, não tenho culpa”. Mas ele dizia “Você é gestor”.

Eu ia no Brigadeiro e dizia que a briga estava feia demais. O Brigadeiro dizia que “era muito mole. Deixa os meninos esculhambarem”.

Quer dizer que esse pessoal tinha autorização do Brigadeiro para fazer isso?

Tinham. Só faziam isso porque tinham autorização. Aí uma vez eu exonerei Isaias Maia e Paulo Giovane. Disse para o Brigadeiro “tirei Paulo Giovane e Isaias Maia porque não querem obedecer”. O Brigadeiro começou a brigar mas a senadora entrou no meio e disse “o França tem razão, não adianta você querer gritar, espernear porque o França tem razão, esses rapazes, tenho recebido muitas reclamações das pessoas da cidade e do interior, de que eles são horríveis”.

Meu trabalho é sobre memórias. Eu não encontrei memórias na Rádio, documentação, fitas. Para onde foi esse material?

Não sei. Quando saí de lá, tudo, inclusive ajeitei uma sala, perto do link, pinte e coloquei todos os artefatos antigos da Rádio, a mesa de áudio que era antiga, fitas cassete de rolo, microfones antigos e a primeira mesa da Rádio Roraima. Coloquei tudo lá, como um museu, mas deram fim.

Ao que o senhor atribui essa falta de documentos?

Faltou zelo. As pessoas que entravam lá não tinham compromisso nenhum porque era do Governo do Estado. Era regida pelo Palácio, pelo setor de imprensa, então ao invés de mandar dinheiro pra gente, a gente era que mandava dinheiro... Nenhum governo, nem o Ottomar, investiu um tostão naquela Rádio, ela vivia dos comerciantes que arranjávamos. Eu e o Francisco eram os que arranjavam as propagandas para a sobrevivência da Rádio. Nem Ottomar colocou dinheiro na Rádio. Tinha uma patota que não gostava de mim, tinha raiva de mim, inveja demais, porque eu deixava aquela Rádio bonita demais, funcionado para todo o Estado de Roraima, todo o Brasil e o mundo, durante 24 horas. Então, como eu fazia toda vida, eles tinham inveja de mim. Na minha frente eles são bacanas demais, Geraldo pra cá, Geraldo pra lá, mas por trás eles metem o cacete, desse jeito.

Quando eu entrava naquela Rádio era uma alegria total, a Rádio funcionava a todo curso. A gente pegava todo final de semana, ônibus da Amatur, colocava palhaço, cantores e a equipe da Rádio e ia para os municípios, o prefeito recebia a gente com uma multidão. A gente levava o nome da Rádio para todos os cantos. A Rádio era muito querida.

O que a Rádio Roraima representa para o senhor?

Ela representa tudo. Foi um aprendizado muito grande pra mim, tenho muita saudade de lá, uma Rádio que precisa ser olhada com carinho por esses governos porque ela é histórica. Aquela Rádio tem um trabalho prestado ao povo de Roraima muito grande, ela era muito o único elo de ligação entre a Capital e o interior. O garimpeiro que estava lá no meio das matas queria saber notícias, notícias dos seus familiares a gente passava, porque eles ouviam.

Mas infelizmente ela foi se acabando. O Galvão fez um bom trabalho lá. E foi o único. O resto só pegava para deteriorar.

A Rádio contribui com o desenvolvimento do Território e do Estado?

Contribuiu muito porque ela, realmente, fazia com que os políticos vissem as condições do antigo Território. Botava na cabeça dos agricultores o que realmente estava acontecendo. Se ela pendesse para um lado, aquele lado era mais forte politicamente. Se ela pendesse para um outro partido, ela realmente fortalecia aquele partido.

Ela foi usada muito politicamente? De que forma?

Ela foi e até hoje é usada muito politicamente. Os políticos chegavam de Brasília e vinha dar entrevista e exigiam que os repórteres da Rádio acompanhassem eles no interior do Estado para mostrar que eles estavam fazendo tudo.

Então ela foi usada neste sentido de querer fazer a cabeça do pessoal do interior, de que aquele candidato era o bom.

Havia muita interferência política, do tipo, publica isso, isso não, partido de esquerda não tem vez?

Existia muito era o deputado mandar colocar fulano de tal (empregar). Eu briguei muito. O Brigadeiro e a senadora tinham muita consideração comigo. Fui diretor do jornal dele, devendo um milhão e cacetada, se não iria preso todos os diretores do jornal. Foi quando coloquei o Zezinho, aquele que fumava muito e morreu [Zequinha] pra fora. Foi uma briga com o Ottomar, que não queria que colocasse pra fora porque ele era representante nosso em São Paulo. Ele era insubordinado.

Quando o senhor compara aquela do Território até 1991 com o momento atual, na sua opinião a rádio melhorou, piorou ou tá do mesmo jeito?

Na minha opinião a Rádio sumiu. Ninguém fala mais em Rádio Roraima. Primeiramente esqueceram de colocar a Rádio no contexto de rádio FM. Já era tempo, mas não colocaram. Parece-me que o Damião está fazendo agora um documento para colocar. A Rádio Folha foi a primeira. Hoje ninguém fala mais na Rádio Roraima porque temos FM que entra no interior tranquilamente. Com esses transmissores velhos, de OM e OT, chia muito e nunca vai a dez quilos. Na minha gestão chegava a dez quilos e na do Galvão também. Pode ir lá.

O senhor lembra dos diretores que passaram por lá?

Faider de Brasília, Júlio Torreias, Francisco Cândido, o cunhado do Zé Maria, Humberto Costa, Galvão Soares, Otávio Pena Duarte.

Na época da Fundação, que estava o Jucá no poder, como eram as relações na Rádio?

Do mesmo jeito, a Rádio é dominada porque está no poder. Ninguém fala mal da Rádio e se falar, no outro dia está na rua. Não me lembro de perseguição aos funcionários

Como é recordar a história da Rádio?

É normal, é uma coisa que a gente tem no coração e não esquece nunca, a passagem dos anos militares. Tive o prazer de colocar um amigo na política, mas ele realmente não soube aproveitar, o Jalser. Fui eu quem deu o primeiro emprego para ele na Rádio, levei para o Brigadeiro colocar ele no PTB para se candidatar. Mas vi depois que o PTB só tinha cobra e ele não iria ganhar. Mas o tinha Dias, a terceira via. Disse ao Brigadeiro que tiraria ele do PTB porque não ganharia. O Dias mandou eu levar o garoto. O programa dele Show do Povo, ele era um menino muito inteligente, ele conquistava todo mundo, interagia bem com os ouvintes, ele foi um espetáculo.

Foi a passagem dele pela Rádio que levou ele a ser deputado?

Foi sim. Foi um trabalho muito bem feito para ele. Naquela época o povo dava crédito para a Rádio, que estava no auge. A Rádio Roraima era forte demais. Por exemplo, na vacinação, o prefeito que vacilava e não queria vacinar, quando via a Rádio chegando amolecia. Era uma Rádio temida, tinha muita moral. Havia desfile de Miss simpatia. Sinto saudade demais. Nossos amigos veteranos todos velhinhos. São pessoas que dou valor e gosto deles.

APÊNDICE 8 – ENTREVISTA COM RADIALISTA JOSÉ MARIA CARNEIRO

O radialista José Maria Carneiro ingressou na Rádio Nacional de Boa Vista em 1977, quando o diretor era Galvão Soares, e quando a Rádio estava sob o comando da Radiobrás. O programa que ele fazia “O amigo do povo”, que era no formato de auditório, foi um dos campeões de audiência, o que deu muita visibilidade ao radialista que, posteriormente, ingressou na política. O primeiro cargo foi de vereador, depois foi prefeito e, em seguida, de deputado estadual, quando ocorreu a primeira eleição geral após o Território de Roraima passar para a condição de Estado da Federação. Portanto, ele foi deputado constituinte, além de ter ocupado vários cargos públicos relevantes, no primeiro escalão do governo. Ao recordar a trajetória, ele fala com saudosismo da época em que esteve na Rádio e reconhece que a emissora foi a porta de entrada para o mundo político.

Você foi vereador, prefeito, deputado constituinte, ocupou vários cargos públicos, na tua avaliação a Rádio Roraima abriu as portas para você ficar conhecido? Você atribui esse teu sucesso nas urnas, a visibilidade política, ao teu trabalho na Rádio Roraima?

Se não fosse a Rádio Roraima eu nunca teria sido político. A Rádio me dava essa visibilidade me deu uma sensibilidade que nem eu mesmo imaginava, eu realmente não imaginava. Eu sentia alguma coisa, quando chegava no interior, a moçada vindo me receber e não receber a autoridade, especialmente os mais jovens, porque era muito novo, tinha 20 poucos anos. Mas foi a Rádio Roraima que me deu essa visibilidade. Naquele tempo a novela vinha de Manaus pela Varig, né, então a programação toda era gravada e eu comandava um programa, simplesmente, no horário nobre de 10 horas ao meio-dia, e uma única Rádio existia na cidade. Era a força do Rádio

O governador Ottomar quando chegava na Rádio dizia: “Você vai ser político, rapaz, você tem um vozeirão” (imitando Ottomar). E foi ele quem me incentivou, para eu entrar na política. Quando eu fui vereador eu não queria ser candidato. O Ottomar até falou com a minha mãe para eu ser candidato. Eu dizia “não, acho que eu não quero não, acho que quero ficar no programa e tal”. O Ottomar chegava lá em casa com uma Coca-Cola e dizia: “Dona Cristina, o Zé Maria tem que ser vereador, tem um futuro brilhante”. Mamãe só dizia “se ele quiser, ele pode”.

Até que um dia eu disse, “tudo certo”. Já havia tido uma experiência no Gonçalves Dias, sendo presidente do Centro Cívico. Gostava de movimentar, a gente construiu lá o primeiro exemplar do Jornal do Gonçalves Dias, em 1980/81. Eu me lembro de uma campanha que foi fantástica, e eu não era candidato. Aí chegou outra equipe e disse “Zé Maria, você é o melhor nome, a gente fez uma pesquisa e o seu é o melhor nome, porque você trabalha na Rádio e tal. Aquela turma de lá tá querendo um candidato que a gente não tá gostando, não.

Eu disse “rapaz, eu quero montar um jornal, vocês me ajudam?”, então eles disseram “a gente te ajuda, mas se você for candidato. Você ajuda a gente e ainda monta teu jornal”. Daí disse “tá fechado”. Aí a gente fez as duas coisas. Tinha um colega meu que o pai dele tinha um helicóptero. Um dia teve a campanha de todos os candidatos na escola, então podia distribuir panfletos. Me veio na cabeça a ideia “e teu pai, não pode passar aqui em cima e jogar nossos panfletos?” (Rindo). Fomos lá com o pai dele, e ele disse “a gente faz”. Não deu outra. Quando jogou os panfletos, o pessoal aplaudia e dizia “é meu candidato”. Emplacou! Mas toda essa visibilidade e o prestígio veio através dos microfones da maravilhosa Rádio Roraima. Inesquecível Rádio Roraima. Eterna Rádio Roraima.

Qual a importância da Rádio Roraima na construção da história de Roraima e da identidade da região?

A Rádio Roraima tem uma participação ímpar na identidade e na construção de Boa Vista, do novo Estado, transformado em 88, primeiro governador eleito em 90. Incrível, quando não existia nada já existia a Rádio. Ela foi inaugurada em 1957 pelo Presidente Juscelino Kubitschek, quando veio inaugurar a usina para a geração de energia elétrica, a termelétrica daqui. A Rádio Roraima acompanha passo a passo o desenvolvimento. Imagina que o bairro de São Pedro, em 57 e 58, eram caminhos para chegar na Avenida Major Williams. Tudo era bem longe do Centro. A Rádio Roraima foi inaugurada e a partir daí ela registrou todos os acontecimentos de Boa Vista. Tô falando de acontecimentos como o Aeroporto de Boa Vista, que ela transmitiu ao vivo a inauguração, das principais escolas que a Rádio esteve presente, dos principais prédios que ela esteve presente, em termos de Boa Vista.

Você foi deputado constituinte, a Rádio participou deste processo, de que forma?

Participou e muito. Todos os dias tinha um repórter nas nossas comissões colhendo dados. Se foi um momento importante do Parlamento Estadual foi exatamente quando os constituintes se reuniram para

elaborar a primeira Carta do Estado. Foi um processo tão democrático gente visitou todos os lugares e os poucos municípios que na época existiam. Fomos nós que criamos os outros municípios. A Rádio Roraima sempre esteve presente, ouvindo a população, os relatores e os deputados constituintes, sabendo da opinião, assim como esteve, também, na promulgação da Carta Magna do Estado. Então ela participou de maneira ativa da construção de Boa Vista, da construção do Território, do primeiro prefeito eleito de Boa Vista, transmitindo a votação. Na época a gente passava de semanas naquele Ginásio Senador Hélio Campos, porque o voto era manual. O voto manual que muita gente quer que volte, só não sei porquê. Para finalizar uma eleição, montávamos plantão no Hélio Campos para transmitir.

A Rádio Roraima também reivindicava a modernidade, melhores ruas, melhorias nos hospitais. Sempre teve esse apoio e foi atendida porque sempre respeitou as instituições. Quando se ouvia alguma coisa na Rádio Roraima era para o bem da população, e as autoridades reconheciam isso. Até o Sílvio Leite [ex-prefeito], que brigava com todo mundo, nunca teve maiores problemas com a Rádio Roraima. Ele brigou com aquele jornalista, o João Alencar. Brigou com o Sidney, que era o dono do jornal, mandou as máquinas e lá tremar as paredes do jornal. Mas com a Rádio Roraima, não, porque a Rádio Roraima sempre foi uma instituição que respeitava outras instituições.

Você ocupou vários cargos, mas nunca largou a Rádio. O que representa para você a Rádio Roraima?

A Rádio Roraima é o melhor instrumento de conhecimento, pois tudo que aprendi de comunicação foi na Rádio Roraima. Aprendi a falar, a passar pelos vários departamentos de uma emissora, apresentação, produção, jornalismo, tudo isso foi um aprendizado muito bom na Rádio Nacional e na Rádio Roraima, as parceiras.

Gozado, hoje, o acadêmico é formado e no outro dia ele está em qualquer emissora, muitas vezes, nem precisa ter essa formação acadêmica e já está falando. É impressionante que em 1977, quando eu fui contratado de carteira assinada, fui para um estúdio que era denominado “Estúdio B”, estúdio de gravação. Lá eu trabalhava as minhas 6 horas normais de Rádio, mas um diretor de programação conferia tudo que eu gravava, ele me passava todos os dias as missões, “Você vai apresentar o programa tal, de entretenimento. No outro dia era o programa de jornalismo, no outro dia, eu era o repórter.

Quando eu chegava lá no outro dia ele dizia: “aqui tá ruim, vamos melhorar aqui, aqui tá mais ou menos”. Passei um ano treinando para alguém ouvir minha voz, efetivamente, na Rádio. Entrei no ar às 23 horas e a direção de programação me passou o roteiro e disse: “É o roteiro, não invente! Locutor não pode inventar, certo! Locutor tem que ter conhecimento, certo!”. O roteiro, eu me lembro muito bem, era “um boa noite mais alguma coisa, falava a hora, em Boa Vista 23h, está começando o programa tal, anunciava o nome da música, a música é do compositor tal, na interpretação do fulano de tal”. Eu era obrigado a dizer isso, certo. Porque o que se vê hoje, é que o poeta, o inspirador da música, ninguém sabe quem é. Esqueceram o compositor. Agora mesmo morreu um dos maiores compositores do planeta, que eu considero, o Carlos Cola, onde simplesmente apaixonou todo mundo através das vozes de Roberto Carlos, Caetano, Chico Buarque de Holanda e de tantos outros. Nesse meu tempo, a gente falava que era o Carlos Cola o compositor da música. Mas hoje é muito difícil saber quem está cantando as músicas, até porque hoje tem muitas músicas que não têm nem compositor, é só o refrão, tic, tic, tac, tac.... e uma garrafinha lá, e tá tudo certo.

Como era trabalhar na Rádio Roraima?

Era empolgante. Sempre fui apaixonado pela Rádio Roraima. A primeira vez que coloquei minha voz no rádio foi uma emoção muito grande. A gente jogava bola no bairro, e seu Gercino Aparecido Nascimento pegava os garotos do São Pedro e Aparecida e colocava para jogar. Era longe para chegar na Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Naquela praça era um campo de futebol. Um dia a nossa equipe foi campeã, e tinha um programa na Rádio que era de esporte. Escolheram uns meninos lá e eu fui um deles. Lembro que tinha um sargento do Exército, o Jorjão, e eu pedi dele uma cópia da minha da gravação. Ele me deu, e eu achei aquilo incrível. Impressionante, aqui não tinha tanta tecnologia, não tinha quase nada, mas era um trabalho tão bom de informação, não sei como aquela equipe conseguia informar tão bem a comunidade dentro de programas esportivos, jornalísticos e até programas de auditório, sem ter quase nada. Era muito bom. Ali era um laboratório que hoje não existe. Era um laboratório fantástico que tive o privilégio de estar dentro deste laboratório, de participar, e eles me prepararam. Eu tinha uns 22 anos, eu era bem jovem.

Um fato que nunca saiu da sua memória na história da Rádio?

Teve muitas, muitas e muitas coisas legais da história da Rádio. Mas um fato que até hoje eu sinto falta é que a gente era muito ouvido no interior por ser uma Rádio de OM, e na época era como a televisão de hoje. Na hora do almoço se ouvia as notícias. Na hora do jantar tinha O Mensageiro do Ar. O que era o Mensageiro do Ar? Era o maior programa de audiência que a Rádio Roraima já teve porque levava notícia que a pessoa estava doente, que a pessoa melhorou, que a pessoa viajou, que a pessoa vai chegar, que a pessoa ganhou dinheiro, que a pessoa ficou rica no garimpo. Enfim, todas essas informações. Precisava ter muito fôlego para apresentar, porque era, mais ou menos, duas horas de recado, uma infinidade de recados. A gente gravava a primeira parte que era mais ou menos uma hora, depois aquele rolão de fita repetia a segunda parte. Mas voltando a sua pergunta, nós fazíamos uma campanha que se chamava Natal Feliz, Natal das pessoas carentes. Menina, esses fazendeiros, pessoal de sítio, mandavam farinha, arroz, macaxeira, galinha, frutas, e o pessoal da cidade mandava mais coisas. A gente saía entregando nas instituições, como a comandada por Dona Noêmia Bastos, o Centro Espírita. E tinha outras associações beneficentes.

Tinha uns que mandavam um caminhão de laranja lá pra Rádio (rsrs). A gente subia em cima daquele caminhão e ia distribuindo nas instituições e nas casas, nos bairros, e até transmitia de lá, que estávamos distribuindo na rua. Nisso chegava um monte de gente para receber a laranja, a banana. O povo do interior é sempre um povo muito hospitaleiro, solidário, sabe. Se você convoca, ele para alguma coisa, ele tá dentro.

E quando chegava esses caminhões de laranja, de banana e tal, a gente ia fazer isso em vários pontos da cidade, e era muito, mas muito maravilhoso aquele contato com as pessoas que nos recebiam pela satisfação. Isso envolvia brinquedos também. Esse lado da Rádio me deixa muito feliz. Outra coisa muito marcante eram as cartas, cartas apaixonadas, cartas de alô, pilhas e pilhas de cartinhas. Hoje tudo é pelo WhatsApp. Lembro que as meninas do interior me desenhavam e diziam “você é mais ou menos assim”, ou mandavam cartas cheias coraçãozinhos e beijinhos apaixonados (rsrs). Cara, emocionante, a relação muito colada, sabe, muito vivenciada, eles acordavam ligando a Rádio, sabiam o nome de todo mundo, sabiam o horário de todo mundo. Era uma verdadeira paixão, então isso era empolgante.

E quando a gente chegava no interior, por exemplo, às vezes as pessoas esqueciam que eram as autoridades, e voltavam a atenção para nós, da Rádio. Se você viajasse com o governador, a senadora Marluce, muitas vezes eles ficavam mais com a galera mais idosa, e a juventude toda cercava a gente, parecia que éramos políticos. A gente era o artista. Outro encantamento do “Amigo do Povo”, é que nas primeiras semanas me dava uma tremedeira porque tudo era no palco e ao vivo naquele Teatro Carlos Gomes, um local que realmente é uma pena da forma que hoje se encontra. A gente fazia aquele programa ao vivo e levava os cantores e cantoras daqui, dando oportunidade para que cantassem ao vivo.

Quais eram as dificuldades daquela época?

Dificuldade bastante. A gente se preparava para todos os segmentos da Rádio. Laucides de Oliveira era o nosso chefe no jornalismo. O gravador era desse tamanho (30 cm) e segurar aquilo para fazer uma entrevista era bem difícil, e quando a gente ia fazer uma transmissão, como por exemplo, a de Carnaval, era caminhão, um caminhão de fios, retorno. Essas dificuldades que não eram dificuldades, era mais uma festa. Só em pensar que a gente ia transmitir o Carnaval, ah lá vai nós. Estamos dentro. A gente tinha um Jipe que circulava a cidade com aquele gravador grandão, e aquilo para nós era a maior satisfação. Quando chegávamos na Rádio íamos para o estúdio de gravação, passava para o operador para depois editar junto com produtor da matéria. Essa parte está boa, essa não, corta, e tinha que estar pronta meio-dia para o jornal. A noite tinha outro jornal. As dificuldades eram tão grandes que na verdade não existiam dificuldades pela nossa boa vontade e pelo nosso querer fazer, e também porque, digamos assim, a gente era as pessoas mais importantes da cidade, onde se chegava... Quando íamos fazer uma matéria na Jaime Brasil, a avenida parava, só isso. A dificuldade se transformava em diversão. E nós queríamos ir para essa “dificuldade”, e o problema era que dava até confusão para ser escalado.

Por exemplo, quem gosta de trabalhar no final do ano? Ninguém, né. Lá a gente brigava para trabalhar, porque os presentes que chegavam para a ceia era carneiro, porco, galinha. Era um negócio impressionante.

Como era a participação política?

Entrei numa época bem tranquila, inclusive foi o governador Ottomar quem me convidou. Ele dizia “você tem jeito de político, Zé Maria. Já vejo você como prefeito, vereador” (imitando o Ottomar). Foi ele quem começou a me incentivar nisso. Eles iam muito na Rádio, entrevistei muito o Ottomar e a Marluce, mas eles não interferiam. Meu diretor nesta época era o Galvão Soares. Tínhamos uma equipe muito boa: Enoque, Laucides, Carlos Alberto Alves.

O relacionamento era bom, e gozado, a gente não se envolvia muito com política nessa época.

Você é um cara crítico, falante, como era ser radialista na época do regime militar, quando havia todo um controle, você se sentia vigiado? Como era?

Acredito que existia essa vigilância, mas é o que eu faço até hoje no rádio, separo muito bem porque as minhas ideias nunca ferem ninguém. Nunca tive nenhum problema, nenhuma reclamação a respeito das minhas palavras. Eu tenho um tom ameno, um tom de conciliação e de respeito para com as pessoas e as instituições.

Recebi muitos convites para fazer programas polêmicos, eu não faço porque geralmente se tem que seguir uma linha editorial do dono Rádio. Eu realmente me nego a fazer. Ou eu falo o que minha consciência determina ou eu saio do pedaço, sabe, mas também não procuro estar brigando, ferir a imagem de ninguém. Ouço várias emissoras de Rádio que têm esse tom, o que considero uma falta de respeito para com as pessoas. Acho que o jornalista tem o papel fundamental de informar e educar, agora chegar até a família do outro e ofender o dia a dia da pessoa, me parece que esse não é algo importante para a construção da democracia e do bom convívio, e eu sempre fui de bom convívio, tanto que até hoje eu sou respeitado exatamente por isso. Falo com A, B e C, de várias facções políticas e sou respeitado até hoje, e vou morrer respeitando eles. O respeito sempre é bom e cabe em qualquer lugar.

Na tua avaliação, da criação em 1957 até 1991, a Rádio Roraima melhorou?

Lamentável, a Rádio piorou. A Rádio Roraima não existe e é um crime que estão fazendo. A Rádio na existe!. Em primeiro lugar deixaram roubar quase tudo da Rádio, depois montaram alguma coisa de esqueleto lá, depois perderam oportunidade de transformar a Rádio em FM, por pura falta de compromisso dos dirigentes. Até o cobre da Rádio roubaram, as instalações da Rádio são deploráveis. Quando fui chefe do gabinete da Casa Civil convidei Galvão Soares para ser meu Secretário de Comunicação. Galvão ama a Rádio, conhece tudo de Rádio. Pedi para ele fazer um levantamento porque estava preocupado com a situação da Rádio.

A Rádio já vinha se arrastando, com um som que ninguém entendia nada, a Rádio era só um balcão de emprego. Ele me trouxe um relato muito triste e fui com o governador Neudo Campos, e ele me perguntou o que se faria, disse que compraria um transmissor novo.

Compramos o transmissor novo, colocamos e começamos a ajustar, o som da Rádio ficou maravilhoso, recuperamos boa parte do que a Rádio tinha perdido. O transmissor novo foi roubado e botaram um velho. A Rádio Roraima está aos pedaços, o que é uma pena. É uma pena ter se perdido a oportunidade de valorizar um patrimônio que contribuiu tanto para o desenvolvimento de Boa Vista, do Território Federal de Roraima, para o Estado. Lamentavelmente, a cada dia que se passa está ficando pior. Ninguém escuta mais a Rádio porque não tem alcance.

A Rádio na cidade não se escuta porque ninguém vai deixar de escutar o som da FM para escutar uma chiadeira da Rádio. No interior não chega quase em canto nenhum. A potência de 10 Kg não atinge quase nada. Eu choro, choro como cidadão.

Como é para você relembrar essa história?

A história da Rádio em si é fantástica. A história de uma década para cá é lamentável. Torço todos os dias e ainda sonho. A Rádio tem várias dívidas. Vamos começar pela primeira. A Rádio Roraima tem uma dívida enorme para com o seu povo. Essa dívida é impagável. Mas tem uma dívida que é pagável, que depende de querer, de fazer política, instrumentos políticos resolvem essa situação imediatamente. Como é que resolveríamos a questão da Rádio, entre Radiobrás, que é governo federal, e governo estadual? Como vamos resolver essa situação que ficou aí até hoje, que ainda tá esse impasse? Parcelamos, pagamos? Segundo, tem três senadores e oito deputados estaduais, vamos resolver em nível Federal. Precisa transformar a Rádio em FM, a Rádio não tem frequência. Qualquer dia perde essa frequência, que é emprestada. Hoje, se acabar a Rádio Roraima, nem outra pessoa vai pegar essa frequência.

Por que uma dívida impagável com o povo roraimense?

Conheço centenas de pessoas que querem ouvir a Rádio, e que chora, sabe porquê?, porque quer acordar às 4 horas da manhã e escutar aquele sertanejo, depois ouvir o forrozinho. Lá no interior eles acordam a essa hora, e a primeira coisa que fazem é ligar o rádio. Mas ele liga agora e só sai chiadeira. O café dele não sai tão gostoso.

Digo isso porque presenciei na fazenda do seu Galego, a esposa dele acordar às 4h, ligar o rádio, acender o fogão à lenha, pôr a chaleira no fogo, uma costela, um cusuz, a panela com macaxeira. Tudo isso ouvindo a Rádio. Esse povo todo não consegue mais isso, e isso é uma dívida impagável. Essa dívida é impagável com eles e, especialmente, porque não conseguem mais contar para os seus netos o quanto era bom ter uma Rádio bem pertinho deles, porque o Rádio fala com as pessoas; a Rádio emociona as pessoas; a Rádio chora com as pessoas, entendeu? Na minha linguagem de Rádio, quando digo olha pra cá, o cara olha mesmo. Tenho uma ouvinte que me disse que deixou o café derramar porque eu estava falando um negócio e ela não concordou. Ela parou de fazer o café e ficou discutindo com o rádio. Com a televisão não dá para fazer isso, mas com a Rádio ela fala com o Zé Maria, é como se tivesse me vendo. É essa a magia do rádio. Então, Lena, isso é impagável, e vai ficar pior se eles não conseguirem recuperar e apagar, definitivamente, da memória do povo roraimense a Rádio Roraima.

Grata por compartilhar essa história.

Olha, eu que fico feliz porque tudo isso vai ficar registrado e um dia podem dizer, “quando estava acontecendo isso graças a Deus que não acabou a Rádio porque o Zé Maria disse que essa dívida seria impagável”. Vai ficar na história para alguém dizer que uma Rádio aqui, que foi a pioneira, que tem pessoas que são inesquecíveis no coração. O locutor e a Rádio são inesquecíveis.

APÊNDICE 9 – ENTREVISTA COM RADIALISTA DJAVAN ESBELL

O operador de som Djavan Esbell tem 41 anos e é profissional da radiodifusão sonora desde 1981. Ele começou na Rádio Equatorial e em 1986 iniciou na Rádio Roraima, época em que estava sob o comando da Radiobrás, operando tanto nos programas da FM Nacional quanto da AM, em nível local. Com a venda da concessão da FM Nacional ele foi remanejado para a Rádio Nacional AM. Hoje está como produtor musical, editor e produtor de vinhetas de abertura dos programas. Com exceção dos demais entrevistados, Esbell veio até a minha casa para essa entrevista, que durou 31 minutos e 56 segundos.

Djavan, como foi para você entrar na Rádio Roraima?

Em 1983/84, estive com uma figura que todo mundo conhece, que também é uma pessoa muito procurada por esse tipo de entrevista porque tem um conhecimento profundo do rádio em Roraima, que foi o Galvão Soares. Eu disse brincando para ele “Galvão, tenho muita vontade de ir para a Radiobrás, e você tem uma influência com o pessoal de Brasília, você indica”. Passou o tempo e em 1986, ele não era diretor da Rádio, mas como tinha influência e tinham vindo para Boa Vista dois diretores de Brasília, doutor Napoleão e doutor Francisco, que eram da superintendência da parte da Amazônia, e a Radiobrás havia demitido duas pessoas, figuras muito conhecidas, Francisco Cândido, que era diretor na época, e a outra pessoa era o Stênio Barros. No dia estava fazendo um programa na Rádio Equatorial. Galvão me ligou e disse “você quer vir para a Radiobrás? Estava no meio do programa. “Se você quiser venha agora, abandone tudo aí. Simplesmente deixe o programa no meio, acho que faltava uma hora para acabar o programa. Eu operava e falava. Imediatamente eu liguei para um colega, disse que pagava o almoço dele e ele foi.

Os diretores estavam na casa do Galvão e eu fui pra lá. Quando cheguei lá, olhei para o Galvão e disse “tu lembrou do meu pedido?”. Ele disse “lembrei, o momento é esse, eu poderia ter colocado outra pessoa, mas eu guardei aquilo comigo, você é um cara exemplar”. Naquele momento assinei o contrato com a Radiobrás. A outra pessoa foi o Jorge Luiz, que foi embora daqui, ele era professor e havia assumido a direção da Rádio. Eu assumi a parte de locução, operador 2, que era falar e operar. A gente funcionava no mesmo prédio da Ene Garcez, mas com uma certa divisão, o pessoal da AM, e agente da FM, e assim começou minha trajetória na Radiobrás.

Por que você tinha tanta vontade de ir para a Rádio Roraima?

Era muito instável a situação da Rádio Equatorial. Havia uma briga de diretores, acionistas. Em um mês, um entrava na justiça e ganhava, e quem estava lá ia embora, botava o pessoal dele. No mês seguinte o outro recorria e ganhava, e quem estava lá ia embora. Estava ali vias de me casar. Aí eu pensei “não posso me casar desse jeito, como é que eu vou sustentar minha esposa?” Foi esse pensamento que eu falei para o Galvão e deu certo. No ano seguinte me casei.

O que a Rádio Roraima representa para você?

A Rádio Roraima representa muitas coisas, principalmente a estabilidade que ela me deu. Eu já tinha a Rádio Roraima como modelo, onde os grandes profissionais estavam ali. Então eu pensei “vou pra lá me juntar a esses caras, vou aprender muito muito”. Aprendi muito, muita gente interessante que passou por ali, Laucides, o próprio Galvão que depois 1986 assumiu a Rádio novamente, Carvilio Pires, Consuelo de Oliveira, muita gente., Não gosto de citar porque vou me perder aqui, mas estou citando alguns que foram importantes pra gente, que deram exemplo. Conversava muito com o Laucides, ele dizia “Bell, faz assim que vai dar certo. Pena que não te conheci a mais tempo para te levar na Fazenda do meu pai, Levindo Oliveira” (imitando a voz de Laucides).

O que mais tu sente saudade?

Sinto saudade do profissionalismo que havia antigamente. Não que hoje não haja, mas antigamente a Rádio era mais estável com seus funcionários. Hoje não, vai mudando, há muita indicação política, às vezes pessoas que não merecem, mas tem que ceder lugar para alguém que veio indicado, com um bilhetezinho no bolso. Eu não vou me alongar muito nisso, mas acho que para bom entendedor meia palavra basta. Eu sinto falta daquela época as pessoas tinham segurança de poder chegar no final do mês e saber que iriam receber. Hoje está complicado isso aí, politizou demais, entendeu, né.

Falando em questão de interferência política, você ainda entrou na época do regime militar, como era nesse período?

Verdade.Como eu trabalhava na parte de produção e edição, nós recebíamos periodicamente da Polícia Federal tudo tudo que podia e não podia trocar. Então a gente tinha esse conhecimento e esse cuidado para não cair e, de repente acontecer da gente ter que fechar e ser culpado.

Não sei se o regime fez bem ou não, mas falo no sentido de família, daquilo que se iria executar, se poderia fazer bem ou não para criança até mesmo para adultos no seio da família. Ainda naquela época as coisas eram um pouco fechadas, as famílias eram mais rígidas. Hoje parece que tá mais liberal, mas de certa forma a gente obedecia direitinho aquilo ali. Acho que hoje, com um pouco mais de liberdade, está melhor. Está melhor!

O que era proibido de tocar?

Músicas que tinham duplo sentido e conexão política. Vou citar uma música que acho que é síntese, “Pra não dizer que não falei das flores, de Geraldo Vandré”. Essa música é um o hino, não vou dizer que o hino da Liberdade ou não, mas... é por aí que a banda toca.

Tinha outros, principalmente o pessoal da Tropicália daquela época, Gilberto Gil, Caetano Veloso e Gal. Alguns deles foram exilados, dentre outros, mas esses foram os mais conhecidos. Até hoje tem algumas músicas que nunca foram liberadas e acho que a Rádio nunca tocou, mas não me recordo bem agora. Eram cantores de uma música, que gravam e param. Eram músicas que batiam mesmo no regime.

Você lembra de algum episódio envolvendo a Polícia Federal por falta deste zelo com a recomendação dada?

Na parte de música não. A gente era muito rígido com isso. Episódios ocorreram com a Polícia Federal na época do garimpo, quando foi proibido. Então, os caras da Polícia Federal monitoravam a Rádio, vez e outra eles estavam lá. A Rádio pagou caro por causa disso.

Por exemplo, o Mensageiro do Ar, o programa mais popular, que era o “elo de ligação entre capital e interior”. Começou a abrir o garimpo e era proibido, proibidaço mesmo, aí os caras começaram a inventar nomes de fazenda, e fazendas que não existiam no mapa. “Atenção Pedrão na Fazenda Galeão, fulano avisa para você não colocar os ovos na estrada porque o camaleão estava próximo da estrada”. Camaleão era a Polícia Federal. Eles usavam metáforas, códigos. “Atenção fulana da Fazenda tal, fulano avisa que o algodão molhado segue logo mais às 9 horas, mas cuidado porque as capivaras estão próximas, estão rondando a área”. Algodão molhado era cachaça eles vendiam muita cachaça no garimpo. Usavam muitos códigos: capivaras, a onça pode beber água aí com vocês.

Houve muito incômodo da Polícia Federal com essa situação e a Rádio em algumas vezes foi fechada pela Polícia Federal, até que se explicasse o porquê dessa situação. Às vezes o Benjamim faltava, que era o titular do programas e eu ficava incumbido de fazer o programa. Eu fazia. Foi um orgulho muito grande porque substituir o Benjamim não é fácil, não. Até hoje está na ativa e é cara dele. Esse foi o maior incidente com a Polícia Federal. Semanalmente a gente recebia a visita deles lá, porque eles sabiam que aquilo ali nada mais era do que uma maneira do garimpeiro burlar, tentar enganá-los. Então eles ficavam procurando “Quem foi que passou essa informação de que nós estaríamos em determinado ponto?, eles achavam que era nós que sabíamos, mas na verdade eram os garimpeiros que tinham essa informação.

Djavan, meu trabalho é sobre memória. Eu tive dificuldade de encontrar documentos, arquivos na Rádio. O que aconteceu com esses documentos?

Falta de interesse, falta de interesse total de, praticamente, de todos os diretores que passaram por lá. A Rádio Roraima não tem memória, não existe uma memória, inclusive, com o pessoal do RH, porque o RH eles teriam que guardar esse material. Tentei guardar por muito tempo. Guardei muitos rolos grandes AKAI, rolos de material de censura, que tinha toda programação da Rádio, guardado como memória. Eu guardei, mas passou um certo diretor lá, que levou um outros amigo que era da parte técnica, e quando um dia cheguei na Rádio, esses rolos haviam sido jogados no container e o lixeiro levou. Essa é uma parte da memória da programação, que era a minha parte, então foi embora, acabou, morreu, não existe mais.

Você não consegue mais ouvir o locutor lá de trás como, por exemplo, finado Áureo Cruz, que foi um cara que é um bastante conhecido. Jaber Xaud, talvez veja um vídeo ou outro, mas na Rádio ele não aparece. O próprio Laucides, como radialista, professor Altair Souza, Galvão Soares e tantas outras pessoas que passaram por ali. Acho muito difícil você encontrar uma gravação deles comandando um programa na Rádio. Como eles faziam naquela época? Não existe mais. Hoje, com o reenquadramento dos funcionários, eles vão na Rádio constantemente e voltam quase que de mãos vazias, porque lá não se encontra frequência, contracheque que é o que é preciso para que prove que ele trabalhou na época. Nessa época de desemprego total, é a maneira de encontrar um emprego fixo, federal. Salvou um o outro que consegue, mas a maioria não consegue. Então a Rádio não tem memória por culpa exclusiva da direção, dos diretores que passaram por lá. Eu, às vezes, me pego pensando que também sou um pouco culpado. Mas eu tentei guardar o material que era responsável. Eu tentei, tanto que quando cheguei no outro dia a sala estava arrombada, a porta aberta e todos os rolos de censura de

programas antigos que eu havia guardado, para exatamente quando alguém buscasse isso hoje, fulano de tal, dá para ouvir.... Mas aí o vigilante disse “olha, o fulano jogou tudo no container e o caminhão do lixo levou. Foi um impacto e naquele momento deu vontade de desistir... Há três anos era para estar aposentado, mas ainda tô lá.

O que resta hoje na Rádio, o que foi preservado?

Só os discos, Lps, os compactos muito bem preservados por mim, tanto que sou conhecido pelas direções que quando se relaciona a disco, manda chama o Djavan. Se todos tivessem sido preservados, acredito que nós teríamos hoje na Rádio, aproximadamente, 60 mil discos. Hoje nós temos cerca de 13 mil, porque muitos discos foram embora. Não gosto muito de falar isso, mas eu preciso colocar isso pra fora. Muitas pessoas que passaram por ali, locutores, e isso acontecia principalmente à noite, nos finais de semana, levavam esses discos para ouvir nos bares na época, e muitas vezes ficavam empenhados pela bebida.

Essa história te deixa triste?

Sim, porque eu fui um cara que pensei lá na frente. Por que eu pensei lá na frente? Porque morava num lugar e tinha uma máquina fotográfica, Olympus. Na época, deixei de bater muitas fotos do meu pai, de familiares, tios e tias, momentos.... Hoje quando passo na frente eu fico lembrando, queria tanto ver como era isso aqui. Pensando nisso, resolvi guardar os discos, rolos de censura que tinha de programas com esses caras apresentando. Eles diziam “quero mandar um alô para o fulano no bairro tal”... mudou o nome desses bairros. Mas aí eu perdi tudo para esses dois, duas pessoas que eu acho que irresponsavelmente destruíram isso aí, que fazia parte da minha responsabilidade. Essas pessoas estão vivas, mas eu me reservo a não citar o nome das pessoas porque o vigia que estava na Rádio disse que não sabia o nome das pessoas. Um deles não está mais na Rádio, enquanto que o outro ainda milita.

Quando você soube que esse material havia sido jogado, qual foi a tua reação?

Quando soube fiquei muito triste e desanimado, tanto que na mesma hora peguei meu carro e fui na lixeira pública, mas não encontrei. Tive dificuldade de acessar o local, porque exige um cuidado. Isso pode ter acontecido porque esse container pode não ter ido para a lixeira. Geralmente contêineres são colocados por empresas particulares e naquela época havia muitos pontos que eles depositavam lixos, como na Caçari, nas beiras das estradas. Na lixeira não encontrei. Não fui a esses outros pontos porque seria atirar em ponto cego. Isso tudo aconteceu em um final de semana. As portas estavam abertas e todas as prateleiras identificadas dizendo quantos discos tinham, como se alguém ali tivesse levando esse material, no caso eu, mas eu era o cara mais preocupado com as pessoas que levavam os discos. No dia me senti um ladrão, sendo eu o cara que manteve e mantém até hoje. Se alguém for na minha casa não encontra discos, para que eu quero? Não me interessa. O que interessa para mim é a memória da Rádio.

O vigia ainda é vivo?

Não. Faz tempo que ele nos deixou.

Você acha que a Rádio Roraima contribuiu para o desenvolvimento do Estado?

Muito, ele era a mola que moveu, e acho que até hoje move, embora bem, uma mola assim, quase sem força. Mas ela, na época em que não tinha telefone, a Rádio foi o suporte. A Rádio ia e voltava numa velocidade instantânea. Então, como uma pessoa na época, e não faz muito tempo, não, iria tentar uma comunicação para mandar ranchos, mantimentos para uma fazenda? A Rádio Roraima realmente contribuiu imensamente. Esse papel aí ninguém pode tirar da Rádio. Ela contribuiu de uma forma exemplar, magnífica com o desenvolvimento, primeiro do Território, e depois do Estado.

Como você avalia a situação da Rádio ontem e hoje em termos técnicos?

Olha, eu posso tá aqui cometendo injustiça, mas eu acho que em épocas passadas a Rádio tinha um apoio maior, entendeu, principalmente na época da Radiobrás, a Rádio funcionava de uma forma espetacular. O som da Rádio era quase como o som de uma FM. Então os equipamentos foram se deteriorando. Naquela época era mais fácil conseguir resolver as coisas hoje, hoje está muito burocrático, tudo tem que passar por licitação e eleva-se e a licitação não sai, transmissores e equipamentos antigos. Às vezes a gente vê o empenho de diretores tentando buscar recursos, seja na Assembleia, em forma de emendas, ou nas secretarias, buscando equipamentos que para eles já não servem, como computador, cadeira, mesa.

Por que a FM não continuou na Rádio Roraima?

Porque a Radiobrás resolveu se desfazer das principais afiliadas da Amazônia, Ficou Manaus e Belém. As outras, eles venderam, foi para leilão, e quem comprou a nossa aqui foi o político Luciano de Castro,

dono da Rádio Tropical. Ele comprou a concessão. A Rádio AM foi encampada pelo Governo, então a Radiobrás entregou, mas hoje, o prédio e todo aquele terreno da Ene Garcez, mais o terreno do Monte Cristo são da Radiobrás. De vez em quando, eles questionam. Vocês estão com a prioridade de comprar isso aqui, mas a qualquer momento eles podem vender para outra pessoa porque tem que ser leiloado. Então o pessoal da Rádio fica com aquela insegurança. Aí é que eu digo, falta empenho do governo, é tão fácil. Não é tão caro pelo que eu fiquei sabendo.

Faça as suas considerações finais.

Dentro do que você me perguntou, achei interessante porque a gente fez uma viagem, contei um pouco da minha história, vivi muitas coisas, o lado um pouco polêmico e as memórias. Olha, eu viveria tudo de novo aquilo ali, só que eu faria diferente. Eu acho que por mais que eu tenha me empenhado para conseguir trazer hoje essa memória dos antigos locutores, que eu tinha na mão e foi embora, mas não foi culpa minha. Acredito que a Rádio hoje, em comparação ao que nós tínhamos no passado, está muito aquém, muito distante. Um exemplo: todas as rádios do Brasil são FM, nós perdemos um tempo. Eu não sei quem negligenciou isso daí, mas poxa a gente continua AM. Não existe mais isso, foi bom, mas...

APÊNDICE 10 – ENTREVISTA COM OUVINTE ZÉLIO MOTA

O aposentado Zélio Mota, 81 anos, tinha 16 anos quando a Rádio Roraima foi inaugurada e morava na época na Fazenda Vista Geral, atualmente município do Uiramutã.

O senhor lembra da inauguração da Rádio Roraima?

A gente morava na Fazenda Vista Geral quando começamos a sintonizar a Rádio Roraima. Nessa época a gente comprou um rádio também, que era um rádio totalmente diferente de hoje. Era mais caixa do que o material que se usa hoje, sintonizava, mas chiava muito, era muito ruim, difícil, tinha dia que quase a gente não ouvia. Antes disso a gente ouvia BBC de Londres, Havana de Cuba, e as rádios das Antilhas. Mas isso aí a gente ouvia mais pela parte da madrugada, três horas da manhã, quatro horas da manhã. Era mais nítida, era quando a gente ouvia. E também tinha uma rádio no Rio de Janeiro – Tupi, ouviu falar na Tupi? Essa rádio Tupi nós ouvíamos também, o jornal dela, mas tinha dia que era muito difícil a gente ouvir, muito ruído, muita coisa assim, interferência, né, por isso a gente escolhia mais o horário da madrugada, eu não sei porque era melhor...

Para ouvir as mensagens, a Rádio criou um programa para o interior, esse programa era para nos comunicar com a gente..., os moradores do interior usava muito esse programa da Rádio Roraima, às sete horas da noite. Aí nós compramos o rádio para ouvir os recados, e a gente ouvia o recado nesse período, nesse horário ouvia o recado para todas as pessoas que estavam morando no interior na época. Era um meio de se comunicar. Daqui [Boa Vista] pra lá passava essa comunicação pra gente, e a gente lá ouvia para atender essa solicitação que esse povo fazia, esse pessoal fazia, foi nessa época que começamos a ouvir a Rádio Roraima.

Não eram todas as pessoas que tinham condições de comprar um rádio, então a gente reunia em grupo para ouvir a Rádio, a partir daquele horário, no vizinho. Tinha gente que andava dois, três, quatro quilômetros, vinha só para ouvir o recado, porque às vezes saía recado para aquela pessoa, que tinha pessoas dela na cidade e passava mensagem. Era uma expectativa que a gente criava para que a gente fosse informado das coisas.

Isso gerava uma confraternização entre os vizinhos?

Sim, muitas vezes vinha alguém da família doente para Boa Vista, e como a gente morava unido no interior, a gente ficava lá ouvindo a Rádio para saber a notícia da situação da saúde daquela pessoa, porque muitas pessoas naquela época eram atendidas, o transporte era o avião. E a gente se juntava muitas pessoas e levava o doente para uma pista de pouso, carregando na rede, um dia de viagem, aquela coisa, e todo mundo ficava querendo saber da notícia daquela pessoa. Essa era uma das coisas, fora outros interesses que a gente tinha, comercial também, de assistência na região, era a Rádio que transmitia pra gente nesse horário. Isso era o que acontecia.

O senhor lembra de algum fato que a Rádio foi essencial?

A Rádio nos trouxe benefício para a região e o fato que mais guardo na minha memória, é o horário dos recados. A Rádio, muitas vezes, nos trazia um programa de música que a gente ouvia, era muito gostoso, muito bom, a gente se sentia alegre, a Rádio nos trazia muita alegria. No início a gente tinha muita dificuldade de ouvi-la, pelo ruído, mas foi melhorando, ficou nítida.

Quando a Florany nasceu, eu estava em Boa Vista, e a Florany estava na Fazenda Santo Antônio do Pão, com a avó que é parteira, e eu estava em Boa Vista providenciando um transporte para trazer a Lúcia, a mãe da Florany, para Boa Vista. Só que nós não voava a hora que queria porque tinha poucos aviões, aí tinha muita gente na frente da gente, e às vezes, esperava cinco, seis dias para poder pegar a vez nossa.

Numa dessas vezes de espera... vamos dizer que iria amanhã, e hoje a Florany nasceu, e foi anunciado pela radiofonia pra mim aqui em Boa Vista. A radiofonia ficava na Fazenda Santo Antônio do Pão, e aqui em Boa Vista ficava no Centro Cívico, acredito que era onde é o prédio da justiça. Quando eu soube do nascimento dela, avisei na Rádio Roraima que já estava seguindo no outro dia levando o enxoval, que tinha necessidade, né?

Uma ocasião, estava na fronteira da Venezuela com Brasil, nas matas, há dois meses lá dentro, e tinha contratado verbalmente com um avião de me pegar naquela região tal dia. O dia era 8, mas não me lembro do mês porque fazem muitos anos. Eu estava lá na fronteira, à noite, quando saiu o recado pra mim que o avião às 8h estaria naquela pista para me pegar. Eu estava distante. Ora, tinha que andar a noite toda numa canoa, num varejão descendo o rio. Quando terminou de dar o recado, já embarquei na canoa, e embarcaram mais quatro comigo. Varejamos - sabe o que é varejar, tipo remo – a noite todinha. Quatro horas da manhã chegamos num lugar onde desembarcava para a gente andar duas horas para chegar na pista. Quando foi oito horas já estávamos na pista e o avião chegou, aí eu vim

embora. Foi o anúncio da Rádio Roraima, por isso a gente tinha atenção de estar ouvindo a Rádio. A Rádio serviu muito, né? Não só pra mim, mas para o Estado todo.

O senhor usou muito a Rádio Roraima

Eu usei muito a Rádio Roraima, quase todos os dias para fazer nossas ações de trabalho. Era a nossa comunicação cotidiana, nossa comunicação direta. Quase todo dia tinha avião, e a gente recebia por carta as notícias do que precisava [na fazenda] e a gente respondia pela Rádio Roraima. Nossa ligação era carta e rádio, a fonia veio depois. Mas usava a Rádio para as localidades que não tinha fonia. Colocava recado para as pessoas que estavam trabalhando comigo, comprando diamantes, que estava viajando e precisava encontrar eles em tal localidade. Às vezes fazia encomenda de mercadoria para suprir o comércio deles e eu avisava o dia que a mercadoria estava chegando na localidade. Às vezes tinha o meu programa de viagem para a região para recolher os materiais, os diamantes que eu comprava, avisava o dia e a hora que eu estava chegando para me esperarem na pista. Às vezes precisava de um animal para me transportar para outra localidade, e eles providenciavam o animal pra mim. Isso antes da estrada.

O senhor ainda ouve a Rádio Roraima hoje?

Agora é mais difícil porque a gente fica captando tudo pelo celular. Temos hoje a internet e toda localidade tem internet, e a gente se comunica pela internet, aí a Rádio Roraima fica difícil.

Tem algum locutor que o senhor nunca esqueceu?

Zé Maria Carneiro, que é um parceiro da gente, me lembro muito bem dele, tinha uns programas muito bons. Tinha o Jaber Xaud, que tinha um programa muito famoso. Tinha muitos deles, mas tá fugindo da memória agorinha, muitos... mas todos eles eram gente boa, que nos alegrava, nos animava na região. Laucides Oliveira é outro também. Tinha uns que faziam programa direto para o interior e falava no nosso nome, na nossa região, todos os dias.

A Rádio anunciava tudo. Às vezes o cara tava em Manaus, a gente escutava aviso. Em Santa Maria do Boiaçu sempre falavam “tão levando encomenda”. Muita gente sabia o nome da gente sem a gente ver porque falava no nosso nome todo dia. Conhecia nossas propriedades porque saia na Rádio todo dia esse nome Santo Antônio do Pão, São Jorge, Vista geral, Puxa Faca, Orinduque, Mutum, Água Fria, Caju, Luis de Oliveira lá no Suapi, e assim sucessivamente, o Estado todo.

Todos os dias falavam no nome do meu pai. Aconteceu muito das pessoas ao me conhecer, já saber meu nome, assim como conheci outros pela Rádio, porque eu fazia questão de ouvir os recados da Rádio Roraima onde eu estivesse.

O que a Rádio representa para o senhor?

Posso até dizer, hoje estou isolado da Rádio Roraima, mas antes era tudo em comunicação. Pra mim era tudo em comunicação, porque transmitia todas as notícias, e o recado era uma das partes mais importantes que tinha, e depois, para saber das notícias da noite, aquele programa... você conhece, aquele programa político, como é nome? [Voz do Brasil]... A Voz do Brasil, ninguém perdia a Voz do Brasil pela Rádio Roraima, só perdia quando não tinha jeito, mas a gente corria atrás da Voz do Brasil, então ela foi muito boa, importante por tudo isso.

Hoje a gente tá na internet, tá diferente a situação, tá moderna a situação, a gente vê até as pessoas lá na Serra. Dia desses conversei com meu neto, ele estava no Pão de Açúcar, observando a paisagem e mostrou o avião pousando. Se eu quero falar com qualquer uma localidade do Brasil, eu falo pela internet, mas naquela época era a Rádio Roraima. Interessante, né?

APÊNDICE 11 – ENTREVISTA COM RADIALISTA FRANCISCO GALVÃO SOARES

O radialista Francisco Galvão Soares ingressou na Rádio Roraima no ano de 1966, como locutor e em 1975 assumiu a direção da Rádio. Dois anos depois, quando a Radiobrás absorveu a instituição que passou a se chamar Rádio Nacional de Boa Vista, em 1977, foi nomeado gerente da Rádio Nacional de Boa Vista, permanecendo até 1981. Em 1997 ele retorna como diretor da Rádio Roraima e permanece até 2004, totalizando 13 anos, 5 meses e 7 dias junto à direção da empresa. Ele foi o gestor com mais tempo à frente da direção da Rádio. Além disso, foi secretário de Comunicação do Estado (na época a Coordenadoria tinha status de Secretaria) no período de outubro de 2000 a abril de 2002, acumulando nesse período a direção da Rádio Roraima Francisco Galvão Soares

Galvão Soares, é um grande prazer estar na sua companhia, conhecendo um pouco mais da história da Rádio Roraima. Conte-me como você chegou na Rádio Roraima?

É uma satisfação grande conversar com você. É muito importante receber você. Fico satisfeito quando recebo pessoas que vem aqui buscar informações, principalmente os mais jovens que eu, porque me remeço com isso, volto a minha história, conto de novo. Vou te falar como que eu fui. Fui para a Rádio Roraima em 1961, o diretor era Valdemiro Barbosa de Araújo, e o governador era o Hélio Magalhães de Araújo. Quando foi em 1963 para 1964 me inscrevi no concurso do Banco do Brasil, passei, deixei a Rádio Roraima, e fui para o Banco do Brasil. Trabalhei no Banco do Brasil até 1965, mas paralelamente eu trabalhava de graça na Rádio, apresentava programas esportivos e noticiários. Para você ter uma ideia, eu saía do Banco uma hora da tarde e ia de bicicleta para perto da igreja, porque era ali a Rádio e apresentava a Vanguarda Esportiva. Depois eu vinha para Cerejo Cruz, tomava um banho e almoçava porque às duas horas eu tinha que estar no Banco. Era muito sacrificado, mas quando a gente é jovem, enfrenta essas batalhas rindo, e tira de letra.

Em 75, o governo militar de Fernando Ramos Pereira recebeu uma equipe da Rádio Roraima que estava reclamando, que não estava funcionando bem. As coisas não andavam bem. Como ele era um homem de comunicação e gostava, queria saber o que precisava fazer. E aí o pessoal começou a dizer, tem que fazer isso, aquilo, e não sei o quê... E aí ele disse, "sim, mas de vocês que estão aqui, quem que vocês escolhem para ser o diretor e que vai resolver?", daí nenhum deles quis e um disse assim, mas tem uma pessoa, o Galvão Soares. Quem é Galvão Soares? É um funcionário do Banco do Brasil. Mas o que tem a ver o Banco do Brasil com a Rádio? Aí explicaram que eu era radialista e que trabalhei inclusive de graça na Rádio, fora do expediente do Banco.

Daí ele ligou para o Banco do Brasil e disse "peça aí, para o seu funcionário vir para cá, que ele vai assumir a direção da Rádio Roraima". Vou requisitá-lo ao Banco do Brasil, à presidência do Banco do Brasil, e gostaria que você mandasse ele vir aqui, e daqui ele não vai mais voltar para o Banco, vai sair daqui para a Rádio, como diretor.

Eu estava no caixa e chegou o subgerente e disse, "Galvão, encerre seu caixa e se apresente na gerência". Tomei um choque! Fiquei com medo porque ser caixa do Banco do Brasil e, de repente, chega o subgerente, que era quem lidava com o pessoal, e dizer assim "encerre seu caixa e se apresente ao gerente", alguma coisa muito ruim deveria ter acontecido comigo. Fiquei nervoso, encerrei o caixa, e cheguei até pálido lá com o gerente.

Como ele gostava muito de mim, o Ladeira disse "que isso, rapaz! Tá pálido, senta aí, tá nervoso por quê?", daí eu contei né. O subgerente mandou eu encerrar o caixa, eu fiquei preocupado. Ele disse "não, é que o governador, o nosso vizinho do lado, disse pra você ir agora lá, que você vai assumir a direção da Rádio Roraima". Disse, mais como, sou funcionário do banco? Ele vai te requisitar para a presidência do Banco, e tu pode pegar tuas coisas e ir direto pra lá. Não sei mais te explicar nada. O homem mandou a gente tem que obedecer, vai pra lá.

Peguei minha bicicleta e minhas coisinhas e fui. Cheguei lá no Palácio e fui recebido pelo chefe de gabinete. Como eu tinha intimidade com o Magno, perguntei o que que houve, Magno? Rapaz, os funcionários da Rádio estão aí, e o governador fez uma reunião com eles para saber o que poderia melhorar na Rádio, e apontaram teu nome para ser o diretor.

Aí me levou lá com o governador. Bom dia, o senhor que é o Galvão? O senhor vai ser o diretor da Rádio, seus colegas aqui lhe escolheram, é que quero que essa Rádio melhore, e quero fazer dessa Rádio uma emissora que realmente... Ele era de telecomunicações.

Resultado, fiquei dirigindo a Rádio do Território até 1977. Todos os anos o governo renovava o pedido ao Banco do Brasil, que prorrogava por mais um ano o empréstimo. Em 77, quando veio a Radiobrás, ele disse assim: Estou com um projeto para fazer uma Rádio de 10 quilos OM, e melhorar essa Rádio Tropical, que era só um quilo. Até 1975 era só um quilo a OT. Quero que você vá comigo a Brasília para levar esse projeto lá. Neste ínterim, a Radiobrás é criada e, de repente, surge a oportunidade de

montar várias emissoras no Norte do Brasil. Daí o governador disse, a Radiobras veio aqui, você nem percebeu, mas aquelas pessoas que andaram comigo naquele dia eram diretores da Radiobrás, representantes da empresa, e gostaram do seu trabalho. Agora você vai a Brasília fazer um estágio, e se você passar na área administrativa, de programação e jornalismo, você vai ao Rio de Janeiro para ver como são os programas de auditório lá para mudar totalmente o conceito da programação da Rádio. Escolha um colega seu para ir. Aí fomos, eu e o colega Júlio Torreias. Em Brasília passei numa área, e o Júlio na outra, e de Brasília fomos para o Rio de Janeiro.

Em 1977 a Radiobrás se instalou aqui, em julho, se não engano, e a Rádio Roraima funcionou 24 horas seguidas. Ela não fazia isso, até o meio-dia. Ela saiu do ar, eu tenho tudo isso gravado, aí a Radiobrás assumiu, trabalhando 24 horas como Rádio Nacional de Boa Vista.

O nome Rádio Nacional foi dado pela Radiobrás porque a Rádio Nacional do Rio de Janeiro capitaneava toda a programação. Era Rádio Nacional da Amazônia, Rádio Nacional de Brasília, Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Rádio Nacional de Boa Vista, Rádio Nacional de Tefé, e assim todas foram o nome Rádio Nacional, padrão, e o nome da capital onde ela funcionava.

Então foi a Radiobrás que montou a primeira emissora Ondas Médias, de 10 quilos, e pegou a emissorzinha da Rádio Roraima, antiga de um quilo, e transformou para 10 quilos em Ondas Tropicais, e ficávamos com uma potência atingindo toda a Amazônia.

Qual foi a grande finalidade da Radiobrás nascer e do Governo Federal ter colocado emissora aqui?

É porque, segundo o entendimento da Radiobrás, colocar música brasileira com mais força em toda a Amazônia. Por quê? Porque na região, aqui a gente ouvia muitas as emissoras de Cuba, da Venezuela, Estados Unidos e não se tinha muita coisa regional. O pouco que se tinha através da Rádio Roraima era o mensageiro do Ar e a Voz do Brasil.

Fora isso tínhamos os programas regionais, mas as pessoas preferiam porque era muita, tinha muita dificuldade, era só um quilo, e tinha dias que não se ouvia bem, então preferiam as emissoras de fora. Foi essa a grande finalidade. E também pela questão política, já que Cuba... E também a questão política ideológica, quer dizer, o Brasil estava implantando um sistema e queria evitar que os outros sistemas continuassem influenciando, e principalmente a nossa região Norte.

Você lembra quando ela foi inaugurada?

Ela foi inaugurada no dia 4 de janeiro de 1957, quando eu tinha 13 anos. Como eu vi isso? Eu era aluno do Lobo D'Almada e os alunos do Lobo D'Almada foram escolhidos para fazer uma apresentação para a comissão do presidente Juscelino Kubitschek, lá na Educação, onde funcionava a Rádio Roraima. A gente iria fazer uma apresentação de cantos e poesia, e eu estava no meio desses alunos. Eu presenciei, ao vivo, a inauguração da Rádio Roraima. Não nos apresentamos porque, como houve um atraso no avião do presidente, muita coisa da programação foi cortada. Ele inaugurou a Rádio Roraima e depois foi inaugurar a Usina de Luz Juscelino Kubitschek. Mas na Rádio Roraima, qual foi o grande detalhe? Se apresentou para ele um Regional que nós tínhamos aqui: Simpatia, Valdir Abdala, Aór Magalhães e o Carioca. Era o Regional que acompanhava os artistas nos programas locais como o Brasil Cantando, depois o programa Jaber Xaud. Era uma banda, mas a gente chamava Regional, nome dado na época.

Juscelino ficou encantado com aquela apresentação dos artistas. E quem estava na mesa de áudio na hora em que inaugurou, era o Edil Lima, operador. Tenho foto dele operando. Você pergunta se tinha operador de som, sim. A Rádio Roraima quando foi fundada aproveitou os locutores Altair Souza, Valdemir Cavalcante, Edson Castro, que trabalhavam no Serviço de Alto-falantes a Voz do Rio Branco, que era instalada na Caixa D'Água, ao lado do IBGE. O estúdiuzinho, quadrado de madeira, era nessa época atrás do Teatro Carlos Gomes. Então eles, que eram locutores, foram aproveitados.

Então quando cheguei à Rádio, em 61, os operadores eram Edil Lima, José Laureano de Souza, João Rodrigues, esses três. Locutores, por exemplo, fui recebido por Magnos Mota Guimarães, que era técnico e locutor, João Reis Brandão, Carlos Alberto Ribeiro de Araújo, Valdemir Cavalcante, Altair Souza. Eram os locutores famosos da época. Naquela época, para ser locutor precisava ter uma voz forte, era aquele Rádio de cabine, trancado, e que o cabra não podia rir. Tudo era escrito. Só tinha que se ater aquilo que estava ali. Você não podia fazer nenhum comentário e nem dizer se gostava ou não daquele cantor, tinha que dizer o que estava escrito ali pelo produtor do programa.

E por que não podia?

Porque o Rádio era hermético, fechado. Por isso que quando entrou a Radiobras a gente teve que ir ao Rio de Janeiro para ver programas de auditório, ver o povo participando, ver o povo telefonando,

entregando as cartinhas e o locutor abrindo e lendo na hora. Senão, não teríamos mudado a programação aqui. Por isso que a Rádio Nacional entrou com uma programação e levou para o auditório programas como o Amigo do Povo, com o Zé Maria, com Shirley, uma turma boa.

No começo, aqui em Boa Vista, houve uma reação de determinadas pessoas, que quando a gente começou apresentar os programas, começou a rir, começou a chamar as pessoas para falarem, “a Rádio estava uma bandalheira, esculhambação, isso não é rádio, rádio é coisa séria”, porque essa era a cabeça. Imagina se nós não tivéssemos ido ver, íamos continuar também com o mesmo padrão. Por isso que a Radiobras nos levou lá, para ver qual era a programação que eles queriam que fosse lançada.

Eu sei que você era muito jovem, mas ela inaugurou em 1957, mas já funcionava em caráter experimental?

Mas funciona em caráter experimental com o senhor Domingo Leitão, que arrumou um transmissor, mas aí era uma coisa muito pequena. Mas essa coisa pequena influenciou para que eles fossem ao governador da época, Auris, e ele ficou animado. Quando o Juscelino veio fazer campanha aqui para se eleger em 1955, ele se comprometeu, que se ele fosse eleito Presidente da República, assumiria 56... Ele perguntou do governador o que é que o povo quer? O povo quer uma rádio e o povo quer uma usina de luz, porque antigamente a luz apagava aqui dez horas da noite, nove e meia dava o sinal e apagava, até aqueles anos. E ele realmente foi um político que prometeu e cumpriu. Quando foi em janeiro de 57 mandou providenciar tudo, o governo daqui comprou o transmissor, arrumou onde colocar e ele deu a concessão e veio inaugurar. Porque ele, Juscelino, teve esse contato aqui com Roraima? Porque a família do Laucides Oliveira, seu Levindo Oliveira, é mineiro e era muito amigo e conhecido do Juscelino quando vivia em Minas. Daí, quando ele falou com Juscelino que estava aqui... e disse, tem poucos eleitores, mas venha. Venha que o pessoal vai votar em você. E daí surgiu, deu certo para que a gente fizesse a reivindicação e ele atendesse.

Tu lembra exatamente quando começou a funcionar em caráter experimental?

Não, não lembro. Não me lembro porque acho que foi muito pouco tempo.

Você tem o documento de outorga ou tem conhecimento dele?

Não, não tenho. Só tenho a foto do Decreto de criação do governo, mas da outorga do Governo Federal não. Naquele tempo era muito pequenininha, a Rádio se restringia ao Estúdio, uma área que às vezes a gente levava alguns cantores locais para participar de um programa, e a sala da direção. O escritório funcionava numa sala grande aberta, a pessoa chegava pela janela para botar os recados. A gente atendia na janela, então não tinha departamento. E se esse documento ficou... ficou com o governo, né? Não sei se existe lá... Acho que não existe porque é muito difícil, porque foi muita coisa com o passar dos anos, na própria Rádio, que foram jogando fora, infelizmente a cabeça das pessoas nunca pensou na história, na história da Radiodifusão, né? Então, entrava uma administração e dizia “ah, quem passou por aqui foi... ah, então joga tudo que tem aí fora”, e foram se perdendo. Eu tenho um monte dessas coisas porque sempre tive o cuidado de ir guardando as coisas, não que eu tivesse projetado que um dia eu iria ser diretor da Rádio, o que eu iria participar dessa história por tanto tempo, mas porque sempre fui organizado, gostava de guardar as coisas, né? Por isso que eu tenho alguma coisa, é para oferecer quando os alunos de comunicação vem aqui, fora isso, assim na Rádio mesmo você não encontra. Você não encontra material recente.

Antes da Radiobras a programação ia até que horário?

Tínhamos escalas. Quando ela começou a operar tinha dois horários. Era das 7 da manhã até às 9 horas. Depois ela ia das 17h até as 21h. Depois, com o passar do tempo, já nos anos 70, ela melhorou um pouco, ela passou de seis da manhã para o programa de forró ia até às 9h. Fazia o intervalo entrava às 11 e ia até às 13 horas, porque havia noticiário meio-dia, tinha o esporte, e ela voltava das 17 horas, porque ia ter a Voz do Brasil, e ia até às 20 horas. Eu tenho esse roteiro de horários.

Essa programação de esporte era local. O que vinha de fora, antes da Radiobrás?

Como nós pegávamos isso? Eu, funcionário do Banco do Brasil, como fazia o Vanguarda Esportiva junto com o Carlos Alberto, Jorge Luiz e Flamarion Vasconcelos e outras pessoas, enquanto minha esposa estava fazendo o.. minha casa era menor, não era tudo isso, não, era só a parte da frente.

Enquanto minha esposa ia fazer o café, eu já todo pronto, ia para trás da cozinha e colocava o rádio. Eu tinha rádio Philco grande, com gravador, e ficava gravando a Rádio Guaíba, Rádio Nacional, para pegar notícias. E na Rádio Roraima tinha o famoso Rádio Escuta, que era um sistema de rádios que a gente montava, 3 a 4 rádios com gravadores, para que ali ficasse dois a três colegas ouvindo as emissoras, gravando, depois eles iam ouvir as gravações e iam pegando o noticiário. Tinha também a contribuição dos radiotelegrafistas. Eles, tipo assim, “roubavam” as informações das agências internacionais, Night Press, e dava pra gente o telegrama. A gente lia naquele telegrama. Às vezes, o Laucides fazia uma revisão ou outra, porque chegava muito em cima da hora, quando a gente ia fazer o noticiário. Era assim que nós tínhamos os noticiários nacional e internacional e o noticiário esportivo. Quando chegou aqui [Radiobrás] ela instalou a France press. Já modificou bastante, já nos auxiliou. Antes da agência, chegou aqui o Telex, mas foi muito pouco, teve vida curta, eu acho que um ano ou dois. Você fazia a ligação e depois falava com a pessoa através de um teclado, pouca gente conhece o Telex, é porque, realmente, só quem na época estava.

Aí, além do Telex que a Radiobrás instalou aqui, veio também a Frans Press, aquela máquina te dava o noticiário Nacional e Internacional, de hora em hora, então melhorou muito para redação. Essa máquina parecia um computador, maior um pouco, e aqui o rolo ia passando, e você ia tirando noticiário, e separava o que era esporte, o que era Jornalismo. Ela ficava interligada 24 horas com a Radiobrás, que mandava as notícias da Central do jornalismo. Por que era assim? Porque as notícias que vinham eram notícias convenientes ao regime da época. Lógico, sempre foi assim, e vai ser sempre assim, né? Então, o noticiário nacional e internacional, foi assim que nós começamos a melhorar no que diz respeito aos noticiários.

Em 63 para 64, o Laucides montou, foi que ele quem montou o primeiro Departamento de Jornalismo porque, antigamente, qualquer um fazia noticiário, pegava os recortes de jornal, às vezes, era o famoso “gilet press” e com notícias da Rádio Escuta. Então ele organizou o Rádio Escuta, fez as bancadas.

O Tenente Batista, ele era o responsável pelo Serviço de Rádio do governo do Território, e como ele havia recebido vários rádios, e um deles era Hammarlund, que depois vou te mostrar aqui - era um rádio famoso usado na Guerra para pegar noticiário dos adversários - ele deu de presente para a Rádio Roraima. Com esse Hammarlund... Qual foi o maior feito que a Rádio Roraima fez, que é uma das suas perguntas, foi retransmitir a chegada do homem na lua em 1969.

A gente sintonizou o Hammarlund, colocou um microfone perto da saída do alto-falante do Hammarlund, e assim nós transmitimos a chegada do homem na lua. Eu tenho isso em fita cassete e CD, gravados. Tenho também a foto que nós recebemos depois da Voz da América, constatando que a Rádio Roraima participou, no grande pool de emissoras do Brasil inteiro que transmitiu a chegada do homem à Lua.

Qual foi o grande acontecimento que envolveu a população depois que a Rádio Roraima foi criada?

Posso dizer que o maior acontecimento que envolveu a população, em 1961, eu ainda não era da Rádio. Os cantores de Ébanos eram famosos, aquele conjunto composto por negros que cantavam no Brasil inteiro. Eles vieram a Roraima fazer shows, foram bem sucedidos aqui. Tinha no show um empresário da Guiana Inglesa, naquele tempo era Guiana Inglesa, e o empresário resolveu levá-los para Georgetown, mas quando chegaram lá, como não cantavam em inglês, não fizeram sucesso necessário, o camarada abandonou eles num hotel.

Os cantores de Ébanos que ficaram famosos no Brasil inteiro ficaram retidos na Guiana Inglesa por falta de pagamento de hotel. A situação foi piorando. E o que que a Rádio Roraima fez naquela época? A Rádio Roraima fez uma grande campanha, “Vamos trazer os Cantores de Ébano de volta”, comandada pelo Carlos Alberto de Araújo, que foi locutor, depois diretor, e faleceu em Brasília há algum tempo, movimentou toda cidade, fazendeiros, comerciantes da época, todo mundo dando dinheiro.

Ele foi a Georgetown, pagou todas as contas e trouxe. O aeroporto ficou cheio quando os Cantores de Ébano chegaram em Boa Vista de volta. Então foi para mim o maior acontecimento. Eu ainda não estava na Rádio, mas daquele dia em diante, aquilo mexeu com a minha cabeça de que, a principal função de uma emissora de Rádio é o Social, é integrar a comunidade, fazer campanhas para beneficiar as pessoas. Por isso que durante os períodos, tínhamos Campanha do Livro, Campanha documento perdido, Campanha Natal dos indigentes, que durou aproximadamente 12 anos, foi uma ideia, no dia de uma reunião, do colega Júlio Torreias, baseada numa campanha da Rádio Rio Mar de Manaus, que fazia a Campanha de Hanseníase.

Essa Campanha Natal dos Indigentes foi um sucesso absoluto, porque eu notei que, independente de entreter e informar, a principal função do veículo de comunicação é o social. Sem isso nós podemos fazer o que fizermos, tudo bonitinho, transmitir esporte, mas realmente, quando você faz uma campanha social que atinge objetivos aquilo é super importante para o radialista, porque satisfaz a gente como radialista e cresce o nome da emissora no conceito das pessoas.

Vou fazer um parêntese aqui para te contar uma historinha da Campanha do Natal de Indigentes. Só tinha aqui o Hospital Nossa Senhora de Fátima, que era o hospital da Prelazia. Nós iniciamos a campanha em outubro e quando estava perto do dia 25 de dezembro, uma equipe nossa ia ao hospital ver quantas pessoas tinham na indigência, que estava necessitando de apoio, ou em dinheiro ou em alimentação. A pessoa escolhia se queria alimentação para comprar cesta básica ou se ela queria receber em dinheiro.

Um dia nossa equipe chegou lá com uma pessoa e perguntou quanto tempo o senhor está aqui? "Três meses, mas já vou tá de alta no dia tal. Estou preocupado porque não conheço ninguém nessa cidade porque vim da minha terra direto para o garimpo, e não sei o que vou fazer". Os meninos anotaram o nome dele, chegaram lá com a relação e separamos os que queriam rancho, os que queriam roupa e quem queria dinheiro. Para ele demos o cheque.

Passado um tempo, essa pessoa foi embora para o garimpo. Uma época meu pai mexeu com garimpo, vivia aí como garimpeiro. Foi uma época em que fracassou, financeiramente na vida, e foi para o garimpo da Venezuela. Lá ele teve uma doença e quase morre. Aí chegou uma pessoa com ele no barracão, ele não tinha recursos, e o camarada disse "eu vou lhe levar para a melhor clínica que tiver aqui em Santa Elena". Levou meu pai, pagou uma semana e todo o tratamento. No dia do meu pai sair, ele foi lá buscar. Aí meu pai perguntou "porque você tá fazendo tudo isso por mim?", e ele foi contar uma história.

Você não tem um filho que trabalha numa Rádio em Boa Vista. E aí contou a história dele. "Com aquele cheque, fui ao Banco do Brasil, troquei e eu pude me manter durante a semana, comprar meu material e voltar para o garimpo". Para você ver como a função social da emissora se reproduz, inclusive, vai lá na frente, né? Então por isso eu sempre optei muito, todas as vezes em que estive à frente, na direção de qualquer veículo de comunicação, sempre lutar para que a gente fizesse campanhas sociais para ajudar a comunidade, porque isso envolve a comunidade.

E as outras campanhas?

As primeiras campanhas começaram em 1975. Depois, na última gestão, de 1997 a 2004, fizemos a Campanha do Livro, e distribuimos livros nos interiores. Como funcionava? As comunidades do interior mandavam cartas para a Rádio. Nessa época ainda não se tinha celular para mandar, então eram cartas. Nós contávamos todas aquelas cartas e tinha uma equipe que iria separando município por município. O que tirou em primeiro lugar ganhava X livros, o que tirou em segundo ganhava X, e nós, da equipe da Rádio, íamos fazer as entregas. Quem dava os livros? As pessoas faziam a adoção. Arrecadávamos por meio Rádio e depois íamos entregar esses livros nas comunidades.

Campanha do Documento Perdido – Quando eu voltei 97 encontrei na rádio Roraima, debaixo do balcão da recepção duas caixas cheias de documentos. Aí eu comecei organizar administrativamente e pedi ao pessoal daquele setor que fosse selecionando o que era carteira de identidade, título de eleitor, CNH e depois colocassem em ordem alfabética e fizessem um listão. Começamos durante a programação da Rádio passar para o locutor dez nomes e marcava. O locutor do outro programa lia dez nomes e marcava, e assim começamos a entregar esses documentos.

Poucos que sobram, como título de eleitor, mandamos entregar na Justiça Eleitoral. As carteiras de identidade e de motorista, entregar lá no Instituto de Identificação e no Detran. Lena, a pessoa perde o documento por qualquer razão, entendeu? Aí você para tirar uma segunda via, não sei hoje, mas naquela época pagava, saía dinheiro do bolso daquela pessoa. Então achei que aquele monte de caixa de documento não iria contribuir com nada. Mas aí as pessoas depois começaram a dizer, "puxa, olha como a Rádio Roraima está nos ajudando, entregou meus documentos que estavam perdidos há um ano. Eu já ia ter que pagar, fui lá, mas não tinha dinheiro para pagar a taxa". E os que nós devolvemos para a justiça eleitoral, começou a fazer chamadas das pessoas e entregou. Então campanhas comunitárias sociais são super importantes .

Quais os programas mais importantes na tua opinião, ao longo dessa trajetória?

Vou começar do começo. Ela foi fundada e naquela época não existia programa, mas horário comercial, tanto que eu fui contratado como locutor comercial. O que era o locutor comercial? A discoteca entrega uma relação de músicas, naquele tempo se dizia o nome cantor, do compositor, e o locutor do horário vai dizendo "vamos ouvir a música tal...", e só tinha 2 programas era o Parabéns a você, que falava dos aniversários das pessoas, a cidade era pequena e tal, e Laucides criou o Mensageiro do Interior que depois virou o Mensageiro do Ar. Qual a importância desses dois programas? O primeiro mexia com a sociedade da época, do lugar. Poxa, fulano de tal está aniversariando, comerciante tal, fulano

de tal, filha do casal tal, então isso começou a aglutinar as pessoas naquele horário específico para ouvir aqueles programas.

O Mensageiro do Ar, qual era a grande importância? Antigamente as distâncias eram longas e não tinha estradas, só tinham algumas picadas. Quem podia ia de avião, que não podia ir de barco. A pessoa vinha do interior doente ou vinha fazer compra, ou vinha tratar de negócio em tal banco e não tinha como informar sua família na fazenda, se as coisas estavam andando, se a saúde tinha melhorado. Ficavam lá eles sem saberem, e ele aqui sem poder informar. Com o Mensageiro do Ar qual foi a grande importância? As pessoas 7 horas da noite, sentavam ao redor do rádio no interior, principalmente, e ficavam ouvindo, porque ali o camarada dizia “olha, vim tratar de saúde, já fui ao médico, comprei remédio tal, não tinha aqui, mandei buscar em Manaus, estou retornando dia tal. E foi começando a fazer essa ligação. Por isso que diz assim “o elo de ligação” é redundante, mas é interessante. O elo de ligação entre a capital e o interior. A gente viu que era uma redundância, lembro que Laucides disse, mas isso é para reafirmar a importância que tem. Então a pessoa chegava aí, botava o seu recado “olha, eu consegui vender as galinhas que trouxe, já tô comprando mantimentos, dia tal estou chegando”. Então as famílias começaram a ficar às 7 horas... começou a habituar as pessoas a ficarem ao redor do rádio porque iam ter notícias da capital, de quem veio do interior para a cidade. Depois A Voz do Brasil também foi muito importante porque era a única maneira que o interior tinha de acompanhar política, não local, mas a política nacional, sabiam o que estava acontecendo do Rio de Janeiro com o Presidente, com os ministros. Então a Voz do Brasil as pessoas gostavam muito de ouvir. Às vezes a gente chegava no interior e a pessoa nos abordava dizendo “você viu o presidente fez isso...”. Como ele soube, por meio da Voz do Brasil. Por isso, a grande importância, grande modificação política foi para as pessoas, principalmente do interior. Foi assim que elas começaram a se inteirar politicamente das coisas que estavam acontecendo no país.

Quais foram os primeiros programas da década de 60?

Depois vieram os primeiros programas nos anos 62, 65, 67. Vieram os programas “Enquanto o almoço não vem”, de 11h ao meio-dia. Programa que recebia cantores locais e também tocava músicas, que era apresentado por mim. Depois teve o programa “Encontro com a Saudade”, que durou 12 anos. Ele nasceu em 1963, a apresentação era do locutor mais antigo, Valdemir Cavalcante, e eu produzia o programa. Quando ele foi embora para Manaus, ninguém queria assumir porque ninguém queria programa pra velho. Eu fui apresentar o programa e ele ficou 12 anos no ar. Só acabou quando a Radiobras implantou uma nova programação e tirou o programa do ar.

O que era o “Encontro com a saudade”? Era um programa que falava das músicas antigas, as pessoas mandavam cartas, o locutor mandava alô para as pessoas. E as pessoas em Boa Vista como não tinha televisão nem outras emissoras, todo mundo era ligado na Rádio Roraima. De 10 horas da noite a meio-noite de sexta-feira as pessoas raramente saíam de casa. Só saíam depois porque gostavam de ouvir o programa. Era um programa bom, muito movimentado e muita gente participava. Começaram a ter participação por telefone fixo. Quem tinha telefone fixo em casa, ligava para rádio e participava dos programas. Tenho fitas gravadas. Depois já na época mais moderna com a Radiobras vieram vários programas enlatados, que a gente chamava, como Márcia Ferreira, Delson Moura e outros. Também foram mantidos os programas regionais como O Mensageiro do Ar, noticiário local, esporte, Bom dia Roraima, O Amigo do Povo, 1977, que aí surgiu o Zé Maria Carneiro, que nós fizemos ele estreiar em um programa no palco auditório do Teatro Carlos Gomes, depois das modificações que a Radiobras nos ensinou a fazer. O Amigo do Povo era um programa de auditório, todo mundo chegava na hora participava, o Zé Maria conversava com as pessoas. As pessoas mandavam cartinhas, cheias de beijinhos, coraçõezinhos. Foi uma sensação!

E o esporte, como foi a participação da Rádio?

Depois começaram as transmissões esportivas, em 1969. Outro grande acontecimento que marcou a história da Rádio Roraima foi a transmissão do jogo de 1969 da Seleção Brasileira com Pelé e companhia. Quando a seleção veio a Manaus para se despedir, em abril ou maio, para inaugurar o Estádio Vivaldo Lima e ir para a Copa do México.

A Rádio Roraima, audaciosamente, foi fazer essa transmissão. Foi lá que inauguramos a Equipe 590, composta por um narrador Galvão Soares; Severino Cavalcante comentava; Áureo Cruz comentava a arbitragem; e Carlos Alberto e Jgs, já falecido, eram os pistas. Quem era a Rádio Roraima? Ficamos numa cabine, de um lado a Globo e do outro a Tupi, era Waldir Amaral, só cobras, e a gente inaugurando, chega tremia com o microfone na mão porque iríamos inaugurar a equipe. Tínhamos dado pouco treino aqui na beira do campo para inaugurar. Já pensou a gente só no meio de cobra?. E como iriam saber quem era aquela radiozinha?. Só tínhamos dois hand tools, um ficava na cabine e

outro eles se revezavam. O cara falava pelo hand tools [equipamento maior que um celular e falava 500 metros um com o outro] e a gente colocava na boca do microfone. Era tão precário que era assim que funcionava.

O que o Jags fez? Ele entrou no campo de bermuda, de alpercata branca, com um guarda-sol escrito Rádio Roraima. Quando o povo viu aquilo ali, disse “Rádio Roraima de onde é”, então a Rádio Roraima foi falada no Brasil inteiro, porque as emissoras começaram a dizer “tem uma emissora aqui no Norte que está abafando”, “tem um repórter aqui que está com um guarda-chuva escrito Rádio Roraima”. O nome da Rádio estava no guarda-chuva e lá de cima todo mundo via. Não estava chovendo, foi somente para chamar a atenção. Em Manaus nós entrevistamos pela primeira vez o Pelé.

Depois da Copa, o Santos participou de uma Copa nos Estados Unidos, e o avião que ele estava parou aqui para abastecer, como até hoje fazem parada aqui, aí a delegação do Santos desceu aí e nós soubemos. Vamos pra lá entrevistar o Pelé. Chegando lá fomos barrados. O Pelé não desceu. Os outros jogadores importantes desceram, mas ele não. Por que ele não desceu? Segundo disseram, porque a falecida esposa dele não deixou, lugar pequeno.

O Jags [Jorge Aparecido Gomes de Souza], como era militar, colocou a farda, chegou lá e se identificou para o pessoal da Aeronáutica, entrou no avião e fez a famosa entrevista com o Pelé. Lamentavelmente nós não temos na Rádio Roraima. Talvez a família dele tenha. Ele já é falecido, morreu em Brasília. A gente nunca conseguiu. Depois que rodou na Rádio, as fitas foram perdidas ou ele guardou a parte dele.

A Rádio Roraima teve momentos de glória na transmissão do esporte?

Tivemos boas equipes, Primeiro a A-1, depois a 590 comandada pelo Adílio Beserra, Linho Junior, Alexandre Borger, Carlos Mariano, Jesus Filho, Flamarion Vasconcelos, Jorge Luiz, Carlos Alberto Alves. Fizemos muita história no esporte.

E na política?

Tem uma história aí, na área política, que também é bem interessante. Não tinha Justiça Eleitoral nos primórdios da Rádio Roraima. Embora fosse uma emissora do governo, a Justiça Eleitoral fazia as eleições aqui, mas como a jurisdição era de Manaus, vinha um juiz de Manaus para presidir as eleições. E naquela época, mesmo sendo uma Rádio do governo, o adversário político ia fazer o seu programa político na Rádio. Não tinha negócio de marketing, os caras falavam mesmo no gogó. Então ele falava mal do governo dentro da Rádio do governo e isso era permitido. A pluralidade política, que na democracia de hoje não existe. Há uma diferença da democracia de antigamente para a de hoje. Hoje, na Rádio do governo, se você falar alguma coisinha contra o governo, você é demitido. Isso é natural, é normal dentro desse contexto que estamos vivendo. Não deveria ser. Lembro que quando o Valois se candidatou com o Gilberto Mestrinho em 62 eu já estava na Rádio. E quando chegou o horário político, “agora vai o candidato Gilberto Mestrinho”, e o Valois estava lá com ele. A Rádio, naquela época, era comandada pela oposição que tinha ganhado dele na eleição anterior. Mas eles iam lá e falavam. O povo escutava e começou aquele desejo de conhecer politicamente quem era o candidato. “Poxa, o cara fala bem”. Não tinha marketing, ou ele era bom de gogó para vender o peixe dele ou não se candidatasse, porque não tinha marketing para pintar o rosto dele bonitinho, para escrever o texto e ele decorar e dizer. Nada disso. O político tinha que ser autêntico ou saber mentir muito bem para iludir e receber a votação.

Na época do regime militar, como era o tratamento, as orientações do que deveria ir ao ar. Vocês eram vigiados?

Sim, sim. Vou te mostrar. Quem trabalhava na Rádio tinha uma credencial. Primeiro você ia na Polícia Federal, mesmo a Rádio sendo do Governo, se não tivesse essa carteira não poderia trabalhar no veículo. A sua vida pregressa era investigada, se você valesse alguma coisa você recebia essa carteirinha, se não, você tava fora. Então, por exemplo, como era feito, de maneira geral, toda a programação, inclui o jornalismo?

Você tinha que um mês antes fazer uma relação das músicas que seriam tocadas naquele mês, e essa relação junto com aqueles discos você mandava para o Departamento de Censura da Polícia Federal, mesmo a Rádio sendo do governo federal, a Radiobrás.

Show, por exemplo, quando eu trouxe Nelson Gonçalves aqui, eu tive que mandar contrato, tudo direitinho, e a relação de músicas que o cantor teria que apresentar no show. Ele não podia sair daquilo.

Então, quando você mandava, no caso, os roteiros, que eles analisavam 50 discos, eles observavam aquela música tal que eles não gostavam, eles riscavam no LP. Aquela música já vinha riscada. Não era só na relação, não. Além de na relação que você mandou ele grifarem, eles riscavam o disco para não ter perigo de você rodar, mesmo sendo uma Rádio oficial do governo federal.

Então você tinha que andar dentro do limite, a gente tinha que ter muito cuidado com o que comentava. Mesmo no esporte tinha que ter limitações do que estava comentando, porque naquela época muitos militares jogavam nos clubes locais. Sargentos, cabos, soldados, eram entrosados socialmente no esporte.

Nos anos 60 os melhores partidos para as moças casarem eram os funcionários do Banco do Brasil, sargentos do Exército e funcionários da Petrobras em Manaus. Se a moça quisesse casar melhor um pouquinho ia para Manaus porque lá tinha funcionários da Petrobras que ganhavam bem. Se não, ficava por aqui e casava com o pessoal daqui, que tinha uma faixa salarial melhor para você casar. Então eles eram muito entrosados com a sociedade e, às vezes, você podia fazer um comentário, mesmo que você estivesse falando de esporte, que o cara tinha sido grosseiro naquele instante, bateu aí... você tinha que ter cuidado para evitar que lhe chamassem lá

E durante esses anos de chumbo, aconteceu algum episódio na Rádio que vocês possam ter ficado assim, numa saia justa?

O episódio que aconteceu foi, falando de futebol, eu estava narrando um jogo com o Grêmio Atlético Sampaio, que era o clube dos militares, com o Baré. Numa jogada, não sei se ele ainda é vivo, entrou violentamente no jogador do Baré. E aí eu fiz o seguinte comentário: Na semana passada, no torneio interno do Pelotão de fronteiras, em homenagem ao Dia do soldado, o caboco Albuquerque quebrou a perna de um colega jogando futebol de salão, disputando internamente, o que prova que ele é violento. Mas tudo estava sendo gravado, gravavam por causa dos gols. Terminou o jogo, e quando nós descemos da cabine do João Mineiro, que nós mesmos tínhamos mandado fazer, uma cabine, tipo um poleiro trepado, um jipe do Exército com um sargento disse: Galvão, você está convidado a ir lá com o tenente, que era que chefe do pessoal do exército. O tenente mandou eu te convidar para você ir lá. Perguntei, "você sabe por quê?", ele respondeu que não, mas que era para eu ir lá. Embarquei no jipe, e o pessoal pegou o equipamento da Rádio e levou para a Rádio.

Quando cheguei ele disse "senta aí Galvão". "Olha, eu não vi, confesso que não ouvi, mas eu soube que você falou mal do torneio do Exército". Respondi: Não falei mal, eu vou lhe contar o que houve, a fita está na Rádio. Se o senhor quiser, a gente manda alguém pegar lá. Eu sou diretor lá, podemos mandar pegar a fita e operador para rodar aqui para o senhor ver o que eu comentei.

Comentei no torneio interno que o Albuquerque quebrou a perna de um outro colega. Como sabemos? Porque estávamos cobrindo o evento. No dia, eu disse: O que prova que ele joga pesado, é meio duro. Daí ele disse: "Foi só isso?" Respondi: Foi. "Ah, tá bom, vá pra casa".

Mas foi uma saia justa porque eu era Gerente da Rádio, estava narrando o jogo, sem ganhar nada. Eu ganhava só como gerente, e fazia futebol porque gostava. Para você ver que qualquer deslizezinho a gente era fiscalizado.

Você acha que chamar de "violento" teve uma conotação política?

Como em todo setor na vida tem sempre aquele camarada que gosta de chegar no chefe "ei chefinho, sou seu amigo", então pensou "vou já fazer um fuxico aqui para ganhar uns pontos com o comandante", porque não foi nada demais, todos os anos cobríamos os eventos do Exército, os jogos internos, mandava repórter, entrevistava eles. E eles sabiam que a Rádio era do governo, e nunca ouviram de qualquer um de nós qualquer manifestação.

Agora quanto a música...?

Todos os apresentadores de programas... Ia para a discoteca aquela relação e o camarada que iria fazer o programa sabe que aquele disco riscado, que estava naquela relação do quadro, não podia tocar. Fora isso, não teve outro episódio que pudesse chamar a atenção.

Quais músicas e cantores não podiam ser tocados?

Naquela época tinham os jovens lá da Bahia, Caetano, Gil, tinha aquela moçada, Gal. Tinham algumas músicas deles que passavam, mas tinham outras que sim. Aquela música "quem sabe faz hora, de Geraldo Vandré", aquele foi um que fizeram "X" no disco todinho, porque eles entendiam que os caras estavam fazendo ali uma menção política.

Como eram as interferências políticas naquela época?

A Rádio sempre foi assim, a cada grupo político que ganhava as eleições, tanto no Território quanto no Estado, mudava a direção. A direção mudava os funcionários porque a maioria tinha que ser do lado do novo governo que entrava. Então ela sempre foi um ciclo vicioso. Poucos foram os profissionais que ficaram lá. Vou dar um exemplo: Adailton Galvão, Benjamim Monteiro, pessoas mais antigas que continuaram a sobreviver, mas a maioria dos funcionários eram trocados a cada entrada de nova direção por indicação do governo, que era dono da emissora, e também por indicação de deputados. Isso quebrava a programação que estava em andamento, as condições com que a emissora estava trabalhando. De repente entrava uma outra administração que não seguia aquilo, quebrava aquelas rotinas que tinham sido aprendidas. Tinha que ensinar tudo de novo para os novos funcionários. Nunca houve um profissionalismo sequenciado. Tinha que ler na cartilha do governo. Se não lesse, estava fora. Sempre foi assim. Colocar a programação que o governo quer. Quando se tem peito para dar uma enfrentada, não aceitar determinadas... ainda se consegue, mas é muito difícil. Todos nós, profissionalmente, temos o limite. A vida está muito difícil, hoje em dia, ao invés de melhorar está cada vez mais piorando, embora esteja melhorando qualitativamente os profissionais de imprensa, mas o mercado fica tão difícil que a gente se submete a tudo. Mas nem todos devem agir assim, as pessoas que têm um pouquinho de boa índole devem ter o seu limite. Ou vai em busca de emprego ou ganha oportunidade com o administrador se ele é sincero, expõe as dificuldades. Tem gente que diz amém a tudo.

A Rádio deu visibilidade a pessoas que tiveram mandatos eletivos?

Isso mesmo. O Jalser Renier começou como operador, depois virou locutor e apresentou por muitos anos o programa "Show da Tarde". Ele virou político através do programa, assim como Zé Maria Carneiro, que conduzia o programa "Amigo do Povo". Essas pessoas foram eleitas em função do trabalho deles pela Rádio. Renan Beckel também foi outro que através do programa de Rádio conseguiu se eleger. A emissora, de certa maneira, contribuiu para que essas pessoas tivessem vida pública.

A Rádio Roraima mudou a história da cidade?

A Rádio mudou a história da cidade, porque até 1975, não tinha outra emissora e não tinha televisão. Então a Rádio concentrava as pessoas que começaram a aprender a ouvir rádio participando através, inicialmente de cartas, e depois, quando foi implantada aqui a Companhia Telefônica Roraimense, algumas casas passaram a ter telefones e as pessoas começaram a ligar, mas não entravam no ar. Só ligavam e pediam música, ainda não era permitido entrar no ar. Somente depois que passou a ter a participação do ouvinte. Então eu acho que as pessoas foram se habituando a participar da vida da Rádio. A Rádio Roraima é uma das mais antigas, e ainda é uma das emissoras, apesar dos momentos difíceis, aquela está atravessando por motivos técnicos, ainda é uma das emissoras preferidas. Eu fico às vezes, quando estou limpando o quintal aqui em casa, e fico ouvindo, que a participação das pessoas é muito grande tanto do interior quanto da Capital.

Como vocês faziam o Ibope naquela época?

Não tinha Ibope para nós em Roraima. Não sabia como fazer. Hoje tem vários institutos fazendo política, levantamentos, pesquisas, mas naquela época não tinha nenhum. O que nós fazíamos? No Departamento de Produção tinha uma pessoa que ficava ao lado do estúdio, no telefone, com uma anotação e o mapa da cidade de Boa Vista. Então a pessoa ligava, dizia meu nome é Marilena e eu moro no bairro 13 de Setembro, telefone tal. O outro ligava e dizia 'meu nome é Pedro e eu moro no bairro Cauamé. Quando era no final de semana o pessoal da equipe de produção se reunia e via qual bairro ligava mais e qual bairro ligava menos. Foi o bairro São Pedro, vamos atacar o bairro São Pedro. Mobilizava a equipe de reportagem externa para sair andando nas casas e perguntar qual programa você está ouvindo agora, quer participar do programa? Isso era para que a gente pudesse melhorar a audiência e a gente cobrir, o que nós chamávamos na época da Radiobras, de Pesquisa de Campo. O técnico da Radiobras para saber se a Rádio Nacional de Boa Vista estava sendo bem ouvida, saía com um rádio no ombro, de bairro em bairro, para fazer pesquisa nas ruas, ver onde a qualidade de som estava melhor. Tá deficiente aqui? Mexe na antena, gira ela, dá uma trabalhada para ver se melhora a qualidade. Havia uma preocupação grande com a qualidade do som que chegava na casa dos ouvintes. Isso fez com que as pessoas se mobilizassem e participassem. Vejo jovens participando de programas antigos pedindo músicas que os pais ouviam; Por que ele está pedindo essa música? Até para dizer "olha aí mamãe, pedi aquela música que a senhora gostava de ouvir na Rádio. Então habitou as pessoas a ter uma convivência com a rádio.

Depois que veio o celular facilitou ainda mais porque qualquer pessoa de rua podia ser repórter, passar uma notícia, a informação. Dizer “olha, está acontecendo isso” para a Rádio mandar a reportagem lá. Quando nós dirigimos a Rádio em 1997 tínhamos a equipe de rua. Para voltar a grande audiência que nós queríamos ter, o que nós fizemos? Fizemos vários shows na frente da emissora.

Você se lembra porque você participou, tenho fotos suas. Você participou daquelas coisas que o Cândido fazia, as gincanas. Fazíamos shows na frente da emissora, superlotava ali e, por exemplo, havia esses torneios de bairro, a turma se reunia nas praias para um futevôlei, e a Rádio ia visitando. “Olha, reportagem da Rádio Roraima, aqui neste sábado cobrindo o esporte na praia tal”. Os caras começaram a ver que podiam falar pela Rádio. Isso pegou tanto que depois, no início da semana, o cara chegava na Rádio e dizia, “olha, vim deixar isso aqui pra vocês porque no final de semana vamos fazer um torneio no local tal”. Quer dizer, as pessoas gostavam.

Para voltar a audiência da Rádio de 97 a 2004, criamos a Palavra do Dia. Se escolhia uma palavra, por exemplo, CALEIDOSCÓPIO. No primeiro programa se diz a letra C, a pessoa em casa anotava; no outro programa a letra A; E assim por diante até o final do dia. Quando chegava 5 horas da tarde, “Atenção vamos encerrar a Palavra do Dia”, quem telefonasse primeiro dizendo qual foi a palavra, no sábado de manhã íamos para o supermercado Ki-bacana e a essa pessoa ganhava um carrinho com um rancho básico. Se quatro acertaram, fazíamos um sorteio, e o sorteado tinha direito a ganhar o rancho.

Fizemos o Pesquisa Sguario. Um repórter saía da Rádio e ia até Sguario, e a empresa doava um saco de cimento, uma colher de pedreiro, duas latas de tinta – duas vezes por semana. Daí o repórter dizia “Atenção, estou saindo aqui da Sguario, aqui você compra tudo”, e ele ia para os bairros. Onde tinha um pedreiro trabalhando ele encostava, tinha um rádio ligado – sempre tem né – e se a pessoa tivesse ouvindo a Rádio Roraima ele dizia, “amigo, como você está ouvindo a Rádio Roraima, vai falar com o programa tal e vai ganhar isso aqui”. Se ele estivesse ouvindo outra emissora, ele dizia a mesma coisa, mas ao contrário. “olha, você não vai ganhar isso aqui porque não está ouvindo a Rádio Roraima, para participar do programa e ganhar isso aqui”. Quem não quer ganhar um prêmio? Daí o cara passava para a Rádio Roraima, e na outra semana, quando se passava lá, ele estava ouvindo a Rádio Roraima. Então nós fomos buscando audiência.

Havia os programas enlatados, como você disse, mas tinha muita programação local totalmente adaptada à identidade do roraimense?

Isso, isso. Totalmente voltada. “O amigo do povo” era uma programa que trazia as pessoas; o “Show da tarde”, com o Benjamim Monteiro, que era um programa bastante ouvido. O Benjamim sempre foi um campeão de audiência. Tínhamos aos domingos o programa “Campeão de Audiência”, que a Rádio Folha faz hoje, aquele tipo de entrevista a Rádio Roraima fazia e ainda tinha o Campeão de Audiência, além das pessoas opinarem sobre determinado assunto o público ficava votando para escolher dez músicas que compunham a parada do povo. Ao final do programa, tinha a Parada do Povo que era apresentada pelo Benjamim. Tudo era com identidade nossa.

Os programas de auditório iniciaram, talvez até antes, quando ainda não tinha Rádio, no Teatro Carlos Gomes, com o locutor Magnos Mota Guimarães, que apresentava o “Vespéral de Brotos”, um programa de auditório local. Tinha um alto-falante lá e ele fazia aquilo. Quando a Rádio Roraima entrou ele passou o nome do programa para Brasil Cantando, posteriormente ele entregou esse programa para Jaber Xaud, e tornou-se o programa Jaber Xaud que durou por muitos anos. Ele passou para o Jaber no início dos anos 60. O Jaber Xaud começou a tocar e como o teatrinho era pequeno, ele levou o programa para o Cine Teatro Boa Vista, que era maior, e funcionava onde hoje é a loja Shopping Center. A Rádio ia e transmitia de lá.

No campo infantil, tivemos Gurilândia, apresentado por muitos anos aqui no Teatro Carlos Gomes, na Rádio Nacional por Altair Souza e pela Mariana Pinheiro, que era uma criança. Tínhamos o programa da Rose, também na minha época na Rádio Roraima. Programa da Tia Fatinha, não foi comigo, mas ela também fez programa infantil. Tivemos a Nair Araújo, que apresentou também o programa infantil, que também era um programa de estúdio. Na época do Território foi o Brasil Cantando Brasil e o Vespéral de Broto. O Jaber transformou o programa de auditório em programa de estúdio, interno, na época da Radiobrás, até ele falecer.

Os principais nomes que fizeram a história da Rádio?

Os locutores iniciais que marcaram a história da Rádio foram Valdemir Cavalcante, Altair Souza, Carlos Alberto Ribeiro de Araújo, João Reis Brandão, o eterno Benjamim Monteiro, que vem de lá território, José Maria Carneiro. No noticiário temos que destacar o Célio Antunes, noticiarista, Pericles Perrucci, Carvílio Pires, que começou na Rádio Roraima e depois foi para a Folha de Boa Vista ser jornalista de jornal impresso. Ele começou na Rádio Roraima como noticiarista e tinha um vozeirão muito bom. O Benjamim Monteiro sempre participou dos jornais.

Na área de entretenimento tivemos o Jaber Xaude, o “Show dez”, que eu apresentava junto com o Carlos Alberto Alves, com cantores locais. Teve uma época, de 64 a 67, tivemos o Cine Rádio Roraima, quando o Laucides Oliveira era diretor. Laucides fez um palco muito bonito e criou o Conjunto Melódico Roraima, trouxe músicos de fora e deu grande impulso para os programas locais. Montou neste mesmo palco uma tela grande e trazia grandes filmes e lançamentos. Você ia para a Rádio, antes de iniciar a sessão de cinema você tinha uma hora de show com artistas locais. O Cine Rádio demorou aproximadamente dois a três anos. Depois foi desativado. Muda diretor e as pessoas mudam o conceito das coisas, e acabaram com o Cine Rádio. O Cine Rádio pontificou aqui como uma das boas atrações que a Rádio Roraima fez, porque só de 75 para frente foi que veio a TV. A Rádio Roraima liderava de ponta a ponta (gargalhou, uma gargalhada nostálgica, cheia de emoção e feliz por fazer parte da história)

Quem pagava a conta da Rádio Roraima?

Sempre foi o governo. Na época da Radiobrás, a Radiobrás

Você consegue lembrar, numa ordem cronológica, os diretores que passaram por lá?

Não porque foram muitos. Lembro de muitos, mas não em ordem cronológica. Lembro de alguns porque foi com quem trabalhei. Foram muitos porque qualquer mudança política que existia trocavam os diretores. Lembro do Valdemiro Barbosa de Araújo, Breyner Nogueira, João Alves de Moura, Áureo Cruz – foi várias vezes, Laucides Oliveira – várias gestões, eu fui várias gestões, Geraldo França – várias gestões, Barbosa Junior, Márcia Seixas, Jota R. Rodrigues, Damião Marques.

Como você percebe hoje a Rádio Roraima comparada ao passado?

Acho que a tecnologia vem para nos ajudar. Quando surgiu o rádio disseram que iria acabar o jornal, não acabou. Discutimos muito isso quando éramos estudantes de comunicação. Depois veio a televisão e disseram que iria acabar com o rádio, e não acabou. Tem emissoras que até hoje se juntam com o rádio para fazer transmissões simultâneas, e onde o repórter do rádio vai que a televisão não chega, de lá ele transmite. Depois veio a internet e disseram, agora acaba com o rádio. Pelo contrário, é uma ferramenta extraordinária. Talvez isso tenha tirado essa facilidade, que é tirar o interesse do radialista de ir buscar, de produzir. Você viu os roteiros que nós tínhamos? Tudo era escrito, apesar de poucas fontes de informação, muitas dificuldades, mas eles montavam programas especiais para cada data, 21 de Abril, 7 de Setembro, Dia das Mães, Dia dos Mortos, Sexta-feira Santa. Tudo isso o radialista ia trabalhar, buscar informações, entrevistava pastores, padres, autoridades de cada setor para montar programas. Hoje, talvez, com a facilidade da internet, o camarada abre aí e lê a notícia direto da internet, isso tem escapado um pouco dele. Acho que isso, caiu um pouco, se não houver um interesse de se aprimorar, usar essa ferramenta para lhe ajudar e não para ela ser o principal fator do seu trabalho, porque se você se baseia nisso.... Eu ouço alguns programas que eu leio a notícia hoje, principalmente programas policiaescos. Leio a notícia hoje, de atropelamento. Amanhã, o camarada ler no rádio e nem diz foi ontem, quer dizer não atualiza a notícia hoje, apenas lê. Então ela facilitou por um lado, mas complicou um pouco porque se a pessoa não tiver interesse de pegar aquela notícia e melhorar a notícia, pegar mais informações. Por exemplo, aconteceu um incêndio hoje, os bombeiros foram lá. No outro dia manda uma equipe, um repórter, para saber o que houve, para falar do incêndio de ontem, mas já dá o resultado de hoje. Mas não, vai dar o mesmo incêndio que houve ontem, e hoje o que que aconteceu? Salvou alguma coisa? De quem era a empresa? Então eu acho que essa facilidade acomodou o radialista e o jornalista. Então isso fez com que ele caísse um pouco.

E sobre a infraestrutura?

Quando nós deixamos de 97 a 99 ficaram transmissores novos, links novos. Temos a documentação de tudo isso, fotos e depoimentos dos técnicos recebendo os equipamentos novos, montando com os técnicos que vieram das fábricas. Temos tudo isso. Tínhamos almoxarifado com peças de reposição. O transmissor que nós compramos do Chile tem dez gavetas. Se der problema em uma gaveta, o técnico tira, fica com 9 quilos, mas fica funcionando normalmente a emissora. O técnico conserta a gaveta com as peças de reposição que tem repõem e a emissora volta. Quando você deixa de comprar as peças de manutenção, queima a primeira, depois queima a segunda, terceira e daqui a pouco a emissora está com um quilo. Acho que caiu muito, tecnicamente a emissora, a gente tá ouvindo de repente ela sai do ar porque hoje ela tá trabalhando com a internet, que nós sabemos que não é boa no Brasil inteiro, imagina aqui. Então acho que essa é uma dificuldade muito grande que eles estão tendo, para manter uma programação de nível de qualidade. Eu gosto muito da Rádio Roraima, mas tem hora que eu mudo para outras porque fica difícil tá trabalhando aqui e ter que tá corrigindo o rádio: voltou, sumiu. Então você muda para outra emissora. Isso é perda de audiência. É perda de faturamento. A Rádio perde com isso.

O link é o equipamento que pega o som daqui e joga para o link do transmissor que irradia pra fora. Quando falamos vou te mandar um link, se manda pelo celular a notícia que foi montada. É a mesma coisa, o som da Rádio vai através de um link, um equipamento que joga direto para o transmissor. Antigamente a gente tinha uma linha física, um fio esticado da Rádio até o transmissor. Quando o transmissor era perto da Rádio, o fio era esticado da sala do Lobo D'Almada para o teatro; na educação também era perto da sala do transmissor. Quando ela passou para lá [BR-174], ia ser muito difícil levar uma linha física da Embratel para fazer. Então a Radiobras trouxe o link, que é o equipamento capaz de jogar o som daqui do centro com qualidade absoluta, já a internet não dá essa qualidade. Hoje não funciona com o link? Segundo soube, estão sem link. Esse é o motivo dessa variação. E o que é preciso para ter o link?

É preciso que a emissora esteja regularizada. Só quem pode comprar o link é quem tem a concessão da emissora. Se não tiver a concessão não pode comprar, porque o link é fabricado dentro das características técnicas que ali existem: Para uma emissora de OM, frequência tal, tantos quilos. Não pode chegar na loja e dizer "Eu quero link para Rádio", porque se não, a Anatel perde o controle dessa fiscalização. É muito complicado.

Ninguém tem esse documento de concessão da inauguração da Rádio?

Não. 4 de janeiro de 1957 foi inaugurada Rádiodifusora Roraima em ondas tropicais de um quilo, YAS1, frequência 4.835 KHZ, 62,5 metros. O governador era José Maria Barbosa.

Em 16.07.1977, a Rádio Roraima foi absorvida pela Radiobrás, Empresa Brasileira de Radiodifusão, foi ampliada as Ondas Tropicais para 10 quilos de potência e inaugurada a estação de Ondas Médias, também com 10 quilos, passando a se chamar Rádio Nacional de Boa Vista, OT estação ZYZ 810, 3.875 KHZ, 62,5 metros. A OM, que é Ondas Médias, ZY1 700, 590 KHZ, governador Fernando Ramos Pereira.

02.08.1989 – Ela foi desativada pela Radiobras e adquirida pelo governo do Estado de Roraima. Foi transformada em Fundação Rádio Difusora de Roraima pelo Decreto nº 1.090-L do governador Romero Jucá Filho.

31.12.1992 – A Fundação foi regularmente extinta pelo Decreto 348/92 e colocado sob a responsabilidade do Governo de Roraima pelo governador Ottomar de Sousa Pinto.

Ele não podia por decreto extinguir uma Fundação que foi fundada, inclusive com a participação da Assembleia Legislativa de Roraima. Aqui, a Assembleia Geral da emissora teria que se reunir e pedir a extinção da Fundação. Ottomar passou por cima de tudo isso e por decreto, ele acabou e ninguém chiou, todo mundo aceitou. O artigo 41 da Fundação diz que "a extinção da Fundação se processará por lei, mediante proposta do diretor presidente da Fundação previamente aprovada pela maioria absoluta do Conselho Deliberativo".

O Ottomar fundou depois a Empresa Roraimense de Comunicação, que é a empresa que toma conta da Rádio Roraima, mas não instalou. Passou três anos sem instalar. Depois que ele faleceu veio o governador Anchieta e instalou a empresa. A empresa tinha que cumprir vários objetivos, conforme o próprio estatuto, que era fazer concurso público, regularizar a situação junto à Radiobrás. Pelo que sei nada disso foi feito. Nem concurso público para contratar operadores, agentes administrativos, e não foi regularizada junto à Empresa Brasileira de Telecomunicações (EBC) a situação da concessão

O prédio não é da Rádio Roraima e o terreno da BR-174, onde fica o transmissor, não é da empresa Rádioraima, pertence à EBC. São questões jurídicas que precisam ser solucionadas para poder a empresa surgir como emissora sua realmente. Qualquer governo federal pode tomar os dois prédios. Pode até não tomar a emissora em si, os equipamentos porque já são muito velhos e eles nem querem, mas podem tomar os dois prédios. E onde a Rádio Roraima vai funcionar?

Quais locais funcionou a Rádio Roraima?

A Rádio iniciou as atividades numa das salas da Secretaria de Educação, se não me engano a antiga escola normal Monteiro Lobato. Depois passou para o Teatro Carlos Gomes, e antena era no Grupo Escolar Lobo D'Almada, que fica ao lado. Neste local funcionou também quando era Radiobras. E em 1982 passou para o prédio da Ene Garcez, onde funciona atualmente. Aquela área todo é do patrimônio. Você acha que a Rádio Roraima, quando comparada com o passado, melhorou?

Acho que as facilidades que vieram com a internet melhorou por um aspecto, mas piorou por outra. Os equipamentos estão sucateados e precisam ser comprados equipamentos novos. Precisa ser definida essa história da concessão, sem isso vai ser difícil montar essa emissora como deve ser montada, dentro da lei. Acho que piorou porque há uma inconstância de administradores, hoje é uma empresa, mas os funcionários são todos pagos pelo governo, continua o governo pagando. Ela não tem renda, tem dificuldade da manutenção normal, porque se o governo não manda o aporte fica difícil comprar

as coisas. De certa maneira, ela até piorou. Não pelos profissionais, pelas pessoas, que acho que são até mais qualificadas, mas pelas condições de trabalho que não são dadas.

Quais os maiores feitos da Rádio Roraima?

Transmissão do homem a lua, transmissão do jogo da Seleção Brasileira, 1969, um jogo de despedida para depois disputar a Copa no México.

Como é pra você lembrar toda essa história?

Comecei em serviço de alto-falante, mas desde menino ouvia emissoras de fora. Naquele tempo, meus pais tinham rádios bons, e os locutores tinham vozes fortes, e eu ficava empolgado com aquilo. Desde pequeno gostei disso. Quando fui estudar em Manaus, foi montado na nossa casa um serviço de Alto-falante chamado de “A Voz Trabalhista do Bairro da Raiz”, em 1959. Apesar de ter sido funcionário do Banco do Brasil nunca larguei a comunicação. Fui tão louco que deixei três anos de Direito para fazer Jornalismo e ser jornalista. Então sou louco por comunicação. Isso é loucura, mas eu fiz. Não me arrependo, fui uma pessoa feliz, sustentando a minha família, fazendo o que eu gosto, porque a melhor coisa que tem no mundo é trabalhar, cansado, mas fazendo o que você gosta. Não trabalhar apenas por conta de um bom sustento, porque por dentro você está sofrido. Esse é o caso do Banco do Brasil. Trabalhava, gostava, sempre fui muito responsável, e progredi, cheguei a caixa executivo com pouco tempo, estava evoluindo, e em certas oportunidades respondi por chefia de serviço, que para ser gerente é um passo, mas não me sentia feliz totalmente, apesar de ganhar melhor. Mas não era aquilo que me empolgava.

ANEXOS

- ANEXO 1 - Primeira outorga da Rádio Roraima na frequência OT 4875: Decreto nº 36.724 de 3 de janeiro de 1955, assinado pelo Presidente Café Filho
- ANEXO 2 - Decreto nº 75.529 de março de 1975, na frequência AM – 590
- ANEXO 3 - Decreto nº 8170/1978, do Presidente Ernesto Geisel, revoga a 1ª outorga da Rádio Roraima, frequência OT 4.875
- ANEXO 4 - Presidente Collor de Melo, em 15 de fevereiro de 1991, revogou o Decreto do Presidente Ernesto Geisel. Concessão da frequência OT 4.875 é mantida
- ANEXO 5 -Extinção Radiodifusora de Roraima e repasse para a Radiobrás em 20 de junho de 1977
- ANEXO 6 – Decreto nº 1090-L cria Fundação Rádio Roraima (DOE 3.8.1989)
- ANEXO 7- Decreto nº 448 de janeiro de 1993 extingue a Fundação Rádio Roraima
- ANEXO 8 - Lei nº 567 de dezembro de 2006, que transformou em Empresa Rádio e Televisão Difusora de Roraima (Radioraima)
- ANEXO 9 - Lei nº 713 de maio de 2009 - Constituição da empresa Radioraima
- ANEXO 10- Estúdio FM e AM da Rádio Nacional de Boa Vista – Registro do show do cantor Wando
- ANEXO 11 - Campanha Natal dos Indigentes: Rádio Roraima a serviço da sociedade
- ANEXO 12 - Rádio Roraima transmitindo jogo em Manaus - AM
- ANEXO 13 - A pesquisadora Marilena Freitas faz parte da história da Rádio Roraima: Gincanas que movimentavam a cidade
- ANEXO 14 - Repórteres esportivos da Rádio Roraima
- ANEXO 15 - Base da primeira antena na frequência OT, experiência realizada pelo radioamador Domingos Leitão. O início da Rádio Roraima
- ANEXO 16 - Diário de Notícias do Rio de Janeiro, edição nº 09868 de 05 de janeiro de 1955 , p.4, publica a outorga na frequência OT concedida pelo presidente Café Filho
- ANEXO 17 - Chegada da antena em Boa Vista em 1977
- ANEXO 18 - Regime Militar: Para atuar na rádio era necessário ser credenciado pela Polícia Federal - Carteira expedida ao radialista Galvão Soares
- ANEXO 19 - Reconhecimento Voz da América pela retransmissão da chegada do homem à lua
- ANEXO 20 - Roteiro dos programas radiofônicos no Território de Roraima
- ANEXO 21 - Regime Militar: Pedido de autorização à PF para a realização de evento – Show do cantor Nelson Gonçalves
- ANEXO 22 – Rádio Roraima a serviço do governo e da sociedade: Transmissão de palestra ao homem do campo
- ANEXO 23 – Um dos furos mais importantes da Rádio Roraima foi noticiado pelo Jornal do Comércio, edição nº 21.075: Entrevista com o Rei Pelé em 1972
- ANEXO 24 - Fragmentos da história: O deputado Félix Valois também articulou a concessão de uma Rádio, em junho de 1954
- ANEXO 25 - Decreto nº 448 de janeiro de 1993 extingue a Fundação Rádio Roraima
- ANEXO 26 – Decreto nº 9.709-E de 26 de janeiro de 2009, cria a Empresa Radioraima

ANEXO 1 – Primeira outorga da Rádio Roraima na frequência OT 4875: Decreto nº 36.724 de 3 de janeiro de 1955, assinado pelo Presidente Café Filho

Senado Federal

Secretaria-Geral da Mesa Secretaria de Informação Legislativa

Este texto não substitui o original publicado no Diário Oficial.

DECRETO Nº 36.724, DE 3 DE JANEIRO DE 1955.

Outorga concessão ao Governo do Território Federal do Rio Branco para estabelecer uma estação radiodifusora de frequência tropical.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, nº I, da Constituição, atendendo ao que solicitou o Governo do Território Federal do Rio Branco, e tendo em vista o disposto no artigo 5º, nº XII, da mesma Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Fica outorgada concessão ao Governo do Território Federal do Rio Branco, nos termos do artigo 11, do Decreto nº 24.655, de 11 de julho de 1934, e artigo 16, do Decreto número 21.111, de 1º de março de 1932, para estabelecer, a título precário, na cidade de Boa Vista, no referido Território, sem direito de exclusividade, uma estação radiodifusora de frequência tropical (ondas intermediárias), destinada a executar o serviço de radiodifusão, que irradiará sob a denominação de "Radiodifusora Roraima".

Parágrafo único. O Governo do Território Federal do Rio Branco fica obrigado a cumprir todas as exigências legais e regulamentares existentes ou que vierem a ser adotadas para os serviços de radiodifusão, devendo submeter à aprovação do Ministério da Viação e Obras Públicas, nos prazos fixados no artigo 16, letra *g* e *h*, do Decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932, a documentação a que o mesmo se refere, sob pena de ser cassada a concessão, objeto deste decreto.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, em 3 de janeiro de 1955; 134º da Independência e 67º da República.

JOÃO CAFÉ FILHO

ANEXO 2 – Decreto nº 75.529 de março de 1975, na frequência AM – 590

GM

PR - SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO
CÓPIA AUTÊNTICA DO ORIGINAL
Em 25 MAR 1975

PR - SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO
PUBLICADO NO DIÁRIO OFICIAL DE 26 MAR 1975

DIV. JURÍDICA
M. J. P. S.
FUS. 18
2

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Ref. PR 476.75
26 MAR 1975
SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

Decreto nº 75529, de 25 de março de 1975

Autoriza o Ministério do Interior, através do Governo do Território Federal de Roraima, a instalar, na cidade de Boa Vista, uma estação de radiodifusão sonora em onda média, com fins exclusivamente educativos, mediante convênio a ser celebrado com o Ministério das Comunicações.

O Presidente da República

usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, combinado com o artigo 89, item XV, letra "a", da Constituição, e nos termos do artigo 32 da Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962, e tendo em vista o que consta do Processo HC 12.030/74,

D E C R E T A :

Art. 1º - Fica o Ministério do Interior, através do Governo do Território Federal de Roraima, autorizado a instalar, na cidade de Boa Vista, pelo prazo de 10 (dez) anos, sem direito de exclusividade, uma estação de radiodifusão sonora em onda média, com fins exclusivamente educativos.

Q



Parágrafo Único - As obrigações decorrentes da autorização deste artigo obedecerão a cláusulas estabelecidas em convênio a ser assinado entre o Ministério das Comunicações e o Ministério do Interior, através do Governo do Território Federal de Roraima, dentro de 60 (sessenta) dias, a contar da publicação deste decreto no Diário Oficial da União, sob pena de se tornar auto, de pleno direito, o ato de autorização.

Art. 2º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 25 de ~~Março~~ ~~1975~~ de 1975 :
1549 da Independência e 879 da República.

ERNESTO GEISEL

MAURICIO RANGEL REIS

EUCIDES QUADROS DE OLIVEIRA

Ernesto Geisel

Maurício Rangel Reis

ANEXO 3 – Decreto nº 8170/1978, do Presidente Ernesto Geisel, revoga a 1ª outorga da Rádio Roraima, frequência OT 4.875

S4010023 00-56

D01700Impressao



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO Nº 81.700, DE 22 DE MAIO DE 1978

Revogado pelo Decreto de 15.2.1981

Declara revogado o decreto que outorgou à RÁDIO DIFUSORA DE RORAIMA concessão para instalar, na cidade de Boa Vista, Território Federal de Roraima, estação de radiodifusão sonora em onda tropical.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, combinada com o artigo 8º, item XV, letra "a", da Constituição Federal, e considerando o disposto no artigo 4º, incisos I e II, da Lei nº 6.301, de 15 de dezembro de 1975,

DECRETA:

Art. 1º Fica declarado revogado o Decreto nº 36.724, de 3.1.55, que outorgou concessão à RÁDIO DIFUSORA DE RORAIMA, para instalar, na cidade de Boa Vista, Território Federal de Roraima, estação de radiodifusão sonora em onda tropical, em face da inclusão do referido serviço na finalidade legal da Empresa Brasileira de Radiodifusão - RADIOBRAS e das transferências, para esta, dos acervos das respectiva entidade outorgada.

Art. 2º Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas disposições em contrário.

Brasília, 22 de maio de 1978. 157º da Independência e 90ª da República.

ERNESTO GEISEL
 Eucides Quandt de Oliveira

~~Este texto não substitui o publicado no DOU de 23.5.1978~~

ANEXO 4 – Presidente Collor de Melo, em 15 de fevereiro de 1991, revogou o Decreto do Presidente Ernesto Geisel. Concessão da frequência OT 4.875 é mantida

3056 SEÇÃO I DIÁRIO OFICIAL SEGUNDA-FEIRA, 18 FEV 1991

DECRETO DE 15 DE FEVEREIRO DE 1991. (*)

Mantém concessões, permissões e autorizações nos casos que menciona e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º. Ficam mantidas as concessões, permissões e autorizações vigentes, outorgadas para:

I - funcionamento de empresas de mineração, de navegação aquaviária e de energia elétrica;

II - derivação de águas, bem assim a pesquisa e lavra de recursos e jazidas minerais;

III - exploração de serviços de energia elétrica e de transportes aquaviário e ferroviário.

Parágrafo único. O disposto neste artigo aplica-se aos demais títulos de direitos minerários.

Art. 2º. O Ministro de Estado da Infra-Estrutura declarará, mediante portaria, as concessões, permissões e autorizações ou demais títulos de que trata o artigo anterior.

Art. 3º. Ficam ressalvados os efeitos das declarações de utilidade pública para fins de desapropriação ou de instituição de serviço administrativo relativas a processos judiciais em curso ou aqueles transitados em julgado há menos de dois anos anteriores à vigência deste Decreto.

Art. 4º. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º. Declaram-se revogados os Decretos relacionados no Anexo.

Brasília, em 15 de fevereiro de 1991; 170ª da Independência e 103ª da República.

FERNANDO COLLOR
Ozires Silva

(*) Nota da DIPO: Este Decreto e seu anexo encontram-se publicados em

ANEXO

TABELA DE ETAPAS DAS EDOÇÃES ANUADAS PARA O CUSTEIO DA NAÇÃO COMUM PARA O MES DE FEVEREIRO DE 1991

DISCRIMINAÇÃO	ETAPA COMUM							
	PARTE FIXA		PARTE VARIÁVEL				TIPOS	
	QUANTITATIVO DE SUBSISTÊNCIA	QUANTITATIVO DE RANCHO	SECUNDO DE RANCHO	SECUNDO DE RANCHO MAIORADO	I	II	III	IV
	a	b	c	d	e	f	g	h
	3a / 4	a / 4	b / 2	3b / 4		b + d	b + e	
I	253,51	84,50	126,73	190,13	338,01	386,35	443,64	
AREAS (A) (C*)	II	248,87	82,95	124,43	185,65	331,83	373,30	435,52
III	225,61	78,54	117,81	176,71	314,14	353,42	412,32	
AREAS EM VIGÊNCIA NO ESTABELECIMENTO (B*)		15,87	5,26	8,01	12,50	34,56	22,53	27,88

(*) AREAS:

I - Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Território de Amapá e Território de Roraima;

II - Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Arquipélago dos Abrolhos, Ilha da Trindade e seu anexo de Ilha de São João.

ANEXO 5 - Extinção Radiodifusora de Roraima e repasse para a Radiobrás em 20 de junho de 1977



COORDENAÇÃO DE ASSUNTOS CULTURAIS
FUNDAÇÃO DE CULTURA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO
CASA VISTA - BOA VISTA

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA

Boletim Oficial

ADMINISTRAÇÃO DO GOVERNADOR FERNANDO RAMOS PEREIRA
Fundado em 24 de julho de 1944

NO XXXIV N.º 47 Boa Vista, segunda-feira, 20 de junho de 1977 PÁGINA 378

ATOS DO GOVERNO

TERMO DE CONVÊNIO

Aos dezesseis dias do mês de junho de mil novecentos e setenta e sete, no Gabinete do Governador do Território Federal de Roraima, compareceram, de um lado, como 1º Convênio, o Governo do Território Federal de Roraima, neste ato representado pelo Sr. Governador, Sr. FERNANDO RAMOS PEREIRA, e de outro lado, como 2º Convênio, a Empresa Brasileira de Radiodifusão - RADIORORAIMA, empresa pública vinculada ao Ministério das Comunicações, com sede no SCS - Q 700 - Bloco B nº 50 - 3º andar, em Brasília DF, inscrita no C.G.C. sob número 1.454.073/0001-34, neste ato representada por seu Presidente, Cel. PAULO PAULO WANDERLEI DE LIMA RAMOS e seu Diretor, Sr. ESTEVÃO GUILHERME NEITZKE, presentes também as duas testemunhas instrumentárias no final assinadas e assinadas. E, perante as mesmas testemunhas, pelo 1º Convênio, através de seu representante local, foi dito o seguinte: Primeiro - em decorrência do início do funcionamento, nesta data, da Rádio Roraima, da 2ª Convênio, e consequentemente a extinção da Radiodifusora Roraima, dependente do 1º Convênio, este convênio se coloca à disposição da 2ª Convênio, todo o pessoal lotado na entidade, desde a extinção da entidade, até o término desta data; Segundo - durante esse prazo de três meses, o 2º Convênio elevará e elevará, dentro o pessoal posto à

suas disposições, os profissionais que poderão vir a integrar o seu Quadro de empregados; Terceiro - que, durante o prazo deste Contrato, será mantido o vínculo empregatício entre o 1º Convênio e o Pessoal referido neste instrumento; Quarto - que, nesse período, o 2º Convênio reembolsará ao 1º Convênio os ônus de caráter trabalhista, previdenciário, social e parafiscal do Pessoal posto à sua disposição; Quinto - que, com a antecedência de 15 (quinze) dias do termo final de vigência deste Contrato, o 2º Convênio informará, por escrito, ao 1º Convênio a relação dos empregados que aproveitará em seu Quadro de Pessoal, anexando as cartas nas quais ditos empregados solicitam a rescisão do Contrato de Trabalho que mantêm com o 1º Convênio; Sexto - que, com base nas mesmas informações, no último dia de vigência deste Convênio, o 1º Convênio procederá à formalização da rescisão dos Contratos de Trabalho dos empregados que integrarem o Quadro de Pessoal do 2º Convênio, competindo a esta, na mesma data, proceder a admissão desses empregados e o retorno ao 1º Convênio do Pessoal não aproveitável na nova emissora. Pelo 2º Convênio, por seu representante local, foi dito que aceitava o presente Convênio com todas as obrigações que nele se contém e como está redigido. E por assim se acharem justos e contratados, assinam este instrumento em duas vias de igual teor, juntamente com as tes-

ANEXO 7- Decreto nº 448 de janeiro de 1993, extingue a Fundação Rádio Roraima

DECRETO N° 448

DE 31/12/92

o GOVERNADOR DO ESTADO DE RORAIMA, no uso das atribuições do seu cargo, e de acordo com o art. 62, III da Constituição Estadual,

D E C R E T A:

5

Art. 1 - Fica extinta a Fundação Rádio Difusora de Roraima, criada pelo Decreto N° 1090 de 2 de agosto de 1989.

Art. 2 - o acervo físico, técnico e administrativo da mencionada Fundação passará a integrar o patrimônio do Estado de Roraima.

S

Art. 3 - A fim de evitar solução de continuidade nos serviços prestados à rádio difusão roraimense, ficam mantidos todos os contratos, convênios e ajustes celebrados com a Fundação Rádio Difusora de Roraima, até que seja designado gestor administrativo que propore o prosseguimento, extinção ou resolução dos respectivos atos e obrigações.

Art. 45 - A Rádio Difusora de Roraima, fica subordinada, nos termos do art. 55 da Lei Estadual N° 01 de 26/01/91 à Governadoria do Estado.

Art. 52 - Este Decreto entrará em vigor no dia 01 de janeiro de 1993, revogadas as disposições em contrário.

palácio Senador Hélio Campos, 31 de dezembro de 1992.

OTKMBR DE SoUS* PTfíTO

Governador do Estado

ANEXO 8 - Lei nº 567 de dezembro de 2006, que transformou em Empresa Rádio e Televisão Difusora de Roraima (Radioraima)

11/02/2010, 12:18

DPL - Sistema de Apoio ao Processo Legislativo



Lei Ordinária nº 567, de 01 de dezembro de 2006

Aprovação(s) pela(s) [Legislação nº 113 de 01 de maio de 2009](#)

Vigência a partir de **5 de Maio de 2009**.

Data por [Legislação nº 113 de 01 de maio de 2009](#)

"Autoriza o Poder Executivo a constituir a empresa Rádio e Televisão Difusora de Roraima - RADIORAIMA e dá outras providências."

O GOVERNADOR DO ESTADO DE RORAIMA: Faço saber que a Assembleia Legislativa aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. Fica o Poder Executivo do Estado de Roraima autorizado a constituir, observadas a legislação própria e, no que couber, as normas do Código Civil, a empresa pública denominada Rádio e Televisão Difusora do Roraima - RADIORAIMA, vinculada à Governadoria do Estado de Roraima, dotada de personalidade jurídica de direito privado, com patrimônio próprio e autonomia administrativa e financeira.

Parágrafo único - A RADIORAIMA terá sede e foro na cidade de Boa Vista e atuação em todo o Estado de Roraima.

§1º - A RADIORAIMA terá sede foro na cidade de Boa Vista - Roraima e atuará sobre todo o Estado de Roraima, com prazo indeterminado de duração. [Alteração: Legislação nº 113 de 01 de maio de 2009](#)

Art. 2º. A RADIORAIMA terá como finalidade a exploração de serviços de radiodifusão de som (rádio) e som e imagens (televisão), podendo ampliar seus objetivos em atividades correlatas.

Parágrafo único - Por radiodifusão de som, entende-se o serviço de emissora de rádio e, de som e imagem, o de emissora de televisão.

Art. 3º. O capital da RADIORAIMA, será integralmente pertencente ao Estado de Roraima e será constituído pela incorporação dos bens materiais e imateriais, dentre os quais os seguintes:

- I - todo o complexo técnico de equipamentos para geração e transmissão de programas de radiodifusão de som e som e imagens atualmente pertencente ao sistema RADIOBRÁS localizado no território do Estado;
- II - edificações, instalações, móveis, imóveis, maquinário, utensílios e geradores de energia e utensílios de qualquer outro tipo pertencentes ao Governo Estado de Roraima que estejam afetados aos serviços da Rádio Difusora de Roraima, bem como, aqueles que venham a ser transferidos pela Empresa Brasileira de Comunicação - RADIOBRÁS;
- III - direitos, créditos e haveres de qualquer natureza vinculados a atual Rádio Difusora de Roraima;
- IV - O imóvel onde funciona a Rádio Difusora de Roraima, localizada na avenida Capitão Ene Garcez; o imóvel localizado na avenida João Pereira de Melo, nesta cidade de Boa Vista, onde está instalado o Teatro Carlos Gomes; o imóvel rural localizado à margem direita da BR-174, sentido Brasil/Venezuela, Monte Cristo, nesta capital onde se encontra instalado o Parque de Transmissão da Rádio Roraima, com os transmissores, e, ainda o sistema de antenas e instalações, torres e equipamentos instalados nos Municípios da antiga rede de repetição do Estado de Roraima.

Art. 4º. A RADIORAIMA será administrada por um Conselho de Administração, composto de 7 (sete) membros, nomeados pelo Governador do Estado de Roraima, dentre os quais será escolhido o Presidente da empresa.

Parágrafo único - A Diretoria Executiva será composta por 01 (um) Diretor-Presidente e 03 (três) diretores, indicados pelo Governador do Estado, mediante aprovação do Conselho de Administração.

Art. 5º. O Conselho Fiscal será composto por 03 (três) membros titulares e igual número de suplentes, designados pelo Governador do Estado, com mandato de 3 (três) anos, permitida sua recondução.

Art. 6º. Constituirão recursos da empresa:

- I - as rendas auferidas com a comercialização de espaços-horários;
- II - a prestação de serviços na área de radiodifusão de som e de som e imagem;
- III - gestões comerciais de atividades correlatas;
- IV - dotações consignadas no orçamento geral do Estado;

ANEXO 9 - Lei nº 713 de maio de 2009 - Constituição da empresa Radioraima

11/02/2023, 13:22

SAPL - Sistema de Apoio ao Processo Legislativo



Lei Ordinária nº 713, de 05 de maio de 2009

Altera a Lei nº 567, de 1º de dezembro de 2006, que autoriza o Poder Executivo a

constituir a empresa Rádio e Televisão Difusora de Roraima - RADIORAIMA, e dá outras providências."

O GOVERNADOR DO ESTADO DE RORAIMA: Faço saber que a Assembleia Legislativa aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. Os arts. 1º, parágrafo único; 3º; 7º e 10 da Lei nº 567, de 1º de dezembro de 2006, passam a vigorar com a redação que segue:

[Art. 1º](#)

1º A RADIORAIMA terá sede fora na cidade de Boa Vista - Roraima e atuará sobre todo o Estado de Roraima, com prazo indeterminado de duração. (NR)

[Art. 2º](#)

1º O Conselho de Administração da RADIORAIMA, no prazo máximo de 180 (cento e oitenta) dias, a contar da publicação dos atos constitutivos da empresa no Diário Oficial do Estado de Roraima, aprovará seu Plano de Cargos, Carreiras e Salários, e autorizará a realização do 1º Concurso Público para provimento de cargos. (NR)

[Art. 10](#)

Parágrafo único. Fica o Poder Executivo autorizado a abrir do Orçamento Fiscal do Estado, em favor da RADIORAIMA, crédito especial no valor de R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais), destinadas a custear as despesas com serviços, instalações e equipamentos necessários ao seu pleno funcionamento." (NR)

Art. 2º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio Senador Hélio Campos/RR, 5 de maio de 2009.

JOSÉ DE ANCHIETA JUNIOR

Governador do Estado de Roraima

As normas publicadas no Sistema de Apoio ao Processo Legislativo de Roraima, não substituem a publicação oficial. Esse sistema visa apenas facilitar a visualização de forma mais detalhada e dinâmica.

E-mail para dúvidas e sugestões: secleg@al.roraima.br

ANEXO 10 - Estúdio FM e AM da Rádio Nacional de Boa Vista: Registro do show do cantor Wando

DA ESQ.PRA DIREITA: NETO ARAÚJO..FERNANDO MATTOS..RIVELINO..WANDO..DJAVAN SBEI..FERNANDO EDER E ISAC MOGUEIRA



ANEXO 11 - Campanha Natal dos Indigentes: Rádio Roraima a serviço da sociedade



ANEXO 12 - Rádio Roraima transmitindo jogo em Manaus - AM**ANEXO 13 – A pesquisadora Marilena Freitas faz parte da história da Rádio Roraima: Gincanas que movimentavam a cidade**

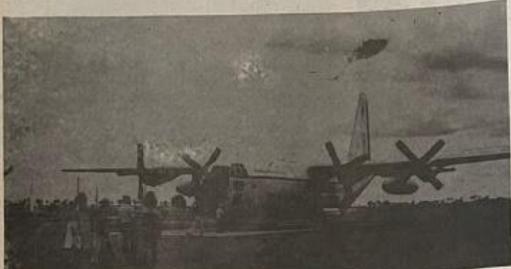
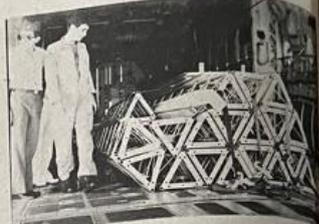
ANEXO 14 - Repórteres esportivos da Rádio Roraima**ANEXO 15 - Base da primeira antena na frequência O.T. experiência realizada por Domingos Leitão. O início da Rádio Roraima**

ANEXO 17 – Chegada da antena em Boa Vista – 1977

JORNAL BOA VISTA - 12-03-77

-6-

Antena e equipamento eletrônico da Difusora já estão em Boa Vista

Os componentes da antena e conjunto de equipamento de estúdio da nova Radiodifusora Roraima chegaram dia 10 à Boa Vista. Seu transporte do Rio de Janeiro até esta cidade foi executado por um avião C-130 da FAB, do 1º Grupo de Transporte de Tropa, comandado pelo Major Asvo —

linhaque, que pousou no Aeroporto Internacional de Boa Vista às 14:30hs. O Engenheiro de Instalações da Radiobrás, Gustavo Stangler, veio acompanhando o transporte do pesado equipamento e, do Aeroporto, seguiu diretamente ao centro transmissor onde examinou os trabalhos de anco

ragem para colocação da antena.

Assistiram ao desembarque do material, o diretor substituto da Difusora, Enock Alencar e o Fiscal da Secretaria de Obras Públicas, Engenheiro Robin Rivero. O Engenheiro Rivero informou que já foram executadas as escavações e colocação de 120 radiais para a instalação do plano terra e que o restante dos trabalhos está obedecendo a a datas previstas no contrato firmado com a construtora.

A data da inauguração da nova Difusora está marcada para o dia 16 de junho, data em que a Rádio — Brasília completa o seu primeiro ano de existência. De Boa Vista seguiram para Brasília e Rio de Janeiro, para curto estágio em administração, programação e radiodifusão, o diretor da emissora, Francisco Galvão Soares e o operador radiofônico Geraldo Júlio Torresias.

Ainda na semana passada, o Assessor Jurídico da Rádio — Brasília, Raimundo Noro-

nia, visitou todas as dependências da Emissora, examinando sua documentação e solicitou a elaboração de "currículo" de funcionários para a formação do quadro de radialistas da nova Radiodifusora Roraima, que entrará em funcionamento para 10 kilowatts.

O valioso equipamento recebido nesta sexta-feira consta de antena de 93 metros de altura com 8 canais, 2 gravadores de fita magnética, painel de controle, monitor, modulação, jogos de instrumentos para testes e calibração de transmissor, painel indicador, disjuntor, medidor de intensidade de campo, peças de reposição e outros componentes eletrônicos.

Convênio Hospitalar e Odontológico beneficiará população de Bonfim



Convênio assinado na sexta-feira, dia 06, entre a Secretaria da Saúde e Ação Social e o FUNRURAL - Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural, no valor de R\$ 20.580,00 mensais, beneficiará população de Bonfim que passará a receber maior assistência médico-hospitalar e serviços odontológicos, através da Unidade Hospitalar daquela vila.

O documento foi assinado pelo Governador Fernando Ramos Pereira, Dr. Raimundo Augusto Meninão, Diretor do FUNRURAL no Amazonas e Dr. Jamil José de Sallas, Secretário da Saúde e Ação Social.

O Superintendente Regional do INPS no Amazonas, Ubaldo Meirelles da Silva, testemunhou o ato.

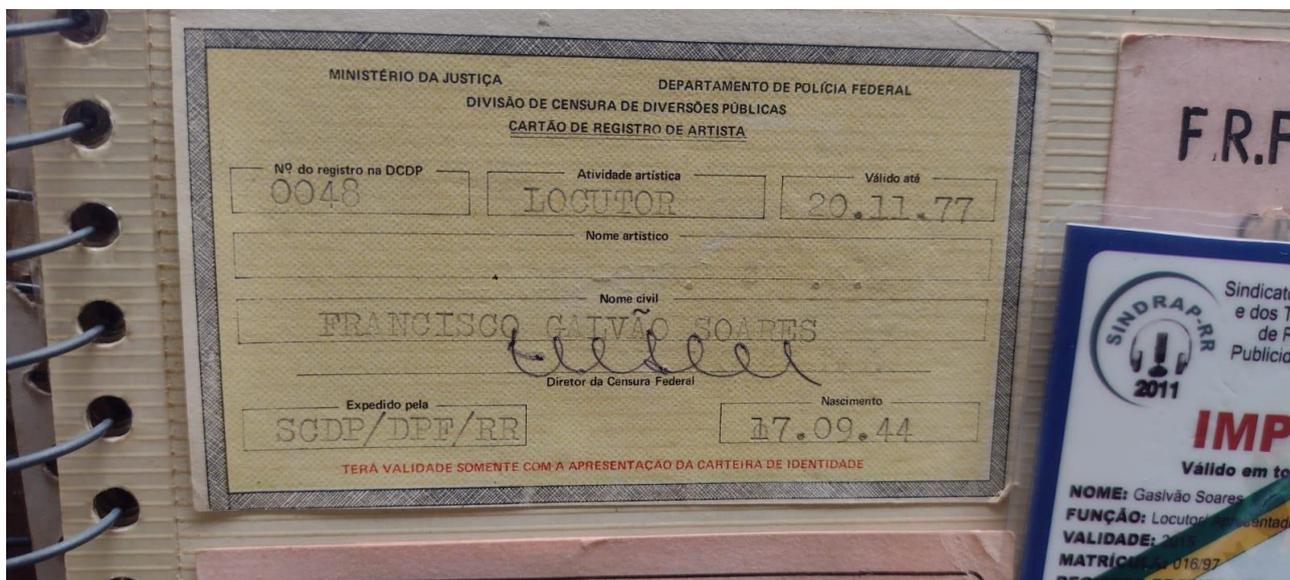


JUNTA DE SERVIÇO MILITAR-009

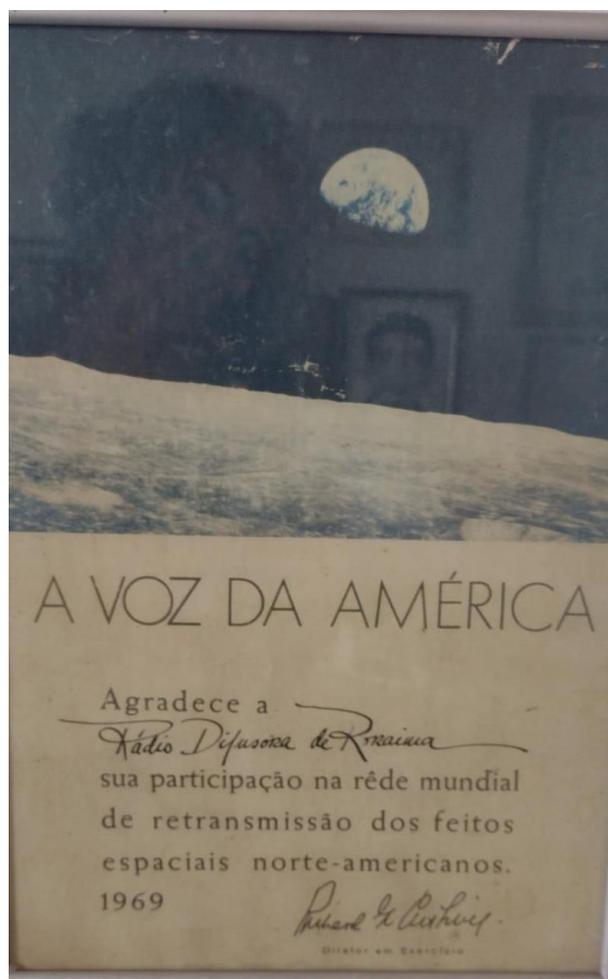
Você, que nasceu nos anos de 59 e 60, não perca tempo. Está na hora de cumprir o seu dever de cidadão. Compare-se até 30 de junho.

"SERVIÇO MILITAR: UM DIREITO ANTES DE UM DEVER".

ANEXO 18 - Regime Militar: Para atuar na rádio era necessário ser credenciado pela Polícia Federal - Carteira expedida ao radialista Galvão Soares



ANEXO 19 - Reconhecimento Voz da América pela retransmissão da chegada do homem à lua



ANEXO 20 - Roteiro dos programas radiofônicos no Território de Roraima

TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA
RÁDIO DIFUSORA "RORAIMA"
 PROGRAMA: "ENQUANTO O ALMOÇO NÃO VEM"
 PROD. S. APRNA. Loc. Francisco Soares-Rorário: 11,00 hs 12,00-Domingos.
 PATROCINADORES: Fábrica Roraima
 Lavanderia Comercial
 Bar Rio Branco

.....

REGIONAL.- Prefixo - MINHA SAUDADE.
 LOC. WALDEMIR.

Ouvintes de casa, da capital e do interior... BOM DIA!
 Com o desfile dos maiores do Rádio Roraimense, HÉLIO SILVA, JANE OLIVEIRA, SÉRGIO SILVA, JANEZY CRUZ, RUBERVAL OLIVEIRA, IDIO BARBOSA, MANGULÃO, AÓR MAGALHÃES.- Assistência musical do Regional Roraima, colaboração da A.J.R.,- Assistência Técnica de Edras Avelino, técnica de som de Raimundo Andrade e apresentação de seu produtor o Loc. Francisco Soares, iniciamos mais uma apresentação de "ENQUANTO O ALMOÇO NÃO VEM" o meu, o seu, o nosso programa de domingo!

LOC. NELSON. Hoje é domingo, dia 17 de maio de 1.964. - O SANTO DO DIA: Santo Ivo - UM FATO HISTÓRICO DA POLHINHA: Em 1842 parte para Santos o Barão de Coxias. E O PENSAMENTO: A glória está no esforço. A vida sem esforço seria intolerável - de Gaubert.

LOC. WALDEMIR. Mas, "ENQUANTO O ALMOÇO NÃO VEM" vamos anunciar os nossos patrocinadores - FÁBRICA RORAIMA, LAVANDARIA COMERCIAL E BAR RIO BRANCO.

REGIONAL.-CORTINA.....R/G

LOC. WALDEMIR - Com vocês o produtor deste programa Loc. Francisco Soares, para a sua apresentação...

LOC. FRANCO - OUVINTES DE CASA BOM DIA!
 Vamos esperar o almoço com música e alegria e a voz de IDIO BARBOSA, cantando o bolero Calá.

LOC. WALDEMIR - Que delícia, que sabor! - LARANJADA FLUMINENSE, um produto da Fábrica Roraima.

LOC. FRANCO. - Pela Rádio Roraima de Boa Vista, "ENQUANTO O ALMOÇO NÃO VEM", o meu, o seu, o nosso programa de domingo, e SÉRGIO SILVA, cantando para atender a várias solicitações o bolero TORTURA.

LOC. WALDEMIR.- Cavalheiro traje mais limpo, mandando a sua indumentária para a LAVANDARIA COMERCIAL de Sebastião França. Presteza e serviço garantido!

.....X.....

ANEXO 21 – Regime Militar: Pedido de autorização à PF para a realização de evento – Show do cantor Nelson Gonçalves

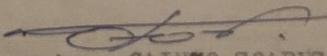
Empresa Brasileira de Radiodifusão RADIOBRÁS

LIMO, SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS -DPF/RR

FRANCISCO GALVÃO SOARES, brasileiro, casado, Identidade nº 6.879, CPF 001596972-04, ATA- Gerente da Empresa Brasileira de Radiodifusão S.A. - RADIOBRÁS, residente na Rua Cerejo Cruz 648, nesta cidade, em cumprimento ao Artigo 79, do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 20.493, /46, vem mui respeitosamente, requerer a V.S., a aprovação da programação de apresentação do artista NELSON GONÇALVES, em anexo, no dia 11.01.79, sendo o primeiro show realizado no Estádio Canarinho, às 20,30 e o segundo show às 23,30 na sede do GRESSBE.

Nestes termos
Pede deferimento

Boa Vista (RR), 9 de janeiro de 1.979


Francisco GALVÃO SOARES
Gerente Rádio Nacional



Sede: SQS Q. 700 - Bloco B - No 50 - Ed. Supercenter Venâncio 2000 - 5.º Andar - Brasília - Distrito Federal
FONES: 223-5584; 223-5261; 225-4798 - TELEX: 061-1682 - CP. 04-340
SUPERINTENDÊNCIA BRASÍLIA: Av. W-3 - SQS 701 - Bl. A SRTV - FONE: 225-4150 - TELEX: 061-1056 - CP. 04-340 - Brasília-DF.
SUPERINTENDÊNCIA RIO: Praça Mauá - No 7 - 19.º Andar - FONE: 233-6722 - TELEX: 021-22284 - Rio de Janeiro - RJ.

ANEXO 22 - Rádio Roraima a serviço do governo e da sociedade: Transmissão de palestra ao homem do campo

Boa vista, 6.1.65.

BOLETIM OFICIAL

BOLETIM OFICIAL

Órgão do Governo do Território Federal de Roraima
Fundado em 24 de julho de 1944
DIRETOR: Adalberto Bezerra de Menezes
REDAÇÃO E OFICINAS
Rua da Imprensa, nº 29
Boa Vista — T. F. de Roraima
Brasil

ASSINATURA:
Anual 500,00
Número avulso 10,00

que tem direito no corrente exercício, de acordo com a legislação em vigor, para serem gozadas no período de 10 a 30 de dezembro de 1964.

Portaria n. 103, de 18.12.64.
RESOLVE conceder a João Francisco de Souza, ocupante do cargo de Trabalhador nível 1. do Quadro de Pessoal — Parte Especial deste Território, as férias regulamentares a que tem direito no corrente exercício, para serem gozadas no período de 18 a 31 de dezembro de 1964.

Portaria n. 104, de 18.12.64.
RESOLVE conceder a Roberto da Silva Moreira, ocupante do cargo de Operário Rural nível 6, do Quadro de Pessoal — Parte Especial deste Território, as férias regulamentares a que tem direito no corrente exercício, para serem gozadas no período de 17 a 31 de dezembro de 1964.

José Borges do Santos
Resp. p. Exp. da DPTC.

II SEMANA RURALISTA
PROGRAMA

Período —
14 a 20 de janeiro de 1965.
Dia 14, às 6 horas —
Abertura dos trabalhos pelo Senhor Diretor da Divisão de Produção, Terras e Colonização

— Agrônomo Dorval de Magalhães;
às 9 horas —
Constituição das Comissões: Pecuária, Agricultura, Transportes, Educação; Local: Prédio da D.P.T.C.
às 10 horas —
Corrida de cavalos: 1º páreo, 500 metros — Patrocinador: Cooperativa Pastoral de Boa Vista Ltda.;
às 12 horas — Palestra pela Rádio Difusora Roraima, proferida pelo Agrônomo José Borges dos Santos, sob o tema «Granjas Leiteiras»;
às 20 horas —
Palestra pela Rádio Difusora Roraima, proferida pela Médico Veterinário Rosael Paes Barreto, sob o tema «Alimentação dos Animais Domésticos»;
DIA 15, às 8 horas —
Visita à Granja de Mecejana;
às 12 horas —
Palestra pela Rádio Difusora Roraima, proferida pelo Médico Veterinário Rosael Paes Barreto, sob o tema «Suinocultura, sua importância»;
às 15 horas —
Reunião das Comissões;
às 20 horas —
Palestra pela Rádio Difusora Roraima, proferida pelo Professor Antônio Ferreira de Souza, sob o tema «Constituição dos solos dos campos»;
DIA 16, às 8 horas —
Visita às Granjas Nipônicas de Mirandinha;
às 9 horas — Reunião das Comissões;
às 12 horas —
Palestra pela Rádio Difusora Roraima, proferida pelo Professor Jaber Moisés Xaud, sob o tema «Feira Livre e o Abastecimento dos Centros Urbanos»;
às 20 horas —
Palestra pela Rádio Difusora Roraima, proferida pelo Médico-Veterinário José Luiz dos Santos, sob o tema «O pequeno criatório»;
DIA 17, às 8 horas —
Visita ao Posto de Inseminação Artificial;

às 9 horas — Adestramento de potros bravios, com distribuição de prêmios aos melhores domadores, no local da Exposição;
às 11 horas —
Reunião das Comissões;
DIA 17, às 12 horas —
Palestra pela Rádio Difusora Roraima, proferida pelo Sr. Celso Ayres, sob o tema «Opréstimos bancários»;
às 20 horas —
Palestra pela Rádio Difusora Roraima, proferida pelo Agrônomo Dorval de Magalhães, sob o tema «Fogo nos campos, nosa prática»;
DIA 18, às 9 horas —
Reunião das Comissões para conclusão dos trabalhos;
às 12 horas —
Palestra pela Rádio Difusora Roraima, proferida pelo Professor Voltaire Pinto Ribeiro, sob o tema «A Educação do Interior»;
às 20 horas —
Palestra pela Rádio Difusora Roraima, proferida pelo Sr. Antônio de Pádua Maciel da Silveira, Prefeito Municipal, sob o tema «O Cinturão Verde das Cidades»;
DIA 19, às 9 horas —
Reunião das Comissões para entrega das resoluções ao Excmo. Sr. Governador do Território;
às 12 horas —
Palestra pela Rádio Difusora Roraima, proferida pelo Professor Francisco das Chagas, sob o tema «Cooperativismo moderno»;
às 20 horas —
Palestra pela Rádio Difusora Roraima, proferida pelo Professor Aristóteles de Lima (Neto), sob o tema «Produção gírcola do Território»;
DIA 20, às 9 horas —
Último páreo de corrida de cavalos; 1.000 metros; Patrocinador — Prefeitura de Boa Vista;
às 12 horas —
Palestra pela Rádio Difusora Roraima, sob o tema «O governo e os problemas agro

ANEXO 23 - Um dos furos mais importantes da Rádio Roraima foi noticiado pelo Jornal do Comércio, edição nº 21.075: Entrevista com o Rei Pelé em 1972

FESTA NO ENCERRAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS

MUNIQUE, 8 (UPI) - A Comissão Organizadora distribuiu hoje o livro programático da abertura do encerramento dos Jogos Olímpicos de Munique, da qual foram retirados vários números de canto e de dança em memória dos 11 milhões de alemães que foram mortos por ferocidade nazista.

RORAIMA ESPORTIVA JAGS

RORAIMA O CAMPEÃO Pelé torce, enquanto Neymar o ataca. O Atlético Roraima Clube foi o grande campeão ao derrotar com uma goleada de sete a dois o Nacional após a derrota imposta de fora da Base na preliminar para o Campeonato Brasileiro de Futebol Profissional de 1972.

GAS VENCEU Os barileiros apresentaram a maior vitória do futebol roraimense, quando os atletas derrotaram o Atlético Roraima por 1 a 0.

IV JOGOS ESTUDANTIS Com a presença das mais altas autoridades do Território, foi realizado o torneio de futebol dos Jogos Estudantis de Roraima.

AVANÇEI LICENÇA Para tratar de assuntos particulares, o técnico Assis de Azevedo deixou a direção da equipe técnica.

BASE NÃO JOGARA COM O FASE? Conforme decisão da assembleia da Federação Roraimense de Esportes, jogadores como o caso de...

Brundage pela última vez em sua carreira, fará o encerramento tradicional dos jogos, fazendo o agradecimento ao povo e às autoridades da Alemanha. Em seguida, lembrará que de quatro em quatro anos, a juventude de todo o mundo deve reunir-se nas olimpíadas, para o bem da humanidade.

Olimpico joga amanhã com seleção dos desempregados

Para que os desempregados não passem o domingo em branco, ficou acordado a realização de um encontro amigável amanhã à tarde no gramado do Parque Amador de Oliveira.

PREÇO ÚNICO Para que os torcedores possam assistir à partida de amanhã à tarde, foi fixado o preço único de Cr\$ 3.000.

MUNIQUE, 8 (UPI) - Os jogadores norte-americanos Vince Lombardi e Wayne Collier foram excluídos do restante dos Jogos Olímpicos.

MUNIQUE, 8 (UPI) - Os jogadores norte-americanos Vince Lombardi e Wayne Collier foram excluídos do restante dos Jogos Olímpicos.

Um jogo muito rápido com o time brasileiro vencendo por 15 a 10-4 e 15-1. O jogo foi muito emocionante e o Brasil venceu por 15 a 10-4 e 15-1.

Mais dois excluídos

Um jogo muito rápido com o time brasileiro vencendo por 15 a 10-4 e 15-1. O jogo foi muito emocionante e o Brasil venceu por 15 a 10-4 e 15-1.

MUNIQUE, 8 (UPI) - Os jogadores norte-americanos Vince Lombardi e Wayne Collier foram excluídos do restante dos Jogos Olímpicos.

MUNIQUE, 8 (UPI) - Os jogadores norte-americanos Vince Lombardi e Wayne Collier foram excluídos do restante dos Jogos Olímpicos.

MUNIQUE, 8 (UPI) - Os jogadores norte-americanos Vince Lombardi e Wayne Collier foram excluídos do restante dos Jogos Olímpicos.

JOGOS OLÍMPICOS

BRASIL PERDE EM VOLI MUNIQUE, 8 (UPI) - O Brasil foi derrotado pelo Tchecoslováquia por três sets a zero em partida correspondente a este atletismo do torneio olímpico de vôlei.

BOQUEI O tchecoslováquia que venceu um jogo muito rápido com o time brasileiro vencendo por 15 a 10-4 e 15-1.

ESQRIMA A Romênia derrotou a Argentina por 13 a 3 hoje na primeira eliminatória da prova de espada por equipes do torneio de esgrima.

BOQUEI A República Federal da Alemanha venceu hoje a Holanda por três a zero em partida correspondente ao seu final do torneio de hóquei.

ALEMA E VENCEDORA Annelie Eberhardt, da República Democrática Alemã, ganhou hoje a medalha de ouro nos 100 metros com barreira para mulheres do torneio de atletismo.

BRASILEIRO EM 5º KENN (UPI) - O brasileiro Cláudio Henriquez chegou hoje ao terceiro lugar nos 100 metros com barreira do torneio de atletismo.

RUSSO NA FRENTE Mikhail Artvor, da União Soviética, continua na liderança do torneio de atletismo.

POGUEISMO Resultado de hoje do torneio de pugilismo, nos finais: Pro Moça Italiana - Gyo, Pro Ode (Hungria) venceu Ralph Davis, (Grã-Bretanha) por pontos.

CANOAGEM Resultados das provas disputadas hoje no torneio olímpico de canoagem: Pro, nome, primeiro lugar em classificação: Wladimir Kozlov, da Polónia, 20,00 metros, segundo lugar - Håvard Eriksen, da RDA 20,38.

CANOAGEM Resultados das provas disputadas hoje no torneio olímpico de canoagem: Pro, nome, primeiro lugar em classificação: Wladimir Kozlov, da Polónia, 20,00 metros, segundo lugar - Håvard Eriksen, da RDA 20,38.

Jogos para hoje MUNIQUE, 8 (UPI) - O programa dos XX Jogos Olímpicos para amanhã em horas de Brasília é o seguinte:

06:00 horas: salto em altura, eliminatórias. 06:30 - disco, mulheres. Eliminatórias. 07:00 - 4x100 metros, mulheres. Série. 07:30 - 4x100 metros, mulheres. Série. 11:30 - salto em altura, homens. Final.

11:45 - 4x400 metros, homens. Série. 12:40 - 1.500 metros, homens. Segunda série. 13:10 - 4x100 metros, segunda série. 14:00 - 1.500 metros, mulheres. Final.

15:30 - Itália vs Cuba, pelo terceiro posto. 17:00 - Espanha vs União Soviética. Final.

18:00 - tiro ao arco. 06:00 - 80 metros, homens. 06:00 - 70 metros, mulheres. 18:00 - 70 metros, homens. 18:00 - 80 metros, mulheres.

18:00 - tiro ao arco. 06:00 - 80 metros, homens. 06:00 - 70 metros, mulheres. 18:00 - 70 metros, homens. 18:00 - 80 metros, mulheres.

18:00 - tiro ao arco. 06:00 - 80 metros, homens. 06:00 - 70 metros, mulheres. 18:00 - 70 metros, homens. 18:00 - 80 metros, mulheres.

18:00 - tiro ao arco. 06:00 - 80 metros, homens. 06:00 - 70 metros, mulheres. 18:00 - 70 metros, homens. 18:00 - 80 metros, mulheres.



Marcus, ex-futebolista defendêrã a seleção dos disponíveis, amanhã no Parque, contra o Olímpico Clube.



Marcus, ex-futebolista defendêrã a seleção dos disponíveis, amanhã no Parque, contra o Olímpico Clube.

18:00 - tiro ao arco. 06:00 - 80 metros, homens. 06:00 - 70 metros, mulheres. 18:00 - 70 metros, homens. 18:00 - 80 metros, mulheres.

ANEXO 24 - Fragmentos da história: O deputado Félix Valois também articulou a concessão de uma Rádio, em junho de 1954

Avionará para o Rio, hoje, o gov. Araujo Neto

1954
JUNHO
S. Vergílio
L. nova a 30
26
Sabado

Atomo

Boa Vista — Território Federal do Rio Branco
ANO IV — N.º 164 — Jornal Independente e Noticioso — Fundado A 28-3-51
"mas é lícito, mesmo ao mais humilde, ter uma boa idéia e manifestá-la". (V. Hugo)

Pode ser que seja... Pode ser que não...

SOUBEMOS que, apesar dos reiterados pedidos do dr. Juiz Eleitoral, não foram remetidos do Rio os impressos de cartório sem nenhuma reserva de títulos eleitorais do antigo Rio, ainda em vigor, para as próximas eleições, estando o cartório em nenhuma reserva

Major Nova da Costa



Chegará pelo avião da Cruzeiro do Sul, a 29 do corrente, 3.ª feira próxima, às 8 horas, o ilustre oficial do nosso Exército, Major Clovis Nova da Costa, ex-governador deste Território e candidato da UDN à deputação federal pelo mesmo.

Seus numerosos amigos, correligionários e admiradores recepcionarão esse insigne homem público, por ocasião de sua chegada.

A noite, às 20 horas, em local a ser anunciado, em grande comício, será feito o lançamento da sua candidatura, a qual já foi homologada pela UDN. Nessa ocasião se farão ouvir vários oradores.

O referido comício está sendo ansiosamente aguardado pela população, marcando nova fase da campanha política no Território, fato que se reveste da maior importância, dada a expectativa quanto à linha a ser seguida pelo candidato udenista, o qual dispõe de sólido e reconhecido prestígio.

NEGÓCIO DE OCASIÃO

Por motivo de viagem, vende-se ou arrenda-se um bar bem afreguesado, com ótimas possibilidades de negócio, em prédio próprio, sito à rua Antônio Bittencourt, n.º 6, com uma geladeira «Eletro-lux», um rádio «Philipp» holandês, de 7 faixas, para corrente a bateria, com «pik-up», 3 vitrolas e os demais móveis e utensílios existentes no mesmo, por preço de ocasião. — A tratar no mesmo. (26-6, 3-7-54).

Departamento de Cultura
Biblioteca Pública de Roraima
Boa Vista — RORAIMA

Com destino à capital da República avionará, hoje, o gov. Araujo Neto, a serviço da sua administração.

Trata-se de viagem de curta duração, ao que estamos informados, pois que, ao regresso, pretende S. Excia., aceitando reiterado convite do gov. Januário Nunes, visitar o Amapá, onde se encontrará com o diretor da Prisão do Rio Branco que para ali seguirá oportunamente.

CONVITE

A UDN Regional convida as autoridades e o povo em geral, os correligionários, amigos e simpatizantes do maior Nova da Costa, para recepção em esse ilustre homem público, a quando de sua chegada, a 29 do corrente, terça-feira, às 8 horas, pelo avião da Cruzeiro do Sul.

As 20 horas, terá lugar um grande comício em local que será anunciado pelos alto-falantes e impressos, realizado no Hotel Boa Vista, estendendo-se a todos, o convite para todos esses atos.

Alcebades Montezuma
1.º Sec. em exercício

Aos estudantes do Rio Branco

Ao visitarmos, com imenso prazer, esta terra próspera e acolhedora, em missão especial da União dos Estudantes Secundários do Amazonas — UESA —, nos sentimos na obrigação inadiável de dirigir-vos a nossa saudação amigável e cordial, hipotecando-vos a nossa solidariedade, o nosso incentivo e o nosso apoio irretrairdo. Assim sendo, cabe-nos ainda esclarecer que a nossa missão aqui se escuda na finalidade precípua do apaziguamento de ânimos e intercâmbio de relações amistosas, o que pretendemos conseguir dentro da ordem e da moral, respeitando sempre os postulados que regem e normeam a vida eterna do país.

Com calma e seriedade resolveremos os impasses surgidos, e certos poderes ficar de que agiremos com firmeza e dignidade, olhando, destarte, para a verdade irrefutável de todos os acontecimentos. Sentindo como sentimos, o peso de nossas responsabilidades, apuraremos os fatos aqui desenvolvidos, tudo visando a liberação da UESA e julgamento de todos os jovens patriotas, no VI Congresso Nacional de Estudantes Secundários, a ter lugar em julho próximo, na Capital Federal, e, em São Paulo, quando da realização de mais um Congresso Nacional, da União Nacional de Estudantes Secundários, UNES.

Não penseis que retrocederemos em nossos propósitos. Pelo contrário; estaremos convosco nesta jornada de intranquilidade e decepções que, infelizmente, assolou o coração de todos os estudantes brasileiros.

Boa Vista, 25 de junho de 1954.

RIANOR GARCIA
JOÃO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA
Delegados da UESA

Assinala-se que a 15 de julho entrante completará um ano de nomeação o atual governador roraimense, que nesse período, sem favor, já contém seu ato com uma apre-

Em Boa Vista, o novo Secretário Geral

Encontra-se nesta capital o dr. Pandiá Batista Pires que foi recentemente nomeado pelo sr. presidente da República para as altas e esplanas funções de Secretário-Geral do Governo deste Território.

S. Excia. assumiu ontem a Secretaria-Geral e em seguida o Governo, em virtude de ter de viajar hoje o dr. Araujo Neto.

Foi assinado o contrato entre o Governo e a Ordem da Consolida, representada pelo dinâmico e eficiente bispo D. José Nepote, para o funcionamento da Maternidade de Boa Vista, o qual terá início a partir da próxima 2.ª feira, ficando os serviços assistenciais a cargo das competentes e zelosas irmãs da Ordem em apreço.

Em nossa p. edição apresentaremos maiores esclarecimentos.

Dr. Maximiliano da Trindade Filho

Decorreu a 23 do corrente o natalício do dr. Maximiliano da Trindade Filho, integro Juiz de Direito desta Comarca.

Foram realmente marcantes as homenagens prestadas a S. Excia. nessa oportunidade, partidas de todas as classes sociais do Território, onde esse ilustre magistrado firmou elevado conceito que como Juiz impulsionou, quer como cidadão amigo de todos.

Para o Zóo, do Rio a onça riobranquense

Acha-se no parque do Hotel Boa Vista, preso em uma jaula, um magnífico exemplar de onça pintada, de espécie de «milha graúda» — a mais bela.

Conta o belo felino cerca de 8 meses, tendo aproximadamente 60 centímetros de altura. Foi criada desde pequena pelo sr. Madison do Couto, que a cedeu ao sr. Leontino Oliveira o qual, por sua vez, dela fez presente ao jovem Laucides de Oliveira, filho do conceituado e coadjuvado diamantino e produtor sr. Levindo Oliveira.

Esse cavaliheiro, autorizado por seu filho, pôz o raro exemplar à disposição do Governo, afim do mesmo ser doado ao Jardim Zoológico do Rio.

Goiania--Futura Capital do Brasil

Para atender ao desejo de todos os brasileiros que queiram adquirir o seu lote de terras em Goiania, encontra-se nesta Cidade, o Sr. José Joaquim da Silva, corretor oficial, devidamente autorizado pela EMPRESA GOIÂNIA IMOBILIÁRIA LTDA., à Rua Oito, N.º 4 e também pelo Escritório Imobiliário «AGRITERGO» à Rua Vinte e Três, no Prédio do Cine Teatro Goiania.

Os que desejarem adquirir os seus lotes de terras devem procurar quanto antes esse corretor que terá pequena demora em nosso meio, no Hotel Boa Vista desta cidade.

ciavel soma de úteis realizações, executadas nos maiores alardes, tendo grangeado a stima e confiança dos seus jurisdicionados, numa atuação equilibrada, tolerante e eficiente.

para a Capital Federal.

Em ligeiro «bate-papo» com nossa reportagem o novo titular manifestou seu apreço à imprensa, acrescentando a pergunta: «reporter, que vinha com o desejo de trabalhar pelo Rio Branco, esperando com o Governo Federal.»

Adiantou ainda o dr. Pandiá que não tem compromissos políticos, vivendo à margem da política partidária, devendo-se sua nomeação exclusivamente ao Presidente da República, de quem é amigo, acrescentando: «dentro de uns alguns dias, diante da minha atuação, penso que minha linha de conduta, sempre clara e leal, deixará de constituir enigma, que realmente não existe, sendo então facilmente compreendida por todos, pois apenas, como já declarei, venho com o propósito de corresponder à confiança do Presidente, e agir com justiça e equidade em relação a todos.»

Ao ilustre Secretário, que aqui já exerceu outros elevados encargos, nossos votos de felicidades e inextinguível crédito de confiança.

Calendário Político

Faltam apenas 99 dias para que, a 3 de Outubro de 1954, o povo manifeste, nas urnas, sua vontade soberana

Brasil--Iugoslávia

Sabado passado teve lugar o encontro Brasil X Iugoslávia, resultando empatada a partida de 1 X 1, inclusive na prorrogação de 30 minutos. Com este resultado, classificaram-se ambos os contendores, devendo realizar-se amanhã o sensacional embate Brasil X Hungria, às 12 horas.

Posse nos novos Corpos dirigentes da Loja «Liberdade e Progresso»

Acestram-se de grande brilhantismo as solenidades, na posse dos novos corpos dirigentes da Loja «Liberdade e Progresso» deste Oriente, a cuja frente se encontram os srs. Azenar Saunier d'Oran, Clotilde Maria Raimundo Marcolino, Astéria Romões Pimentel e outros elementos de destaque social.

No salão do Hotel Boa Vista foi servido um granani com rios, com a presença das autoridades e numerosas famílias.

Atenção desportistas

Amanhã às 12 horas local retransmitiremos o jogo Brasil X Hungria.

ANEXO 25 - Dec nº 448 - JAN 1993 - EXTINGUE FUNDAÇÃO RADIO RORAIMA

DECRETO N° 448

DE 31/12/92

o GOVERNADOR DO ESTADO DE RORAIMA, no uso das atribuições do seu cargo, e de acordo com o art. 62, III da Constituição Estadual,

D E C R E T A:

5

Art. 1 - Fica extinta a Fundação Rádio Difusora de Roraima, criada pelo Decreto N° 1090 de 2 de agosto de 1989.

Art. 2 - o acervo físico, técnico e administrativo da mencionada Fundação passará a integrar o patrimônio do Estado de Roraima.

S

Art. 3 - A fim de evitar solução de continuidade nos serviços prestados à rádio difusão roraimense, ficam mantidos todos os contratos, convênios e ajustes celebrados com a Fundação Rádio Difusora de Roraima, até que seja designado gestor administrativo que propore o prosseguimento, extinção ou resolução dos respectivos atos e obrigações.

Art. 4 - A Rádio Difusora de Roraima, fica subordinada, nos termos do art. 55 da Lei Estadual N° 01 de 26/01/91 à Governadoria do Estado.

Art. 5 - Este Decreto entrará em vigor no dia 01 de janeiro de 1993, revogadas as disposições em contrário.

palácio Senador Hélio Campos, 31 de dezembro de 1992.

OTOMBR DE SOUS* PFTO

Governador do Estado

ANEXO 26 - Dec. 9.709-E 26 - Jan. 2009 - Cria a empresa Radioraima - Anchieta**DECRETO N° 9.709-E DE 26 DE JANEIRO DE 2009.**

O GOVERNADOR DO ESTADO DE RORAIMA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 62, inciso III, da Constituição Estadual,

RESOLVE:

Art. 1° Fica criada a Empresa Rádio e Televisão Difusora de Roraima – RADIORAIMA, nos termos da Lei n° 567, de 1° de dezembro de 2006.

Art. 2° Fica aprovado o Estatuto Social da RADIORAIMA, nos termos do Anexo deste Decreto;

Art. 3° Fica nomeado, sem prejuízo de suas atuais funções, o servidor JOSÉ PEREIRA DASILVA para exercer interinamente a Presidência da Empresa Rádio Roraima e Televisão Difusora de Roraima – RADIORAIMA e autorizando a praticar todos os atos necessários a sua constituição e instalação;

Art. 4° Os servidores civis do ex-território de Roraima, cedidos ao Estado de Roraima, nos termos do art. 31, da Emenda Constitucional n° 19, de 4 de junho de 1998, que na data da publicação deste Decreto, estiverem exercendo suas funções na RADIORAIMA, permanecerão lotados naquela entidade.

Art. 5° Os servidores civis do quadro efetivo do Estado de Roraima, que na data da publicação deste Decreto, estiverem exercendo suas funções na RADIORAIMA, ali permanecerão, na condição de cedidos, observada o disposto no art. 7°, § 2°, da Lei n° 567, de 2006.

Art. 6° Este Decreto entra em vigor na data da sua publicação.